

ANDRESSA DOS SANTOS PESCE

PORTO ALEGRE DA COPA:

O mundo dos sonhos de uma cidade imaginada no jornalismo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutor em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

PORTO ALEGRE

2016

## Ficha Catalográfica

P473p Pesce, Andressa dos Santos

Porto Alegre da Copa : o mundo dos sonhos de uma cidade imaginada no jornalismo / Andressa dos Santos Pesce . – 2017.

221 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Sonho. 4. Tecnologias do Imaginário. 5. Copa do Mundo Porto Alegre. I. Silva, Juremir Machado da. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Andressa dos Santos Pesce

**PORTO ALEGRE DA COPA:**

**O mundo dos sonhos de uma cidade imaginada no jornalismo**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutor em Comunicação Social.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PPGCOM/PUCRS**

**(Orientador)**

---

**Prof. Dr. Charles Monteiro – PPGHistória/PUCRS**

---

**Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello – PPGCOM/UFRGS**

---

**Prof. Dra. Juliana Tonin – PPGCOM/PUCRS**

---

**Prof. Dr. Luiz Antonio Gloger Maroneze – PPGHistória/FEEVALE**

PORTO ALEGRE

2016

## AGRADECIMENTOS

À CAPES pela bolsa concedida durante todo o doutorado.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, universidade de excelência e de acolhimento. Foi a minha primeira casa na cidade grande, depois de sair de Alegrete, em 2001, para realizar o sonho de ser jornalista. Foi o lugar onde encontrei colegas de trabalho, parceiros de festas universitárias, amigos de uma vida toda, professores brilhantes que me motivaram a seguir em frente. É para a PUC que retorno, quinze anos depois, em busca do título de doutora.

Aos colegas, aos funcionários e professores da PUCRS e do PPGCOM. Agradeço em especial ao meu orientador, Dr. Juremir Machado da Silva. Sou grata por sua generosidade, parceria e tranquilidade sem igual nessa trajetória. Jornalista, romancista, professor universitário, ensaísta, historiador, tradutor. Genial, entusiasta do pensamento crítico no exercício da profissão. Em sala de aula, chacoalha (com a serenidade que lhe é peculiar) os alunos de modo com que se libertem do pensamento midíocre. Instiga, inspira, ensina - cumpre seu papel. Há muito dele nesta tese e em tantos outros trabalhos pelo mundo afora. Obrigada por me aceitar como orientanda e me guiar ao longo desses quatro anos. Cada palavra de incentivo e de confiança foi fundamental.

Agradeço à professora Dra. Juliana Tonin, pelas reflexões em sala de aula que abriram as portas para muitas das discussões sobre imaginário e sonhos que estão aqui, e pela participação na construção desta tese, desde a qualificação. Agradeço a outros professores que aceitaram o convite de contribuir com esta pesquisa. Luiz Antonio Maroneze, pelas trocas durante a banca de qualificação, pelos *insights* da “saudade da cidade que não foi”. Charles Monteiro, pelas reflexões sobre a construção histórica do imaginário de Porto Alegre. Flávio Antonio Porcello, pelas contribuições nos estudos do jornalismo e por pensar no papel social do jornalismo. Muito obrigada a todos pela atenção e disposição em avaliar esta tese.

Aos amigos e à minha família, por tudo - sempre e para sempre.

Aos sonhos que nos movem e que transformam o mundo. Ao Universo, que materializa esses sonhos em forma de amigos, professores, família, *insights*, livros e experiências pelos quais tenho gratidão.

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena

Acreditar no sonho que se tem

Ou que seus planos nunca vão dar certo

Ou que você nunca vai ser alguém

*Mais uma vez, Renato Russo*

## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é compreender as formas de singularização do imaginário de Porto Alegre com a chegada da Copa do Mundo da FIFA 2014. A partir da premissa de que, no Brasil, os megaeventos esportivos pontuam a narrativa urbana e o desenvolvimento do país, a realização do Mundial de 2014 e da Olimpíada de 2016 em cidades brasileiras transforma-se em momento único de planejamento urbano. As cidades podem se reconfigurar em termos de representação e imaginário. Essa resignificação acontece também a partir de um olhar midiático que enfoca na mudança de *status* de Porto Alegre, “sede da FIFA”, e pode reverberar no imaginário urbano da primeira década do século XXI. A Copa é uma oportunidade para sonhar com a cidade na mídia. O discurso jornalístico está ancorado no mundo da vida cotidiana, mas é também fonte criadora do mundo dos sonhos. A tese parte da seguinte hipótese: o discurso jornalístico constrói uma realidade imaginária para a capital do Rio Grande do Sul com a chegada da Copa do Mundo e aciona o mundo dos sonhos. Entre os objetivos, está a análise das transformações que os megaeventos esportivos impulsionam no desenvolvimento estratégico urbano, a compreensão do papel do jornalismo enquanto tecnologia do imaginário que atua na construção simbólica das cidades e a descrição do imaginário de Porto Alegre com a chegada da Copa a partir das notícias publicadas cinco anos antes do megaevento. A metodologia utilizada é a Análise de Discurso, e o *corpus* é constituído por 29 reportagens do jornal Zero Hora, impresso de maior circulação na capital gaúcha. O ano escolhido é 2009, quando Porto Alegre foi confirmada como uma das sedes da Copa. Em três etapas, a análise comprova que as notícias criam o mundo dos sonhos para a cidade. Metrô e cais do porto são apontados como sonhos, obras fundamentais para a Copa. O discurso sobre a cidade com metrô vale-se da descrição de novos serviços e cenários para o futuro, com bairros e ruas totalmente transformados. A Porto Alegre real, sem metrô, aparece como problemática, caótica, enquanto que a cidade sem as mudanças na área portuária parece sujeita ao abandono e à falta de investimento. Finalmente, conclui-se que esse discurso tem como características: a persuasão, a partir da repetição dos benefícios da Copa, cujo efeito pode ser o de induzir o público a aceitar o Mundial, o metrô e o cais; a reprodução do consenso de que o apoio à Copa é unânime e de que as transformações trarão melhorias coletivas; o efeito de padronização da cidade; e o conteúdo moralista, que determina as obras prioritárias e os passos a serem seguidos neste sentido.

**Palavras-chave:** Comunicação; Jornalismo; Sonho; Imaginário urbano; Tecnologias do imaginário; Reportagem; Megaeventos Esportivos, Porto Alegre.

## ABSTRACT

This work aims to understand the forms of singularization of Porto Alegre's imaginary with the arrival of the 2014 FIFA World Cup. Based on the premise that, in Brazil, sport mega-events punctuate the urban narrative and the country's development, the realization of the 2014 World Cup and the 2016 Olympics in Brazilian cities becomes a unique moment of urban planning. Cities can reconfigure themselves in terms of representation and imaginary. This resignification also happens from a media look that focuses on the change of status of Porto Alegre, "FIFA host city", and can reverberate in the urban imaginary in the first decade of the twenty-first century. The World Cup is an opportunity to dream about the city in the media. The journalistic discourse is anchored in the world of everyday life, but it is also a creative source of the dream world. This thesis starts from the following hypothesis: the journalistic discourse builds an imaginary reality for the capital of Rio Grande do Sul with the arrival of the World Cup and triggers the world of dreams. Among the objectives, is the analysis of the transformations that sports mega-events drive in urban strategic development, the understanding of the role of journalism as a technology of the imaginary that works in the symbolic construction of cities and the description of the imaginary of Porto Alegre with the arrival of the World Cup. from the news published five years before the mega-event. The methodology used is the Discourse Analysis, and the corpus is constituted by 29 news reports by Zero Hora's newspaper, in the capital of the state of Rio Grande do Sul. The year chosen is 2009, when Porto Alegre was confirmed as one of the host cities. In three stages, the analysis proves that the news creates the world of dreams for the city. The subway and the port of the city are pointed like fundamental dreams for the World Cup. The speech about the city with subway uses the description of new services and scenarios for the future, with neighborhoods and streets totally transformed. The real Porto Alegre, without subway, appears problematic, chaotic, while the city without the changes in the port area seems to be subject to the abandonment and the lack of investment. Finally, this thesis concludes that this discourse has as characteristics: persuasion, based on the repetition of the benefits of the World Cup, whose effect may be to induce the public to accept the mega-event, the subway and the dock; the reproduction of the consensus that the support for the World Cup is unanimous and that the changes will bring collective improvements; the standardization effect of the city; and the moralistic content that determines the priority urban works and the steps to be taken in this direction.

**Keywords:** Communication; Journalism; Dream; Urban Imaginary; Imaginary Technologies; News Report; Sport Mega-events, Porto Alegre.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Manchetes sobre “sonhos” de megaeventos.....	14
FIGURA 2 – Reportagem “A Porto Alegre do Mundial de 2014” .....	150
FIGURA 3 – Infográfico do cais do porto publicado em Zero Hora 07 mai 2009.....	153
FIGURA 4 – Infográfico do metrô publicado em Zero Hora em 26 jul 2009.....	156
FIGURA 5 – Infográfico-mapa do metrô -.....	163
FIGURA 6 – Reportagem “A Copa do Mundo é nossa!” .....	167



## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Cronograma de chegada da Copa do Mundo de 2007 a 2014 .....67

QUADRO 2 – Constituição do *Corpus* de Pesquisa. .... 106

QUADRO 3 – Distribuição das reportagens ao longo do ano de 2009..... 111

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 SONHO.....</b>	<b>37</b>
2.1 ASPECTOS DO SONHO.....	37
2.2 SONHO E O IMAGINÁRIO .....	43
2.3 A CIDADE MODERNA E O SONHO DO PROGRESSO .....	47
2.3.1 A Cidade Pós-Moderna: Sobre Sonhos e Pesadelos.....	52
2.3.2 Acordando do Sonho dos Megaeventos Esportivos .....	61
2.3.3 A Copa do Mundo em Porto Alegre.....	67
<b>3 JORNALISMO .....</b>	<b>76</b>
3.1 O MUNDO DA VIDA COTIDIANA E O JORNALISMO.....	76
3.2 O SONHAR ACORDADO DA COMUNICAÇÃO .....	79
3.3 A LÓGICA DAS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO.....	86
3.4 O JORNAL IMPRESSO COMO TECNOLOGIA DO IMAGINÁRIO .....	90
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>95</b>
4.1 ZERO HORA .....	95
4.2 ESTUDO DE SENTIDOS.....	97
4.3 PROCEDIMENTOS.....	101
<b>5 COMO O MUNDO DOS SONHOS É CONSTRUÍDO .....</b>	<b>114</b>
5.1 A DIMENSÃO VERBAL .....	115

5.2 A DIMENSÃO VERBO-VISUAL.....	148
5.3 “A COPA É NOSSA!”: SONHOS DE UM FUTURO BOM .....	160
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>173</b>
ANEXOS .....	184
ANEXO A - REPORTAGEM 01.....	184
ANEXO B - REPORTAGEM 02.....	185
ANEXO C - REPORTAGEM 03.....	186
ANEXO D – REPORTAGEM 04.....	187
ANEXO E – REPORTAGEM 05.....	188
ANEXO F – REPORTAGEM 06.....	189
ANEXO G – REPORTAGEM 07.....	190
ANEXO H – REPORTAGEM 08.....	191
ANEXO I – REPORTAGEM 09.....	192
ANEXO J – REPORTAGEM 10.....	193
ANEXO K – REPORTAGEM 11.....	194
ANEXO L – REPORTAGEM 12.....	195
ANEXO M – REPORTAGEM 13.....	196
ANEXO N – REPORTAGEM 14.....	197
ANEXO O – REPORTAGEM 15.....	198
ANEXO P – REPORTAGEM 16.....	199

ANEXO Q – REPORTAGEM 17 .....	200
ANEXO R – REPORTAGEM 18 .....	201
ANEXO S – REPORTAGEM 19 .....	202
ANEXO T – REPORTAGEM 20.....	203
ANEXO U – REPORTAGEM 21 .....	204
ANEXO V – REPORTAGEM 22 .....	205
ANEXO W – REPORTAGEM 23 .....	206
ANEXO X – REPORTAGEM 24 .....	207
ANEXO Y – REPORTAGEM 25 .....	208
ANEXO Z – REPORTAGEM 26.....	209
ANEXO AA – REPORTAGEM 27 .....	210
ANEXO AB – REPORTAGEM 28.....	211
ANEXO AC – REPORTAGEM 29.....	212

## 1 INTRODUÇÃO



(O sono - Salvador Dalí, 1937)

Sonho, para mim, sempre foi algo que se realizava de forma individual, íntima, privada. Ninguém precisava saber o que acontecia quando as luzes se apagavam no meu quarto. Imagina então se alguém me convidasse para sonhar... Pensaria: “Quanta insanidade... Ora, sonhos se sonham sozinho!”. Foi então que comecei a notar uma proposta onírica nos meios de comunicação. “Vamos sonhar juntos?” era o convite que emergia, inicialmente, de anúncios publicitários. A publicidade, eterna vendedora de sonhos, já criou alguns; basta aqui lembrar a ideia de uma família perfeita tomando café da manhã nos anúncios de margarina. Percebi então que havia nuances na forma de sonhar – tornava-se algo coletivo e público - e esse movimento também ocorria nas narrativas jornalísticas. O jornalismo produz experiências únicas para o leitor e tem ferramentas afiadas para determinar o que é sonho e para fazer sonhar.

Fica mais claro que você entenda o que quero dizer lembrando das reportagens sobre a compra da casa própria no Brasil. Quem nunca ouviu falar na expressão “sonho da casa própria”? Quero chamar a atenção para essa afirmação, que por seu uso recorrente sugere que ter uma casa comprada é um sonho de todo e qualquer brasileiro. Afirmo isso tendo como base essa crença que é utilizada no jornalismo brasileiro. É assim que essa ideia é aceita como verdade para muitos, deixa de ser questionada, é incorporada aos mais variados discursos (político, publicitário) e torna-se naturalizada. Escrevo isso de um ponto de vista contestador. Particularmente, o pensamento obsessivo de trabalhar para pagar décadas de parcelamento

não me atrai. Há ainda outros sonhos, assim categorizados pelos meios de comunicação, que me incomodam profundamente – sensação de desconforto que originou as questões da minha tese. Da casa própria aos megaeventos esportivos, são variados os motores da fábrica de sonhos. Da Olimpíada surge a expressão do “sonho olímpico”. A reboque dessa crença, um número sem fim de outros sonhos se multiplica: o “sonho” da medalha de ouro, o “sonho” de sediar os Jogos.

E com que facilidade sonhos viram pesadelos!

Vejo na televisão a prisão do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, suspeito de receber propinas de empreiteiras por obras como a reforma do Maracanã para a Copa do Mundo e como a Linha 4 do metrô da capital fluminense (construída sob o argumento da chegada da Olimpíada). A mão que lapida sonhos é a mesma que implode cada um deles. A mídia desconstrói o que um dia ajudou a cimentar<sup>1</sup>.

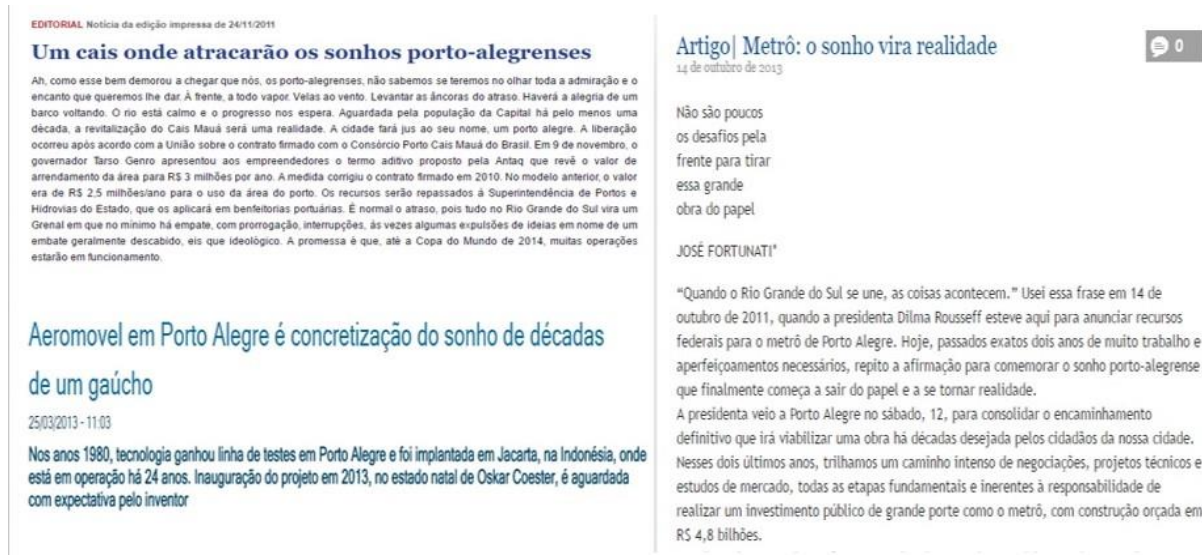
A invenção de necessidades e a proliferação dessa espécie de sonho coletivo começou a invadir os sentidos de qualquer cidadão que acompanhasse as manchetes jornalísticas locais a partir da chegada da Copa do Mundo de Futebol na capital do Rio Grande do Sul. O megaevento vinha acompanhado de sonhos para a Porto Alegre de 2014, que agora vestia a faixa de “padrão-FIFA”. Como uma candidata em um concurso de beleza, a capital gaúcha precisava ser mais, parecer mais, conquistar mais, para obter o título. Mais transporte coletivo, mais opções de lazer, mais conforto, mais... Sedar a Copa foi uma ideia consensual em alguns meios de comunicação. Um sonho que sonhamos juntos; na visão da mídia, um desejo “dos gaúchos”, “dos porto-alegrenses”. Políticos, urbanistas, entusiastas das inovações traziam ideias do que constituiria esse novo momento da cidade. Jornalistas também. Construído na esfera do jornalismo, esse mundo de desejos contrastava com o mundo real, imperfeito, do tempo presente. Nas reportagens, muito se falava das obras que precisavam sair do papel e se transformariam em realidade. A Copa era o motivo que precisávamos para sonhar. Os limites da cidade real e da cidade do sonho, representadas nas notícias, começavam a se confundir. O que é real/concreto e o que é ideal/sonho? Já adianto que essa questão é um beco sem saída para pesquisadores como eu...

---

<sup>1</sup>COMO o Rio foi do sonho Olímpico ao pesadelo em 26 pontos. Reportagem publicada no site da Folha de SP. Publicada em 30 jun 2016. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1787265-rio-16-como-a-cidade-foi-do-sonho-olimpico-ao-pesadelo.shtml> >. Acesso em: 17 nov. 2016.

O fascínio por mudanças na estrutura da cidade fica nítido a cada leitura de reportagem. Os meios de comunicação contribuíram para fazer emergir a idealização da cidade: cimentaram sonhos de novas avenidas, arenas, sistemas de transporte, fizeram um convite ao público para que sonhassem juntos com a “nova Porto Alegre”. Tudo se torna um sonho em potencial: o aeromóvel<sup>2</sup>, o metrô<sup>3</sup>, a Orla do Guaíba<sup>4</sup> (FIG 1). São obras detalhadas, analisadas, projetadas, idealizadas. Muitas vezes, a insistência em determinados projetos parece redimensionar, ampliar, sua importância. É como se elas já estivessem ali, em pleno funcionamento, incorporadas ao cotidiano, como uma peça fundamental do cenário urbano.

FIGURA 1 - Manchetes sobre “sonhos” de megaeventos



Nota: Colagem feita pela autora desta tese de manchetes em sites que tratam do aeromóvel, do metrô e do cais do porto enquanto “sonhos”

Fonte: A autora (2016).

Dois anos e meio antes da Copa, a reforma no cais do porto foi tema de um editorial exaltado no Jornal do Comércio, sediado em Porto Alegre. O texto afirma que a revitalização do Cais Mauá é aguardada pela população da capital há pelo menos uma década e que será uma realidade. O editorial romantiza: “a cidade fará jus ao seu nome, um porto alegre”.

<sup>2</sup>AEROMÓVEL em Porto Alegre é concretização do sonho de décadas de um gaúcho. Reportagem publicada no Portal da Copa do Mundo. Publicada em 25 mar 2013. Disponível em: < <http://copa2014.gov.br/pt-br/noticia/aeromovel-em-porto-alegre-e-concretizacao-do-sonho-de-decadas-de-um-gaucha>>. Acesso em: 02 jul 2016.

<sup>3</sup>METRÔ: o sonho vira realidade. Artigo do prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, na seção de opinião do jornal Zero Hora. Publicado em 14 out 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2013/10/14/artigo-metro-o-sonho-vira-realidade/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 02 jul 2016.

<sup>4</sup>UM CAIS onde atracarão os sonhos de Porto Alegre. Editorial do Jornal do Comércio Publicado na edição impressa em 24 nov 2011. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=79513>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

Avançando no tempo, mais próximo do megaevento, o Portal da Copa, que divulga notícias sobre o evento, anunciava em 2013 outro objeto como um desejo antigo. O aeromóvel era a “concretização de um sonho de décadas de um gaúcho”, segundo reportagem. No mesmo ano, o jornal Zero Hora, também sediado na cidade, dá espaço ao artigo “Metrô: o sonho vira realidade”, assinado pelo então prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, na seção de opinião. O político conclama a população para essa obra que é, segundo ele, desejada há décadas pelos cidadãos da cidade, um “sonho porto-alegrense que finalmente começa a sair do papel e a se tornar realidade”.

O primeiro ponto que quero destacar é que, destes três símbolos do sonho midiático, apenas o aeromóvel ficou pronto para a Copa do Mundo. As obras do cais do porto e do metrô ainda não foram concretizadas. O segundo ponto é perceber a relação entre as ideias de sonho e realidade, fortemente presentes nestes casos. Os textos não apenas constroem sonhos, mas também os endereçam para alguém: “um gaúcho”, “a população da capital”. Quem são os donos desses sonhos, segundo a mídia? São personagens ou coletividades que sonham com essas obras e que querem que estas sejam executadas. O terceiro e último ponto é a criação de uma necessidade que se torna por vezes obsessiva na linha temporal: são as décadas, os anos que se seguem, enfatizando a passagem do tempo e a estagnação dessas obras. Quem de fato espera há décadas pelo cais reformado ou aguarda o metrô? Quem sonha com o aeromóvel, um transporte de apenas um quilômetro que leva ao terminal do aeroporto Salgado Filho? Ao ler as notícias, é como se existisse alguém sentado, em um banquinho de uma praça qualquer da cidade, contando os dias, aguardando ansiosamente por essas obras. O cabelo embranquece, as décadas se passam, nada acontece.

Enquanto escrevo esta tese, outros objetos são empilhados sobre as ruínas desses sonhos. A máquina que os cria não para de funcionar, por isso, admito, já de início, minha incapacidade de mapear os sonhos da Porto Alegre do futuro pois ela funciona em muitas esferas discursivas. Neste momento, algum político pode estar prometendo uma nova obra e os arquitetos, criando planos para a cidade. Em sua coluna no Jornal do Comércio, publicada em novembro de 2016, o jornalista Fernando Albrecht<sup>5</sup> afirma que “o metrô tem chance abaixo de zero” e sugere que a cidade deve investir nos Veículos Leves sobre Trilhos (VLT). “Quem sabe, é a hora. Esperar um Papai Noel de trilhos é miragem”, conclui. Novas miragens à vista?

---

<sup>5</sup>METRÔ X VLT. Fernando Albrecht, coluna Começo de Conversa. Jornal do Comércio, Porto Alegre. Publicada em 07 nov 2016. Disponível em: [http://jcrs.uol.com.br/\\_conteudo/2016/11/colunas/comeco\\_de\\_conversa/529927-metro-x-vlt-i.html](http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/11/colunas/comeco_de_conversa/529927-metro-x-vlt-i.html).



Já disse Aristóteles que o sonho, essa experiência à qual nos submetemos individualmente, amplia tudo: traz a sensação de estarmos caminhando no meio do fogo e sentirmos um calor enorme, quando há apenas um pequeno aquecimento em certas partes. Um pensamento que nos permite aproximações com os sonhos pré-fabricados pela mídia. Algumas notícias propõem ao público a experiência de imaginar, sentir, vivenciar – e eventualmente, aprovar uma nova realidade com este novo objeto, espaço, obra, inserido no cotidiano. Mas o que fica quando se “acorda” de um sonho midiático? Lembranças do que ainda não foi, o gosto amargo da desesperança e do não-progresso. “Por que esses sonhos ainda não fazem parte do meu cotidiano?” – pode ser a pergunta que emerge cada vez que, mais tocada e sensibilizada, leio as notícias sobre as promessas de futuro. Em outros momentos de rebeldia, recém-saída da sala de onde lia essas reportagens, livre das amarras midiáticas que me contam desses sonhos, questiono: “Quem é você para determinar sobre o que, como e quando devo sonhar?”.

Megaeventos esportivos surgem como uma oportunidade única para fazer sonhar com uma cidade diferente. As transformações físicas urbanas contribuem para reforçar um imaginário que exalta os sonhos, o futuro. A possibilidade de obras arquitetônicas é uma das características desses eventos. Trata-se, sobretudo, de um período importante de ressignificação dos locais que vão receber estas competições. É neste contexto de Copa do Mundo em Porto Alegre que esses sonhos, particularmente, me incomodaram. A narrativa jornalística se aproveita da falta de algo para criar uma situação imaginária: constrói um *mundo dos sonhos do jornalismo* que estamos dispostos a tratar nessa pesquisa.

A escolha do método deve ser coerente com o problema investigado, pois servirá para descrever e explicar os fenômenos estudados. Neste sentido, guio-me pelas orientações da Sociologia Compreensiva, especialmente na obra de Michel Maffesoli (1985). O autor observa que, para um acontecimento social, pode haver uma multiplicidade de causas, o que permitirá colocar em evidência o imaginário, o cotidiano, os aspectos mágicos, simbólicos e não-lógicos dos fatos. A ideia é superar uma visão puramente quantitativa, que considera somente as questões econômicas da vida social. Quero com isso dizer que, para além de vender um objeto palpável, a mídia busca envolver seu público, construindo uma narrativa que reforça determinadas crenças a respeito desse mesmo objeto. Assim, o discurso jornalístico, enfoque de minha tese, fala sobre o objeto (obras, projetos para a cidade), sempre o relacionando a um contexto ampliado de necessidades, de valores, sugerindo outras ideias

que se associam a esse mesmo objeto. Sob esta perspectiva, retomo nesta pesquisa a força do imaginário criado pelos meios de comunicação, percebendo de que forma os sonhos (midiáticos) são locomotivas que pretendem guiar a vida cotidiana. A Sociologia Compreensiva de Maffesoli (1985) considera pertinente a análise dos fenômenos informacionais e o estudo dos grandes sonhos, desejos, nostalgias e símbolos midiáticos em um determinado momento histórico.

Fazer ciência seguindo esta linha de pesquisa na qual me inscrevo é também libertador. Libertador pois me livra da ilusão de buscar uma única grande verdade. Articular as verdades locais para que assim nos situemos no presente, conforme orienta Maffesoli (1985), já seria um avanço intelectual. Libertador pois assumo claramente meus interesses, minhas indignações, meu ponto de vista, com esta pesquisa. O exercício de afastamento da realidade se faz necessário ao pesquisador, mas esse afastamento total é outra ilusão. Enquanto jornalista, doutoranda, gaúcha, alegretense, moradora de Porto Alegre, sou parte integrante e interessada naquilo que desejo falar:

Se o intelectual se inscreve na organicidade das pessoas e das coisas, é de modo natural que, de acordo com a sua índole, poderá dar conta da vida cotidiana. Sua contribuição, junto a outros modos de verbalização ou outras expressões gestuais, irá revestir-se de um real interesse: o de ocupar um lugar no grande quadro impressionista que cada época esboça de si mesma. Como se pode ver, estamos distantes de uma visão universalizante do positivismo dominador (MAFFESOLI, 1985, p.74).

Portanto, o quadro impressionista que começo aqui a pintar é uma contribuição motivada por inúmeros interesses, mas também limitada a fatores que muitas vezes me escapam. Ciente dessas limitações, avanço, no intuito de desencobrir o imaginário, fazer emergir a contradição, o paradoxo, a diferença, a repetição, deduzir uma intenção e gerar novos dados e interpretações.

### **Contexto da pesquisa**

Algumas questões que constituem a base deste projeto de pesquisa foram levantadas ainda no curso de mestrado<sup>6</sup>. A escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas reacendeu utopias de épocas passadas e também fez com que novas fossem criadas. Em minha

---

<sup>6</sup>Realizado de 2010 a 2012 no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), resultando no trabalho de dissertação intitulado “Rio 2016: representações da cidade no jornal O Globo”.

dissertação<sup>7</sup>, que tinha como objetivo compreender como o jornal O Globo participou da construção de representações da cidade, foram analisadas as notícias sobre a candidatura do Rio. Através da análise de conteúdo, foi possível perceber uma nova fase de representação da cidade na mídia, calcada no novo *status* de sede olímpica. Algumas marcas no discurso jornalístico pareciam buscar romper com as ideias de um país de Terceiro Mundo. Desta forma, o jornal O Globo, em seu discurso jornalístico, estava não só reafirmando a posição brasileira de destaque no cenário internacional, mas também negando a crença do “complexo de vira-latas”. A passagem de cidade candidata à sede olímpica demarcou, nas reportagens analisadas, o rompimento de antigos valores que refletem até hoje em um noticiário adverso sobre a cidade. Da mesma forma, perceber esta mudança é também compreender a forte relação metonímica entre as ideias de Brasil e de Rio, na medida em que a possibilidade de tornar a cidade olímpica parece ser uma via de acesso pela qual passam os caminhos da representação do Brasil. Os textos reforçam a ideia de um país em crescimento, buscando negar a tradição dos complexos construídos historicamente.

O curso de mestrado deu a largada para a observação da transformação dos espaços urbanos para os megaeventos esportivos. A elaboração da minha dissertação, entre os anos de 2010 e 2012, coincide com os anos de preparação de cidades para a Copa do Mundo de 2014. No Brasil, percebia-se que a Copa também revelava desejos por novas cidades que receberiam atletas, turistas e novos negócios e que, portanto, precisavam parecer atrativas aos novos visitantes e investidores em potencial. Porto Alegre, capital de onde escrevia a dissertação, foi escolhida em maio de 2009 como uma das sedes do Mundial, além de ter sido cotada como sede da Copa das Confederações de 2013, também organizada pela FIFA. A trajetória de realização desses eventos impôs mudanças físicas na capital gaúcha, mas também operou na dimensão simbólica, enquanto oportunidade de uma nova representação da cidade. A cobertura jornalística local priorizou assuntos como o andamento e a construção de obras, que se tornaram um acontecimento jornalístico de grande relevância.

No processo de seleção de doutorado no PPGCOM/PUCRS, em 2012, foquei na representação da capital gaúcha diante deste contexto. Conhecida como cidade da revolta contra o império, do Fórum Social Mundial, Porto Alegre ganhava agora o *status* de sede da

---

<sup>7</sup>A pesquisa compreendeu o período de 21 meses, de maneira a englobar o processo de candidatura e escolha da cidade-sede, realizado entre os anos de 2008 a 2009. Foram analisadas 12 edições do jornal, totalizando um corpus de 37 reportagens publicadas na editoria Rio e no caderno especial Rio 2016, veiculado na edição do dia 03 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/54528>>. Acesso em 12 jul 2014.

Copa. Seria este um novo momento de representação da cidade? Em que consistiria o imaginário porto-alegrense a partir da realização de um evento desse porte? Uma das premissas do anteprojeto de doutorado era a de que o conjunto de obras pelo qual a cidade passava possibilitava a criação de novos sonhos. O objetivo era estudar as principais ideias que davam origem ao imaginário de Porto Alegre, a partir da leitura das reportagens sobre as obras relacionadas ao Mundial.

Verificou-se que alguns projetos foram alardeados com euforia nas notícias locais. A partir do mapeamento das principais ideias e dos símbolos de Porto Alegre, minha intenção era propor um modelo de “cidade ideal”, revelando os sonhos reforçados pela mídia com a chegada do Mundial. O curso de mestrado me aproximou de leituras sobre a história da capital gaúcha a partir do início do século XX. Alguns aspectos da renovação urbana ocorrida nessa época me chamaram a atenção por sua semelhança com as transformações que ocorriam com a chegada da Copa. Percebi que Porto Alegre também já passara por um processo de reformulação, assim como outras cidades brasileiras como o Rio, seguindo o exemplo de metrópoles europeias. O processo ficou explícito nos planos urbanísticos que pretendiam readequá-la e dirigi-la rumo à modernidade. A construção de um cais às margens do rio Guaíba<sup>8</sup> e a chegada do bonde elétrico animavam os defensores de um projeto de desenvolvimento e civilidade e se tornaram marcas da renovação urbana (PESAVENTO, 1999). Este período, marcado por reformas que originaram uma nova identidade nacional, nos remete à contemporaneidade, quando o Brasil passou por uma série de transformações nas cidades-sede para receber Copa e Olimpíadas. Em manchetes de jornal, anúncios publicitários, discursos políticos, era o “novo Brasil” que estava em construção. Quais seriam os projetos urbanos ícones da capital gaúcha a partir de 2009, com a chegada da Copa? Esta era uma das questões que estavam contidas no anteprojeto de doutorado, com o qual fui aprovada no PPGCOM/PUCRS ainda no final de 2012.

Em busca de respostas, algumas disciplinas do curso de doutorado foram fundamentais para o direcionamento do problema de pesquisa que se construía. Ao me familiarizar com a Economia Política<sup>9</sup>, foi possível estudar os fenômenos da globalização da economia e da evolução tecnológica, que têm provocado significativas alterações na sociedade. Esse campo

---

<sup>8</sup>Há uma controvérsia sobre o Guaíba ser rio ou lago. No entanto, considero que o imaginário foi construído sobre a ideia de rio e, portanto, será nesta tese chamado de rio Guaíba.

<sup>9</sup>A disciplina Comunicação e Sociedade da Informação foi ministrada pela prof. dra. Doris Fagundes Haussen, no segundo semestre de 2013, no PPGCOM/PUCRS.

multidisciplinar proporcionou reflexões sobre os efeitos desses fenômenos nas metrópoles contemporâneas. Através da leitura de autores como o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2013), despertei para os efeitos (muitas vezes perversos) dos megaeventos esportivos para as populações mais pobres. O autor questiona se essas pessoas teriam, de fato, algum benefício sobre os legados. Cabe lembrar que estes legados constituíram a base de discursos (político, publicitário, midiático, etc.) sobre as vantagens de sediar um megaevento.

Esta pesquisa ganhou contornos mais nítidos em outras duas disciplinas<sup>10</sup>, que me fizeram entrar em contato com o imaginário – questão que me levou ao doutorado. Contrapondo-se à centralidade dos fatores econômicos, proposta pela Economia Política, a leitura do sociólogo francês Michel Maffesoli (1985) nos permitiu enxergar um novo ponto de vista. O autor alerta para que não tenhamos uma visão redutora da vida social, que vai além de conjunto de leis econômicas e engloba a comunicação, dentro de um cenário de desenvolvimento tecnológico. É dentro dessa perspectiva que incorporamos à pesquisa o estudo do imaginário, revelando os sonhos e as utopias, mas sem deixar de lado as questões econômicas que norteiam os interesses das grandes empresas de comunicação. Na escolha de metodologia e do referencial teórico, Silva (2010), professor e autor de obras que constituirão a base desta pesquisa, propõe ao pesquisador justamente essa mediação entre diferentes olhares. Nossa intenção é mostrar que essas perspectivas podem ser complementares.

Estudar o imaginário e de que forma as tecnologias contribuem para sua constituição nos permitiu compreender a participação da mídia nesse processo, a partir da espetacularização do real (SILVA, 2003). Neste sentido, discutir se as obras foram concluídas vai além de nossa tarefa. Vale, sim, notar a presença de sonhos e utopias que constituíram a base do discurso jornalístico sobre estes mesmos legados. A ideia é perceber de que forma as promessas para a cidade foram exploradas no jornalismo e constituíram, de certa forma, a base de uma argumentação sobre realizações futuras. Algumas obras, de fato, não passaram de promessas que foram o motor de uma nova cidade idealizada pela mídia em tempos de Copa do Mundo. Entretanto, o que nos interessa é levantar as pistas de que, através do discurso jornalístico, emergiu o desejo de que os projetos ganhassem vida, saíssem do papel.

---

<sup>10</sup>A disciplina Sociologia da comunicação: cultura e comportamento contemporâneo foi ministrada pelo prof. dr. Juremir Machado da Silva, no primeiro semestre de 2013, no PPGCOM/PUCRS; já Imagem: socialidade e imaginário foi ministrada pela prof. dra. Juliana Tonin, no segundo semestre de 2013, no mesmo local.

A problemática estava lançada. Era preciso encontrar um viés de estudo que contribuísse para a busca das pistas do imaginário e a compreensão de seu funcionamento na mídia e na sociedade contemporânea. A noção de tecnologias do imaginário dá contornos mais claros ao problema de pesquisa. Levantando discussões já feitas entre os principais pensadores do tema, Silva (2003) recorre a Maffesoli, Jacques Lacan, Gilbert Durand e Guy Debord, entre outros, para estabelecer essa ideia. Na medida em que todo imaginário é uma narrativa, essas tecnologias podem ser chamadas de “fábricas de mitologias” (SILVA, 2003). Os meios de comunicação são importantes operadores das tecnologias do imaginário.

O contexto dessa pesquisa tem ainda a influência de disciplina<sup>11</sup> realizada no PPG de Ciências Sociais da PUCRS, que trouxe luz à problemática da realidade social a partir da perspectiva de autores como Alfred Schütz, Peter Berger e Thomas Luckmann. A disciplina propõe uma reflexão sobre os diferentes mundos que se apresentam na realidade social e que temos que lidar diariamente; entre eles, o mundo dos sonhos e das ilusões. Schütz (1955) escreve que através da história de Miguel de Cervantes podemos perceber o problema das realidades múltiplas. Observa que muitos aspectos das aventuras de Dom Quixote são variações do modo como experimentamos a realidade. Cabe aqui lembrar que essas ideias do protagonista surgiram a partir da leitura de livros do mundo da cavalaria. Os sentidos partilhados nas obras de ficção levaram Dom Quixote a devaneios em sua interação com a realidade. Compartilho essa noção de que há um mundo dos sonhos construído e vivido por Dom Quixote. É dela que parto para construir minha hipótese de pesquisa, ancorada nas discussões sobre comunicação e mundo dos sonhos.

### **Objeto de pesquisa**

O *objeto teórico* desta investigação é o imaginário de Porto Alegre durante o período que compreende a chegada da Copa do Mundo de 2014. No *âmbito empírico*, esse objeto será analisado a partir de sua representação em reportagens do jornal Zero Hora que representam obras relacionadas ao Mundial. A partir da cobertura jornalística, as transformações na cidade alcançam dimensões simbólicas que podem operar no imaginário da cidade e, por consequência, criar o mundo dos sonhos para Porto Alegre.

---

<sup>11</sup>A disciplina Vida cotidiana: interpretações e narrativas foi ministrada pelo prof. dr. Hermílio Santos, no primeiro semestre de 2016, no PPGCS/PUCRS.

João Carlos Correia (2004) afirma que a mídia ajuda a construir os sentidos partilhados, ou seja, o próprio mundo em que vivemos. Aceitando este paradigma da notícia como construção da realidade, algumas questões norteiam essa pesquisa: como se constitui esse mundo que apresenta sonhos para Porto Alegre? Quais as fronteiras entre a realidade e a loucura, ao lermos reportagens sobre projetos que nunca se concretizaram, mas que são representados com euforia nos meios de comunicação?

O exercício de recorrer ao passado é uma proposta dessa pesquisa. Relembrar outros momentos histórico é perceber suas diferenças com o tempo que hoje analisamos, mas é também aproximar alguns fenômenos que, à primeira vista parecem únicos e inéditos, no entanto, revelam-se semelhantes em sua essência. Falo das transformações pelas quais a cidade de Porto Alegre já passou, especialmente no início do século XX, e que na contemporaneidade ocorrem também. É pertinente ressaltar que temos a clareza de que são tempos completamente diferentes, que o espaço urbano, especificamente as cidades brasileiras, servem hoje a outros propósitos. Nosso olhar para trás tem a intenção de perceber que o conjunto de obras, propostas em projetos e reafirmadas em discursos que representavam a cidade, contribuiu para a formação de um imaginário que traduzia o espírito daquela época. Os planos urbanísticos para Porto Alegre, liderados por José Montauray de Aguiar Leitão, falam de uma cidade muitas vezes desconhecida, pois não foi posta em prática conforme sugerida nos livros e projetos das sucessivas administrações. Entretanto, a historiadora Sandra Pesavento, que dedicou parte de suas obras ao estudo da transformação de cidades (no plano físico e simbólico), afirma que pensar se as obras em um dado momento foram de fato incorporadas ao cotidiano real da cidade não é o que importa:

[...] entendemos que, no plano das representações, não é porque as propostas e planos não tenham se realizado que elas ao mereçam ser estudadas. Enquanto concepção e desejo, elas um dia existiram no imaginário social e mobilizaram as expectativas (PESAVENTO, 1999, p.279).

Os estudos de Sandra Pesavento são uma grande fonte de inspiração para minha tese. A autora é enfática na afirmação de que o imaginário tem poder e credibilidade, ao resgatar a história de cidades que passaram por transformações no início do século XX. Era o auge do sonho da cidade moderna e essas transformações - físicas e simbólicas - resultaram em novos significados para os espaços urbanos, como Paris, Rio de Janeiro e a capital gaúcha. Pensemos na Porto Alegre com a chegada da Copa do Mundo. O primeiro ponto que destaco

é que muito se falou sobre as mudanças na cidade, no entanto, diversas obras não se tornaram realidade. Assim como no momento de análise da Porto Alegre de Pesavento (1999), algumas propostas para a cidade continuaram no plano das ideias. O segundo ponto, que serve de ancoragem para a tese, é a constatação de que esses projetos para o Mundial tornaram-se símbolos de transformação de Porto Alegre e continuam em nosso tempo presente, “vagando” no imaginário. Falar da cidade dos sonhos apresentada pelas narrativas midiáticas é retomar esses planos urbanos, que reaparecem, sob a forma de um “fantasma” que simboliza a frustração do passado ou revestidos de “esperança” para o futuro da cidade. Reforço: enquanto desejos de mudança, esses projetos urbanos existem no imaginário. À minha pesquisa interessa então observar o imaginário de Porto Alegre, construído nas reportagens, para identificar as ideias que fundamentavam o contexto de transformações urbanas. Que Porto Alegre é essa representada pela mídia?

*Diante deste cenário, surge a hipótese da tese: as narrativas jornalísticas, ainda que ancoradas na representação da realidade, são fontes de criação de sonhos. Mesmo que determinadas obras não tenham se concretizado para a Copa do Mundo em Porto Alegre, tais projetos existiram no imaginário, foram desejados e ganharam dimensão de realidade em reportagens. Nesse processo de representar a cidade, é criado o mundo dos sonhos do jornalismo.*

O objeto escolhido para viabilizar essa discussão são as reportagens de Zero Hora (ZH), principal jornal impresso do Rio Grande do Sul em termos de circulação paga; está também entre os cinco impressos do país<sup>12</sup>. Além de ZH, impressos como Correio do Povo, Jornal do Comércio e Diário Gaúcho também estão localizados em Porto Alegre e cumprem a função de acompanhar as notícias da capital. É neste sentido que a escolha de um jornal local, sediado na cidade, é fundamental, pois traz a certeza de acompanhamento das obras e das transformações da capital do Estado. ZH pertence ao Grupo RBS (Rede Brasil Sul), uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil e uma das principais afiliadas da Rede Globo. Guareschi e Ramos (1988) destacaram o poder de monopólio do grupo, demonstrando que o jornal possui traços gerais do capitalismo que o torna modelo mercadológico para os concorrentes. Neste contexto, não seria surpresa que um impresso com tal perfil apoiasse grandes projetos urbanos. Enquanto pesquisadora da comunicação e das organizações midiáticas, entendo que o perfil editorial, expresso nas reportagens, será

---

<sup>12</sup>Zero Hora foi, em 2015, o quinto jornal de maior circulação no país, com média de circulação impressa de 144.191. Ainda assim, é importante destacar que houve variação significativa de 2014 para 2015: esses números sofreram queda de 15%.



minimamente coerente com as características da empresa. Partindo desse entendimento, acredito que a minha tese possa contribuir e se tornar única em outras vertentes de análise, como a do estudo do imaginário.

Acredito que já não é algo inovador, em termos de pesquisa científica, chegar ao final desta tese para afirmar que determinada empresa midiática apoia editorialmente grandes projetos urbanos. De acordo com o perfil do grupo de comunicação que analiso, repito, essa constatação não surpreende. Portanto, parto do princípio (verificado empiricamente) de que o Zero Hora apoia alguns projetos para a cidade (dois deles são parte do *corpus* de pesquisa). Busco caminhar por outras estradas investigativas. Quero revelar e entender os mecanismos que as reportagens utilizam para: 1) legitimar esses planos urbanísticos; 2) construir um imaginário específico para Porto Alegre a partir da inclusão desses projetos nas narrativas. Uma vez que as obras são categorizadas enquanto “sonhos” (termo encontrado repetidamente nas narrativas jornalísticas), tal engrenagem é definida nesta tese como o *mundo dos sonhos do jornalismo*.

O *objetivo geral* da pesquisa é compreender as formas de singularização do imaginário de Porto Alegre no jornalismo, partindo da hipótese de que as narrativas jornalísticas criam um mundo dos sonhos para a cidade. Já os *objetivos específicos* são:

- a) Analisar as transformações (físicas e simbólicas) que os megaeventos esportivos impulsionam no desenvolvimento estratégico nas cidades-sede, com ênfase no papel de apoio dessas mudanças por parte de grandes corporações midiáticas;
- b) Compreender o papel da mídia enquanto tecnologia do imaginário que atua na construção simbólica do espaço urbano e analisar o papel da técnica jornalística nesse processo de criação de desejos;
- c) Descrever o imaginário da Porto Alegre da Copa do Mundo a partir das narrativas jornalísticas de Zero Hora, identificando as ideias fundamentais deste contexto e sinalizando para possíveis efeitos nos leitores.

### **Estado da arte**

Para compor o Estado da Arte desta pesquisa, foram feitas buscas por trabalhos de teses e dissertações produzidas no Brasil, que abordassem o enfoque teórico das tecnologias do imaginário, já que este foi definido como o principal aporte teórico deste trabalho. O objetivo dessas buscas era mapear os seguintes dados: a) quais as áreas que mais se utilizavam

desse aporte teórico; b) e que tipo de abordagem as diferentes áreas faziam dos estudos do imaginário de Porto Alegre, em especial, a área da Comunicação. Definidos os objetivos, a busca foi realizada em dois bancos de dados:

- 1) **Banco de Teses da Capes**<sup>13</sup> – a pesquisa nesse banco de dados foi realizada no dia 15 de dezembro de 2014, utilizando o critério “busca avançada”, com as palavras-chave “imaginário”, “tecnologias” e “Porto Alegre” – que inclui “resumo”, “área de conhecimento”, “palavra-chave” e “linha de pesquisa”, a partir dos seguintes termos: “tecnologias do imaginário”; “imaginário de Porto Alegre”; e “Copa do Mundo Porto Alegre”. A busca por cada um desses termos foi realizada separadamente e os trabalhos que apareceram em mais de uma busca foram considerados apenas uma vez.
- 2) **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do IBICT**<sup>14</sup> - neste site, a pesquisa foi feita no dia 10 de janeiro de 2015, a partir dos mesmos termos buscados no banco da Capes. Como no site do IbiCT não há uma categoria que integre todos os campos de busca, cada um desses termos foi pesquisado duas vezes: nos campos “resumo” e “assunto”.

As buscas resultaram em 25 trabalhos. Cabe ressaltar que o Banco de Teses da Capes apresenta o resumo dos trabalhos, mas não o link de acesso ao trabalho completo, que encontramos em uma busca no Google. Já o site do IBICT não disponibiliza o resumo, mas apresenta o link de acesso ao repositório digital da universidade ao qual o trabalho está vinculado. Neste repositório, encontramos o trabalho completo. Ao final, das 25 dissertações e teses no portal da Capes e IBICT, a exceção foi apenas uma dissertação não localizada e, por isso, excluída do estado da arte<sup>15</sup>.

De posse dos 24 trabalhos, cada pesquisa foi identificada por área de conhecimento e de acordo com as abordagens: “tecnologias do imaginário”, “imaginário de Porto Alegre” e “Copa do Mundo Porto Alegre”:

- a) **Administração:** Nessa área, foi encontrada uma dissertação: “A presença da ONG Cidade para a construção de um planejamento urbano democrático em Porto Alegre”

<sup>13</sup>Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>.

<sup>14</sup>Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>.

<sup>15</sup>A dissertação “O Rio na escuta: representação e imaginário da Cidade Maravilhosa entre as décadas de 1920-30”, de Mariana Pelegrini do PPG de Comunicação da UERJ.

(MARTINS, 2011), defendida na UFRGS e categorizada na abordagem “Copa do Mundo Porto Alegre”.

**b) Educação Física:** A dissertação, também defendida na UFRGS, “A copa do mundo de futebol em Porto Alegre: a realocação dos moradores afetados pela duplicação da Avenida Tronco” (MAGNO, 2014) foi categorizada na abordagem “Copa do Mundo Porto Alegre”.

**c) Letras:** a área contou com uma pesquisa de mestrado: a dissertação intitulada “A construção discursiva da imagem de Porto Alegre em *hotsite* sobre as cidades-sede da Copa do Mundo de 2014: uma abordagem dialógica” (FREITAS, 2012), da PUCRS, categorizada na abordagem “Copa do Mundo Porto Alegre”.

**d) História:** foram encontradas quatro teses e dissertações nessa área de conhecimento. Destas, duas teses foram categorizadas na abordagem “Imaginário de Porto Alegre”;

- A tese de doutorado “Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas” (MARONEZE, 2007), defendida na PUCRS;

- “Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos-Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930” (POSSAMAI, 2005), tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Os outros dois trabalhos de História são da UFRGS e foram categorizados tanto na abordagem “Imaginário de Porto Alegre” quanto na “Tecnologias do imaginário”:

- A tese “Cidades visíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana” (FIALHO, 2010);

- A dissertação “Com os olhos no futuro: urbanização e modernidade no projeto editorial da Revista do Globo (1929-1935)” (IORIS, 2003).

**e) Arquitetura** – foi a segunda área com maior número de pesquisas: cinco dissertações e uma tese. Todos os trabalhos foram categorizados na abordagem “Imaginário de Porto Alegre”:

- “A construção do porto de Porto Alegre 1895-1930: modernidade urbanística como suporte de um projeto de estado” (ALVES, 2005), dissertação defendida na UFRGS;

- A tese, também da UFRGS, “Porto Alegre como cidade ideal: planos e projetos urbanos para Porto Alegre” (FILHO, 2006);
- “Imagens da arquitetura: narrativas do imaginário urbano em Porto Alegre” (WILKOSZYNSKI, 2006), dissertação da UFRGS;
- A dissertação “Cinema & cidade: Porto Alegre entre a lente e a retina” (CUTY, 2006);

Na abordagem “Copa do Mundo Porto Alegre”, encontramos duas dissertações da Arquitetura da UFRGS:

- “Empreendedorismo urbano e práticas de planejamento: a Copa do Mundo e os grandes projetos urbanos em Porto Alegre” (OLIVEIRA, 2013);
- “O planejamento estratégico da cidade de Porto Alegre na conjuntura prévia à Copa do Mundo de 2014” (XAVIER, 2013).

**f) Comunicação:** Foram selecionadas dez pesquisas na área da Comunicação: cinco dissertações e cinco teses. Todas são da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A Comunicação foi a área que mais concentrou pesquisas voltadas para a abordagem “Tecnologias do imaginário”. Das dez selecionadas, sete estão nesta categoria:

- A tese de doutorado “Manifestações do imaginário no cinema contemporâneo” (COSTA, 2011);
- A tese de doutorado “Publicidade, imaginário e consumo: anúncios no cotidiano feminino” (PIEDRAS, 2007);
- A tese de doutorado “Imagem e imaginário dos vilões contemporâneos: o vilão como representação do mal nos quadrinhos, cinema e games” (FARIA, 2012);
- A dissertação “Lomografia: a fotografia como forma de manifestação visual do imaginário contemporâneo” (STODUTO, 2012);
- A dissertação “O imaginário nas imagens de Sandman” (SANTOS, 2011);
- “Comunicação e imaginário: Getúlio Vargas nas redes sociais” (JEFFMAN, 2012), dissertação de mestrado;

- A dissertação “Comunicação empresarial: a publicidade emocional utilizada pela Natura Cosméticos” (GALHARDI, 2012);

As outras três pesquisas em Comunicação são:

- A tese “Porto Alegre, *ville imaginaire: Socialité, mythes et communication dans un Brésil postmoderne*” (POTTIER, 2009) foi categorizada na abordagem “Imaginário de Porto Alegre”;

- “O imaginário de Porto Alegre revelado em Sal de Prata” (CORRÊA, 2008), dissertação também categorizada na abordagem “Imaginário de Porto Alegre”;

- E a dissertação “Processos de agendamento da imprensa: a copa do mundo de 2014 para além do esporte” (ECHEVERRIA, 2010), categorizada na abordagem “Copa do Mundo Porto Alegre”.

Depois dessa primeira apresentação e categorização de todos os trabalhos encontrados conforme a área de conhecimento, cabe agora organizá-los de acordo com as três abordagens pesquisadas. Na abordagem “Tecnologias do imaginário” foram encontradas nove pesquisas<sup>16</sup>. É nesta categoria que há o maior número de trabalhos no campo da Comunicação: são sete pesquisas nesta área, além de duas da História. Ao observar as pesquisas, é possível perceber diversas perspectivas de análise na abordagem das tecnologias do imaginário: cinema, fotografia, revista em quadrinhos, games, redes sociais, peças publicitárias, jornais, mapas de cidades. Todos esses dispositivos, consideradas as suas diferenças, são documentos históricos produtores de imaginário de determinado objeto e/ou época.

Destas pesquisas, as reflexões propostas no trabalho de Ioris (2003) contribuem para minha tese, especialmente porque, apesar de estar situada no campo da História, a pesquisa tem como objeto o discurso jornalístico de uma revista. Ioris (2003) estuda a Porto Alegre nos primeiros anos do governo de Getúlio Vargas (1929-1935) e analisa a linha editorial da Revista do Globo, que, segundo a autora, propagou um discurso de modernidade que deveria ser compartilhado por toda a sociedade. É nesta perspectiva que encontro afinidades com o trabalho, uma vez que temos o mesmo contexto, a cidade de Porto Alegre, e uma mesma

---

<sup>16</sup>São os trabalhos de Fialho (2010), Ioris (2003), Costa (2011), Piedras (2007), Faria (2012), Stoduto (2012), Santos (2011), Jeeffman (2012) e Galhardi (2012).

perspectiva, que é perceber o funcionamento discursivo do jornalismo. No entanto, há diferenças: minha delimitação temporal é outra época, a chegada da Copa do Mundo, em outro veículo, o jornal Zero Hora. Meu objetivo, assim como Ioris (2003), é também investigar os ideais, os sonhos, propagados e de que forma estes se materializam no discurso jornalístico que representa uma cidade em construção.

É importante ressaltar que a maioria das pesquisas incluídas na abordagem “Tecnologias do imaginário” são voltadas para o estudo das tecnologias do imaginário no cinema e na publicidade, enquanto nossa proposta é estudar as tecnologias do imaginário no jornalismo. Neste sentido, as pesquisas que encontramos são voltadas para outros objetos, portanto, outros tipos de tecnologias do imaginário.

Na segunda abordagem pesquisada, “Imaginário de Porto Alegre”, foram encontradas dez pesquisas<sup>17</sup>. Mais uma vez, chama a atenção a diversidade dos objetos que podem ser explorados por essa perspectiva. Foram encontrados trabalhos de cinema, de fotografia, de crônicas, de projetos urbanos, de material publicitário e até da vivência do cotidiano da capital. No entanto, situam-se numa área diferente de nossos interesses de pesquisa, voltados para a construção do imaginário da cidade no discurso jornalístico. É interessante perceber que o imaginário urbano é bastante explorado em pesquisas de Arquitetura, que, na parte empírica da pesquisa, voltam-se para objetos do campo das Comunicações, como filmes e fotografias. No entanto, as pesquisas de Comunicação que adotam a perspectiva do imaginário de Porto Alegre não problematizam a análise do imaginário urbano no discurso jornalístico. Nenhum desses trabalhos tem como objetivo estudar as formas de singularização do imaginário de Porto Alegre em reportagens. No entanto, quatro estudos fazem o esforço de resgatar as modificações de Porto Alegre, a partir do início do século XX, e serão importantes para minha pesquisa, inclusive como fontes históricas, em um movimento de analogia que considero interessante.

Maroneze (2007) repassa um conjunto de pensadores que discutem as metamorfoses do moderno, seus reflexos nas cidades e as novas temporalidades para questionar os efeitos das mesmas nas representações dos cronistas de Porto Alegre. O autor analisa os reflexos dessas alterações no ambiente urbano local e seus desdobramentos nas relações sociais, comparando dois momentos históricos distintos (dois cenários): as obras de Theodomiro Tostes (“Nosso Bairro: Memórias” e “Bazar”) e as crônicas contemporâneas. O trabalho de

---

<sup>17</sup>Dois trabalhos já foram citados anteriormente: as pesquisas de Ioris (2003) e de Fialho (2010), além de Alves (2005), Filho (2006), Wilkoszynski (2006), Cuty (2006), Maroneze (2007), Possamai (2005), Pottier (2009) e Corrêa (2008).

contextualização, desenvolvido pelo autor, informa a visão dos historiadores e dos cronistas sobre a metropolização da cidade, observando a distância entre o projeto e o resultado:

Entre o projeto utópico de metrópole que pressupõe a consciência do atraso e o resultado efetivo das várias ideias que se mesclaram no processo específico de modernização da Capital, constrói-se a saudade de uma Porto Alegre que não foi (MARONEZE, 2007, p.22).

Quero enfatizar que essa citação, em particular, clareou minha caminhada acadêmica e foi determinante para a estrutura desta pesquisa. Em meu recorte, propus inicialmente uma análise do imaginário sobre as obras da Copa – incluindo as obras que foram concretizadas. Esse era o caminho mais provável que eu trilhasse. No entanto, percebi que aqueles projetos que ainda não foram realizados, mesmo com a oportunidade do Mundial, apareciam com frequência na cobertura jornalística. Bateu-me essa mesma “saudade da cidade que não foi” lendo as reportagens sobre a Porto Alegre do futuro...

Falando sobre futuro, há um último ponto a destacar na pesquisa de Maroneze (2007). O autor observa que, se não havia consenso de que o modelo de cidade moderna era perfeito e inquestionável, os cronistas do segundo período também não traziam uma solução: “Em nenhum caso, é apresentado algum tipo de utopia organizadora, a cidade do agora não tem uma teleologia; sobre o futuro existe o silêncio” (2007, p.231). Aproximando essa reflexão do meu recorte temporal, percebo que transito em um período frutífero em ideias para o futuro da cidade. Em 2009, fala-se muito sobre a Porto Alegre dos anos que estão por vir: problemas urbanos são exaustivamente lembrados e soluções de todos os tipos são propostas (para o transporte, para a segurança, para o lazer, etc.). Nas narrativas jornalísticas, projetam-se medos terríveis (de que as obras não fiquem prontas, por exemplo), mas também são criados sonhos de uma cidade transformada para o megaevento.

Outra pesquisa interessante nesta abordagem é a de Alves (2005), pois nos propõe uma visão analógica das transformações urbanas. Acreditamos que esse exercício de olhar para o que já foi, em outros tempos, contribui para a compreensão da cidade atual. O autor resgata a história de Porto Alegre no fim do século XIX, abordando as motivações que levaram à construção do porto, as discussões a seu respeito, os projetos elaborados, inclusive os não executados, e por fim as obras realizadas. Alves (2005) destaca que o processo de valorização de Porto Alegre ficou explícito nos planos urbanísticos que pretendiam readequá-la e dirigi-la rumo à modernidade. Neste sentido, o autor observa que a modernidade urbana ingressou - real e metaforicamente - pelo porto de Porto Alegre: “o que animava tal projeto era

justamente o desejo de atingir o grau de desenvolvimento e civilidade dessas nações” (2005, p.173). Para nós, interessa perceber que o porto era representado como um sonho. Passado mais de um século, as reflexões do autor ainda são fundamentais, pois nos fazem pensar na cidade contemporânea: a confirmação da realização da Copa dá origem a quais projetos e obras urbanos? Quais ideias estão presentes no sonho de Porto Alegre se tornar uma metrópole na primeira década do século XXI?

Outra pesquisa que contribui para compreender a história e o imaginário de uma Porto Alegre ideal é a tese de Filho (2006), que revela os discursos hegemônicos sobre os principais planos urbanos da capital gaúcha. O autor afirma que a cidade tem uma longa história de planos e é usualmente referência nacional em matéria de regulação do desenvolvimento urbano. Em um centenário, Filho (2006) destaca alguns planos para a cidade, desde o Plano Geral de Melhoramentos de João Moreira Maciel, em 1914, até o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUa), no final de 1999<sup>18</sup>.

O Plano de Melhoramentos se insere neste conjunto de reformulações para quase todas as cidades que se pretendiam modernas na época. Filho (2006) avalia que “as propostas orientaram diretamente a modernização da cidade nos vinte anos seguintes, e indiretamente até hoje, pela permanência de suas diretrizes nos sucessivos planos que se seguiram” (2006, p.80). Em sua pesquisa, o autor continua o resgate histórico das modificações em Porto Alegre, como o *boom* imobiliário a partir da década de 1950 e o aumento no licenciamento de prédios e arranha-céus. Para o autor, a acumulação de projetos, ao longo do século XX, mostra uma acomodação de distintas formas, originárias dos sucessivos modelos adotados, convivendo em um mesmo tempo e espaço (FILHO, 2006). Diante das transformações no período analisado por Filho (2006), o bonde elétrico é um elemento que traduz os sonhos dessa sociedade e deve ser pensado dentro dessa cidade ideal no período moderno.

A circulação de Porto Alegre teve investimentos com a implantação de novas linhas do bonde elétrico, após a assinatura do contrato com a Companhia Força e Luz em 1906 para

---

<sup>18</sup>São eles: Plano Geral de Melhoramentos (1914); contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre (Ubatuba de Faria e Edvaldo Paiva, de 1936-1938); Plano de Urbanização (administração de Loureiro da Silva, de 1937-1943), representado pelos estudos e Anteprojeto do Plano Diretor de Porto Alegre de Arnaldo Gladosch (1938-1944, também conhecido como Plano Gladosch) e Expediente Urbano de Porto Alegre (coordenado por Edvaldo Paiva em 1942); Anteprojeto de Planificação de Porto Alegre de acordo com os princípios preconizados pela Carta de Atenas em 1951, de Edvaldo Paiva e Demétrio Ribeiro; Plano Diretor de 1954; Plano Diretor de Porto Alegre de 1959 (consolidado em 1961, modificado em 1966 e substituído em 1979), substituído em 1999 pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), com vigência a partir de março de 2000 (FILHO, 2006).



a instalação dos serviços de tração elétrica nos bondes. Filho (2006) avalia que o novo sistema de transporte era um dos serviços públicos mais lucrativos do início do século e atraía capitais externos, pois com uma concessão de 40 anos, a empresa obrigava-se à implantação de 10 linhas com 37 carros. O sistema passou de 12 milhões de passageiros, em 1912, ao dobro, em 1922. Já os novos equipamentos públicos deveriam atender aos emergentes padrões de consumo urbano e às práticas sociais associadas à modernidade, como a construção de um teatro-circo e um quiosque-bar na Praça XV, centro da cidade.

Se aproximarmos a chegada do bonde à construção do metrô, nos dias atuais, encontraremos muitos pontos em comum. O bonde foi sonhado e provocou reações na sociedade por tratar-se de um transporte “moderno”. Depois de sua instalação e adaptação na cidade, perdeu seu encanto e tornou-se obsoleto com o surgimento de outros meios de transporte. Já o metrô, nos primeiros anos de 2000, ainda nem entrou em funcionamento, mas, mesmo que localizado no nível dos sonhos, é idealizado e apoiado por alguns jornais locais; causa fascínio e está ligado ao imaginário midiático da cidade neste tempo específico. Conforme Filho (2006), há uma dificuldade de tirar o “sonho” do papel e tornar Porto Alegre, idealizada nos planos, a cidade real, de uma real vivência entre seus habitantes. Neste sentido, esse trabalho se mostra relevante pois faz pensar, através da analogia, os contrastes entre as cidades real e ideal.

Ainda dentro da abordagem “Imaginário de Porto Alegre”, destacamos a pesquisa na área da Comunicação de Pottier<sup>19</sup> (2009), que dá ênfase às experiências sociais, triviais, do cotidiano, como componentes expressivos do imaginário da cidade. Para tanto, o autor busca o que torna a cidade diferente em relação a outras regiões do país, seja pela política, localização geográfica e música. Pottier (2009) lembra de um filme de 2005 do cineasta Cédric Klapisch chamado *Les poupées russes*, em que a heroína é uma jovem que vai a Porto Alegre durante o Fórum Social Mundial (FSM) e volta fascinada pelos ideais discutidos no evento. Para Pottier (2009), a cidade, até então desconhecida internacionalmente, ganha projeção através da realização do Fórum Social Mundial nos anos de 2001, 2002, 2003 e 2005. No imaginário urbano, reforça-se a ideia de uma cidade alternativa, que luta por um outro mundo:

Os porto-alegrenses experimentaram isso com prazer, e restam as histórias dessas semanas em que poderiam cruzar uma multidão heterogênea em ruas e bares.

---

<sup>19</sup>“Porto Alegre: cidade imaginária: socialidade, mitos e comunicação em um Brasil pós-moderno”. A tradução é nossa, já que o estudo de Pottier (2009) foi escrito em francês.

Permanece acima de tudo uma certa ideia de democracia participativa associado ao imaginário do FSM, como uma política alternativa (2009, p.139).

O autor chama a atenção para a cultura da diferença que se perpetua no imaginário do Estado e da cidade a partir de experiências como o FSM e o Orçamento Participativo. Pottier (2009) resgata os imaginários fundadores da capital gaúcha e os confronta com os imaginários do Brasil. Ressalta a importância dos imaginários cotidianos, da festa, para reforçar a cultura da diferença. Essa diferença está na música, com o *rock*, que representa o imaginário festivo, diferentemente do restante do país (samba). A localização geográfica também reforça essa cultura de uma cidade e Estado diferentes, pois estão mais próximos de países como Uruguai e Argentina. Diante desses paradoxos e diferenças, o autor arrisca dizer que Porto Alegre seria então a cidade mais brasileira do Brasil, porque é a mais diferenciada:

Porto Alegre veicula imaginários fortes, e contraditórios, cidade, urbana, metrópole representando sua região, o Rio Grande do Sul, região fronteiriça, tradicionalista, mas também região progressista, em luta com um Brasil afro-brasileiro de candomblé, de samba, de praias (POTTIER, 2009, p.228).

A tese de Pottier (2009) contribui para atualizar o imaginário da cidade em tempos mais recentes. O autor levanta aspectos que são muitas vezes deixados de lado nas pesquisas científicas, lançando o olhar para a vivência, a experiência e o cotidiano. O trabalho é uma espécie de impressão de Porto Alegre, a partir da visão de um estrangeiro, e traduz o imaginário em um tempo específico.

Na terceira abordagem, “Copa do Mundo Porto Alegre”, foram encontradas sete pesquisas<sup>20</sup> em áreas do conhecimento como Administração, Educação Física, Letras, Arquitetura e Comunicação. As teses e dissertações encontradas nesta abordagem nos permitirão ter um panorama mais amplo das alterações no cenário urbano para o período que antecedeu a Copa. Vale lembrar que as pesquisas se localizam em áreas distintas da Comunicação. Dois trabalhos na área: um está interessado na relação entre política e mídia e o outro, na relação em discurso jornalístico e a defesa do meio ambiente.

Echeverria (2010) estuda como e com que destaque a preparação para o megaevento esportivo em Porto Alegre ocupou espaços em três jornais locais: Correio do Povo, Jornal do Comércio e Zero Hora. A autora escolhe um recorte temporal próximo ao de minha tese, que

---

<sup>20</sup>São as pesquisas de Martins (2011), Magno (2014), Freitas (2012), Oliveira (2013), Xavier (2013), Echeverria (2010) e Steigleder (2015).

é a escolha de Porto Alegre como sede da Copa, focando em seis assuntos trabalhados pela assessoria de comunicação da prefeitura e encaminhados, por meio de releases e matérias, aos veículos de comunicação da capital: inspeção da FIFA em Porto Alegre (janeiro de 2009); projeto de duplicação da Avenida Beira-Rio e homenagem à Ricardo Teixeira (abril de 2009); visita à CBF e anúncio das cidades-sede (maio de 2009); assinatura dos recursos para obras de mobilidade urbana e início das obras do Estádio Beira-Rio (julho de 2010); duplicação de trecho da Avenida Voluntários da Pátria (setembro de 2010); reforma do Túnel da Conceição (setembro de 2010). A autora propõe o exercício de analisar o *release* divulgado pela assessoria de imprensa da prefeitura e o que foi veiculado na mídia. A pesquisa merece atenção especial, porém vale destacar que nosso interesse não é o discurso político, mas sim o discurso jornalístico sobre determinados projetos em Porto Alegre. Outra diferença que precisa ser demarcada entre nossas pesquisas é o fato de que Echeverria (2010) utiliza os embasamentos teóricos do agendamento e do enquadramento, enquanto minha tese discute o imaginário de Porto Alegre e o papel das tecnologias do imaginário neste contexto de transformações urbanas.

A segunda pesquisa na área da Comunicação que se aproxima é a de Steigleder (2015), que discute o discurso jornalístico de Zero Hora sobre as obras viárias da Copa em Porto Alegre, observando como o jornal aborda o tema ambiental em meio a essas transformações. A autora analisa os protestos contra a derrubada de árvores e faz uma analogia com outros episódios de proteção ambiental ocorridos na cidade. Como *corpus*, detém-se nas reportagens publicadas em Zero Hora entre fevereiro e julho de 2013. Como conclusão, a autora aponta que o discurso jornalístico se alinhou com o discurso oficial, que considerava inquestionável a agilidade na preparação para a Copa do Mundo e pedia prioridade às obras ante ao debate com a população. Desta forma, o jornal participou ativamente de uma ampla defesa da manutenção do cronograma de obras viárias da cidade, afirma Steigleder (2005): “O discurso jornalístico de Zero Hora distanciou-se da cobertura plural e educativa defendida pelo jornalismo ambiental” (2015, p.126). Um ponto a destacar é que, tanto minha pesquisa quanto a de Steigleder (2015), enfocam no discurso jornalístico de Zero Hora sobre as obras. Porém o recorte temporal e o viés escolhido são diferentes. A autora não entra na discussão sobre as obras e o imaginário de Porto Alegre. É neste ponto que as duas pesquisas se separam porque propõem olhares singulares a Porto Alegre da Copa.

Diante dessa lacuna encontrada no estado da arte das produções científicas nacionais, ressaltamos aqui a importância desta tese, considerando que o contexto de mudanças em Porto

Alegre implica formas simbólicas singulares de pensar e de imaginar a cidade. Estas formas, por sua vez, incorporadas na representação da cidade pelo jornalismo, podem passar a existir no imaginário urbano.

### **Estrutura da tese**

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O segundo capítulo traz uma sistematização dos trabalhos que problematizam as noções de sonho e de imaginário, ancorados no diálogo com estudos dos campos da psicanálise, da antropologia, da filosofia e da sociologia. Sonho e imaginário fazem parte do mundo da realidade – a realidade é o motor que os mantém acesos, presentes no cotidiano. Neste capítulo, também desenvolvo a relação entre imaginário urbano e megaevento esportivo. Eventos como a Copa do Mundo são, além de oportunidade de atrair investimentos, um momento simbólico ímpar de sonhar com a cidade e suas transformações. No final desta segunda parte, contextualizo a trajetória de megaeventos esportivos no Brasil e a escolha de Porto Alegre como sede do Mundial de 2014.

O terceiro capítulo da tese parte da discussão da construção da realidade como uma premissa da atividade jornalística, expondo sua relação com o mundo da vida cotidiana e as múltiplas realidades com as quais o jornalismo está submetido – incluindo aí o mundo dos sonhos. Este capítulo também se debruça em pensar a atividade jornalística e o jornal impresso enquanto tecnologias do imaginário, revelando suas características e os principais efeitos desse discurso, que nos permitem ver o acionamento do sonho como eixo produtor de sentidos. O quarto capítulo é dedicado ao percurso metodológico da tese, apresentando o jornal Zero Hora enquanto objeto empírico de pesquisa, o estudo de sentidos a partir dos preceitos da Análise de Discurso (AD), bem como a construção do *corpus* e os procedimentos de análise.

O quinto capítulo é dedicado à análise empírica das reportagens e está subdividido em três etapas. O objetivo é mostrar de que forma o jornal configura o imaginário de Porto Alegre tendo a Copa do Mundo de 2014 como data norteadora das matérias. O Mundial é também o prazo para obras urbanas como o cais do porto e o metrô, enfoques da parte empírica da tese. Este capítulo comprova a hipótese da tese, mostrando como Zero Hora aciona o mundo dos sonhos como eixo produtor de sentidos em sua construção discursiva. Neste contexto, sugiro que enquanto a Copa em Porto Alegre é o tempo desse mundo dos sonhos criado em Zero

Hora, o metrô e o cais do porto são os símbolos desse novo tempo de obras urbanas. Por fim, trago as considerações finais desta tese.

## 2 SONHO

Sonhar não custa nada  
 O meu sonho é tão real  
 Mergulhei nessa magia  
 Era tudo que eu queria  
 Para esse carnaval  
 (Paulinho Mocidade)

Neste capítulo, estabeleço o percurso argumentativo da hipótese central deste trabalho, que entende o sonho como um mecanismo acionado pelo discurso jornalístico para imaginar a cidade. Adentrar no mundo dos sonhos é rumar para outras áreas de conhecimento, por isso, dialogo com a psicanálise (FREUD, 1987). A sociologia (SCHÜTZ, 1955) também contribui para entendermos a problemática da realidade social, quando confrontada com o mundo dos sonhos. A partir dessa e de outras leituras, escolho me filiar à ideia de que os sonhos estão contidos no manancial de sentidos do imaginário e não se opõem à realidade. O imaginário é a realidade. A compreensão da noção de imaginário será feita a partir de um olhar transdisciplinar. Como disse o sociólogo e antropólogo francês Gilbert Durand (1996), o imaginário é o lugar do “entre-saberes”. Em seguida, tomando como base a afirmação de que o imaginário é o estado de espírito de um tempo, de Maffesoli (2001), disserto sobre o imaginário das cidades modernas e pós-modernas, culminando com o surgimento de megaeventos esportivos. Cabe perceber os momentos de sonhar com a cidade e quais as ideias hegemônicas que nortearam o conteúdo desses sonhos, especialmente a partir do século XX, que marcou a transformação de metrópoles mundiais e inspirou mudanças em Porto Alegre. O intuito desse resgate histórico é possibilitar a compreensão do imaginário urbano expresso historicamente nos discursos e da Copa do Mundo de 2014 como um articulador de sentidos para a cidade de Porto Alegre.

### 2.1 ASPECTOS DO SONHO

Sabe aquele sonho tão marcante que, por um momento, você acredita que tenha sido uma experiência real, até lembrar-se de que foi *só* um sonho? Até lembrarmos de que esta experiência não foi, de fato, real, há uma confusão entre os limites da realidade, da ilusão, da

verdade, da mentira. O que é verdade e o que é mentira nessa experiência? Considero esta questão um beco sem saída. Quero assim ressaltar que minha missão, diferentemente de enveredar para o debate entre o real e o irreal, é apontar que há espaço para tudo no imaginário, incluindo a experiência do sonho.

O objetivo desta seção não é fazer uma revisão extensiva sobre os estudos do sonho, explorando todos os seus aspectos ou apontando todas as suas dissonâncias. Estamos em um campo interdisciplinar, portanto, deixo essa missão para pesquisas em outras áreas. Cabe ainda ressaltar que falar em sonho - e não em utopia, por exemplo - já representa uma escolha teórica. Utopia é um lugar que não existe. O sonho se aproxima mais da realidade, por seu potencial em ser concretizado. Outro motivo para esta escolha é que o termo “sonho” é bastante usado no jornalismo, enquanto pouco se fala em “utopia”.

Feitas essas ressalvas, avanço na questão: o que é o sonho?

Para elucidar esse assunto, trago alguns pontos de “A interpretação dos sonhos”, de Sigmund Freud. Para o criador da psicanálise, os sonhos têm um sentido e é possível ter um método científico para interpretá-los. Freud (1987) faz um resgate de algumas discussões sobre os sonhos, começando por Aristóteles. Para o filósofo grego, os sonhos ampliam os pequenos estímulos que surgem durante o sono. Assim, sonhamos estar caminhando no meio do fogo e sentimos um calor enorme, quando há apenas um pequeno aquecimento em certas partes. Freud (1987) também destaca os estudos do fisiólogo Burdach, que relaciona os sonhos ao intuito de nos libertarmos da vida cotidiana. Para este autor, o sonho entra em sintonia com nosso estado de espírito e representa a realidade em símbolos. No entanto, essa discussão sobre a relação entre vida onírica e vida de vigília é contraditória: outros autores vão contrapor a crença de que os sonhos rompem com o mundo da vigília. Estudiosos como Haffner afirmam que, em vez de nos libertarem da vida comum, os sonhos dão prosseguimento à vida de vigília, pois há um fio que os liga às experiências da véspera. Neste levantamento histórico, Freud (1987) lembra ainda que filósofos como Maass já disseram que as paixões têm influência na formação dos sonhos. As coisas em que se centralizam nossas paixões têm maior chance de estarem presentes na vida onírica. Outro autor que ganha destaque é Hildebrandt, para quem os sonhos nunca poderiam libertar-se completamente do mundo dos sentidos: o que quer que eles ofereçam é retirado da realidade. O elo entre os sonhos e a vida jamais pode ser descartado: “os homens sonham com aquilo que fazem durante o dia e com o que lhes interessa enquanto estão acordados” (FREUD, 1987, p.75).

Para finalizar as principais ideias na obra de Freud (1987) sobre a interpretação dos sonhos, é importante destacar ainda dois aspectos que são fundamentais para a compreensão desta tese. O primeiro é a presença da memória no sonho. Para Freud (1987), a aparição de experiências passadas é frequente no sonho. A memória está presente nas lembranças que o sujeito, em estado de vigília, não está ciente de possuir, mas que no sonho se manifestam. O segundo ponto é a constatação de que o sonho é também a realização de um desejo. A escassez de algo se manifesta de forma imediata no sonho. O clássico exemplo de sonhar que estamos bebendo água, porque dormimos com sede, ilustra bem esse ponto: “Esse sonho simples é ocasionado pela sede da qual me conscientizo ao acordar. A sede dá origem a um desejo de beber, e o sonho me mostra esse desejo realizado” (1987, p.158).

Ainda sobre a teoria freudiana, é importante salientar que o próprio autor não desconsidera a complexidade do tema e a precariedade desse exercício ao qual ele mesmo se propõe. Como Freud observou, uma pessoa não consegue interpretar os sonhos de outra pessoa, a menos que quem sonhou revele seus pensamentos inconscientes que estão detrás do conteúdo de seus sonhos. Cabe ainda lembrar que essa teoria dos sonhos tem sido bastante contestada em alguns aspectos, como a afirmativa de que desejos seriam os instigadores de todos os sonhos. Cheniaux (2006) pontua que, para alguns autores, os sonhos refletiriam não só desejos, mas também a atividade mental como um todo e teriam inúmeras outras funções, como a solução de problemas, a criatividade e o autoconhecimento. No entanto, é preciso destacar que os sonhos que analiso são de outra natureza e complexidade. Não trato, nesta pesquisa, desse sonho ligado à atividade psíquica, cerebral, mental, das pessoas comuns; não é esse o tipo de sonho que me interessa. O sonho é tomado nesta tese como conteúdo do jornalismo, que, na minha concepção, propõe o ato coletivo de imaginar e sonhar a cidade. Portanto, ressalto que as obras que tratam do sonho (até aqui apresentadas) têm suas limitações óbvias. É apenas o início de uma discussão que se intensifica a partir da apresentação das noções de imaginário e abarca ainda os mundos do sonho e da vida cotidiana.

Freud (1987) percebeu que havia algo de intraduzível no ato de sonhar. Reflexo das próprias contradições do ser humano:

O sonho contempla o mundo à luz de um estranho idealismo e, muitas vezes, realça os efeitos do que vê pela profunda compreensão de sua natureza essencial. Retrata a beleza terrena ante nossos olhos num esplendor verdadeiramente celestial e reveste a dignidade com a mais alta majestade; mostra-nos nossos temores cotidianos da mais aterradora forma e converte nosso divertimento em chistes de uma pungência indescritível. E algumas vezes, quando estamos acordados e ainda sob pleno



impacto de uma experiência como essa, não podemos deixar de sentir que jamais em nossa vida o mundo real nos ofereceu algo que lhe fosse equivalente (FREUD, 1987, p.98).

Com essa citação de Freud (1987), quero chamar a atenção para a natureza do mundo do sonho, cuja experiência em muitos aspectos se distancia da vida cotidiana e até se opõe a ela. No entanto, por mais distante da realidade que possam parecer, há sonhos tão marcantes que estão ali, como se algum dia tivéssemos experimentado tais experiências no nível consciente. Em relação a isso, pretendo avançar posteriormente nesta tese na ideia de que há sonhos construídos pela mídia que estão tão presentes que, em alguns momentos, podem se confundir com a realidade. Uma pergunta me inquieta: o que nos possibilita distinguir ao certo o que foi um sonho e o que foi uma experiência vivida?

Para compreender essa multiplicidade de realidades (mundo dos sonhos, mundo da vida cotidiana), a transdisciplinariedade me permite buscar conhecimento na área da sociologia, que discute a problemática da realidade social. O filósofo e sociólogo austríaco Alfred Schütz trata dos diferentes mundos que se apresentam na realidade social e que temos que lidar diariamente. Para isso, Schütz (1955) resgata a narrativa criada por Miguel de Cervantes em “Dom Quixote de La Mancha”. O autor observa que muitos aspectos das aventuras contadas no livro são variações do modo como experimentamos a realidade. Cabe aqui lembrar que essas ideias do protagonista surgiram a partir da leitura de livros do mundo da cavalaria. Os sentidos partilhados nas obras de ficção levaram Dom Quixote a devaneios em sua interação com a realidade. Neste sentido, a noção de que há um mundo dos sonhos construído e vivido por Dom Quixote é fundamental para a minha hipótese, ancorada nas discussões sobre a comunicação e o mundo dos sonhos.

Um dos princípios destacados por Schütz (1955), a partir das contribuições de William James, é o da coerência, fator determinante para que narrativas sejam aceitas como reais. O autor afirma que qualquer objeto que se apresenta sem contradição é imediatamente aceito como realidade absoluta. Neste contexto, a história de Dom Quixote serve para que Schütz (1955) inicie a discussão sobre o problema das realidades múltiplas. Muitos aspectos das aventuras do protagonista são variações cuidadosamente elaboradas do modo como experimentamos a realidade. A questão é compreender como Dom Quixote outorga uma dimensão de realidade à fantasia. Para se referir a este número considerável de ordens de realidades, o filósofo James utilizou o conceito de sub-universos: entre eles, encontra-se o

mundo dos sentidos ou das “coisas físicas”; o mundo da ciência; das relações ideais; dos mundos sobrenaturais, tais como céu e o inferno cristãos; os numerosos mundos da opinião individual; os mundos da pura ociosidade e loucura. Cada um desses mundos, enquanto desperta nossa atenção, é real ao seu próprio modo. Para James, a origem e a fonte de toda realidade sempre está em nós mesmos. Ao dar continuidade a essa discussão, Schütz (1955) prefere falar que há províncias de significado finitas no mundo da vida, às quais conferimos um grau de realidade. O autor explica que todas as experiências que pertencem a uma província finita de sentido apontam para um estilo particular de vivência.

Ancorado no romance de Cervantes, Schütz (1955) afirma que o mundo da cavalaria é um sub-universo fechado ao qual o protagonista atribuía dimensão de realidade. O autor levanta o questionamento: como se explica que Dom Quixote possa continuar conferindo valor à realidade, a seu sub-universo de fantasia, se há conflito com a realidade preponderante, na qual não existem castelos, exércitos nem gigantes, mas tão somente estalagens, rebanhos de carneiros e moinhos de vento? Schütz acredita que cada detalhe que os livros traziam contribuía para dar essa dimensão de real ao mundo da cavalaria. Informações da família, do tempo, do lugar e da ação dos cavaleiros, documentos e relatos fidedignos mudaram a percepção de Dom Quixote:

Baseado nestes dados, Dom Quixote pode descrever o Amadís de Gaula com todas as suas características e ações, de tal maneira que poderia dizer tê-lo visto com seus próprios olhos. Ele chama isso de uma ‘verdade certa’ sobre a sua existência. Além disso, é possível que livros impressos com licença real mintam? E como podemos duvidar que os gigantes tenham existência real? (SCHÜTZ, 1955, p.314).

Esse trabalho de conferir existência aos gigantes, dando um sentido de realidade ao mundo da cavalaria, é facilitado por amigos e inimigos de Dom Quixote. São os encantadores, ou motivadores, que buscam reconciliar os esquemas contraditórios de interpretação e transpor a ordem do reino da fantasia ao da experiência do sentido comum. A função dos encantadores é garantir a coexistência e compatibilidade de vários sub-universos de significação referentes às mesmas coisas e de assegurar a persistência da dimensão de realidade outorgada a quaisquer desses sub-universos. Nada deve permanecer contraditório ou inexplicado. É com esse esforço que gigantes são transformados em moinhos de vento: “Os encantadores podem, portanto, transformar todas as coisas e mudar sua forma. Mas o que eles transformam é o modo de interpretação que é válido em outro sub-universo” (1955, p.315).

O romance traz ainda o personagem Sancho Pança que, para Schütz (1955), é o representante do pensamento cotidiano ao estabelecer com o companheiro um sub-universo de

comunicação. O escudeiro passa então a aceitar o esquema de interpretação de seu companheiro, tornando o encantamento algo possível em sua realidade. É neste exercício que cavaleiro e escudeiro aproximam-se em um mesmo sub-universo de significação. É emblemática a experiência dos dois quando navegam em um barco. Enquanto Sancho não acreditava que eles tinham saído do lugar, Dom Quixote insistia que seu companheiro não sabia das leis científicas, solstícios e linhas do equinócio. A lei é invalidada por um acontecimento contraditório e precisa ser substituída por outra melhor fundamentada. Schütz (1955) assim explica que o sub-universo fechado da realidade científica, mesmo que diferente do sub-universo de sentido comum da vida cotidiana, também está atado ao processo de verificação empírica dentro do mundo do sentido comum no qual vivemos e que tomamos como nossa realidade primordial.

Outras experiências dos protagonistas de Cervantes nos levam ao problema da ilusão, da percepção e da intersubjetividade como elementos constitutivos da realidade. É relevante mencionar ainda o capítulo que descreve a viagem no cavalo de madeira Clavileño. O duque e a duquesa criam um mundo de ficção para tornar a aventura dos protagonistas extraordinária. A proposta era viajar pelos céus em um cavalo de madeira para até um reino distante onde salvariam uma princesa em apuros. Sancho Pança e Dom Quixote vendam os olhos e embarcam no que seria uma viagem. Enquanto alguns gritavam que estavam alcançando alturas impressionantes, Dom Quixote desconfiava: não poderia estar ouvindo vozes se realmente estivesse voando alto. O calor, o vento foram detalhes fabricados para proporcionar aquela experiência. Quando questionado, Sancho contou que alcançou a constelação celestial de Capricórnio. Dom Quixote, desacreditado da experiência, apesar de todos os detalhes, diz que seu companheiro sonhou a experiência, pois não foi real. Na avaliação de Schütz (1955), esse se torna o grande ponto de discussão sobre a dialética intersubjetiva da realidade na obra de Cervantes. A experiência intersubjetiva, a comunicação, a participação em algo comum, pressupõem a fé na veracidade do outro, mas também implica em outro aspecto: “o outro dá como certo que eu também tenho a faculdade de determinar o que é o meu sonho, a minha fantasia e a minha vida real” (1955, p.328). Os sonhos de Dom Quixote terminam em tom decepcionante, na medida em que o personagem percebe que confundiu sub-universos e comprometeu a verdade.

## 2.2 SONHO E O IMAGINÁRIO

Até aqui, falei das distinções do mundo do sonho e do mundo da vida cotidiana, dois labirintos por onde transitam as experiências humanas. Agora, pretendo deslocar a discussão para a compreensão do imaginário, que apresenta diversos elementos; um deles certamente é o do sonho. É essa relação que busco estabelecer. Pesavento (1995) define o imaginário enquanto um campo portador dos sonhos da coletividade e, neste contexto, precisamos estar atentos às possibilidades de manipulação: “Não se pode esquecer que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, normatizando condutas e pautando perfis adequados ao sistema” (1995, p.23).

As considerações de Michel Maffesoli sobre imaginário e sonho são também fundamentais, pois resgatam a importância do imaginário nas sociedades e orientam minha tese. Minha missão é ir além do que o sociólogo francês chama de atitude reducionista, herança de um pensamento positivista e racionalismo ocidental. Tenho como objetivo a descrição da vida social a partir da mistura do inteligível e do sensível. Essa é a essência da Sociologia Compreensiva, linha de pesquisa que busca reintroduzir na análise social dimensões míticas e imaginárias deixadas de lado no período moderno. Com o alargamento da noção de ciência e de quais assuntos podem ser estudados, sinto-me à vontade para falar em sonhos nesta pesquisa. Os sonhos acompanham gerações. Sociedades podem ser representadas a partir de seus desejos, suas nostalgias, seus projetos. Com o tempo, essas representações são ultrapassadas e cedem lugar a outros imaginários (MAFFESOLI, 1985). A captura desse momento, desse instante, me interessa: perceber que um sonho um dia nasceu, se reproduziu, foi contado em diferentes narrativas e existiu no imaginário (e, portanto, na realidade). O sociólogo francês defende que a sociologia traga de volta elementos do imaginário e do cotidiano, deixados de lado pelo positivismo, e sugere que se dê mais atenção à vida cotidiana. A tarefa do pesquisador, dentro dessa perspectiva, é observar o cotidiano (no qual o pesquisador está inscrito) e tentar captar algo de sua essência, sem a pretensão de obter a verdade positivista. O sociólogo nos lembra que mais vale saber articular as “verdades locais (em todos os sentidos do termo), permitindo que nos situemos no presente” (MAFFESOLI, 1985, p.79).

Além de propor uma perspectiva de análise, o autor também dedicou grande parte de suas obras para esclarecer a noção de imaginário. Silva (2003) observa que Maffesoli trouxe a questão para um campo semântico mais geral, compatível com os múltiplos sentidos

atribuídos ao termo. Em seu conjunto de obras, o sociólogo francês esclarece que o imaginário é uma aura, uma energia, uma atmosfera que se pode sentir, mas não se vê. Em entrevista, ele acrescenta que o imaginário só é possível dentro de uma coletividade.

O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual (SILVA, 2001, p.76).

Na concepção do sociólogo, o imaginário liga, é um cimento que concretiza a realidade: não está descolado dela. Com o exemplo do imaginário de Paris, o autor afirma que não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens:

Há um imaginário parisiense que gera uma forma particular de pensar a arquitetura, os jardins públicos, a decoração das casas, a arrumação dos restaurantes, etc. O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens (SILVA, 2001, p.76).

Compreender que o imaginário está totalmente ligado à realidade, conforme afirma Maffesoli, é também deixar de lado a discussão sobre os limites entre o que é real e o que é imaginário. Deve-se ir além disso, o que Pesavento (1995) chama de diálogo platônico. A historiadora reforça a importância de ter como objeto de pesquisa não somente as coisas concretas, mas também aquilo que foi pensado ou mesmo o que se desejou que acontecesse em uma dada sociedade. Sonhos e realidade estão bem próximos: “Entende-se que o real e o fantástico manejam com dados reais, transformados e adaptados em combinações várias. A própria potência criadora do imaginário não é concebida num vazio de ideias, coisas ou sensações” (PESAVENTO, 1995, p.22). Considero algumas definições, ligadas ao sentido da visão, interessantes para entender o papel do simbólico em nossa vida. Já disse Silva (2010) que o imaginário é um véu que recobre a realidade; para Pesavento (1995), é uma espécie de decalagem que afeta nosso olhar para o mundo:

O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Mas imagens e discursos sobre o real não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho. Há uma *décalage* entre a concretude das condições objetivas e a representação que dela se faz (PESAVENTO, 1995, p.15).

Diante da impossibilidade de se ter expressões fidedignas da realidade, deve-se considerar que representações do real estão sempre em produção pelas sociedades, que passam a acreditar nelas como se fossem naturais. O resultado extremo desse processo de construção da realidade é conhecido como reificação e pretendo discuti-lo nos próximos capítulos. Por enquanto, interessa perceber que, ao longo dos anos, o imaginário tem formas de expressão. São símbolos e ritos fortemente presentes em discursos e representações que acabam por serem naturalizados socialmente. No entanto, a motivação de tais crenças sociais nem sempre está relacionada a fatores econômicos, como se desde sempre as sociedades humanas tivessem visado o crescimento de sua produção e de seu consumo. Esse é o pensamento central de Cornelius Castoriadis (1982), ao abordar o que chama de instituição imaginária da sociedade. O filósofo, economista e psicanalista francês afirma que as motivações são criações sociais variáveis, criticando o determinismo econômico de compreensão do mundo. Conforme o autor, quando a história se dedica a enfatizar que as necessidades dos homens sempre foram de ordem econômica, está se contando a história do capitalismo – e não a história dos homens, propriamente dita.

O autor entende que há uma articulação de significações que não pode ser reduzida a fatores racionais, naturais ou simbólicos – o que define como significações imaginárias:

O mundo social é cada vez constituído e articulado em função de um sistema de tais significações e essas significações existem, uma vez constituídas, na forma do que chamamos o imaginário efetivo (ou o imaginado). É só relativamente a essas significações que podemos compreender, tanto a ‘escolha’ que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a ‘funcionalidade’ (CASTORIADIS, 1982, p.177).

As significações imaginárias têm o papel de tentar responder as dúvidas existenciais de uma sociedade. Para Castoriadis (1982), nem a realidade nem a racionalidade podem fornecer tais respostas. Esses sistemas de significações imaginárias contribuem para determinar o que é certo e o que é errado em uma dada sociedade, classificando as escolhas a partir da valorização e desvalorização de objetos. Castoriadis (1982) também afirma que esquemas explicativos não dão conta de compreender a complexidade de aspectos políticos, econômicos, religiosos das sociedades. O autor chama a atenção para o fato de que as sociedades não percorrem uma trajetória calculável. Essa expectativa nada mais é do que uma herança dos esquemas da causalidade, da finalidade e da consequência lógica.

Tendo em vista as considerações de Castoriadis, posso agora enfatizar que meu interesse na tese é compreender os sonhos para Porto Alegre e traçar um panorama dessa sociedade descrita em narrativas jornalísticas. Entendo que esses sonhos, a partir da confirmação do Mundial na cidade, em alguns momentos se tornaram obsessões quando representados na mídia local. Como disse Durand (1996), toda narrativa, incluindo a histórica, inscreve-se num contexto imaginário específico.

Antes de chegar ao contexto da Copa do Mundo, no entanto, proponho o exercício de fazer um resgate histórico de momentos de transformação urbana de Porto Alegre, a fim de perceber os discursos sobre a cidade. Este exercício é norteado por três pressupostos: 1) todo imaginário é uma narrativa, um ponto de vista (SILVA, 2003); 2) é pela mediação dos discursos sobre a cidade que encontramos outra forma de chegar até ela (PESAVENTO, 1999). Os discursos (políticos, literários, midiáticos) permitem interpretar a cidade em diferentes momentos. Neste sentido, interessam todos os tipos de discurso. É essa a proposta da Sociologia Compreensiva: compreender as formas da vida social e apreciar todas as histórias, as justificações e as legitimações que, de maneira polifônica, constituem o discurso do social e dão um caráter ambivalente às representações; 3) o passado tem muito a dizer sobre os sonhos das sociedades.

Segundo Maffesoli (1985), para compreendermos o presente, é preciso compará-lo com os grandes momentos do passado, construindo uma leitura transversal - que é a essência do pensamento analógico. Assim, podemos entender nosso tempo, partindo da análise de fatos e gestos das sociedades passadas. Trazer esses acontecimentos para perto é minha intenção: “Certas pesquisas, sem deixarem de ser modernas, estampam as remanências e as reminiscências destes sonhos que, desde sempre, frequentaram o espírito humano” (1985, p.141). A partir do século XIX, o progresso foi uma das crenças dominantes no imaginário social, a partir de um discurso apoiado pela burguesia. Pesavento (1995) considera as ideias progressistas o grande mito e a maior crença daquele século, embalado pelos princípios filosóficos da evolução, pelo cientificismo, pelo esplendor da transformação burguesa das cidades. Segundo a historiadora, a manifestação do progresso expressou-se por ritos e discursos específicos, desde as exposições universais até os congressos científicos, chegando às remodelações urbanas de um Haussmann, na Europa, ou de Pereira Passos, no Rio de Janeiro.

Maffesoli (1985) concorda que o mito do progresso e o grande sonho socialista partem da dimensão do sagrado e ainda produzem efeitos em nossa sociedade, em uma nova

roupagem. O sociólogo francês caracteriza este fenômeno como “pseudomorfose”, quando uma forma arcaica serve de matriz a algo que se apresenta como novo. Elucidar este mecanismo pode contribuir para a compreensão da grande quantidade de histórias que representam as invenções, as novidades, as descobertas tecnológicas ao longo do tempo.

Nesta tarefa de olhar para trás, a Sociologia Compreensiva sugere que se perceba tudo o que constitua uma expressão local do discurso do social, sem que haja qualquer hierarquia ou valoração entre enunciação teórica, literatura, manifesto político ou promulgação religiosa:

É que cada um destes discursos constitui uma modulação específica deste discurso global que uma sociedade elabora para versar a si própria. A analogia é, assim, este método que, por um procedimento de comparação, serve como ligação entre múltiplas facetas de uma representação global (MAFFESOLI, 1985, p.147).

A ideia nesta tese é ligar dois momentos distintos em Porto Alegre: o início do século XX e do XXI. Devo ressaltar que estou ciente das profundas mudanças na capital gaúcha ao longo de um século. Portanto, é preciso deixar claro que não tenho a intenção de comparar dois momentos completamente distintos, mas sim visio resgatar essa trajetória histórica. Considero fundamental contextualizar a história da cidade, em especial um importante período de transformações urbanas, para assim problematizar o surgimento das metrópoles pós-modernas. Essa discussão também contribui para entender o papel que os megaeventos esportivos desempenham hoje nas grandes cidades. Minha proposta é voltar no tempo, para o início do século XX, tendo como cenário algumas cidades que buscaram o imaginário do progresso e da modernidade através de reformulações urbanas: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A ideia é encontrar os elementos que as aproximam e que as diferenciam nesta época específica. Através da analogia, perceberemos o que um dia se apresentou como novidade e provocou fascínio nestas sociedades.

### 2.3 A CIDADE MODERNA E O SONHO DO PROGRESSO

Há dificuldades para se precisar o momento de origem das primeiras cidades, no entanto, podemos afirmar que é um processo que remonta à Antiguidade. Segundo Sposito (1994), estudiosos são unânimes em apontar que terá sido provavelmente perto de 3.500 a.C., na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, o aparecimento das cidades, tendo surgido posteriormente no rio Nilo (3.100 a.C.), no vale do rio Indo (2.500 a.C.) e no rio Amarelo (1.550 a.C.). Em cada época, as cidades assumem diferentes papéis e significados para a sociedade que se desenvolvia: serviram a fins religiosos, políticos, econômicos, esportivos.



Até os dias de hoje, Roma e Atenas são exemplos de cidades com forte imaginário na política e no esporte, por exemplo. Entretanto, para compreender a cidade pós-moderna, que se transforma para abrigar megaeventos esportivos, encontramos semelhanças e diferenças com a cidade moderna do início do século XX. Nesse contexto, dois fenômenos são importantes: a urbanização e o capitalismo. O termo urbanização aqui será usado no sentido de aumento da população que vive nas cidades em relação à população total – ou seja, a diminuição da população rural (SPOSITO, 1994).

O êxodo rural primeiramente ocorreu na Inglaterra e se expandiu para países como Estados Unidos, França e Alemanha. Em países de industrialização tardia, esse processo só começou a partir do século XX, em especial a partir da Segunda Guerra Mundial, e se deu de forma acelerada – como no Brasil. Surgem grandes aglomerados urbanos onde se concentravam o capital e os meios de produção: as metrópoles. Era ali também, na Europa, que estavam os principais problemas: a cidade era a própria desordem.

Em 1830, a falta de condições sanitárias permitiu alastramento de surto de cólera. As cidades inglesas da primeira metade do século XIX não tinham desenvolvido um sistema de coleta de lixo, de redes de água e esgoto. A poluição, a insalubridade e a feiura refletiam as transformações do modo de produção capitalista, o que não ocorria somente em bairros pobres. Problemas que não eram das cidades, mas sim do modo de produção - e se manifestavam na cidade (SPOSITO, 1994). Giddens (1991) observa que uma das consequências da modernidade é justamente essa degradação da condição humana, através do modo como as pessoas foram forçadas a viver nas cidades: condições de trabalho e de moradia desumanas, pouco tempo para o descanso, salários indignos. O autor reforça que “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedente” (1991, p.14).

As descobertas da medicina, a partir do século XVIII, foram transferidas para a noção de cidade, idealizada pelos urbanistas europeus. Sennett (1997) faz aproximações entre o ideal de saúde na época e a cidade. O princípio de que o ato de deslocar-se ajudava a dessensibilizar o corpo foi aplicado às cidades. A ideia de transporte e circulação marcou este período:

No Iluminismo do século XVIII, elas [novas ideias] começaram a ser aplicadas aos centros urbanos. Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade de trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável. A

revolução médica parecia ter operado a troca de moralidade por saúde – e os engenheiros sociais, estabelecido a identidade entre saúde e locomoção/circulação. Estava criado o novo arquétipo da felicidade humana (1997, p.214).

Ainda de acordo com Sennett, partindo da ideia de necessidade de um corpo saudável, limpo e livre, o desenho urbano (nos projetos de arquitetura e urbanismo) também previa uma cidade que funcionasse dessa forma. A necessidade de limpeza, higienização e asseio, primeiramente sugerida para o corpo humano, se estendeu para a configuração da cidade. O desejo de facilitar as funções respiratórias e a circulação transformou o panorama das cidades e alterou os métodos de asseio pessoal. A partir de 1740, a limpeza urbana entra em ação nos grandes centros europeus: “as ruas tornaram-se mais limpas; abaixo delas, ‘veias’ urbanas substituíam bueiros rasos, carregando água suja e excrementos para novos canais de esgoto” (SENNETT, 1997, p.220).

A emergência das metrópoles europeias ocorre no bojo deste processo de higienização e circulação: ideais de um mundo moderno. Os avanços medicinais se fortalecem, ganhando espaço nas discussões de intelectuais e também dos pensadores do espaço urbano. A necessidade era sair dos escombros da “velha cidade”, que deveria com urgência ser demolida e reformada. No século XIX, Paris serviu de referência e inspiração para outras cidades que buscavam projeção, tornando-se a metáfora e a metonímia da modernidade e do desenvolvimento.

O responsável pelo projeto de uma “nova Paris” foi Georges-Eugène Haussman, que durante 17 anos esteve à frente desse planejamento. Em 1853, o advogado, funcionário público, político e administrador francês foi nomeado prefeito do departamento do Sena por Luis Napoleão III, com o título de barão. A ideia era transformar a cidade e romper com a concepção de uma Paris medieval, através da abertura de ruas, grandes avenidas, novas redes de transportes públicos, escolas, hospitais, colégios, quartéis e parques públicos. Haussmann também propôs uma nova estrutura administrativa, dividindo a cidade em 20 *arrondissements* (parcialmente autônomos) e *boulevards*. Novos serviços primários também foram instalados, como aquedutos, esgotos, iluminação a gás.

Meio século depois do início dessas transformações, a metrópole europeia ainda servia de inspiração para as cidades que buscavam se transformar em espaços modernos e inovadores. O urbanismo francês teve influência direta no Brasil e na América do Sul, como o Plano de Belo Horizonte, de Aarão Reis (1895), Pereira Passos no Rio de Janeiro (1902 e 1906), José Montauray de Aguiar Leitão em Porto Alegre (1914); o Plano Bouvard para o

Anhangabaú em São Paulo (1911); o Plano de Avenidas de Montevideú; e as intervenções urbanísticas de Buenos Aires na virada do século.

Se na Europa, a concepção de cidade medieval causava arrepios aos urbanistas, no Brasil o problema era a cidade colonial. A origem das cidades brasileiras foi determinada pelas atividades comerciais ou para atender às necessidades de defesa, em torno de fortes, enseadas e baías. A cidade colonial, como era chamada, foi consolidada no século XVI. Concentrada no litoral e voltando as costas ao interior, tinha ruas estreitas, casario baixo, traçado irregular de ruas. Transformar esses espaços seria como dar-lhes nova significação, a partir de medidas práticas como domar a natureza exuberante, a paisagem acidentada e o clima tropical. No pensamento elitista, essas mudanças estéticas urbanas acabariam se estendendo à cultura brasileira, pois solidificariam um padrão cultural condizente com a identidade sonhada.

O Rio de Janeiro foi transformado a partir de um projeto político de ações urbanísticas promovidas pelo prefeito Pereira Passos, a partir de 1902. Na prática, a reforma incluiu a demolição de morros, a abertura de túneis, a criação de uma linha de avenidas à beira-mar e a edificação de monumentais prédios. Ocorreu um processo de higienização do centro da cidade. Pobres e mendigos foram afastados com o intuito de eliminar a pobreza visível. A reforma implementada buscava transformar a “cidade real” (colonial, perigosa e suja, caótica, considerada ultrapassada pelas elites) na “cidade do desejo” (higiênica, linda e ordenada).

A representação provoca o efeito de “verdade”, e a “cidade imaginária” se sobrepõe à “cidade real”. Neste contexto de transformação, tomou-se o detalhe pelo todo e o “país ideal” pelo “país real”. O Rio se transformara numa cidade moderna e cosmopolita, nas palavras de Pesavento:

[...] se a reforma do Rio de Janeiro, promovida pelo prefeito ‘Chico Passos’, foi feita no intuito de construir uma *Paris-sur-mer* na sua vertente tropical, o distanciamento entre a intenção e o resultado não invalida a força da construção imaginária. Mesmo que, em termos práticos, a aproximação com Paris se reduzisse a alguns elementos isolados, como os *boulevards* ou a fachada eclética ou *art-nouveau* dos prédios da majestosa avenida Central, a vida urbana, em sua globalidade, era vivenciada como condizente com o *ethos* moderno (1999, p.161).

A transformação física do Rio foi exaltada em livros e filmes, que também repercutiam por sua vez no imaginário de uma cidade moderna. A passagem de escritores estrangeiros, logo após a reurbanização do Rio, originou crenças que se tornaram parte

constituente do perfil literário da cidade. Em 1913, a escritora francesa Jane Catulle-Mendès visitou a cidade e publicou o livro de poemas *A cidade maravilhosa* (*La ville merveilleuse*, em francês). Observa-se que a identificação de alguns elementos da modernidade do Rio foi estendida ao conjunto do país pela representação e seu efeito de verdade. Configura-se, pela credibilidade do imaginário, uma identidade global que aponta na direção desejada da civilização: “nos caminhos da representação, é possível passar da ‘Cidade Maravilhosa’ ao ‘país das maravilhas’, sem que a hipertransfiguração do real deixe de ser convincente” (PESAVENTO, 1999, p.159).

Essa vontade de modernização chegou a Porto Alegre, afirma Pesavento (1999), uma cidade cheia de particularidades e que, segundo a historiadora, nasceu para a história tardiamente em relação ao conjunto do país. O principal desafio era construir a ideia de modernidade urbana em uma província tradicionalmente rural e com forte identidade regional apoiada no campo. O primeiro chefe eleito de Porto Alegre José Montauray de Aguiar Leitão. Montauray assumiu o governo de 1897 a 1924 e iniciou uma série de obras na cidade. Os traços desse processo de crescimento podem sempre ser revividos através da leitura dos discursos sobre o espaço urbano.

Além dos planos urbanísticos, os jornais da época são importante fonte para conhecer a cidade, uma espécie de termômetro sobre as novidades que chegavam. Os impressos consideravam o porto e o bonde elétrico como marcas da renovação urbana. O bonde era entendido como o sinal de que Porto Alegre civilizava-se, dando a sensação de que a cidade era uma metrópole (PESAVENTO, 1999). Era, de fato, um elemento icônico da modernidade e do progresso, assim como o automóvel. No entanto, a chegada do transporte também foi satirizada em crônicas. Pesavento (1999) define essa postura de escritores e cronistas como uma “amargura provinciana” ou mesmo descrença no projeto alardeado como moderno. Segundo Pesavento (1999), o surgimento da cidade moderna colocou em cena toda uma série de novas representações, mobilizando imaginários coletivos sobre estes espaços.

Sobre este período, a historiadora destaca o papel das grandes exposições universais que ocorreram nas cidades, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Metrôpoles como Paris e Londres passaram por reformas para sediar essas exposições. No entanto, o embelezamento das cidades ocasionou a exclusão da população mais pobre e a exploração de trabalhadores das vultuosas obras. As exposições universais seguiram o modelo de um megaevento da modernidade. Foi na segunda metade do século XIX que essas exposições tiveram um caráter mais mundial, cosmopolita, voltado para as necessidades de

uma elite burguesa, urbana, sob a pretensão de se tornarem “espetáculos da modernidade” e “festas do progresso”. De fato, serviram de palco para congressos científicos e demonstrações públicas de novas invenções, como o telefone de Graham Bell, em 1876. Os eventos colocaram em relevo utopias do progresso sem fronteiras e da solidariedade e harmonia entre os povos (DA COSTA, 2008). Em comum, megaeventos esportivos e exposições universais se tornaram motores de transformação, cujas consequências são imprevisíveis. No caso das exposições universais, para citar alguns exemplos, deixaram como legado a Torre Eiffel em Paris e o Hotel Copacabana Palace no Rio (MOTTA, 1992; FREITAS, LINS E SANTOS, 2014; FORTUNA, 2010).

### 2.3.1 A Cidade Pós-Moderna: Sobre Sonhos e Pesadelos

O objetivo de resgatar as transformações urbanas ocidentais no início do século XX foi perceber que já houve momentos semelhantes de mudanças na cidade. Em um século, ocorre a passagem da modernidade para a pós-modernidade, que causou impactos físicos e simbólicos nas cidades. É pertinente ressaltar que a demarcação temporal e a titulação do que chamo de pós-modernidade geram controvérsias entre alguns pensadores. Na perspectiva de Giddens (1991), a modernidade se estenderia até a virada do século XX para o XXI, quando então entramos na alta modernidade; Bauman (2013) define este período como modernidade líquida; Marc Augé classifica como supermodernidade. Para Maffesoli, a pós-modernidade não se trata de um conceito; é uma palavra técnica que descreve o que está sendo elaborado depois da modernidade. É este o sentido adotado também nesta tese. De forma geral, trabalho com a noção de pós-modernidade enquanto uma série de mudanças ocorridas nas ciências e nas artes no final da década de 1950, quando, por convenção, se encerra o período moderno. Nasce com a arquitetura e a computação. As análises pós-modernas investem contra as noções clássicas de verdade, razão, objetividade, ideia de progresso ou emancipação universal.

Esse período compreendido como pós-modernidade coincide com a necessidade de repensar as cidades pelo mundo. Os modelos urbanos ocidentais atravessam o século XX tendo grande importância na definição de estilos de vida e de organização social. A diferença é que, agora, buscava-se romper com sua idealização: o crescimento e o progresso não traziam somente benefícios para todos. Essas são as questões que a modernidade havia deixado de lado e que a pós-modernidade buscava discutir novamente. No escopo do capitalismo e da globalização, as cidades passam a ter importância fundamental: tornam-se

lugares de acumulação de riquezas, mas também de reprodução da miséria<sup>21</sup>. Na visão do sociólogo Zygmunt Bauman (2013), estes são um dos maiores problemas do século XXI. O autor denuncia um fenômeno contemporâneo chamado por ele de “globalização da desigualdade”: o aumento das desigualdades sociais e do sofrimento humano. Ele também aponta que determinados grupos sociais são relegados à condição de colateralidade (marginalidade) e removibilidade, pois não são parte legítima na agenda política. O autor fala então de “dano colateral” (também título de um livro de Bauman) para chamar a atenção para a exclusão da opinião da população mais atingida quando se avaliam os custos de um empreendimento planejado e os riscos associados à sua execução: “as pessoas que se decidiram pela validade de assumir o risco não são as mesmas que sofreriam suas consequências” (2013, p.11). O termo colateral significa dizer que, se houver perdas, não são importantes o suficiente para justificar o custo de sua prevenção. Nas palavras de Bauman (2013), seriam um dano inesperado, na medida em que os eliminados não são dignos de serem incluídos no reconhecimento preparatório.

A população mais pobre dos bairros e ruas criminalizados estão mais suscetíveis a essa eliminação. O sociólogo traz como exemplo alguns grupos que se tornaram “candidatos” a danos colaterais, ou seja, as “vítimas colaterais”, como vítimas de operações policiais contra traficantes, de expedições militares contra terroristas e do furacão Katrina. Este fenômeno ocorrido em 2005 foi um dos mais avassaladores da história dos Estados Unidos, pois destruiu a região metropolitana de Nova Orleans e causou mais de mil mortes. O autor observa que a maioria dos atingidos pelo Katrina foram negros e pobres. Chama a atenção o fato de que, inicialmente, um furacão é um episódio aleatório, que não escolhe suas vítimas. Entretanto, houve uma eliminação nada “natural”, porque aqueles que não conseguiram sair a tempo eram justamente as pessoas sem condições financeiras.

Além da ameaça constante de exclusão social, o sociólogo Bauman (2008) também observa que a cidade começou a fugir do controle público, crescendo desordenadamente e tornando-se uma ameaça constante para seus próprios habitantes: ambiente de ansiedade, instabilidade dos empregos, violência, terrorismo internacional, falta de laços afetivos. O medo é a marca dos tempos contemporâneos. Por esse motivo, os ambientes fechados, como os *shopping centers*, os carros blindados e os condomínios de segurança, servem de refúgio. Beatriz Jaguaribe (2007) estuda essa realidade em cidades brasileiras como o Rio de Janeiro,

---

<sup>21</sup>O sociólogo britânico Giddens (1991) entende a economia capitalista mundial como uma das dimensões do fenômeno mais amplo que é a globalização, marcada pela intensificação das relações sociais em escala mundial, ligando localidades distintas, localizadas a milhas de distância.

onde as favelas representam o medo encarnado. Ao longo dos anos 1990, o Rio registrou episódios frequentes de violência envolvendo crimes, tráfico de drogas e chacinas contra meninos de rua. Favelas, subúrbios e morros foram apontados como eixos de irradiação do perigo. Há neste período uma escalada de crimes de violência policial na periferia da cidade. Essa conjuntura de desordem urbana acabou reforçando a ideia de que as localidades que concentram uma população em condições de miséria são lugares violentos. Os acontecimentos tiveram forte repercussão na mídia nacional e internacional, reforçando o imaginário do Rio como uma cidade violenta.

Jaguaribe (2007) afirma que as cidades contemporâneas são territórios minados pela presença de uma cultura do medo, disseminada não apenas pela comprovação empírica da ocorrência de crimes, como também por meio de notícias e de enredos de ficção em televisão, filmes e literatura. Traquina (1993) concorda que são diversas as possibilidades de formação do imaginário sobre uma cidade ou país. O turista, por exemplo, leva para casa suas próprias impressões - pessoais e subjetivas. Portanto, o autor considera que o imaginário urbano é moldado pelas notícias da imprensa, rádio, televisão, filmes de atualidades, pelas impressões, pelos contatos pessoais, pelas relações profissionais no estrangeiro, entre outras influências.

A ocorrência de episódios de violência dá origem a imaginários midiáticos, onde os perigos e as seduções da cidade são ingrediente principal da trama. Analisando o que ocorre na cidade do Rio, Jaguaribe (2007) chama esse fenômeno de espetacularização da violência: “os imaginários do risco e do medo, por sua vez, dependem da circulação das narrativas e imagens de violência e conflito social produzidas pela mídia visual e impressa (JAGUARIBE, 2007, p.107). O discurso jornalístico alimenta esse imaginário com informações, imagens e narrativas das cidades. Ao estudar o imaginário de Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre, Pesavento (1999) concorda que o imaginário é muito bem explorado pela mídia, que aposta nas suas facetas de sedução e de fantasia. É preciso ressaltar ainda o componente mercadológico que há por trás dessa exploração de características das cidades. Estado, mercado e empreendimentos midiáticos e turísticos trabalham conjuntamente para afinar esses discursos, projetando os espaços urbanos globalmente. Assim, as cidades são inundadas de crenças e mitos que não somente as interpretam, mas que também criam estratégias urbanas e pacotes de vendagem (JAGUARIBE, 2007).

Contrapondo-se à ideia de um mundo “negativamente globalizado”, o fenômeno do urbanismo globalizador prioriza os avanços econômicos, a interrupção do declínio populacional e os grandes projetos de reurbanização (BAUMAN, 2008; CANCLINI, 2003).

Desta necessidade, surge a ressignificação das cidades de caráter positivo. A realização de uma competição como a Copa do Mundo é uma estratégia mercadológica que chega para desviar a crença das cidades como lugares do medo. Os megaeventos esportivos contribuem para o surgimento de novas narrativas urbanas: uma cidade hospitaleira, que une nações através do futebol, etc. Diante das deficiências no processo de urbanização, no Brasil esses eventos são uma oportunidade única de mudança física e simbólica. Castoriadis (1982) estuda justamente o significado social desses momentos históricos que pretendem trazer algum tipo de transformação:

Existe, para cada sociedade, o que podemos denominar a qualidade do tempo como tal, o que o tempo ‘choca’ ou ‘prepara’, aquilo de que ‘está grávido’: tempo do Exílio para os judeus na Diáspora, tempo de sofrimento e de esperança para os cristãos, tempo de ‘progresso’ para os ocidentais (CASTORIADIS, 1982, p.248).

Nesta citação, Castoriadis (1982) quer dizer que o tempo não é algo neutro nem natural, mas uma ideia construída socialmente; ele pode “engravidar” ou “chocar” algo. Essa ideia me fez perceber que o período do Mundial também tem essa característica: rumo à Copa, Porto Alegre estava “prenhe” da crença do “padrão-FIFA” que eclodiria a partir de novos cenários urbanos. O Mundial foi o tempo de preparação para o futuro. Sobretudo, era tempo de sonhar.

Esses espetáculos esportivos, realizados geralmente em grandes cidades, tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento desses lugares. Têm como característica uma preestabelecida duração, grandiosidade em termos de público e envolvimento financeiro, além de serem atraentes para a mídia (DA COSTA, 2008). Os principais megaeventos do gênero esportivo são os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, de responsabilidade respectivamente de duas organizações esportivas: o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA). A Copa é a maior competição internacional de um único esporte, disputada pelas seleções masculinas principais das 208 federações afiliadas. A competição é realizada a cada quatro anos, desde a edição inaugural em 1930, à exceção de 1942 e 1946, quando não ocorreu em função da Segunda Guerra Mundial. Os Jogos Olímpicos (JO)<sup>22</sup> também ocorrem a cada quatro anos e são ainda mais

---

<sup>22</sup>JO é uma abreviatura que será usada neste trabalho. Quando se aborda o termo Jogos Olímpicos, cogita-se tanto os Jogos de Verão, como os de Inverno e os Paraolímpicos.



antigos: sua versão moderna foi idealizada pelo Barão Pierre de Coubertin e iniciou em 1896, em Atenas, na Grécia. Houve algumas interrupções, como também aconteceu no Mundial<sup>23</sup>.

Os megaeventos esportivos, de forma geral, adquirem tal importância que são incluídos no planejamento estratégico<sup>24</sup> das cidades. A ideia de promover a reestruturação urbana para a Copa ou Olimpíadas torna-se um dos fascínios que promove a disputa para a obtenção do direito de sediar. Da Costa (2008) observa que os megaeventos, no Brasil, são marcas que pontuam a narrativa da cidade e o desenvolvimento do país. Para centros urbanos menos desenvolvidos, a Copa se torna então uma oportunidade única de transformar o espaço urbano através da mobilização de esforços e recursos que não seriam disponibilizados ou que demandariam um período muito longo para se concretizarem.

As transformações físicas na cidade que sedia um megaevento esportivo contribuem para reforçar um imaginário que exalta as novidades e o futuro. Mas a possibilidade de modificações estruturais e obras arquitetônicas na cidade não é a única característica desses eventos. Soares (2013) afirma que os megaeventos esportivos se tornaram um negócio que não se restringe à competição esportiva em si, nem à transformação das cidades. Na análise do autor, os megaeventos envolvem redes de empresas, patrocinadores e fornecedores e abrem novas frentes de negócios, aproveitadas especialmente pelos países emergentes, como o Brasil. Nestes locais, a expectativa de impulsionar a economia é ainda maior.

É por isso que há interesse por parte de governos em receber estes eventos. Em uma análise crítica, Horne (2006) afirma que a realização dos megaeventos está de acordo com as necessidades de elites transnacionais urbanas. O autor observa, de forma contundente, que há “boa vontade dos governos em se humilhar diante do COI e da FIFA por hospitalidade pródiga e desenvolvimento estratégico” (2006, p.115, tradução nossa). Neste sentido, nossa intenção é ressaltar que o esporte, a partir dos megaeventos, deve ser compreendido enquanto um espetáculo comercial<sup>25</sup> nas grandes cidades. Horne (2006) afirma que o esporte

---

<sup>23</sup>Mundial será um sinônimo de Copa do Mundo da FIFA adotado nesta pesquisa.

<sup>24</sup> Na definição de Carvalho (2000), o planejamento estratégico consiste na identificação de uma crise na centralidade econômica da cidade; na necessidade de torná-la competitiva aos investimentos estrangeiros; em uma ação que venda a imagem da cidade para o mundo, a partir da descoberta de algo que possa se constituir em sua marca de identidade.

<sup>25</sup>A expressão “esporte-espetáculo” é utilizada por Bracht (1997) complementando “alto rendimento”. Para o autor, a característica central de tal conceituação é a transformação do esporte em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação.

profissional se tornou central nas economias capitalistas e está completamente incorporado à sua cultura de consumo. Essa ideia de espetáculo não se restringe ao esporte, mas se estende à lógica das cidades-sede, que viraram uma vitrine mundial, abertas aos negócios.

A mídia atualmente desempenha um papel central na realização de um megaevento. Horne (2006) destaca que a promoção dos megaeventos esportivos (Olimpíadas e Copa do Mundo de Futebol, especialmente) depende do Estado e da mídia. O Estado constrói o que é e o que não é legítimo na prática esportiva e, ao fazê-lo, determina os interesses do consumidor esportivo, além de viabilizar parcerias entre autoridades locais, voluntários e organizações comerciais. A mídia, para Horne (2006), também é essencial, pois sem sua participação, os megaeventos não chamariam a atenção do público e o patrocínio de empresas. É neste sentido que Pierre Bourdieu (1997) fala da planetarização dos Jogos Olímpicos, a partir de sua íntima relação e dependência da mídia. O sociólogo afirma que as Olimpíadas atendem à indústria do entretenimento e dos meios de comunicação que, por sua vez, transformam a natureza, a proporção e o interesse do público nos megaeventos.

Os aspectos ligados à comunicação, como direitos de televisão, publicidade e licença de patrocínio, estão se tornando cada vez mais fontes de financiamento do esporte (TAVARES E DA COSTA, 1999). O aumento nos gastos com direitos de transmissão exclusivos ilustra a importância desta etapa de negociação entre as organizações midiáticas. No caso das Olimpíadas, os direitos de transmissão para televisão<sup>26</sup> correspondem a cerca de um terço da renda total com o evento, seguidos de renda com patrocínio, bilheteria e *merchandising* (HORNE, 2006). Já na Copa do Mundo, a audiência cresceu em 2014, segundo a entidade que organiza o evento, mostrando que a transmissão é bastante rentável - pelo menos para a FIFA TV.

Segundo dados publicados no site da federação, a Copa de 2014 na FIFA TV bateu recordes de audiência. Nos Estados Unidos, por exemplo, o evento foi considerado um “divisor de águas” para o futebol. Segundo a federação, a audiência durante a Copa bateu os índices de dois campeões de público televisivo no país norte-americano: os campeonatos de basquete da *National Basketball Association* (NBA) em 2014 e de beisebol da *World Series* em 2013. Ainda de acordo com os números oficiais da FIFA, a Copa no Brasil registrou as maiores audiências de TV de todos os tempos na Alemanha, Holanda e Bélgica. A final de

---

<sup>26</sup>A estreia da transmissão dos JO ao vivo pela televisão ocorreu em 1960 durante as Olimpíadas de Roma, quando telespectadores de 19 países europeus assistiram às provas.

2014 entre Alemanha e Argentina atraiu a maior audiência na história da TV alemã, com uma média de 34,7 milhões assistindo pela ARD (Agrupamento das Emissoras Regionais de Rádio e Televisão Alemãs).

A quantidade cada vez maior de pessoas que acompanham pela mídia as competições esportivas também leva à uma maior projeção das cidades que sediam os megaeventos. A cobertura jornalística explora diferentes facetas das sedes, seus habitantes, sua cultura. Essa exposição, em nível regional, nacional e global, potencializa sua utilização na construção da imagem das cidades. Há uma geração de capital simbólico, capaz potencialmente de auferir rendas e de obter vantagem no cenário competitivo urbano (HARVEY, 2006). A circulação global (de pessoas, de mercadorias, de informações) implica em uma ressignificação das cidades no interior do sistema produtivo internacional, que viram produto de consumo, cuja imagem pode ser vendida internacionalmente. Campanhas de *marketing*, de divulgação das sedes e uma cobertura jornalística positiva sobre a cidade são oportunidades para transformar a ideia que se tem de um local turístico.

O turismo é uma das áreas apontadas como mais promissoras para um lugar que pretende sediar megaeventos esportivos. Segundo Da Costa (2008), em Seul, os Jogos Olímpicos de 1988 impulsionaram o turismo local e multiplicaram em onze vezes o número de visitantes através de uma nova imagem da cidade no cenário mundial. Há também perspectiva de geração de empregos. Na análise de Da Costa (2008), a Copa na Alemanha, em 2006, levou cerca de dois milhões de turistas ao país, além de gerar 20 mil empregos permanentes, incorporando 0,6% no PIB do país naquele ano. Segundo números divulgados no portal da FIFA, durante a Copa no Brasil, em 2014, foram gerados 14 milhões de postos de trabalho em quatro anos, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas.

O Brasil tem algumas experiências em megaeventos esportivos e a maioria delas ocorreu no Rio. Em relação às Olimpíadas, a situação é inédita. Em 1996, o Rio se candidatou para sediar os Jogos Olímpicos de 2004, mas a cidade vencedora foi Atenas. Houve uma nova candidatura em 2004 para os Jogos de 2012, no entanto, Londres levou o título. Em 2009, o Rio foi escolhido como a primeira cidade brasileira sede das Olimpíadas, em 2016. O Rio foi sede ainda da Copa do Mundo de 1950, dos Jogos Pan e Para-americanos e do Campeonato Mundial de Judô, ambos em 2007, e dos Jogos Mundiais Militares, em 2011. Os Jogos Sul-americanos de 2002 ocorreram também no Rio, São Paulo e Curitiba. Outros dois eventos deixaram reduzida memória: na década de 60, o Brasil sediou os Jogos Mundiais

Universitários 1963 (Universidades 63, em Porto Alegre) e os Jogos Pan-Americanos de 1963 (em São Paulo). Mas os eventos que tiveram maior repercussão na memória dos brasileiros foram a Copa de 1950 e o Pan de 2007.

Em 1950, o Brasil sediou a Copa da FIFA. Apenas 13 seleções disputaram o título devido à ausência de países do Leste Europeu e outras desistências, como Argentina e França. Devastada pela Segunda Guerra Mundial, a Europa não tinha condições de organizar a Copa, que ficou paralisada por 12 anos. O Brasil, único candidato, construiu o Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, maior estádio do continente, na época, a poucas semanas do início do Mundial. As 22 partidas do campeonato foram realizadas em seis cidades: Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. A maioria dos jogos ocorreu no Rio. O estádio dos Eucaliptos, na capital gaúcha, sediou dois confrontos.

Quase seis décadas depois, o país recebeu os Jogos Pan e Para-americanos de 2007. A competição é considerada por alguns estudiosos de megaeventos esportivos como um marco para o Brasil. A candidatura do Rio para as Olimpíadas 2016 ganhou força a partir da realização desse evento, segundo Almeida (2007). Apesar da realização ter repercutido aspectos negativos, o autor considera que os pontos positivos do Pan foram decisivos para os avaliadores do Comitê Olímpico Internacional. O lado negativo, na avaliação de Almeida (2007), ficou por conta dos gastos não-previstos, a estrutura provisória que prejudicou a realização das partidas de softbol e beisebol, além de problemas com ingressos. Entre os pontos positivos, o autor destaca a segurança, a pontualidade das competições, a relativa fluidez do trânsito, o padrão da maioria das instalações e a mobilização das esferas de governo municipal, estadual e federal.

No mesmo ano do Pan, o Brasil garantia a realização da Copa do Mundo de 2014. A questão da falta de estádios que atendessem aos pré-requisitos quase emperrou a candidatura. Em julho de 2007, ao entregar sua proposta à FIFA, o Brasil garantia que 18 cidades estavam aptas a sediar jogos. Um mês depois, inspetores da federação vistoriaram os estádios e a infraestrutura de Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Porto Alegre. Em 30 de outubro de 2007, saiu o anúncio oficial em Zurique, na Suíça.

O Brasil, na primeira década do século XXI, foi escolhido como sede dos principais megaeventos esportivos, o que criou narrativas sobre um lugar diferente no futuro. O ideal do amanhã ressurge em uma nova roupagem, um novo período. No entanto, vale lembrar que essa crença de esperança no futuro já havia sido explorada em outros períodos da história,

como durante a ditadura militar. Segundo o escritor e jornalista Juremir Machado da Silva (1996), os militares consagraram essa ideia como uma ideologia e um mecanismo de obscurecimento do real através da manipulação das expectativas sociais. Para Silva (1996), poucas sociedades encarnaram tão intensamente a utopia e o espírito de modernização quanto a brasileira. No meu entendimento, este espírito é reencarnado no início do século XXI. O “amanhã” tinha data para se realizar: 2014 e 2016.

O país foi escolhido sede do Mundial no dia 30 de outubro de 2007, em Zurique, na Suíça. A decisão foi unânime e o Brasil era candidato único. Pela segunda vez na história, o país tornou-se sede de uma Copa do Mundo. Em relação aos JO, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida no dia 02 de outubro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca. A disputa envolveu outras seis cidades aspirantes, além do Rio de Janeiro: Madri, Tóquio, Chicago, Praga, Doha e Baku. Rio e Madri foram finalistas. A cidade espanhola perdeu por 32 votos contra 66 para a brasileira. Dois anos depois dessa decisão, em visita ao Brasil, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, comenta a vitória brasileira sobre uma cidade norte-americana. E anuncia: o Brasil não é mais “o país do futuro”:

Vocês receberão o mundo em seu país quando a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos vierem ao Rio de Janeiro. O Brasil foi durante muito tempo um país cheio de potencial, mas atrasado pela política, tanto aqui quanto no exterior. Durante muito tempo o Brasil foi o ‘país do futuro’ e disseram para que ele esperasse pelos dias melhores que viriam em breve. Meus amigos, este dia finalmente chegou. Este não é mais o ‘país do futuro’. As pessoas do Brasil devem saber que o futuro já chegou e está aqui, agora (ÍNTEGRA..., Portal G1, 20/03/2011)<sup>27</sup>.

Percebe-se claramente no discurso de Obama o desejo de romper com a ideia de atraso, embalado na crença de um “novo país” que vai abrigar a Copa das Confederações de 2013, a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Essa ideia é aproveitada por outras plataformas e em outros contextos, como em discursos de governantes locais e de fora do país, em anúncios da publicidade e nas manchetes jornalísticas. Campanhas publicitárias, dos setores público e privado, reforçaram a crença de um “novo país”. A Semana ARP da Comunicação foi realizada em novembro de 2010, em Porto Alegre, pela Associação Riograndense de Propaganda (ARP). Intitulado “O novo Brasil”, o evento realizou uma série de palestras e debates sobre diversos temas, como as promessas para o futuro com os

---

<sup>27</sup> ÍNTEGRA do discurso do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, no Rio de Janeiro. Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/obama-no-brasil/noticia/2011/03/leia-integra-do-discurso-de-barack-obama-no-theatro-municipal.html>> Acesso em: 05 abr 2011.

megaeventos<sup>28</sup>. Na esfera política nacional, o governo federal também se mostra engajado em reforçar esse discurso. Na campanha publicitária sobre os oito anos do governo Lula, observa-se a ideia do “novo Brasil” que vai abrigar a Copa e as Olimpíadas, tornando os megaeventos fundamentais para essa argumentação<sup>29</sup>.

### 2.3.2 Acordando do Sonho dos Megaeventos Esportivos

Estudos que analisam os impactos dos megaeventos esportivos vêm crescendo consideravelmente em diferentes áreas do conhecimento. As experiências passadas e as realidades específicas de cada lugar que obteve o *status* de sede apontam para diversas direções de compreensão destes eventos. Há muitos dados para se analisar, de acordo com a fonte interessada. Neste sentido, as informações sobre investimentos em infraestrutura, geração de renda e emprego tornam-se, em muitos casos, conflitantes. Tarefa difícil é chegar à alguma conclusão; nosso interesse também não é esse. De qualquer forma, é importante observar que não há consenso sobre os benefícios de um megaevento esportivo; há, sim, inúmeras pesquisas, relatórios e levantamentos que apontam para diferentes e instigantes análises.

Se analisarmos os índices de geração de empregos, no Brasil, em 2014, o aumento no número de vagas foi de quase 1%, com o acréscimo de 396.993 mil novos trabalhadores empregados. Este foi o pior resultado desde 1999 e representou uma queda de 64% no número de empregos gerados em relação a 2013<sup>30</sup> segundo dados do Ministério do Trabalho. Situação semelhante foi registrada na Copa da África do Sul, em 2010. Cottle, Capela e Meirinho (2013) reforçam que a promessa de geração de 452 mil postos de trabalho tornou-se uma ilusão, na medida em que a natureza desses serviços era precária. Segundo os autores, na construção civil, havia cerca de 1,11 milhão de trabalhadores empregados em 2009, tanto no setor formal quanto informal. Durante o evento, houve uma redução nesse número: 110 mil estavam desempregados. A taxa oficial de desemprego no país chegou, segundo os autores, a 25,2% em junho de 2010.

---

<sup>28</sup> Informações extraídas do caderno publicado pela ARP durante a realização do evento.

<sup>29</sup> ESTAMOS VIVENDO UM BRASIL DE TODOS. Peças publicitárias do governo federal de rádio, TV, jornais e revistas. Local de veiculação: 325 veículos de comunicação do Brasil. Data de veiculação: dezembro de 2010.

<sup>30</sup> Ainda neste mesmo balanço de geração de empregos no país, o Estado do Rio Grande do Sul teve em 2014 o pior resultado em 12 anos.

Além da discussão sobre a geração de empregos, o pesquisador sul-africano Eddie Cottle chama a atenção para alguns fatos envolvendo a realização do Mundial em seu país. Um de seus trabalhos revela que os estádios da Copa aumentaram da estimativa inicial de R\$ 338 milhões para R\$ 3,9 bilhões, ou seja, 1.008% de alta (COTTLE, CAPELA E MEIRINHO, 2013). Ainda de acordo com os autores, apesar da crise econômica mundial de 2008, somente as cinco maiores empresas de construção da África do Sul foram beneficiadas e tiveram crescimento com os projetos da Copa. O estudo denuncia ainda a operação do que chamam de carteis da construção em outras edições do Mundial. No Japão e no Reino Unido, grandes empresas estavam envolvidas na manipulação das licitações para construção de pontes, estradas, escolas, hospitais e conjuntos habitacionais. Em julho de 2013, no tribunal da Comissão da Concorrência da África do Sul, foi estimado cerca de R\$ 1 bilhão em lucros indevidos, produzidos por empresas de construção nos preparativos para 2010 e em outros projetos. A multa para essas empresas chegou a R\$ 338 milhões.

A pesquisa, que é anterior à realização da Copa no Brasil, também aborda os preparativos para o Mundial em solo africano. Os autores alertaram que, até maio de 2012, dois anos antes do evento na África, 41% das obras não tinham começado e observaram que o governo federal passou a aprovar projetos com “estatuto de excepcionalidade” para aumentar a velocidade de aprovações das matérias que tratavam de infraestrutura para a Copa. Neste sentido, de acordo com os autores, o atraso das obras também pode ter impulsionado um superfaturamento na construção das arenas. Em entrevista ao *Le Monde Diplomatique Brasil*<sup>31</sup>, Cottle afirma que a Copa não forneceu tudo o que a mídia africana prometia, nem em relação aos compromissos do documento de candidatura. Ele denuncia que os subsídios públicos para os megaeventos esportivos se tornam veículo para a acumulação do capital privado em escala global, em que a FIFA atua como facilitadora. Observa que o dinheiro que deveria circular na economia nacional, na verdade, foi para fora do país, uma vez que os parceiros da federação na construção civil são internacionais. Cottle avalia como desperdício de infraestrutura a construção de grandes e luxuosas arenas esportivas, que se tornaram, após o evento, “elefantes brancos”.

O megaevento contemporâneo se tornou a medida e o padrão de um tipo de transformação fundamental para acirrar a competição entre as cidades que buscam o *status* de globais. Isso ajuda a explicar a disputa entre metrópoles mundiais para sediá-los. No entanto,

---

<sup>31</sup>COPA 2014 África do Sul 2010: legado no bolso da FIFA e seus parceiros. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/imprensa/noticias/imp-ult-1765234390.pdf>>. Acesso em 03 set. 2014.

deve-se observar que sua realização continua a reproduzir o favorecimento de poucos e a criação de novas desigualdades no espaço urbano, ou seja, os megaeventos são também reprodutores e catalisadores desse mesmo mecanismo. Ao privilegiar construções de alto investimento, as cidades que sediam megaeventos esportivos estão abertas à uma configuração capitalista de seus espaços.

Barcelona, sede olímpica em 1992 na Espanha, serviu de modelo e inspiração para a padronização urbana, principalmente de cidades ocidentais. É um modelo a ser seguido (DA COSTA, 2008). A cidade sediou os Jogos Olímpicos antes de passar por um forte momento de desindustrialização que atingiu a economia. A indicação da cidade como sede foi precedida pela criação de um plano de desenvolvimento urbano. Como resultado, notou-se o aumento na construção de escritórios e também no preço inflacionado de imóveis, além da criação de 20 mil postos de trabalho permanentes ou empregos “não-olímpicos” na economia. Depois da experiência de Barcelona, a disputa aumentou significativamente, refletindo a importância e o crescimento das Olimpíadas como um megaevento global. A competição para sediar os JO de 1992 envolveu mais de 20 cidades, aumentou para 40 em 2004 e, em 2008, mais de 50 entraram na disputa (DA COSTA, 2008). Na avaliação de Da Costa (2008), esse aumento do interesse é também reflexo da queda na ajuda governamental aos planejadores do espaço urbano a partir da década de 90.

A ideia de que Barcelona é um modelo a ser seguido gera controvérsia. Para o antropólogo Manuel Delgado (2007), a Barcelona olímpica não passa de uma cidade mentirosa: uma fraude e um fracasso. Em uma análise crítica, o autor observa que a cidade, ao se converter em sede olímpica, tornou-se uma espécie de fábrica de produção de sonhos e simulacros. Fraude, segundo Delgado (2007), devido à atuação de políticos e urbanistas que conceberam e empreenderam o “modelo Barcelona”, através da promoção imobiliária, comercial e turística. O autor utiliza a metáfora da *top model* que, a exemplo de Barcelona, foi treinada para parecer atrativa e sedutora. O fracasso, para Delgado (2007), justifica-se porque a cidade ficou cega para os problemas sociais que continuavam aparecendo. Desta forma, o autor revela que desigualdade, miséria e exclusão permaneceram enquanto ingredientes circunstanciais para a existência de uma metrópole capitalista - mesmo depois do “sonho” de sediar as Olimpíadas.

O geógrafo e coordenador do Núcleo Porto Alegre do Observatório de Metrôpoles Paulo Roberto Soares (2013) também analisa os megaeventos esportivos enquanto um negócio global, marcado pela financeirização da economia, capitalismo flexível desregulado e



economia dos serviços. O autor observa que há estímulo à competição no plano econômico e, neste contexto, as cidades adquiriram um novo papel na acumulação do capital. A gestão urbana agora volta-se para o empreendedorismo e o planejamento estratégico. Para o autor, os megaeventos programados para o Brasil influenciaram nas políticas urbanas de cidades-sede e se converteram em um modelo de política urbana para as demais cidades brasileiras. Soares (2013) ainda ressalta que há diferentes escalas de prospecção de negócios esportivos. Em nível global, FIFA e COI têm como parceiros estratégicos as corporações globais. Em escala nacional, há possibilidade de crescimento econômico, atração de investimentos e turismo internacional. Neste plano, as construtoras são as principais parceiras.

De fato, essa parceria se confirmou na Copa do Mundo no Brasil. O grupo das empresas de construção contratadas para a Copa era pequeno: Odebrecht, Andrade Gutierrez (AG), Galvão Engenharia, OAS Empreendimentos, Mendes Júnior, Via *Engeneering*, Andrade Mendonça, Construcap, Egesa, Hap e Engevix. Juntas, AG e Odebrecht foram responsáveis por sete dos 12 estádios. A AG ficou com a construção do Estádio Nacional Mané Garrincha (Brasília), da Arena Amazonas (Manaus), do Estádio Beira-Rio (Porto Alegre) e do Estádio do Maracanã (Rio de Janeiro). Já a Odebrecht também participou das obras no Maracanã, além do Estádio da Fonte Nova (Salvador), da Arena Pernambuco (Recife) e do Itaquerão (São Paulo). A primeira versão da Matriz de Responsabilidades já apontava aumento de custo na construção de estádios, passando de R\$ 5,66 bilhões para R\$ 8,01 bilhões, segundo dados do Portal 2014<sup>32</sup>. Em reportagem, o site analisou as 109 obras iniciais da Matriz de Responsabilidades e listou os projetos com maior sobrepreço, na comparação com a lista de quatro anos atrás. Segundo o site, o levantamento mostrou que todos os setores tiveram aumento em pelo menos um projeto, seja nas arenas da Copa, nas obras de mobilidade urbana ou de modernização de portos e aeroportos. Dois anos e meio depois da Copa no Brasil, diversas obras do Mundial seguem sendo investigadas, como a reforma no Maracanã e a ampliação do metrô no Rio. Em novembro de 2016, o Tribunal de Contas do Rio de Janeiro apontou superfaturamento na obra da Linha 4 do metrô do Rio, que custou R\$ 2,3 bilhões a mais.

---

<sup>32</sup>O Portal 2014 é um portal de notícias sobre a Copa no Brasil, de responsabilidade do Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco), que pretendia ser um veículo de comunicação independente, conforme a página de abertura do site: “Este Portal é uma iniciativa do Sinaenco, não tendo qualquer ligação com a FIFA e suas atividades”. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

Além de superfaturamento de obras urbanas, a reestruturação das cidades por causa dos megaeventos esportivos também traz efeitos nocivos de espoliação e expropriação de grupos sociais, que acabam marginalizados no espaço urbano. Essas são algumas das conclusões de relatório publicado em 2010 pela Organização das Nações Unidas (ONU), que avalia o impacto dos megaeventos esportivos sobre a vida da população nas cidades-sede. Segundo reportagem sobre os resultados da pesquisa<sup>33</sup>, a organização desses eventos causou a expulsão de milhares de pessoas de suas casas. Na grande maioria dos casos, houve impacto negativo sobre a situação de moradia para a população. O trabalho de elaboração do levantamento coube à brasileira Raquel Rolnick, relatora das Nações Unidas para o Direito à Moradia. Expulsões, encarecimento de moradia, falta de alternativas e pressão sobre os mais pobres, que acabam empurrados para as periferias, têm sido algumas das marcas mais características das Copas e Jogos Olímpicos, segundo o que foi concluído. Para Rolnick, os benefícios econômicos desses eventos não são distribuídos de forma adequada à população e o legado está longe de ser positivo.

O estudo relaciona experiências passadas de cidades em megaeventos esportivos, mostrando que os projetos de reurbanização resultaram em violações de direitos humanos, em especial, o direito à moradia. Entre os exemplos, está Seul, sede olímpica em 1988. As Olimpíadas afetaram 15% da população, que teve de buscar novos locais para morar depois da destruição de 48 mil edifícios. Em Pequim, a ONU admite que 1,5 milhão de pessoas foram removidas de suas casas. Outra constatação é a alta nos preços de casas. Em Seul, a inflação foi de 20% nos oito meses anteriores aos JO. O preço da terra subiu 27%. Em Barcelona, a alta foi de 131% nos cinco anos antes da Olimpíada, contra mais de 50% em Sydney. Em Atlanta, 15 mil moradores foram expulsos de suas casas em 1996 e a inflação no setor imobiliário passou de 0,4% para 8% no ano dos Jogos. Sobre a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos no Brasil, a ONU alertou, em uma reunião em 2012 na Suíça<sup>34</sup>, que diversos assentamentos informais estavam sob ameaça de despejo por causa da construção de instalações esportivas. Representantes do grupo de trabalho do Conselho de Direitos

---

<sup>33</sup> CHADE, Jamil. Olimpíada e Copa trazem prejuízo social. Reportagem publicada no jornal O Estado de S. Paulo no dia 05 de março de 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,olimpiada-e-copa-trazem-prejuizo-social,519833>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

<sup>34</sup> Relatório de reunião realizada no dia 25 de maio de 2012 em. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2012/05/UPR-Media-Note-Brazil-25-May-2012-AM.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

Humanos da ONU recomendaram que o país precisaria garantir o respeito aos direitos humanos durante a preparação dos eventos.

Na Copa de 2014, as exigências de um “padrão-FIFA” nas cidades-sede brasileiras provocaram a discussão sobre as prioridades dos governos. A expressão tornou-se um bordão de uma crítica social. Durante as manifestações de junho de 2013, milhares de brasileiros foram às ruas em todo o país. Muitos carregavam cartazes contra a corrupção e com pedidos de melhorias em áreas como transporte, saúde, educação, moradia. Outros exigiam que o padrão dos estádios fosse estendido aos hospitais, creches e escolas. Neste sentido, o próprio apoio popular ao Mundial estava em cheque, gerando novas incertezas sobre uma realização tranquila do evento.

Nesta época, as vozes que ecoavam contra a Copa não vinham somente dos protestos nas ruas. A aceitação das exigências da FIFA trouxe à tona a discussão sobre os poderes e os privilégios que a federação ganhou em território brasileiro, no campo das legislações. Houve criações e alterações de leis para os megaeventos. Uma delas foi publicada em 20 de dezembro de 2010, no Diário Oficial da União: a lei 12.350/2010<sup>35</sup>, que dispõe sobre medidas tributárias referentes à realização da Copa das Confederações e da Copa do Mundo. Outra lei trata dos eventos da FIFA: a Lei Geral da Copa do Mundo de 2014, de autoria do poder executivo, publicada no Diário Oficial da União em 06 de junho de 2012<sup>36</sup>. A PL 2330/2011 tem o objetivo de regulamentar todas as questões previstas nas garantias governamentais, acordadas com a FIFA, tais como: permissões de trabalho, limites de exploração, venda de ingressos, exclusividade de direitos, emissão de vistos.

O texto da Lei da Copa levantou discussões como a venda de bebidas alcoólicas em estádios e a meia-entrada de ingressos. O Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) realizou uma campanha em fevereiro de 2012 acusando o projeto de comprometer os direitos do consumidor. Em notícia publicada em fevereiro de 2012 no site do Idec<sup>37</sup>, o instituto diz que a lei representa a flexibilização de direitos sociais para atender às exigências da FIFA e fere direitos conquistados. Além do Idec, o Ministério Público Federal (MPF) também considerou que as leis criadas para a Copa ferem a Constituição. Por isso, o MPF pediu a

---

<sup>35</sup>LEI 12.350/2010. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12350-20-dezembro-2010-609723-norma-pl.html>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

<sup>36</sup>LEI GERAL da Copa do Mundo. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12663-5-junho-2012-613164-norma-pl.html>>. Acesso: 09 jan. 2015.

<sup>37</sup>TUITAÇO mobiliza contra Lei Geral da Copa. Disponível em: <<http://www.idec.org.br/o-idec/sala-de-imprensa/release/tuitaco-mobiliza-contr-lei-geral-da-copa>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

anulação de partes da legislação e entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) na Justiça, movida em junho de 2013 pelo procurador geral da República, Roberto Gurgel. Em maio de 2014, um mês antes da Copa, o Supremo Tribunal Federal julgou improcedente a ação.

Ao elencar os aspectos sociais sobre os megaeventos esportivos, como desemprego e direito desigual à cidade, quero enfatizar as diferentes análises que nem sempre aparecem nos principais meios de comunicação. Reitero que minha intenção não é chegar a uma conclusão sobre essa discussão. No entanto, ressalto que não há argumentação única de progresso e modernização. Esse discurso eufórico, talvez ainda dominante no jornalismo, possibilita a ressignificação das cidades. Na primeira década do século XXI, doze capitais brasileiras<sup>38</sup> recebem uma espécie de “prêmio” extremamente visado, criando condições para o surgimento do discurso de um “novo Brasil” e de uma “nova Porto Alegre”.

### 2.3.3 A Copa do Mundo em Porto Alegre

Porto Alegre foi escolhida em 2009 como uma das capitais-sede. Desde o anúncio do Brasil como sede do Mundial até a realização dos jogos foram aproximadamente sete anos. Em ordem cronológica, é possível observar esses acontecimentos (ver Quadro 1) ocorridos entre 2007 e 2014:

QUADRO 1 - Cronograma de chegada da Copa do Mundo no país de 2007 a 2014

Ano	Data	Evento relacionado
<b>2007</b>	Outubro	Brasil eleito país sede da Copa do Mundo
<b>2009</b>	Abril	Prefeitura de Porto Alegre apresenta candidatura da cidade à Copa
–	Maio	Manaus, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Cuiabá, Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro são escolhidas cidades-sede da Copa no Brasil
<b>2014</b>	de 15 a 30 de junho	Cinco jogos da Copa do Mundo em Porto Alegre

Fonte: A autora (2016).

As cidades-sede devem obedecer rigorosamente às exigências impostas pela FIFA. Entre elas, estão as normas para construção de estádios, que vão desde a configuração das arquibancadas até o número de sanitários e lanchonetes. No Brasil, um plano estratégico nacional foi criado para que as 12 cidades-sede se orientassem e obedecessem à Matriz de

<sup>38</sup>São elas: Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Recife (PE), Salvador (BA) e Porto Alegre (RS).

Responsabilidades, que determinou os investimentos em infraestrutura. A Matriz também definiu as responsabilidades da União, Estados, Distrito Federal e municípios diante da execução dos projetos. O documento original, assinado em 13 de janeiro de 2010 pelo então ministro do Esporte, Orlando Silva, e por 11 prefeitos<sup>39</sup> e 12 governadores, estabeleceu as responsabilidades de cada ente federativo na preparação do evento. Ao longo do tempo, resoluções do Grupo Executivo da Copa trouxeram revisões e atualizações de ações na Matriz. Sete setores tiveram prioridade: aeroportos, portos, mobilidade urbana, estádios, segurança, telecomunicações e turismo. Segundo a Secretaria Extraordinária da Copa (Secopa), em Porto Alegre, inicialmente, as obras consideradas do Mundial eram aquelas que faziam parte da Matriz de Responsabilidades firmada pela prefeitura junto ao governo federal, financiadas através da Caixa Econômica Federal.

Além da Matriz de Responsabilidades, o pesquisador Soares (2013) destaca uma lista das obras consideradas necessárias para a realização da Copa. Entre elas, as de mobilidade urbana: Avenida Tronco, Avenida Beira-rio, os BRTs (*Bus Rapid Transit*) e a Terceira Perimetral. Entre os projetos previstos para a Copa do Mundo em Porto Alegre, destaco 14 obras:

- 1) trincheira da Avenida Ceará;
- 2) trincheira da Avenida Cristóvão Colombo;
- 3) trincheira da Rua Anita Garibaldi;
- 4) trincheira da Avenida Plínio Brasil Milano;
- 5) viaduto Pinheiro Borda e corredor da Avenida Padre Cacique;
- 6) viaduto da Avenida Bento Gonçalves;
- 7) viaduto Complexo da Rodoviária;
- 8) prolongamento da Avenida Severo Dullius;
- 9) duplicação da Rua Voluntários da Pátria;
- 10) duplicação da Avenida Edvaldo Pereira Paiva;
- 11) duplicação da Avenida Tronco;

---

<sup>39</sup>Brasília, uma das 12 cidades-sede, não tem prefeito.

- 12) sistema BRT (*Bus Rapid Transit*) da Avenida Protásio Alves;
- 13) sistema BRT da Avenida João Pessoa;
- 14) sistema BRT da Avenida Bento Gonçalves.

Das 14 obras, grande parte delas foram iniciadas antes da Copa; nem todas, concluídas. Seis foram finalizadas. Neste levantamento, não estão incluídos projetos como o aeromóvel (concluído para a Copa), a reforma do estádio Beira-Rio (também concluída) e a ampliação do terminal do aeroporto Salgado Filho (que não ficou pronta a tempo). Em todo o país, segundo a FIFA, além da reforma e construção de estádios, foram necessários 28 campos oficiais de treinamento, 32 centros de treinamento de seleções para as 32 seleções em 64 jogos. O estádio oficial da Copa do Mundo em Porto Alegre foi o Beira-Rio, do *Sport Club Internacional*. A reforma iniciou oficialmente em julho de 2010, orçada em R\$ 330 milhões, em um contrato privado de responsabilidade do Internacional, segundo informa a Matriz de Responsabilidades. A obra, que ficou pronta perto do primeiro jogo na cidade, incluiu novas arquibancadas para 62 mil torcedores, cobertura, camarote, setores de imprensa e de hospitalidade, duas mil vagas de estacionamento e construção de edifício com outras três mil vagas. O projeto, intitulado Gigante para Sempre, não abrangia somente a modernização do estádio, de acordo com informações da Secopa:

[...] o projeto do Sport Club Internacional é ainda mais ambicioso, prevendo a revitalização urbana de toda a área onde está localizado, com a construção de um centro de convenções, um hotel cinco estrelas, um centro de medicina esportiva, prédios comerciais, uma delegacia do turista, além da recuperação de parte da orla do Guaíba<sup>40</sup>.

Enquanto o Beira-Rio era reformado, a arena esportiva do Grêmio *Foot-Ball* Porto-Alegrense estava em fase de construção. A arena começou a ser construída em setembro de 2010 e foi inaugurada em dezembro de 2012. No site da Grêmio Arena, o estádio é definido como “o mais moderno complexo multiuso da América Latina”, com a finalidade de priorizar não somente eventos esportivos. Segundo Soares (2013), o custo final da Arena chegou a R\$ 613 milhões. De acordo com estudo publicado no site da revista Amanhã<sup>41</sup>, a Arena está entre

---

<sup>40</sup>Informações sobre os estádios em Porto Alegre no site da Secopa. Disponível em: <[http://www.secopapoa.com.br/default.php?p\\_secao=37](http://www.secopapoa.com.br/default.php?p_secao=37)>. Acesso em: 10 out. 2014.

<sup>41</sup>ARENA DO GRÊMIO entre os estádios mais caros do mundo. Reportagem publicada no site da Revista Amanhã, em 04 de junho de 2014. Disponível em: <[http://www.amanha.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6890:arena-do-gremio-entre-os-estadios-mais-caros-do-mundo&catid=35:home-2&Itemid=135](http://www.amanha.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6890:arena-do-gremio-entre-os-estadios-mais-caros-do-mundo&catid=35:home-2&Itemid=135)>. Acesso em: 03 ago. 2014.

os estádios mais caros do mundo. No que se refere ao pagamento, 55% é de responsabilidade da construtora OAS e 45% referente a empréstimo junto ao BNDES, que deverá ser pago pela Grêmio Arena. A capacidade total é de 60,5 mil torcedores. A Secopa destacou também a construção da Arena e classificou o projeto mais abrangente mais do que um estádio esportivo:

Erguida a partir dos mais novos conceitos de arquitetura esportiva, o empreendimento conta centro de convenções, centro comercial, edifícios residenciais e um hotel. Além da importância esportiva diretamente ligada à construção da Arena, o novo estádio do Grêmio tem um grande apelo social, pois possibilitaria uma revitalização de uma grande área da cidade, o bairro Humaitá.

O site da Secopa afirmou que a capital gaúcha seria a única cidade brasileira em 2014 com “dois estádios atendendo aos padrões de qualidade exigidos pela FIFA”. Apesar disso, é preciso reforçar que a Arena não estava incluída na Matriz de Responsabilidades da Copa. Mesmo após a definição de que o estádio oficial seria o Beira-Rio, a mídia local também insistiu em gerar incertezas em relação à conclusão da Arena a tempo da Copa<sup>42</sup>. Veículos de comunicação também questionaram a decisão do Beira-Rio como estádio oficial. Como argumento central, os textos ressaltavam a insegurança em relação à finalização das reformas dentro do prazo estipulado.

Além dos estádios, obras de transportes e de mobilidade urbana são centrais em época de megaeventos. O ano de 2009 não é determinante somente pelo anúncio das sedes, pois marca também discussões sobre liberação de verbas do governo federal para o metrô. Nos primeiros meses do ano, o projeto ainda era considerado uma obra de mobilidade urbana dentro da Matriz de Responsabilidades da Copa, tanto que a chamada Linha da Copa do metrô foi apresentada pela empresa de transportes Trensurb. Segundo informações publicadas em fevereiro de 2009 no site da Trensurb<sup>43</sup>, a previsão era de que a primeira fase do Metrô de Porto Alegre - Linha da Copa – tivesse 20,7 quilômetros, saindo do Mercado Público até a Avenida Manoel Elias, com orçamento superior a três bilhões de reais e conclusão até o final de 2013. Ao longo do ano, notícias sobre a construção do metrô e sua viabilidade para o

<sup>42</sup>GRÊMIO MANTÉM esperança de receber Copa das Confederações na Arena. Reportagem publicada no site de Zero Hora, em 28 de fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2012/02/gremio-mantem-esperanca-de-receber-copa-das-confederacoes-na-arena-3678464.html>>. Acesso em 08 ago. 2013.

<sup>43</sup>A notícia mais antiga sobre a Linha da Copa do metrô encontrada no site da empresa Trensurb é do ano de 2009. Disponível em: <[http://www.trensurb.gov.br/paginas/paginas\\_noticias\\_detalhes.php?codigo\\_sitemap=1728](http://www.trensurb.gov.br/paginas/paginas_noticias_detalhes.php?codigo_sitemap=1728)>. Acesso em 02 out 2016.

Mundial foram destaque em sites criados dos governos federal e municipal<sup>44</sup>. Hoje, finalizando esta tese, em 2016, posso adiantar aos leitores que ainda não há data para o projeto ser concretizado.

Enquanto alguns projetos, como a Linha da Copa, são criados especialmente para atender às demandas da Copa do Mundo, outros fazem parte da história dos sonhos para Porto Alegre: as obras no cais do porto. Em sua tese sobre os projetos urbanos para a capital gaúcha, Filho (2006) afirma que todos os planos elaborados ao longo de décadas têm em comum a relação da cidade com a margem do rio Guaíba. Já foi destacado anteriormente nesta tese que o processo de construção da área portuária, no início do século XX, sintetizou o imaginário de modernização. Enquanto intervenção urbanística, as obras no porto deram início a um tempo de sonhar com o progresso. Passado um século, esse desejo continua latente.

Vem aí o mais esperado projeto de Porto Alegre, que vai devolver à capital gaúcha dois de seus maiores patrimônios: o Cais Mauá e o Guaíba. Com a revitalização do antigo porto, você ganha um novo espaço para passear, se divertir, trabalhar, descansar, viver! A cidade recebe um projeto para se orgulhar, celebrar sua história e sua natureza. E o pôr-do-sol mais bonito do mundo, como brincam os porto-alegrenses, vai ter um lugar à altura para ser apreciado.

O texto está na página de abertura do site da Cais Mauá do Brasil, empresa que, em 2010, venceu a concorrência para as obras da área<sup>45</sup>. A Cais Mauá do Brasil descreve o atual projeto como a reforma de 181 mil metros quadrados, que darão lugar a atividades culturais, polo de design e decoração, hotel, terminal de passageiros, lojas, bares, restaurantes, além de três prédios comerciais e um centro de eventos. No ano de 2009, a possibilidade de sediar a Copa do Mundo marcou a antecipação dos prazos de conclusão das obras. Notícias enfatizaram a necessidade de iniciar a reforma da área portuária para o Mundial.

Depois de citar as principais obras em discussão em Porto Alegre anos antes da Copa, pretendo agora trazer outros argumentos que contrapõem a necessidade da Copa e a realização de obras. Para além do discurso oficial, que destaca os benefícios das mudanças, há uma série de questões silenciadas seja pelos governos, pela iniciativa privada ou pela mídia local. A

---

<sup>44</sup>A notícia sobre a construção do metrô foi publicada em sites criados pelo governo federal e municipal para divulgar ações relacionadas à Copa do Mundo. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/noticias/982/PORTO+ALEGRE+CONFIRMA+METRO+PARA+COPA.html>> e <<http://www.copa2014.gov.br/noticia/porto-alegre-tera-r-1-bilhao-do-orcamento-do-governo-federal-para-obras-do-metro>>. Acesso em 02 dez 2013.

<sup>45</sup>Esse texto que fala sobre as obras do cais do porto está disponível na abertura do site da empresa. Disponível em: <<http://vivacaismaua.com.br/>>. Acesso em: 14 out. 2016.



partir de uma análise das obras prioritárias para a Copa na capital gaúcha, Soares (2013) afirma que estas interessam à prefeitura e também a grupos privados. O autor avalia que a abertura de novas vias de circulação e a conclusão das obras planejadas foram realizadas com a remoção de comunidades já assentadas nestes lugares. O estudioso lembra ainda que grandes grupos imobiliários estão atentos a estes projetos que liberam e valorizam áreas para seus empreendimentos. Neste sentido, ressalto que o fenômeno de espoliação de grupos sociais e a supervalorização de terrenos imobiliários, já abordado anteriormente, se reproduziu em solo gaúcho.

Em Porto Alegre, o fenômeno da padronização urbana pode ser observado na priorização à construção de viadutos, na escolha de sistemas de transporte e nos projetos para a área central da cidade. A Copa do Mundo fez com que a construção de elevados e viadutos fosse uma prioridade. Cabe destacar que não há consenso sobre a implantação dessas estruturas em lugares que tentam resolver os problemas de congestionamento. Algumas cidades estão inclusive reconsiderando sua construção. Um estudo do Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (IPTD)<sup>46</sup> traz exemplos de cidades como São Francisco e Portland, nos Estados Unidos, e Seul, na Coreia do Sul, que demoliram elevados, viadutos e vias expressas e os substituíram por parques e áreas para o transporte coletivo, bicicletas e pedestres.

Quanto às iniciativas para o transporte público da capital gaúcha, destaco a construção de corredores de ônibus do sistema *Bus Rapid Transit* (BRT) e o projeto do metrô. Sobre o BRT, uma pesquisa do IPDT<sup>47</sup> aponta que o sistema é cerca de dez vezes mais barato que o metrô e se tornou a solução econômica e sustentável favorita para o transporte público de alta capacidade em cidades com mais de 500 mil habitantes de países emergentes<sup>48</sup>. Dados do IPDT apontam que, nos últimos dez anos, a implementação de sistemas BRTs no mundo quase quadruplicou entre 2004 e 2014. Os megaeventos aceleraram muitos desses projetos. No Mundial de 2010, na África do Sul, cidades como Johannesburgo e Pretória apostaram nos

---

<sup>46</sup>VIDA e morte nas rodovias urbanas. Publicado em abril de 2013. Disponível em: <<http://www.embarq.org/sites/default/files/Vida-Morte-Rodovias-Urbanas-EMBARQ.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2015.

<sup>47</sup>BRTs quadruplicaram nas cidades globais e RJ e BH têm os dois melhores sistemas do mundo, aponta estudo. Publicado em novembro de 2014. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/urbanidades/brts-quadruplicaram-nas-cidades-globais-e-rj-e-bh-tem-os-dois-melhores-sistemas-do-mundo-aponta-estudo>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

<sup>48</sup>Neste contexto, os BRTs seriam então recomendáveis a Porto Alegre que, segundo censo do IBGE, possui 1.409.351 habitantes.

BRTs, ainda que os resultados não tenham sido comemorados por todos. Um estudo avalia que os principais problemas de mobilidade urbana enfrentados pelo país não foram amenizados (BRANSKI *et al.*, 2013). No Brasil, a Copa e as Olimpíadas foram responsáveis pelo crescimento de investimento nos BRTs. Sedes como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre investiram nesse projeto. Em Porto Alegre, a construção dos corredores de ônibus não foi concluída a tempo do Mundial.

O deslocamento por trens já existe na região metropolitana de Porto Alegre, mas o metrô dentro da capital, em tempos de Copa do Mundo, surge como outra solução para os problemas de mobilidade urbana. No site da prefeitura de Porto Alegre, a obra é considerada prioridade às vésperas do megaevento, pois teria integração com os sistemas de BRTs e com o Trensurb, em 14,88 quilômetros de extensão nas 13 estações. Esse sistema tem sido considerado uma importante ferramenta em diversas metrópoles mundiais, como Nova Iorque, Londres e Xangai. Apesar disso, há especialistas que consideram que o Brasil ainda está pouco estruturado nessa questão e que não vale a pena investir em metrô. Em entrevista publicada no site da revista Exame<sup>49</sup>, o diretor de São Paulo do grupo C40, que reúne as 40 maiores cidades do mundo, Adalberto Maluf diz que as metrópoles mundiais que implantaram com sucesso o metrô construíram sistemas metroviários em outras épocas, quando era muito mais barato de fazer. Segundo Maluf, a recomendação do C40 é que São Paulo, assim como as outras cidades do grupo, priorizem o BRT em vez do metrô, uma vez que o custo de cada nova linha de trem será muito alto.

Para finalizar esta breve análise das obras prioritárias, destaco a reforma da zona portuária da cidade, na região central. Terrenos públicos, como instalações portuárias, são destacados como os alvos dos investimentos urbanos. Soares (2013) lembra que um componente importante dos megaeventos é a “revitalização” de antigas centralidades decadentes. O autor avalia que, neste processo, revela-se com maior força a face neoliberal e empreendedorista da gestão urbana dos megaeventos. O estudioso analisa ainda que estes processos envolvem grandes operações urbanas, na qual se mobilizam recursos públicos e parcerias público-privadas. Neste processo, ocorre mais uma vez a padronização dos espaços urbanos, pois os projetos seguem modelos já consagrados mundialmente, como Docklands, de Londres, Port Vell, de Barcelona e Puerto Madero, em Buenos Aires. Avaliando as

---

<sup>49</sup>MAIS metrô? Não! A solução para as cidades são os ônibus. Reportagem de Marcos Prates. Publicada em 09 de agosto de 2012. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/transportes/noticias/mais-metro-nao-a-solucao-para-as-cidades-sao-os-onibus?page=1>>. Acesso em 01 abr. 2015.

transformações para megaeventos esportivos no Rio de Janeiro, a arquiteta Fernanda Sánchez (2011) utiliza aspas ao se referir ao processo de “revitalização”. A autora afirma que o termo não passa de um eufemismo para a situação urbana de exclusão e especulação imobiliária<sup>50</sup>. Trazendo essa discussão para o cenário da Copa em Porto Alegre, percebo que é corriqueiro na mídia chamar as obras no cais do porto de “revitalização”. Neste sentido, acredito que escolher esta expressão para se referir aos projetos é participar de uma construção discursiva específica sobre a cidade e, portanto, tive cautela ao utilizar este termo na tese, somente reproduzindo-o quando as notícias assim classificam as obras.

Diante dessas observações de Soares (2013), é pertinente ainda acrescentar que há movimentos contrários às propostas para o cais Mauá, como também é chamado. Enquanto o projeto continua em discussão, grupos da sociedade civil<sup>51</sup> manifestaram-se inúmeras vezes, especialmente com a chegada do Mundial, a favor da ocupação do espaço, no entanto, contra o modelo de ocupação proposto. Em uma carta aberta, esse movimento enumera irregularidades no projeto, como a falta de licenças de impacto ambiental e de estudos de impacto de vizinhança. O grupo destaca as investigações de órgãos estatais como o Ministério Público (nas promotorias ambiental e do patrimônio público de Porto Alegre) e o Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul. E desafia: “Não vai ter shopping, nem torres comerciais, nem centro de eventos privado, nem vaga para milhares de automóveis na beira do Guaíba, pois o pôr-do-sol é nosso, é de todos”<sup>52</sup>.

Para além de discutir o que é correto ou viável para Porto Alegre, trago essas outras visões sobre as mudanças propostas para que se perceba a falta de consenso no debate público. São ideias que confrontam aquilo que determinados discursos apresentam como algo consensual, indiscutível, naturalizado. Argumentos contrários, como os que acabo de apresentar, deixam de ser mencionados também no discurso midiático.

---

<sup>50</sup>REVITALIZAÇÃO entre aspas. Entrevista de Fernanda Sánchez a Alice Melo, publicada no portal Revista de História.com.br em 18 out 2011. Disponível em: < <http://www.rhbn.com.br/secao/artigos-revista/revitalizacao-entre-aspas> >. Acesso em: 26 fev. 2015.

<sup>51</sup>Na página Ocupa Cais Mauá, do Facebook, são mencionados quatro grupos contrários ao projeto: Cais Mauá, Coletivo A Cidade que Queremos, Cais Mauá de Todos e Defesa Pública da Alegria. Cabe lembrar que, em outubro de 2012, o grupo Defesa Pública da Alegria organizou uma manifestação no centro da cidade que culminou com o estouro do boneco inflável “Tatu-bola”, mascote da Copa na capital gaúcha. Página do Facebook disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacaismaua>>. Acesso em: 22 out 2016.

<sup>52</sup>CARTA aberta à população de Porto Alegre: como queremos nosso Cais Mauá? (pelo Movimento Ocupa Cais Mauá). Documento publicado no portal de notícias Sul 21. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/carta-aberta-a-populacao-de-porto-alegre-como-queremos-nosso-cais-maua-pelo-movimento-ocupa-cais-maua/>>. Acesso em: 22 out 2016.

Os textos da iniciativa pública, privada, dos meios de comunicação, contam histórias que se juntarão (ou não) a um imaginário urbano de um tempo específico: a Porto Alegre da Copa. É neste contexto que os espaços dessa cidade vão se delineando no horizonte. Realidades particulares são construídas, de acordo com os interessados: a Porto Alegre 2014 do Projeto Cais Mauá, a Porto Alegre 2014 da Secretaria Extraordinária da Copa, a Porto Alegre 2014 da Trensurb, a Porto Alegre 2014 do Ocupa Cais Mauá, a Porto Alegre 2014 da FIFA... Os meios de comunicação também participam dessa construção de narrativas sobre a cidade. É a representação da Porto Alegre 2014 da mídia que me interessa.

Antes de passar para a próxima etapa, preciso lembrar que esta tese fala de sonhos. Todos esses projetos da Copa estão nessa categoria, porque assim a mídia os definiu: alguns sonhos foram iniciados, outros não; alguns foram concluídos, mas nem todos. Meu interesse é falar da cidade dos sonhos que não foram: não foram iniciados nem finalizados. Porém, enquanto desejos, esses projetos existiram em 2009 – e existem até hoje. Neste contexto, analiso a Porto Alegre 2014 do metrô e do cais do porto. Essas duas obras foram intensamente discutidas no ano de 2009, ano de escolha da cidade como sede, e, como vimos, chegaram a ser relacionadas à Copa do Mundo. Entendo que escolher os projetos que nunca começaram traz algo de único a essa pesquisa. Esses sonhos acompanham o imaginário da cidade ao longo do tempo. Em diferentes momentos históricos, lá estão o metrô e o cais do porto, representados como desejos não concretizados. Em 2016, ano em que escrevo esta tese, posso afirmar que as obras não passaram de um sonho – sonhado pela mídia.

### 3 JORNALISMO

Flagrantes de existências, retratos de época, instantâneos da eternidade fugidia, rastros de tecnologias no imaginário do impalpável, o amor, a paixão, a saudade, o sonho e a fantasia. O pesquisador das tecnologias do imaginário deve fazer a narrativa do vivido, como um etnógrafo das emoções e das práticas, a exemplo de um repórter das paixões e acontecimentos do cotidiano. O imaginário é o mundo em movimento.

*Juremir Machado da Silva*

Neste capítulo, abordo as especificidades do jornalismo enquanto uma construção social da realidade e a notícia como o resultado desse processo. O mundo da vida cotidiana é o mundo ao qual está conectado o jornalismo. Neste mundo, há espaço também para representar os sonhos de determinada época e sociedade. O recorte temporal desta pesquisa é a chegada da Copa do Mundo de 2014, considerado, portanto, um tempo de sonhar na mídia com Porto Alegre. Exploro conceitos como o mundo dos sonhos e o imaginário, já tratados no capítulo anterior, agora com enfoque na notícia enquanto um espetáculo ou ainda fábrica de sonhos, a partir da forma e do conteúdo hiper-realista que o jornalismo por vezes adota. Por fim, exploro as facetas de sedução e de dramatização no discurso jornalístico e discuto o jornalismo enquanto tecnologia do imaginário que permite a disseminação de imaginários (SILVA, 2010).

#### 3.1 O MUNDO DA VIDA COTIDIANA E O JORNALISMO

A atividade jornalística participa da construção social da realidade ao determinar uma realidade publicamente relevante e aceitável. Embora exista no campo a atribuição de que o jornalismo não deve faltar com a verdade, a totalidade não será vista. Há uma espécie de compromisso entre o veículo de comunicação e o público de que os fatos noticiados são reais. O jornalista se coloca como uma testemunha dos acontecimentos mais objetiva possível; na definição de De Certeau (1994), é o “mensageiro do real”. No entanto, o conteúdo jornalístico está preso ao senso comum e configura-se para produzir certos efeitos de sentido. O conhecimento do senso comum está disponível pelas notícias.

O jornalismo determina o que é relevante. O jornalista é então o sujeito que detecta essas relevâncias do mundo cotidiano e as transforma em notícias. O estudioso português João Carlos Correia (2004), em “A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz”, afirma que grande parte das mensagens da atualidade nos chegam através do contato com os meios de comunicação. Segundo o autor, a sociedade aceita que os debates não têm reconhecimento a não ser que a mídia lhes dê notoriedade. Essa intenção da mídia de fazer crer que a realidade que ouvimos no rádio, vemos na televisão, lemos na revista, é a realidade por excelência, também é estudada pelo sociólogo inglês Roger Silverstone (2002). O autor lembra que é por meio de representações singulares e múltiplas da mídia que são fornecidos critérios, referências para a condução da nossa vida diária. Assim também o senso comum é produzido, mantido, explorado e distorcido:

Com efeito, sua falta de singularidade fornece o material para as controvérsias e os assombros diários, quando somos forçados – em grande medida pela mídia e, cada vez mais, talvez apenas a mídia – a encarar os sentidos comuns e as culturas comuns dos outros (SILVERSTONE, 2002, p.21).

Nas palavras de Silverstone (2002), a mídia tem a pretensão de verdade dos fatos. Essa é sua grande retórica: a capacidade de nos convencer de que o que representa realmente aconteceu. Os livros de cavalaria também tiveram esse poder na obra de Miguel Cervantes. Correia (2004) lembra que, no universo de Quixote, nada permanece paradoxal ou contraditório. Dentro do universo da cavalaria, as premissas mantêm a sua coerência e harmonia internas. No entanto, algumas experiências não foram totalmente convincentes, como no caso da viagem pelos céus em um cavalo de madeira. Sabemos que as sensações foram construídas, planejadas. Como acreditar que o homem pisou na Lua, tendo como referência as imagens da televisão? A resposta, para Silverstone, reside em nossa confiança nas instituições responsáveis por nos trazer a história, a crença em sistemas abstratos e técnicos - componente crucial da modernidade. Além dessa confiança, o autor explica que a mídia nos proporciona uma forma singular de representação das experiências, além de continuamente sustentar essa realidade em textos anteriores e posteriores, reafirmando a realidade alegada. É assim que a mídia afeta, toca e marca as pessoas diariamente.

Já tratei nesta tese da influência dos encantadores no trabalho de convencimento da realidade experimentada por Dom Quixote. Eles trabalhavam para que o protagonista outorgasse um sentido de realidade ao mundo da cavalaria. Quero então comparar esse trabalho ao da mídia. Silverstone (2002) diz que somos, significativamente, encantados pelas narrativas da mídia. Assim como acontece nas histórias de Cervantes, a mídia visa construir

narrativas baseadas na explicação coerente e não-contraditória. O intuito é aproximar essas histórias da experiência do sentido comum e transformar o modo de interpretação do público que acompanha as notícias.

O pesquisador espanhol Miquel Rodrigo Alsina (2009), em uma de suas obras sobre a construção da notícia, afirma que a atividade jornalística tem um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes; porém, ressalta que não devemos vincular o conceito de construção da realidade única e exclusivamente à prática jornalística. Para o autor, a notícia é uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível. Segundo Alsina (2009), a mídia torna os acontecimentos um material de possível consumo repetitivo. Dentro do sistema da mídia, o acontecimento passa por um processo de filtragem e reelaboração - portanto, é sempre algo construído. Essa passagem do acontecimento para a notícia relaciona-se com a construção da realidade proposta pelos meios de comunicação: na medida em que representa a realidade, o mundo real, a mídia também participa de sua construção.

Alsina (2009) e Silverstone (2002) concordam que a confiança e a credibilidade são essenciais nessa relação entre um veículo de comunicação e o público para o qual se destinam as notícias. A mídia tem a intenção de nos fazer acreditar que o que representa é verdade; o público deve acreditar na notícia. Há dois processos importantes neste sentido:

a primeira constatação é a alegação de estar representando o mundo real, a atitude natural. É baseada na expectativa de que o que se está representando é simples, coerente e verdadeiro. A segunda alegação é baseada na representação e na dependência do saber cultural compartilhado, um saber que pode ser específico a uma sociedade e não a outra e sujeito à mudança, mas que, apesar disso, é visto como natural de uma maneira óbvia e autoevidente por seus membros (SILVERSTONE, 2002, p.88).

Fica claro que os acontecimentos representados na mídia não são fatos naturais. Esse processo faz parte da objetivação (e o seu grau extremo, que é a reificação), bastante utilizado no campo da comunicação. Nas palavras de Correia (2004), o jornalista é, potencialmente, uma espécie de profissional da atitude natural, pois adota uma postura de interesse eminentemente prático, fé ingênua na realidade e permanência do mundo percebido. Porém, cabe sempre ressaltar que não existe nenhuma leitura da realidade que seja descontextualizada e que não esteja objetivada (ALSINA, 2009). A objetivação da realidade, para Berger e Luckmann (1985), se dá na transformação de produtos exteriorizados da atividade humana em caráter de objetividade. Esse mesmo produto não tem valor fora da sociedade, portanto, não

existe objetivamente, é construído. A objetivação atinge seu ápice na reificação. É quando, segundo Berger e Luckmann (1985), eliminam-se os rastros que chegam até o homem como autor da cena. O homem esquece sua autoria do mundo humano.

A objetivação também foi objeto de análise da Sociologia Compreensiva proposta por Maffesoli (1985). O autor caracteriza esse processo como “redução utilitarista”, uma herança do pensamento positivista: “Realidade dos Universais, Reificação, fantasma do Uno – são exemplos da atitude de espírito que pretende objetivar, colocar diante de si como objeto o fato social ou natural, a fim de assenhorar-se de sua riqueza e dominar seu funcionamento” (1985, p.61). A sociologia do conhecimento também alertou para a tendência reificadora do pensamento teórico geral (BERGER E LUCKMANN, 1985). Os pesquisadores científicos que se lançam ao estudo das notícias devem estar atentos à objetivação dos fatos imposta pelos meios de comunicação. O ideal é adotar uma postura de desfamiliarização com a realidade já objetivada e reificada, conforme sugerem diversos autores (ALSINA, 2009; SILVA, 2003). O dado-por-certo, o óbvio, o literal, o singular, deve ser questionado. A naturalização da cultura e os efeitos de sentido de objetividade no discurso jornalístico interessam ao pesquisador da comunicação.

### 3.2 O SONHAR ACORDADO DA COMUNICAÇÃO

A objetivação e a confirmação da realidade pela mídia são assuntos de que trata o sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard no livro “Simulacros e simulação”. O autor afirma que o cenário oficial da informação existe para manter a ilusão de uma realidade dos problemas e de uma objetividade dos fatos (BAUDRILLARD, 1981). Para ele, essa é a grande ilusão da mídia: construir um cenário de sonho, a partir da representação da realidade. Para esta tese, Baudrillard (1981) traz uma das contribuições mais relevantes sobre o mundo dos sonhos em sua relação com a comunicação: o sociólogo afirma que a informação foi invadida por uma espécie de “sonho acordado da comunicação” (BAUDRILLARD, 1981). Acredito que o ato de “sonhar acordado” está contido no mecanismo de funcionamento das reportagens em análise nesta tese. Anteriormente, abordei a natureza dos sonhos sonhados por pessoas comuns; nesta etapa, interessa confrontar o mundo dos sonhos que é construído pelos meios de comunicação, além de determinar sua relação com o imaginário.

Para definir o que seria esse “sonhar acordado da comunicação”, Baudrillard (1981) estabelece os limites entre fingimento e simulação na comunicação. Enquanto fingir ou dissimular deixa intacto o princípio de realidade, a simulação põe em causa a diferença do



“verdadeiro” e do “falso”, do “real” e do “imaginário”. Para compreender os limites do que é real e imaginário, o autor traz a noção de simulacro, como um mecanismo de reabsorção da distância entre essas duas ideias. Situações simuladas, de acordo com o sociólogo, não são uma espécie de transcendência ou projeção do real, nem constituem um imaginário relativamente ao real: são a antecipação do real. O autor enfatiza que uma grande energia é gasta para manter este simulacro, evitando assim que nos confrontássemos com o que chama de perda radical, ou implosão, do sentido. Baudrillard afirma que acontecimentos catastróficos insistentemente repetidos nas notícias, como a crise petrolífera, nunca existiram, senão como “peripécias artificiais”, artefatos de história que mantêm um investimento histórico sob hipnose. É neste contexto que o autor introduz a expressão hiper-realidade da comunicação.

Sobre essa perda da produção de sentido nos meios de comunicação, o autor atesta que é inútil questionar o que vem primeiro: se a perda da comunicação induz à sobrevalorização no simulacro, ou se o simulacro é o que chega primeiro e extingue qualquer possibilidade de comunicação. Inútil, nas palavras de Baudrillard, porque este processo da simulação e do hiper-real é um circuito circular: “Hiper-realidade da comunicação e do sentido. Mais real que o real, é assim que se anula o real” (1981, p.105). Essa anulação do real, na busca por algo mais detalhado que o próprio real, redobra nos signos de uma realidade que já é impossível de encontrar. Como resultado do que Baudrillard (1981) caracteriza de encenação exacerbada da comunicação, a mídia implode o conteúdo e desestrutura o real: *medium* e real são uma única nebulosa indecifrável na sua verdade.

A publicidade, para Baudrillard, provoca essa desestruturação do real. O modo de operação publicitário é, nas palavras dele, o grau zero do sentido, e por isso, todas as atividades da comunicação tendem à publicidade: “Todas as formas culturais originais, todas as linguagens determinadas absorvem-se neste [na publicidade] porque não tem profundidade, é instantâneo e instantaneamente esquecido” (BAUDRILLARD, 1981, p.113). É importante frisar que o autor não está falando da linguagem publicitária, mas sim da forma publicitária enquanto um modo operacional sedutor e consensual, que destrói intensidades e acelera a inércia: “veja-se como todos os artifícios de sentido e de não sentido aí estão repetidos com lassidão, como todos os procedimentos, todos os dispositivos da linguagem da comunicação” (1981, p.119).

O modo publicitário de operar nos traz o melhor exemplo do que é esse “sonhar acordado” da comunicação. É o mecanismo de que se alimenta a sociedade dos sonhos, na

concepção do antropólogo Everardo Rocha (1995). O estudioso analisa as mensagens midiáticas através de um olhar antropológico para o consumo. Assim como Baudrillard (1981), Rocha (1995) afirma que a publicidade é uma espécie de porta de entrada para a decifração do conjunto de significados da comunicação de massa<sup>53</sup>. O antropólogo estabelece uma relação entre sociedade industrial e publicidade que também pode ser percebida em notícias e reportagens. No entanto, entende que é a publicidade quem paga a conta dessa produção que recebemos de graça ou fortemente subsidiada. A sustentação de um jornal diário seria inviável sem a publicidade, pelo menos no que diz respeito às grandes organizações midiáticas.

Neste sentido, acredito que é importante perceber o que aproxima jornalismo e publicidade. Estudar o funcionamento do discurso publicitário é compreender as bases em que se apoiam algumas argumentações usadas também nas notícias. Não é raro que a ordem social construída em um anúncio publicitário reverbera no discurso jornalístico. A legitimação do papel da família está presente em comerciais de margarina que, por sua vez, também sustenta a construção de notícias que institucionalizam o que se convencionou chamar hoje de “família tradicional”. E, se estamos falando em sonhos, é pela repetição desses discursos que se cria e se legitima o *mundo da família dos sonhos*. Muitas outras convenções que saem dos anúncios publicitários acabam respingando no jornalismo. A publicidade é então, para Rocha (1995), uma espécie de “cola” do sistema:

É através dela que tudo se liga com tudo, é ela que irrompe nas páginas dos jornais e revistas, nas vozes do rádio ou nas imagens das televisões de maneira inapelável, como que enfatizando o lugar de fato e de direito que dispõe por costurar todo o sistema (ROCHA, 1995, p.42).

Há muita magia na composição dessa “cola” que cimenta o “sonhar acordado da comunicação”. Os meios de comunicação de massa trabalham com maestria o lado lúdico dos fatos. O pensamento mágico, onírico, está nos “leões” dos impostos, nos “gatos” das pilhas, nos “cavalos” do anúncio do cigarro Marlboro. O lúdico cimenta crenças inicialmente opostas, como as ideias de sucesso e cigarro, de margarina e saúde infantil (ROCHA, 1995). Por detrás disso, o jogo que a comunicação de massa deseja naturalizar é o do consumo:

---

<sup>53</sup>Rocha (1995) trabalha muito nesta obra com as expressões indústria cultural e comunicação de massa e as percebe como sinônimos. Para o autor, ambas são uma espécie de “mercado” para os meios, os veículos de comunicação. A indústria cultural ou comunicação de massa será aquilo que eles veiculam, sempre nos limites deste “mercado”, nas palavras do antropólogo.

“Neste universo exótico da sociedade ali dentro, abrimos as ‘portas da esperança’, vamos ao ‘céu é o limite’ ou ao ‘fantástico show da vida’” (1995, p.32).

Na mídia, o consenso reina pela arte do convencimento - e não da obrigação. São essas as diferenças entre o poder da mídia e o poder do Estado, segundo Rocha (1995). Para o autor, os meios de comunicação conseguem seduzir e encantar as pessoas, diferente do discurso normativo e violento de políticos e governantes. As mensagens publicitárias e jornalísticas operam ao nível da persuasão sobre seus receptores. A mídia não obriga ninguém a nada, afinal, como afirma Rocha, quem pode persuadir não necessita mandar. O público é atraído por essa força externa que emana dos novos desejos construídos pela mídia: “Na sociedade dentro da Comunicação de Massa ninguém é obrigado a nada, embora todos possam convencer qualquer outro de alguma necessidade absoluta” (ROCHA, 1995, p.190).

O autor observa a intenção de classificar grupos sociais através dos anúncios, reforçando a ideia de pertencimento desses indivíduos. É reflexo do desejo incessante de ligar, de juntar, de incluir, e obedece à lógica de uma sociedade na qual a importância suprema se localiza na totalidade, nas relações dos homens entre si e com as coisas. Isso explica porque algumas expressões são frequentes nos anúncios: “junte-se a nós”, “estamos juntos”, “o banco que está ao seu lado”. Para Rocha, é a estratégia de uma sociedade que deseja relacionar tudo, sem deixar nenhuma ponta solta.

Maffesoli (2008) também verifica essa característica no jornalismo. O sociólogo francês observa que os jornais buscam seduzir microgrupos. As diferentes seções de um jornal querem conquistar públicos específicos. Mas não dá para atingir a todos os públicos: “Raramente a informação alcança todos ao mesmo tempo. Quase nunca ela é universal. Esse é um mito do jornalismo ocidental” (MAFFESOLI, 2008, p.23). O autor faz uma análise dos impressos brasileiros de alcance regional. Marcas fortes, como a Folha de S.Paulo, são dirigidas aos leitores paulistas; O Globo encarna o espírito carioca. Em Porto Alegre, Maffesoli aponta que Zero Hora articula o abstrato (informação global) com o substantivo (o vivido local).

A informação tem o objetivo de conectar pessoas. O que Rocha chama de “cola”, Maffesoli (2008) classifica como “cimento social”. Essa é uma das principais proposições do sociólogo francês, que afirma que comunicar e informar significa querer estar junto e fazer vibrar. Segundo o autor, as pessoas não querem só informação na mídia, mas fundamentalmente buscam ver-se, ouvir-se, participar. É a partilha cotidiana e segmentada de

emoções e de pequenos acontecimentos que interessa ao público, na visão de Maffesoli. O aspecto interativo predomina sobre o utilitário: “O público absorve, do conjunto das informações, aquilo que faz vibrar e estabelece comunidade” (MAFFESOLI, 2008, p.24).

Outro estudo que trata da partilha de emoções na comunicação é o do jornalista Artur da Távola (1993). Já vimos, anteriormente, o que Baudrillard entende por hiper-realidade e simulação. Em um artigo, que tem como premissa central a concepção da notícia enquanto espetáculo hiper-real, Távola (1993) continua essa discussão. O jornalista afirma que a informação aparenta nascer da objetividade, como se relatasse o acontecido de modo imparcial. No entanto, lembra que essa objetividade informativa é uma ilusão, pois o hiper-realismo é comandado pela subjetividade, pelas emoções. Para o autor, esse hiper-realismo da comunicação utiliza elementos do real para criar algo pretensiosamente mais verdadeiro que o real. Traz maior precisão, nitidez, força e expressão ao que está focalizado, e recria, distorce o real, sem dele se afastar. Conforme Távola, esta tarefa requer exagero e coerência:

É um método de exagerar as consequências do real baseando-se nele mesmo e em nenhuma subjetividade, a não ser a do olhar e do discurso de quem o enfocar com lentes de aumento e com alto grau de detalhamento e diferenciação. Este expediente diabólico, penetrante e disfarçado, destaca o real de si mesmo e da generalidade onde vive e se dilui, fazendo-nos supor se o real focalizado é a única ou ‘melhor’ expressão do real. É um estratagema de pungente força transfiguradora pois utiliza, além do próprio real, verossimilhança e a meia verdade, unindo-as num todo coerente, verdadeiro e ao mesmo tempo ilusório (TÁVOLA, 1993).

Somos bombardeados, segundo o autor, a todo tempo, pelo hiper-realismo nos noticiários. O modo sedutor de apresentação das informações faz com que ficção e realidade se confundam. A leitura crítica desse conteúdo perde força porque o público fica preso, hipnotizado, anestesiado. O autor define o hiper-realismo como a mentira da realidade. Não a mentira, no sentido corriqueiro da palavra, mas, antes disso, esclarece Távola (1993), um corte na realidade. Esse corte dá origem a uma realidade própria, cria uma meia-verdade: é uma nova aparência da realidade tomada pelo ângulo de ênfases selecionadas pelo comunicador (TÁVOLA, 1993).

Enquanto para Távola (1993) algumas mensagens midiáticas provocam uma confusão entre ficção e realidade, Baudrillard (1981) verifica que os limites entre realidade e imaginário ficam cada vez mais complexos de serem determinados: “O imaginário era um álibi do real, num mundo dominado pelo princípio de realidade. Hoje em dia, é o real que se torna álibi do modelo, num universo regido pelo princípio de simulação” (BAUDRILLARD,

1981, p.153). O autor afirma que o real se tornou a nossa verdadeira utopia, mas uma utopia somente possível no sonho, tal qual um objeto perdido.

Já estabeleci aqui as aproximações entre os discursos jornalístico e publicitário. Agora, Távola (1993) chama a atenção para as semelhanças entre a dramaturgia e o jornalismo. O autor diz que a notícia, espetacularizada, herdou da dramaturgia elementos como a tensão dramática, a identificação com heróis ou com vilões, a simbologia do “bem” e do “mal”, os códigos da moral vigente e de sua transgressão. Távola (1993) percebe a força desse processo, que caracteriza como diabólico. Para ele, de modo imperceptível, redatores, editores, fotógrafos, câmeras, repórteres transformam-se em dramaturgos e/ou publicitários empenhados nas ênfases dramáticas.

O tom emocional e dramático que impera nas notícias também já foi bem explorado por autores como Alsina (2009) e Charaudeau (2006). Para Alsina (2009), a informação jornalística não tem a missão somente de transmitir o saber, mas também de fazer sentir. Há uma intenção nesta tarefa, uma vez que a mídia busca um maior número de cidadãos consumidores dessa informação, sem desprender-se da tarefa de construir e de manter sua credibilidade. No entanto, Charaudeau (2006) ressalta que a utilização de recursos que buscam emocionar gera também um impasse, pois se opõe ao efeito de racionalidade que deveria direcionar a produção da informação. O autor observa que a mídia fica “condenada” a procurar emocionar seu público, mobilizando sua afetividade.

Conforme já se observou, a dramatização do conteúdo jornalístico está relacionada ao fenômeno de espetacularização do real na construção das notícias. É uma característica da “sociedade do espetáculo” definida por Guy Debord. Segundo o autor, a partir da modernidade, a vida das sociedades se anuncia como uma acumulação de espetáculos. A mídia é uma dessas esferas de espetacularização da vida cotidiana: informação vira entretenimento e notícia vira espetáculo (SILVA, 2003). O jornalista e sociólogo Muniz Sodré (2002) fala desse fenômeno na esfera política. Para o autor, no cenário político norte-americano, o que importa é a performance e a capacidade pessoal de gerar espetáculo publicamente. É dessa forma que as campanhas eleitorais se converteram em espetáculo público, através da força do imaginário. O estudioso destaca esse poder do imaginário na sociedade atual ao constatar que o espaço público é cada vez mais construído pelas dimensões do entretenimento ou da estética, cujos recursos provém também do imaginário social. Sodré (2002) acredita que a mídia é o cenário perfeito para tal interpretação de papéis. Há uma

tendência à substituição do discurso objetivista, racionalista, argumentativo, compatível com a imprensa clássica, pela narratividade emocionalista da midiaticização (SODRÉ, 2002).

Outro autor que pontua a força do imaginário nas mensagens midiáticas é Rocha (1995). Ele identifica que se projeta, a partir da comunicação de massa, um universo de especulação simbólica que seria “a mais formidável máquina de criação do imaginário coletivo de nosso tempo” (1995, p.24). O autor ressalta ainda que esse apelo emocional presente nos símbolos de um anúncio, de uma notícia ou de um programa de televisão vem acompanhado de estilos de vida e modelos de ser no mundo.

No estudo da comunicação, Maffesoli (2008) entende que as emoções que esses conteúdos midiáticos despertam nem sempre são consideradas e estudadas pelas teorias da comunicação. O sociólogo dá pistas aos pesquisadores que se lançam à observação desse fenômeno:

o imaginário é a partilha, com outros, de um pedacinho do mundo. A imagem não passa disso: um fragmento do mundo. A informação serve, então, para fornecer elementos de organização do *puzzle* de imagens dispersas. Assim, as tribos de cada cultura, partilhando pequenas emoções e imagens, organizam um discurso dentro do grande mosaico mundial (MAFFESOLI, 2008, p.26).

O pesquisador que se propõe a estudar as narrativas cotidianas que despertam a emoção e reforçam imaginários deve estar atento às estratégias de comunicação que recobrem o vivido com uma ou mais camadas de imaginário (SILVA, 2010). Essas estratégias são discutidas pelo jornalista Juremir Machado da Silva (2010). O autor sugere pensarmos no imaginário enquanto um reservatório e também um motor. Reservatório porque traz elementos já realizados, do passado, agregando lembranças, imagens, sentimentos e experiências. Motor, pois impulsiona indivíduos ou grupos na realidade vivida: “é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos” (2003, p.12). O jornalista e historiador tem a preocupação de orientar os pesquisadores que estudam esse tema – são os “cronistas do imaginário”, categoria à qual me filio.

Uma das contribuições do autor é a noção de tecnologias do imaginário, que liga as áreas de estudo do imaginário e da mídia, e traz orientações relevantes às pesquisas, especialmente na área de jornalismo. Para Silva (2003), atualmente, na era da aceleração tecnológica, são as tecnologias que, apelando para a emoção e sedução, disseminam os imaginários, pois operam na produção de mitos, ditam visões de mundo e estilos de vida. As

tecnologias do imaginário servem ao intelecto e à inteligência, mas também funcionam na construção do onírico e do lúdico.

### 3.3 A LÓGICA DAS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO

A mídia, compreendida enquanto informação, arte e entretenimento, reúne todas as características das tecnologias do imaginário. Para Silva (2003), os meios de comunicação funcionam em determinadas categorias, mas estas podem variar. O jornal impresso é definido como tecnologia do imaginário informativa, o cinema como tecnologia do imaginário artística, mas pode ser ainda informativa e comercial. Utilizando conceitos já formulados por Maffesoli e Debord, o autor afirma que as tecnologias do imaginário “estabelecem ‘laço social’ (Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da ‘sociedade do espetáculo’ (Debord)” (2003, p.21). Silva destaca que as tecnologias do imaginário disseminam imaginários para além da função de racionalizar, pois buscam somente a sedução, propondo ao indivíduo uma interatividade baseada no lúdico/emocional. As tecnologias do imaginário são um mecanismo de sedução e de incitação simbólica - e não de manipulação. O autor estabelece os limites entre os discursos publicitário, religioso e das tecnologias do imaginário, entre outros:

Se a ideologia busca impor uma visão de mundo, se a catequese procura incutir uma crença, se a propaganda tenta persuadir com pseudoargumentos, se a publicidade trabalha para vender pela sugestão, as tecnologias do imaginário querem simplesmente seduzir (SILVA, 2003, p.26).

A sedução está relacionada ao efeito de espetacularização nos processos de construção da notícia, reconstrução do acontecimento e dramatização. A formatação do acontecimento, quando guiada pela sedução e emoção, pode modificar a percepção de realidade do destinatário. Neste momento, as tecnologias do imaginário começam a agir. É como se a “bacia semântica” do indivíduo fosse irrigada, passando a influenciar no seu imaginário. Silva (2003) constrói essa ideia a partir de noções de outros autores. O termo “bacia semântica”, de Durand, significa um “canal de irrigação do real pela imaginação”; as tecnologias do imaginário são dispositivos de alimentação dessas bacias semânticas, uma força que impulsiona essa máquina que turbinado do real, tornando-o mais fantástico, mais desejável ou temido. O termo “turbinar” foi escolhido cuidadosamente por Silva. Isso porque o dispositivo das tecnologias do imaginário não chega a fabricar o real, mas sim ajuda a “turbiná-lo”. Não se trata de manipulação da realidade, conceito utilizado durante décadas pelos estudos de

jornalismo, nem de fabricação de ideias. O público é convidado a interagir e a imaginar com o conteúdo midiático. Nada é imposto, ninguém é obrigado a nada, mas todos são convidados.

Máquina, motor, catalisador, véu, aura, estado de espírito, usina de mitos, rede etérea de valores e sensações... Ao longo de suas obras, Silva nos traz diversas associações para pensar o imaginário, admitindo que essa noção é difícil de ser decifrada. Neste contexto, as tecnologias do imaginário cristalizam ideias, transformando o ar do tempo em corrente de uma época: “enraízam nos sentidos uma parte do vivido, do experimentado, do praticado, do que ganhou significado ao ser reabsorvido pelos sentidos como uma atmosfera creível” (SILVA, 2003, p.44). Nas palavras do autor, ocorre um superfaturamento simbólico, porque é real mais real do que o real, é hiper-real: “é o *replay* do gol, esse efeito de realidade mais real do que o real, pela repetição, por força da prótese tecnológica, que faz a realidade, o gol visto num estádio a olho nu, parecer deficiente, como se faltasse alguma coisa nela” (2010, p.49).

Silva (2003) afirma que, no imaginário, não há verdade: “nele tudo é invenção, narrativa, seleção, bricolagem, modo de ser no mundo. No imaginário, como consequência, não há verdadeiro nem falso” (2003, p.50). Voltamos então à discussão sobre a construção da verdade com a técnica jornalística. Alsina (2009) indaga até que ponto existem acontecimentos verdadeiros e falsos no jornalismo e diz que a verdade do acontecimento talvez não seja tão pertinente. Com isso, o autor não está afirmando que os acontecimentos são irrealis, muito pelo contrário: “transmitem o imaginário coletivo: as emoções, os hábitos, as representações, etc.” (ALSINA, 2009, p.131). O jornalismo produz representações, versões de realidade, visões de mundo:

a manipulação e a censura correspondem ao estágio primitivo das técnicas jornalísticas. [...] Não é mais manipulação nem a censura explícita que caracterizam fundamentalmente a operação de encobrimento da mídia, mas a escolha pelo que, sendo correto, não diz toda a verdade (SILVA, 2010, p.22).

Neste sentido, o profissional da atividade jornalística não pode ter a pretensão de neutralidade (imparcialidade, objetividade) de suas ferramentas de trabalho. Conforme Silva, o jornalista estará apenas se enganando: “Toda vez que acredita realmente a neutralidade das suas técnicas, resvala para as mitologias da sua profissão e em lugar de controlar as suas técnicas vê-se ameaçado de controle por elas” (SILVA, 2010, p.21). O autor ressalta: o jornalismo nunca alcançará a verdade, somente a exatidão; não produz verdade, utiliza técnicas:



a verdade que se enuncia, o que sobrevém, o que emerge, é o fato de que a técnica jornalística espetaculariza o acontecimento, levando ao não-acontecimento. O jornalismo espetacular forja o seu destinatário, cria o seu receptor e programa o seu jornalista. Instala-se, de ponta a ponta, um imaginário (SILVA, 2003, p.105).

Para Sodré (2002), há uma forma de prescrição moral implícita no discurso midiático. Os conteúdos morais do discurso midiático repetem o código do mercado em busca de consenso e reconhecimento sociais. Para o autor, esse tipo de moralidade é pendular: atende tanto à sociedade burguesa-tradicional quanto a questões pornográfico-permissivas. Os valores dessa moralidade midiática são, portanto, voláteis, pois dependem dos interesses empresariais do momento:

A moral da mídia contemporânea é apenas mercadológica. Trata-se, na verdade, de um dos muitos tipos de moralidade produzidos pela segmentação moderna da esfera dos valores, parcializações que atendem a interesses privados ou classistas (dentistas, médicos, jornalistas) e se dão a conhecer como deontologias (SODRÉ, 2002, p.65).

Nessa esfera de valores relativos a dinheiro e mercadoria como conteúdos fundamentais da consciência (SODRÉ, 2002), a empresa midiática tem sido o grande instrumento de definição de formas sociopolíticas, como democracia, cidadania e escola, segundo os parâmetros ideológicos do mercado. Ao refletir sobre a globalização, o autor aponta que tal fenômeno se configura como um novo tipo de ideologia do planeta, que perpassa as instâncias econômicas, políticas, sociais e culturais. O autor ainda questiona se, diante deste cenário, existe um bem comum, para além dos interesses liberais de pequenos grupos decisórios:

Considere-se, por exemplo, a ideia de uma sociedade global baseada em informações e comunicação. O exame econômico-político-cultural do fenômeno deixa claro que a globalização em curso não tem nenhuma universalidade (no sentido de que não se realiza para todos do mesmo modo), não é nenhuma mundialização simbólica, já que se assenta nas estratégias de uma minoria privilegiada e controladora do discurso modernizante sobre a unificação mercadológica e tecnológica do planeta (SODRÉ, 2002, p.196).

Seguindo o pensamento de Sodré (2002), é importante lembrar que a universalidade dos benefícios dos megaeventos esportivos não existe, pois não acontece para todos do mesmo modo. No entanto, a competição parece ganhar uma dimensão maior de relevância nas manchetes de jornais, quando sabemos que apenas determinados grupos receberão os benefícios econômicos. Está aí o poder da mídia. Para Dijk (2008), o discurso da mídia implica a exclusão de fontes alternativas de informação e de outros fatores relevantes da descrição dos acontecimentos mundiais. As notícias devem ser analisadas a partir da realidade

na qual estão inseridos os grandes conglomerados de comunicação. Há uma relação de interdependência entre as empresas mundiais, globalizadas, que não pode ser negada.

Neste contexto, estão as grandes empresas de comunicação, os financiadores, os apoiadores e os realizadores dos megaeventos esportivos. No Brasil, as Organizações Globo e a FIFA mantêm contratos há décadas. Para a Copa das Federações 2013 e Copa do Mundo 2014, a emissora ganhou o direito de transmissão dos jogos em todas as plataformas: rádio, TV, *internet e mobile*<sup>54</sup>. A Globo também comprou os direitos de transmissão das próximas Copas de 2018, na Rússia, e de 2022, no Qatar<sup>55</sup>. Com essas relações, estou longe de estabelecer a prerrogativa de que os meios de comunicação, em sua maioria, são apoiadores incondicionais dos megaeventos esportivos. Conforme a Sociologia Compreensiva orienta, é preciso se desvencilhar das armadilhas do pensamento determinista. No entanto, desconsiderar o papel de coadjuvante dos meios de comunicação na realização destes eventos seria ingenuidade. Quero afirmar com isso que não é surpresa a quantidade de reportagens que enfocam nos “benefícios” da Copa e das Olimpíadas.

Ao formatar o acontecimento e construir a notícia, o jornalista está modificando a percepção do destinatário, acrescentando pedaços de informação no imaginário. Desta forma, constrói-se o consenso de que “Paris é sempre uma festa” ou que “Nova Iorque nunca dorme”. Tudo pode ser rebatizado (SILVA, 2010). A capital gaúcha, escolhida sede do Mundial, transforma-se, pela força do imaginário midiático, em “Porto Alegre da Copa do Mundo”. Silva (2010) ressalta que esses imaginários são caricaturas, generalizações, mas nem por isso tornaram-se menos relevantes para entender uma sociedade.

As tecnologias do imaginário, enquanto construtores de narrativas do sociológico, contam sobre o vivido por certos grupos, de acordo com as tecnologias dominantes de uma época. O jornal impresso, a televisão, o cinema, a publicidade, são os dispositivos pelos quais operam as tecnologias do imaginário. A leitura de um jornal de época tem muito a dizer sobre

---

<sup>54</sup>No site da FIFA, é possível encontrar as licenças da mídia, com a lista de todas as emissoras que podem transmitir os jogos. Disponível em: <[http://www.fifa.com/mm/document/affederation/tv/01/47/76/00/2014fifaworldcupbrazil\(tm\)mediarightslicenseelist290614\\_neutral.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/affederation/tv/01/47/76/00/2014fifaworldcupbrazil(tm)mediarightslicenseelist290614_neutral.pdf)>. Acesso em: 14 jan. 2015. Tradução nossa.

<sup>55</sup>No site da FIFA, o anúncio de mais um contrato é comemorado. A Globo é definida como “um parceiro de transmissão da FIFA desde 1970”, “inovadora na produção de futebol que sempre oferece aos fãs do futebol brasileiro com as melhores imagens e aplicações possíveis”. *GLOBO BUYS broadcast rights to 2018 and 2022 FIFA World Cups*. Disponível em: <<http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation/news/newsid=1591131>>. Acesso em: 14 jan. 2015. Tradução nossa.

os costumes desse tempo e as tecnologias disponíveis. Escolhi o jornal impresso como dispositivo para a análise do funcionamento do discurso jornalístico.

### 3.4 O JORNAL IMPRESSO COMO TECNOLOGIA DO IMAGINÁRIO

O objetivo dessa etapa será abordar as características e o funcionamento do discurso jornalístico nos impressos. No entanto, para fazer essa análise, as transformações sociais e econômicas mundiais não podem ser ignoradas, pois a configuração dos impressos de hoje são também resultado dessas pressões. É necessário, ainda que brevemente, contextualizar o que vem ocorrendo com os diários impressos no mundo. O jornal impresso e o modo de fazer jornalismo neste dispositivo foram forçados a mudar.

Há uma conjunção de duas crises: uma primeira de ordem conjuntural, ditada pelos cenários político e econômico, e uma segunda, estrutural, causada pela revolução digital. Os diários têm reduzido suas receitas e encolhido as publicações, provocando demissões em massa e despertando dúvidas crescentes sobre sua capacidade de entregar notícias, análises e opiniões relevantes. A tendência global é a extinção do jornal em papel. Mas o fim do papel não significa que o apetite por consumir notícias diminuiu. Para o jornalista Eugênio Bucci, a despeito de suas mazelas, os jornais impressos têm conseguido desfrutar de uma “autonomia na efetividade de sua cobertura” e seguem como “o mais influente formato noticioso”<sup>56</sup>. Justifico a escolha de um jornal impresso para compor a análise desta tese justamente pela característica de influenciar e pautar a sociedade brasileira.

A maior parte dos jornais está se dedicando ao desenvolvimento do jornalismo digital com o desafio de conseguir modelos de negócios mais rentáveis. O fim do papel pode ser uma ameaça para o jornalismo impresso. No entanto, cabe lembrar que livros impressos continuam sendo vendidos. Em artigo<sup>57</sup> publicado no O Estado de S.Paulo, o advogado e colunista do jornal Carlos Alberto Di Franco analisa este fenômeno e lembra que um desafio do jornalismo impresso é conquistar o público jovem:

---

<sup>56</sup>HÁ LUZ no fim do túnel dos jornais impressos? Documento sobre o X Congresso da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) publicado no portal Observatório da imprensa em 09 jul 2015. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ha-luz-no-fim-do-tunel-dos-jornais-impressos/>>. Acesso em: 22 out 2016.

<sup>57</sup>A IMPORTÂNCIA dos jornais. Carlos Alberto Di Franco. Artigo publicado na seção de Opinião de O Estado de S.Paulo em 13 abr 2015. Disponível em: < <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,a-importancia-dos-jornais-imp-,1668556>>. Acesso em: 10 out 2016.

A juventude foge dos jornais. Falso. Evita, sim, os produtos que pouco falam ao seu mundo real. Milhões de jovens, em todo o mundo, vibram com as aventuras de O Senhor dos Anéis e com a saga de Harry Potter. São milhares de páginas impressas. Mas têm pegada. Escancaram janelas para a imaginação, para o sonho, para a fantasia. Transmitem, ademais, valores. Ao contrário do que se pensa, os jovens reais, não os imaginários, manifestam profunda carência de âncoras morais. Os jornais que souberem captar a demanda conseguirão, sem dúvida, renovar a sua clientela.

Neste sentido, quero enfatizar que o “sonhar acordado” da comunicação pode ser uma ferramenta decisiva para atrair o público que se afasta dos meios de comunicação tradicionais. As notícias que destacam as grandes tragédias cotidianas, os medos, a morte, afugentam essa parcela do público que se interessa mais pela fantasia, pelo lúdico, pelo espetáculo. O jornal enquanto uma tecnologia do imaginário pode reverter esse jogo, utilizando-se para isso dos mecanismos do espetáculo. Conforme Maffesoli (2008), a informação nem sempre tem um valor efetivo, operacional, mas serve de laço social. A partir da leitura de uma reportagem, o leitor busca algo que faça sonhar. “O fato de ter começado a sonhar a partir de uma frase [...] me põe em relação com outros sonhos. Cria-se uma comunidade de espírito” (MAFFESOLI, 2008, p.27). No contexto de perda de público, que está migrando para outras plataformas, a proposta de “sonhar acordado” no jornal impresso revela-se como um mecanismo de sobrevivência dos diários.

No jornal impresso, a cidade e seus governantes estão sempre na cobertura jornalística impressa. Por sua visibilidade midiática permanente, o espaço urbano se configura como um lugar por excelência para que se “sonhe acordado” no jornal impresso. O registro jornalístico é uma das dimensões privilegiadas da história e da memória da cidade. A cidade em tempos de megaeventos esportivos transforma-se em parte do espetáculo e, portanto, está aberta a novas configurações e a uma vasta gama de possibilidades de representação. Um acontecimento jornalístico como a Copa do Mundo é então uma oportunidade única para “sonhar” com a cidade. Na mídia impressa, há algumas especificidades na construção das narrativas, como veremos a seguir. Para Charaudeau (2006), uma das características da imprensa é o domínio da escrita, que tem suas próprias exigências de visibilidade, de legibilidade e de inteligibilidade. Em relação à visibilidade, o autor lembra a importância da paginação e da titulação na construção de um jornal. Diariamente, a tarefa dos jornalistas é definir os assuntos que ganharão destaque na primeira página, quais as fotos que serão selecionadas, o título, o subtítulo. Assim, as páginas e os cadernos devem estar distribuídos de maneira que as notícias sejam facilmente encontradas e apreendidas pelo leitor. Sobre a

legibilidade, Charaudeau (2006) aponta que o acontecimento relatado deve ser, através do discurso, acessível a um maior número possível de leitores. Já o fator inteligibilidade aplica-se ao comentário do acontecimento: dirige-se diretamente ao espírito do leitor, enquanto a visibilidade e a legibilidade apelam aos sentidos.

Além do texto, o uso de fotografias e imagens contribui para o efeito de dramatização que se busca nas notícias do jornal impresso. Charaudeau (2006) afirma que uma imagem ajuda a fixar melhor nas memórias os dramas da vida. É uma forma de olhar o mundo, que é socialmente construído. Duarte e Barros (2009) destacam o aspecto de construção não-objetiva que está presente em toda fotografia: “cada fotografia representa um recorte da sociedade ou de um fato, situação, e, portanto, pressupõe várias escolhas realizadas quando entra em ação a ‘tesoura do fotógrafo’” (2009, p.332).

A notícia ganha diferentes formatos no jornal impresso. Um deles é a reportagem, gênero textual que concentra as fotografias, o texto, o título e outros elementos. A leitura de uma reportagem dá ao sujeito a sensação de participação imaginária nos acontecimentos. Segundo Lage (2005), a intensidade, a profundidade e a autonomia do jornalista são maiores na reportagem do que na notícia:

A notícia expõe um fato ou sequência de fatos: caiu um avião na mata, é notícia; resgatam-se passageiros e tripulantes dias depois, outra notícia; divulga-se o relatório técnico sobre o desastre, uma terceira notícia apoiada na recapitulação das duas anteriores. Já o relato detalhado, com base em testemunhos, do sofrimento daqueles dias passados na selva, entre feridos, mortos, medo, incerteza e crises de desespero – isso daria uma excelente reportagem (2005, p.139).

Para Charaudeau (2006), a reportagem recorre a diversos tipos de roteirizações, utilizando os recursos designativos, figurativos e visualizantes da imagem. O formato tem o objetivo de confirmar as expectativas de credibilidade, de informação e de sedução. O autor aponta para o desconforto em que se encontra um jornalista ao escrever uma reportagem: “em nome da visada de informação do contrato midiático, deve abster-se de mostrar seu ponto de vista pessoal. Entretanto, isso é impossível (toda construção de sentido depende de um ponto de vista particular) e necessário (todo procedimento de análise implica tomadas de posição)” (CHARAUDEAU, 2006, p.222).

A construção do texto jornalístico se dá a partir da linguagem. Diversos autores e abordagens destacam o uso da linguagem enquanto mecanismo com nuances de sentido, multiplicidade de valores e de efeitos discursivos (ARENDDT, 1993; BACHELARD, 1996;

CHARAUDEAU, 2006). Através da linguagem, acionam-se as estratégias textuais, mecanismos para seduzir o leitor e aguçar os sentidos: “os textos nos engajam de diferentes maneiras e com diferentes chamados às sensibilidades. As emoções são tão importantes quanto o intelecto. O superficial tanto quanto o profundo” (SILVERSTONE, 2002, p.62). A metonímia, metáfora e eufemismo são os principais recursos expressivos utilizados nos textos jornalísticos. Desta maneira, “forma-se juízo sobre uma cidade ou país com base em alguns contatos particulares, limitados no espaço e no tempo” (LAGE, 2005, p.129).

O título da reportagem é um dos elementos estruturantes do discurso jornalístico impresso. É nos títulos que se pode notar a tensão entre a necessidade de chamar a atenção, obrigando a ler, e a necessidade de informar: “os jornalistas tomam liberdades expressivas para ‘salgar’ e promover seus enunciados” (SOUSA, 2004, p. 202). Depois do título e subtítulo, o *lead* é o primeiro parágrafo da reportagem. Construído a partir da técnica da pirâmide invertida, o *lead* se tornou uma referência jornalística nos diversos meios de comunicação. A prática se resume em hierarquizar a informação por ordem de importância, respondendo às perguntas do *lead*: o quê, quem, onde, como, quando e por quê, seguidas dos demais dados. Depois da seleção do parágrafo inicial, a reportagem é construída a partir da seleção de fontes, declarações e citações destacadas por abréviaturas.

De acordo com Sousa (2004), as principais qualidades de uma boa fonte são a representatividade, a credibilidade e a autoridade. A representatividade de uma fonte está relacionada ao número de pessoas que ela legitimamente representa. O presidente da República do Brasil, por exemplo, representa todos os brasileiros e foi democraticamente eleito. É, portanto, uma fonte representativa. A predominância de fontes oficiais representa a hierarquia existente dentro da sociedade e direciona a informação de acordo com o interesse de quem, unicamente, fala. Neste sentido, observa-se que as fontes oficiais dominam o processo de produção no jornal impresso:

proliferam nos meios de comunicação as posições das fontes ‘oficiais’, em detrimento das perspectivas de outras fontes. Alguns autores falam [...] na existência de uma hegemonia, uma espécie de unidade de pontos de vista e valores sobre o mundo, transmitida pelos meios de comunicação, que favorece o consenso e o consentimento (SOUSA, 2004, p.22).

Para chegarmos à construção do mundo dos sonhos de Zero Hora, foi necessária esta breve revisão do modo de fazer jornalismo impresso. Cabe ainda ressaltar que, a partir da contextualização das dificuldades dos jornais na primeira década do século XXI, essas características também podem estar mudando para que os próprios jornais sobrevivam. O

avanço da internet e das plataformas digitais certamente afeta as vendas de impressos e pode estar influenciando nas alterações do modo de fazer jornal impresso, que passam por mudanças desde a diagramação até a construção do texto. Diante desta tendência mundial, Zero Hora, objeto da minha análise, não escapa de tais obstáculos.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

Antes de iniciar a análise, é necessário mostrar o percurso para chegar até ela. Em primeiro lugar, vou apresentar o jornal Zero Hora como objeto empírico desta tese, com o intuito de compreender as características editoriais desse impresso. Na sequência, apresento os princípios da Análise de Discurso de linha francesa como abordagem teórico-metodológica que permite estudar o jornalismo e o imaginário. Por último, disserto sobre a construção do *corpus* e do dispositivo analítico, elaborados a partir dos preceitos teóricos definidos nesta tese.

### 4.1 ZERO HORA

“Fazer jornalismo e entretenimento que informem, inspirem e contribuam para a transformação da realidade e da construção das pessoas”. Este é o propósito do Grupo RBS (Rede Brasil Sul), empresa à qual pertence o jornal Zero Hora (ZH). O grupo é uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil e uma das principais afiliadas da Rede Globo<sup>58</sup>. A empresa possui um complexo de veículos, entre televisão, rádio, jornal e digital, espalhados pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Brasília. Na apresentação do Grupo RBS, no site oficial, o fundador Maurício Sirotsky Sobrinho afirma, em uma citação destacada: “A filosofia que implantamos, ao longo do tempo, foi manter os olhos abertos a esta evolução tão acelerada, acompanhando o desenvolvimento tecnológico sem perder de vista a dimensão humana”. Neste mesmo site oficial do grupo, são apresentados os valores que regem o Código de Ética da empresa. O texto “reforça o compromisso do Grupo RBS com a ética e a integridade na condução do relacionamento com todos os nossos públicos”. O documento, lançado em 2013, segundo a empresa, pauta atitudes e práticas no dia-a-dia dos negócios do grupo e abrange tanto os colaboradores do Grupo RBS, os fornecedores que interagem com agentes públicos em nome das empresas controladas ou coligadas a RBS. Ainda segundo o site, a transparência e o respeito às pessoas são “duas prerrogativas inegociáveis que regem a atuação da empresa”. Os seis valores são: “realizar crescimento sustentado”, “nosso coração pulsa”, “desenvolvimento coletivo”, “todos pelos clientes”, “fazer o que é certo”, “conexão com as pessoas”<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup>A Globo possui empresas afiliadas, espalhadas pelo país, que contribuem com os telejornais diários da emissora.

<sup>59</sup>Realizar crescimento sustentado: “Paixão por fazer mais e melhor. Compromisso com resultados consistentes em curto e longo prazos”; Nosso coração pulsa: “Um ambiente vibrante e ousado. Busca da excelência, com



Em uma análise do perfil editorial da empresa, constata-se que a RBS busca o reconhecimento por suas iniciativas de inserção regional no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Neste sentido, a empresa organiza campanhas regionais que provoquem impacto na sociedade local. Levantamento realizado entre os anos de 2001 e 2002 sobre estes eventos revela que as ocorrências se voltam aos interesses regionais, classificados em três áreas temáticas: política e cidadania, economia e empreendedorismo, e folclore e tradição, pilares sob os quais a identidade regional gaúcha é construída. As questões sociais também são discutidas pelo grupo e pela Zero Hora no acompanhamento diário dos fatos e a partir de campanhas do Grupo RBS. Neste sentido, assuntos como melhorias na educação pública, respeito e amor às crianças, problemas com drogas e mortes no trânsito foram intensamente abordados em todos os veículos nas campanhas “A educação precisa de respostas”, “O amor é a melhor herança”, “Crack nem pensar”, “Violência no trânsito: isso tem que ter fim”, para citar alguns exemplos.

Zero Hora está em sexto lugar no *ranking* dos maiores jornais do Brasil em termos de circulação paga, atingindo a marca de 188 mil exemplares<sup>60</sup>. Entre os impressos gaúchos, o jornal é líder em circulação. É devido à essa abrangência no Estado que escolhemos este jornal para o estudo. Fundado em maio de 1964, em Porto Alegre, ZH é um dos veículos de comunicação mais antigos do Rio Grande do Sul. Dentre as principais modificações no *layout* do jornal, a empresa destaca o ano de 1988, quando ZH deixa de ter produção artesanal; o ano de 1994, quando a marca Zero Hora passou a ter formato retangular. Outro momento marcante, segundo a empresa, é o ano de 1996, quando a edição e a produção do jornal passaram a ser totalmente digitais. Em 2007, entrou no ar o website ZeroHora.com, que apresenta notícias atualizadas, além da versão impressa do periódico. O endereço passou a ser adaptável para navegação em celulares. Zero Hora está presente nas redes sociais como Twitter, Facebook, Instagram e Google +. Segundo a empresa, esse projeto digital segue a tendência mundial de integrar a produção do conteúdo<sup>61</sup>. Hoje, parte da versão digital do

---

disciplina, agilidade e simplicidade”; Desenvolvimento coletivo: “Orgulho da nossa contribuição para o país e para a sociedade, com forte senso de responsabilidade e de pertencimento”; Todos pelos clientes: “Temos compromisso com os nossos públicos – consumidores (ouvintes, leitores, telespectadores e internautas), anunciantes e usuários. Toda a organização é dedicada a gerar as melhores soluções para os clientes”; Fazer o que é certo: “Uma empresa ética e que se orgulha do que faz”; Conexão com as pessoas: “Gente com brilho nos olhos. Relação de confiança e respeito recíproco”. Disponível em: < [http://www.gruporbs.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Codigo\\_Etica\\_CondutaGrupoRBS.pdf](http://www.gruporbs.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Codigo_Etica_CondutaGrupoRBS.pdf)>. Acesso em 02 fev 2016.

<sup>60</sup>Dados referentes ao ano de 2011 segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ). Disponível em: <[www.anj.org.br](http://www.anj.org.br)>. Acesso em: 02 dez. 2013.

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora>>. Acesso em: 01 mai 2015.

conteúdo impresso de ZH é cobrada (disponível sem cobrança somente para assinantes do impresso).

Ao analisar o discurso do impresso Zero Hora, Faccin (2009) observa a presença das vozes do tradicionalismo gaúcho e também dos grupos imigrantes que ocuparam algumas regiões do Estado. Para o autor, há um ponto de vista dominante em termos de discursos que sustenta um tom ufanista em relação às contribuições culturais tanto dos imigrantes europeus quanto daquelas populações que habitaram o pampa gaúcho. O autor observa ainda que essa questão se reflete nas políticas editoriais do jornal, que aproveita datas especiais para agendar a oferta de cadernos e suplementos especiais sobre folclore e tradição. Quando ZH menciona as “coisas gaúchas”, o modelo tradicional está baseado no passado de guerra, ligado à região da campanha, que convive com outros modelos que evocam as características europeias que ainda hoje garantem certa hegemonia discursiva no imaginário coletivo local (FACCIN, 2009). Para as autoras Escosteguy e Gutfreind (2006), o apelo da mídia regional ao orgulho de pertencer a um determinado espaço geográfico é, na verdade, uma tentativa de unificar os interesses de diferentes grupos sociais. Faccin (2009) analisa que a lógica comercial orienta as práticas discursivas do jornal. Neste sentido, ZH oferece cadernos e suplementos especiais, normalmente, patrocinados por empresas bem-sucedidas da região. A pujança econômica de setores de crescimento é posta em evidência pelo dispositivo jornalístico, atendendo a uma certa tendência de valorização do espírito empreendedor.

A capital do Estado tem visibilidade nas notícias publicadas em Zero Hora. Notícias sobre segurança pública, obras, trânsito e megaeventos, como a Copa do Mundo de Futebol, ganham destaque diário. Na condição de mais antiga emissora afiliada da Rede Globo, o Grupo RBS investiu na cobertura da Copa e apostou em alguns símbolos da transformação da cidade-sede gaúcha. Em sintonia com os interesses do grupo, em ZH, o Mundial foi tema de destaque da capa à contracapa, passando pelas editorias de opinião, esporte, economia, política, geral, etc. Os preparativos da cidade para receber o evento foram acontecimentos que pontuaram a cobertura jornalística em todos os veículos do Grupo RBS e também em Zero Hora.

#### 4.2 ESTUDO DE SENTIDOS

Em relação ao trabalho de sistematização e interpretação dos dados coletados, a metodologia utilizada será a Análise de Discurso (AD), através de uma pesquisa qualitativa. O pesquisador deve voltar-se para o seu campo, para a questão inicial, para então explorar as

maneiras com que o discurso em análise se relaciona com o simbólico. Por isso, é relevante retomar que falamos dos sonhos da cidade de Porto Alegre e do funcionamento do discurso jornalístico. Acredito que a Análise de Discurso traz um caminho pertinente para entender o funcionamento do jornalismo, pois retoma aspectos como a sedução e a busca pelo consenso, que já dissertei anteriormente. A jornalista Marcia Benetti estuda esta metodologia, problematizando o jornalismo a partir deste referencial. A autora lembra que, no campo da pesquisa em comunicação, podemos pensar em basicamente três tipos de objetos para esta análise: textos de mídias tradicionais e organizações, textos autônomos e textos metodológicos. O primeiro tipo diz respeito aos textos de jornalismo, como reportagens, e é essa a categoria escolhida para a análise.

O objetivo da Análise de Discurso é descrever o funcionamento do texto, explicitando como este produz sentido. O texto é resultado de um processo:

O texto é tomado, pelo analista de discurso, como um objeto opaco, complexo e não evidente, que irá ser questionado em busca de seus sentidos, sujeitos ou relações, o que significa levar em consideração os processos que possibilitaram sua existência (BENETTI, 2016, p.243).

A intenção da Análise de Discurso é gerar conhecimento a partir do próprio texto, considerando que o discurso se textualiza. Uma das precursoras no Brasil desta metodologia, Eni Orlandi (2007) afirma que a AD não está interessada no texto em si, como objeto final de sua explicação, mas percebe o texto como unidade de acesso ao discurso. Feita a análise, não é sobre texto que analista deve falar, mas sobre o discurso. “Uma vez atingido o processo discursivo este é que dá ao analista as indicações de que ele necessita para compreender a produção dos sentidos. Os textos deixam de ser seus objetos” (ORLANDI, 2007, p.73). A autora explica que o texto é uma unidade, escrita ou oral, “feita de som, letras, imagens, sequências, com uma extensão dada, com (imaginariamente) um começo, meio e fim” (ORLANDI, 2001, p.91). Diante desta variedade, o analista deve perceber a configuração do texto a partir de suas características: a natureza dos materiais simbólicos (imagem, som, grafia); a natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição); as posições do sujeito.

A reportagem em jornal impresso é o gênero jornalístico ao qual pertencem os textos que constituem o *corpus* desta parte do trabalho. A palavra e as locuções são itens léxicos a serem considerados na estrutura dessa tipologia textual, pois podem provocar no receptor sentimentos e sensações emocionais. O pesquisador deve estar atento ao título, ao *lead* e ao

corpo do texto, elementos já abordados no capítulo que trata da estrutura da reportagem. Cabe destacar o papel de complementariedade das imagens no discurso jornalístico, como fotografias, ilustrações, legendas. A fotografia é talvez o complemento mais recorrente para reportagens factuais. No entanto, a partir da leitura das matérias selecionadas, percebi a presença outros recursos gráficos, como infográficos. A partir das tecnologias, os projetos da arquitetura e da construção civil são reproduzidos na íntegra ou ganham uma nova versão, mais sedutora, nas páginas de um jornal. A utilização de imagens nos impressos é discutida por Pinto (1999). O autor observa que o mecanismo da sedução é ativado pelo uso de técnicas de enquadramento, cenário, utilização de recursos pós-fotográficos e de edição.

Diante da impossibilidade de um acesso direto ao sentido do texto, a Análise de Discurso opera como uma teoria da interpretação (aberta e não fechada). Mas pretende ir além desta tarefa de interpretação, trabalhando seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Orlandi acrescenta que a Análise de Discurso não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação: “Não há essa chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (2007, p.26). Para perceber a complexidade discursiva e a articulação dos sentidos, Benetti (2016) propõe ao pesquisador que conheça os modos de funcionamento do discurso, percebendo as suas finalidades, as características que conferem legitimidade ao enunciador e as regras gerais de controle. Neste sentido, o desafio do analista de discurso é formular hipóteses que expliquem por que, dentro do universo de todos os textos passíveis de citação, só alguns deles são citados no texto em análise. Enquanto alguns discursos se repetem, outros argumentos são silenciados. São os múltiplos modos de dizer que um texto possui, nas palavras do autor Milton José Pinto (1999), que também estuda discurso e comunicação. Entre os modos de dizer, o autor apresenta três mecanismos que interessam à minha tese: a mostração, a interação e a sedução.

O modo de mostração consiste em descrever coisas ou pessoas de que se fala, estabelecendo relações entre elas e localizando-as no tempo e no espaço, “sempre em relação ao que o receptor supostamente conheceria deste universo em pauta” (PINTO, 1999, p.61). Quem fala também pode utilizar uma estratégia persuasiva, que nos leva ao modo de interação. Para Pinto (1999), a interação consiste em interpelar e estabelecer relações de poder com o receptor, agindo sobre ele ou sobre o mundo por seu intermédio. O terceiro modo de dizer é o da sedução. Quem fala, utiliza a linguagem na busca de consenso, pelo qual se

distribuem os afetos positivos e negativos associados ao universo de discurso em jogo. Desta forma, a sedução consiste em “marcar as pessoas, coisas e acontecimentos com valores positivos ou eufóricos e negativos ou disfóricos, e/ou ainda em demonstrar uma reação afetiva favorável ou desfavorável a eles” (1999, p.64). A noção de tecnologia do imaginário nos estudos de comunicação complementa esta discussão sobre os modos de dizer. O jornalismo, sob a pretensão de representar a realidade, também seduz e busca consenso, através de categorizações e padronizações. Defendo que a Análise de Discurso pode oferecer um suporte teórico e metodológico que fortalece essa linha de pesquisa ao propor que se analisem os modos de dizer de um discurso. Por esse entendimento é que, desde a apresentação desta tese, destaquei a necessidade de observar como o discurso aciona o imaginário e cria o mundo dos sonhos.

Os pressupostos de verdade, de exatidão e de objetividade no jornalismo são discutidos por Benetti (2016), agora à luz da AD. A autora afirma que o jornalismo é incapaz de refletir a realidade tal como ela é, mas ajuda a reforçar consensos a respeito de valores e crenças. E acrescenta que o discurso jornalístico é opaco, não-transparente e com múltiplas possibilidades de interpretação. Neste sentido, a jornalista alerta para a complexidade do objeto em jornalismo:

[...] o texto objetivo é apenas uma intenção do jornalista, restando-lhe elaborar um texto que no máximo direcione a leitura para um determinado sentido, sem que haja qualquer garantia de que essa convergência de sentidos vá de fato ocorrer (BENETTI, 2008, p.108).

Para Benetti (2016), a lógica da Análise de Discurso nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra. Neste contexto, a análise de sentidos construídos pelo discurso jornalístico sobre a realidade será adotada nesta tese. Sobre esta metodologia, Benetti (2016) aponta que o primeiro ponto a ser observado pelo pesquisador é que o texto está revestido de duas camadas: a primeira, mais visível, é a camada discursiva e a segunda é a ideológica, evidente quando se aplica o método. “Essa segunda camada é que explica o processo de atribuição de sentidos que muitas vezes são tomados como literais, naturais ou verdadeiros, como se fossem a única interpretação possível” (2016, p.247). A jornalista admite que o termo “ideológico” pode ser substituído por outras noções que se adaptem melhor aos objetivos de pesquisa. Desta forma, substituo a

expressão “camada ideológica”, à que a autora se refere, por “camada imaginária”, mais articulada com as preferências teóricas apresentadas nesta tese.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS

Feitas estas considerações sobre a AD, passamos para os aspectos empíricos da análise de sentidos. Um dos modos de organização dos procedimentos, segundo Benetti (2016), é numerar os textos e suas respectivas sequências discursivas (SDs), para facilitar a organização do *corpus* e extrair os fragmentos significativos para a análise. Segundo a autora, a sequência discursiva é o trecho arbitrariamente recortado pelo pesquisador, do texto em análise, porque contém elementos que respondem à questão de pesquisa; seu início e seu final são definidos pela correspondência a essa questão. Para orientar os pesquisadores na construção de SDs, a autora elenca uma série de questões de pesquisa, tais como: “Que sentidos sobre Y são construídos por A?”; “Que sentidos sobre X e Y são construídos por A, B e C?”; “Como o sentido X é tensionado por A na situação F?”. Tais questões norteadoras foram fundamentais para iniciar a seleção das sequências discursivas nas matérias, fazendo as adaptações necessárias: “Quais sentidos sobre o metrô e a reforma no cais do porto são construídos por Zero Hora?”; “Quais sentidos sobre uma Porto Alegre com o metrô e a reforma no cais são construídos por Zero Hora, na situação de chegada da Copa do Mundo?”.

Depois de numerar os textos e as sequências discursivas<sup>62</sup>, Benetti (2016) sugere que o pesquisador passe para a segunda etapa: identificar os principais sentidos e reuni-los em torno de formações discursivas (FDs) mínimas. O analista de discurso deve, fora do âmbito do texto, buscar as formações imaginárias que lhe correspondem: os discursos “outros” que conformam aqueles sentidos. A ideia é fazer uma aproximação do discurso jornalístico com outras instâncias de formação discursiva, como a política, a religião, a economia, etc. Nas palavras de Benetti (2008), as formações discursivas são regiões de sentido e cabe ao analista de discurso mapear estes sentidos, limitando o campo de interpretação aos “sentidos nucleares”. Estes sentidos, que se reúnem em torno de uma FD, possuem diversos pequenos significados “que constroem e consolidam aquele sentido nuclear. Assim, existem tantas

---

<sup>62</sup> Utilizarei o termo REP para reportagem. Cada texto será numerado como REP 01, REP 02, etc. Da mesma forma as sequências discursivas, cujo código adotado será SD1, SD2, etc. Esses códigos referem-se à identificação no interior do corpus, indicando o número da reportagem e a numeração recebida no conjunto de SDs extraídas. A numeração das reportagens foi feita de acordo com sua data de publicação em ZH. A reportagem de janeiro está numerada como REP 01 e a de dezembro, REP 29. Essa identificação virá ao lado de cada sequência discursiva, de forma distinta para diferenciá-las de citações bibliográficas.

formações discursivas quanto sentidos nucleares pudermos encontrar em um texto” (BENETTI, 2008, p.112).

Uma formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e deve ser dito, em uma posição dada e em uma conjuntura dada:

Grosso modo, uma formação discursiva é uma região razoavelmente delimitada de sentidos que correspondem a uma determinada perspectiva ou ideologia (formação ideológica), e o sujeito se posiciona em um lugar para enunciar já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva (BENETTI, 2016, p.240).

A delimitação de uma FD se dá na relação com outras FDs. Há um movimento de tensionamento, complementação ou distinção. Benetti (2016) dá o exemplo do padre, que ao se posicionar sobre aborto, inscreverá sua fala em uma formação discursiva cristã católica contrária ao aborto. De sua posição de sujeito, é isso “que pode e deve ser dito”. Ao analista de discurso cabe, portanto, buscar essa formação ideológica na teologia e no estudo do catolicismo. É importante esclarecer que comentários, impressões ou até mesmo expectativas do pesquisador não cabem na análise, cujas FDs devem estar justificadas explicitamente pelos textos: “no método de análise, fazemos o caminho inverso do discurso: partimos do texto para o que lhe é anterior e exterior” (BENETTI, 2008, p.115). Conforme sugere a autora, as formações discursivas também devem ser numeradas em FD1, FD2, FD3, etc, e nomeadas conforme o sentido principal que se busque destacar. A análise será feita em cima de um problema de pesquisa e são os sentidos nucleares referentes a esse problema de pesquisa que o pesquisador deve mapear.

Desmembrar as articulações de sentido que, reforçadas no discurso jornalístico, operam na engrenagem do mundo dos sonhos de Zero Hora é uma das finalidades desse trabalho. Mostrar de que forma o metrô e o cais do porto estão relacionados, nos textos, ao imaginário de Porto Alegre da Copa do Mundo de 2014, como símbolos desse novo tempo, é outro objetivo. Para fazer isso, é preciso primeiro elucidar os passos que orientam a análise e explicar a construção de meu dispositivo técnico de pesquisa.

#### **a) Construção do Corpus**

Minha proposta, ao entrar no doutorado, em 2013, era analisar as reportagens de Zero Hora que tratavam das obras da Copa do Mundo. Hoje, entrego esta tese com o mesmo veículo sugerido naquela época. No entanto, nesse percurso, foi preciso estabelecer alguns critérios que não estavam claros na fase inicial do curso. Dois pontos precisavam de

definição: as obras que fariam parte da análise e o recorte temporal. Preciso dizer que estes dois aspectos não foram pensados separadamente, muito menos foram uma escolha aleatória. Desde antes da seleção para o doutorado já observava - com curiosidade e interesse - a cobertura jornalística do metrô e do cais do porto. A partir de uma análise das prioridades para a Copa, percebi que estes projetos ganhavam força no discurso e, constantemente e repetidamente, eram relacionados ao Mundial. Entendi que as obras que não iniciaram também fizeram parte dos sonhos da mídia – sobretudo, existiram no imaginário. Neste sentido, decidi incluir somente estes dois projetos, antigos desejos da cidade (era essa a argumentação das reportagens), acreditando que, desta forma, minha tese traria algo de único, interessante e relevante para as pesquisas em comunicação contemporâneas.

Escolhidas as obras, passei à segunda etapa de definição do recorte temporal. Como início da linha do tempo, defini o ano de 2007, quando o Brasil foi escolhido sede, e como fim, o ano de 2014, com a realização da Copa. Entendi que sete anos seria um período muito extenso de análise e percebi que 2009 seria um momento oportuno. Inicialmente, porque foi o ano de escolha de Porto Alegre e outras capitais como sedes da Copa. Para chegar a uma conclusão mais consistente, pesquisei em sites da prefeitura de Porto Alegre, do governo do Estado do Rio Grande do Sul, além de sites da iniciativa privada, como o Portal 2014 e o da Trensurb. Nesta pesquisa, busquei notícias publicadas entre 2007 e 2014, com o intuito de saber se haveria um número considerável de acontecimentos para compor a análise. Diante de uma quantidade considerável de notícias relacionadas às obras do metrô e do cais do porto nestes sites, confirmei 2009 como meu recorte temporal. Neste ano, os dois projetos foram intensamente associados ao Mundial e as notícias relacionadas às obras da Copa frequentemente destacavam metrô e cais como prioridades. Já no final do ano, em novembro de 2009, o metrô acabou excluído das obras da Copa.

Após esta definição, a pesquisa das reportagens de Zero Hora foi facilitada pelo Centro de Documentação e Informação (CDI) do próprio jornal, que permite aos pesquisadores buscar dentro do sistema de arquivo da empresa. Concluí em duas manhãs de trabalho a pesquisa no local. A busca das reportagens, tanto do metrô quanto do cais do porto, foi feita a partir de dois filtros neste sistema. Como “filtro do veículo”, selecionei o arquivo de Zero Hora impressa – todas as notícias publicadas em outros veículos do Grupo RBS, localizadas naquele arquivo, foram removidas da pesquisa. O segundo filtro foi o de “data de pesquisa”. Selecionei o período de 01/01/2009 a 31/12/2009. É preciso ressaltar que, no



sistema de pesquisa de ZH, não há como filtrar somente as reportagens publicadas, o que justifica a quantidade de material encontrado em uma primeira busca por essas palavras-chaves. Em relação ao metrô, seguem os procedimentos e os resultados obtidos:

Data da pesquisa: 19 de agosto de 2016

Palavras-chave: “metrô” “Porto Alegre”

Resultado da pesquisa: 509 materiais

Cabe destacar que o conteúdo destes 509 materiais é bastante variado. A palavra-chave foi encontrada em anúncios de publicidade e em colunas de opinião, como Página Informe, colunistas Rosane de Oliveira, David Coimbra, Editorial, Informe Econômico, Bola Dividida. Cabe destacar ainda que notícias sobre as obras de extensão do Trensurb em Novo Hamburgo, na região metropolitana de Porto Alegre, também estavam sendo discutidas em reportagens e foram excluídas da análise, que trata do metrô na capital gaúcha. Diante desta variedade de conteúdos encontrados, ressalto que grande parte dos ficou de fora do *corpus*. Já em relação à pesquisa das notícias do cais do porto publicadas em ZH, os resultados foram os seguintes:

Data da pesquisa: 22 de agosto de 2016

Palavras-chave: “Cais” “Porto Alegre”

Resultado da pesquisa: 417 materiais

O resultado da pesquisa foi novamente amplo: cobertura de eventos como exposições de arte e cultura no cais do porto, notícias sobre transporte fluvial e obras no Estaleiro Só, na zona sul da cidade, que não estão incluídas no projeto do cais do porto – enfoque de minha pesquisa. Mais uma vez, a maior parte do resultado da pesquisa acabou excluída. Tanto no conteúdo do metrô quanto do cais, a busca inicial incluiu entrevistas com autoridades que avaliavam os projetos, notas pequenas que mencionavam as obras, capas do jornal que continham as palavras-chaves em questão. No entanto, a partir da definição da reportagem como o gênero jornalístico para compor a análise, esse material foi excluído.

A partir de uma avaliação mais apurada das reportagens que tinha em mãos, percebi que algumas tratavam da campanha “Três projetos para o Rio Grande”. Segundo o jornal, a campanha faz parte das comemorações dos 45 anos de ZH, em maio de 2009. Zero Hora apresentou em uma série de matérias projetos de obras consideradas “prioritárias” no Estado, dentre elas, o metrô e o cais do porto foram amplamente discutidos. Segundo o próprio impresso, a iniciativa era “presentear os leitores com uma oportunidade inédita: a chance de influir diretamente em seu futuro”<sup>63</sup>. A campanha discutia 15 projetos no período de 10 a 29 de maio. Na região metropolitana de Porto Alegre, ZH destacou cinco obras: 1) Construção de uma prisão para desafogar o Presídio Central; 2) Metrô de Porto Alegre; 3) Nova ponte do Guaíba; 4) Revitalização do Cais do Porto da Capital; 5) Rodovia do Parque (BR-448). No interior do Estado, outros dez projetos podiam ser escolhidos: 6) Barragem de Arvorezinha (Bagé); 7) Barragem do Jaguari (Lavras do Sul, Rosário do Sul e São Gabriel); 8) Duplicação do eixo rodoviário Porto Alegre-Rio Grande; 9) Duplicação do trecho Passo Fundo-Marau da RS-324; 10) Duplicação do trecho Porto Alegre-Pantano Grande da BR-290; 11) Duplicação do trecho Tabaí-Estrela da BR-386; 12) Hospital Regional em Santa Maria; 13) Novo aeroporto regional da Serra; 14) Polo naval de Rio Grande; 15) Ponte internacional Brasil/Argentina, na Região Noroeste. Os leitores do jornal, chamados de “eleitores”, foram interpelados à interação e à participação na escolha dos três projetos mais votados. A partir da votação, explica ZH, seriam escolhidas duas obras localizadas no interior e uma na região metropolitana, um mês após o aniversário de ZH, em 4 de junho.

Ao explicar a campanha, o jornal afirma que “as obras iriam se transferir para as páginas de ZH na forma de reportagens especiais e de fiscalização do andamento de cada uma”. A intenção segundo a própria ZH, era criar “uma campanha para transformar antigos sonhos em realidade”, ou ainda, apresentar os “15 sonhos dos gaúchos”. A eleição foi dividida em duas disputas: cinco projetos voltados para a Região Metropolitana, dos quais um foi vitorioso, e outros 10 distribuídos pelo Interior, dos quais saíram dois vencedores.

Orlandi (2007) lembra que a delimitação do *corpus* segue critérios teóricos e deve obedecer aos objetivos da análise: “não visa a demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentido” (2007, p.63). A partir do entendimento de que o *corpus* é uma construção do próprio analista, reafirmo a inclusão das reportagens da

---

<sup>63</sup>“TRÊS PROJETOS para o Rio Grande”: votação já está aberta. Notícia publicada no site ClicRBS. Disponível em: < <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/qualidade-de-vida-sc/19,0,2505011,3-Projetos-para-o-Rio-Grande-votacao-ja-esta-aberta.html>>. Acesso em: 29 out 2016.

campanha “Três projetos para o Rio Grande”, justificando que o discurso sinaliza para a construção do mundo dos sonhos que analiso.

De posse de um total de 41 reportagens, outras 12 foram excluídas por dois motivos: 1) porque não tinham como enfoque o metrô e/ou o cais; 2) porque não mencionavam a Copa do Mundo. É preciso lembrar que o filtro “Copa do Mundo” não foi aplicado na primeira seleção dos conteúdos por palavras-chave, mas outras oito matérias foram excluídas por não citarem o Mundial. Entre as reportagens que não compõem o *corpus* em função disso está a que informa o resultado da campanha “Três projetos para o Rio Grande”: o metrô conquistou o primeiro lugar com 43,50% da preferência na região metropolitana; em segundo lugar, ficou a Ponte Internacional Brasil/Argentina, com 38,10% dos votos do Interior; e em terceiro, a duplicação do trecho Tabai-Estrela da BR-386, com 25,78%. Em relação ao cais do porto, há um desfecho que também ficou de fora da análise em função de não citar a Copa: o resultado da votação do projeto do cais na Câmara de Vereadores. Acredito que a exclusão dessas reportagens – tanto em relação à votação na Câmara quanto ao resultado da campanha - não prejudica a análise, pois as matérias não são o objeto central da pesquisa. Além disso, as obras continuaram (e continuam) em discussão, mesmo depois de 2009.

Feitas estas considerações, passo então à apresentação das matérias. O quadro abaixo (Quadro 2) relaciona as 29 reportagens, categorizadas como REP 01, REP 02, etc., numeradas na ordem cronológica de publicação (de janeiro a dezembro de 2009), além de detalhar a data de veiculação, o título, a editoria, a categorização como reportagem especial (quando há essa definição), a página de publicação e abordagem da matéria:

QUADRO 2 – Constituição do *Corpus* de Pesquisa.

(Continua)

REP	DATA	TÍTULO	EDITORIA	P.	ABORDAGEM
01	01/01/2009	Mais reformas vêm aí...	Geral/ Rep. Especial	08	- Copa do Mundo/Metrô/Cais do Porto;  - Obras em Porto Alegre para a Copa
02	04/01/2009	De olho na Copa, Porto Alegre projeta 2014	Geral	26 e 27	- Copa do Mundo/Metrô/Cais do Porto;  - Obras em Porto Alegre para a Copa
03	edição janeiro e fevereiro de	Um novo Menino Deus	Caderno ZH	-	- Copa do Mundo/Metrô; -

	2009	à frente	Menino Deus		Obras no Menino Deus
--	------	----------	-------------	--	----------------------

Quadro 2 – Constituição do *Corpus* de Pesquisa.

(Continuação)

REP	DATA	TÍTULO	EDITORIA	P.	ABORDAGEM
04	31/01/2009	Desafios da Capital	Caderno Esportes	35	-Copa do Mundo/Metrô; - Visita da FIFA a Porto Alegre antes do anúncio oficial das 12 cidades-sede
05	17/02/2009	Projeto prevê linha de metrô de 20 quilômetros	Pelo Rio Grande	40	- Copa do Mundo/Metrô; - Rota do metrô vai se estender até a Zona Norte
06	07/05/2009	Nova promessa para o Cais	Geral	56	- Copa do Mundo/Cais do Porto; - Governadora Yeda Crusius apresentou projeto para o centro
07	12/05/2009	Três projetos para o Rio Grande: 2- Metrô de Porto Alegre	Geral	26	- Copa do Mundo/Metrô; - Apresentação da campanha “Três projetos para o Rio Grande”, com enfoque no metrô
08	14/05/2009	Três projetos para o Rio Grande: 4 - Revitalização do Cais do Porto da Capital	Geral	42	- Copa do Mundo/Cais do Porto; - Apresentação da campanha com foco no cais do porto
09	21/05/2009	Ponte do Guaíba pula para o segundo lugar	Geral	37	- Copa do Mundo/Metrô/Cais do Porto; - Votação da campanha
10	22/05/2009	Gaúchos disputam obras voto a voto	Geral/ Rep. Especial	04	- Copa do Mundo/Metrô/ Cais do Porto; - Mobilização popular na campanha
11	24/05/2009	Votos ilustres pelo Rio Grande	Geral	36 e 37	- Copa do Mundo/Metrô; - Mobilização dos “ilustres” na campanha
12	25/05/2009	Final empolgante no Interior e na Capital	Geral	27	- Copa do Mundo/Metrô/Cais do Porto; - Parcial da votação
13	27/05/2009	Reviravolta no resultado	Geral	37	- Copa do Mundo/Metrô/Cais do Porto;

					- Parcial da votação
--	--	--	--	--	----------------------

Quadro 2 – Constituição do *Corpus* de Pesquisa.

(Continuação)

REP	DATA	TÍTULO	EDITORIA	P.	ABORDAGEM
14	29/05/2009	Último dia para escolher “Três Projetos para o Rio Grande”	Geral	42	- Copa do Mundo/Metrô/Cais do Porto; - Mobilização popular na campanha
15	30/05/2009	Quem pode mais	Esportes	48	- Copa do Mundo/Metrô; - Expectativa para anúncio das 12 cidades-sede da Copa nas Bahamas
16	31/05/2009	A Porto Alegre do Mundial de 2014	Esportes	46 e 47	- Copa do Mundo/Cais/Metrô; - Projetos e obras para Copa
17	01/06/2009	A Copa do Mundo é nossa!	Mundial no Brasil	06 e 07	- Copa do Mundo/Metrô; - Anúncio das cidades-sede da FIFA
18	26/06/2009	Metrô próximo à Zona Sul	ZH Zona Sul	03	- Copa do Mundo/Metrô; - Metrô para a Copa na Zona Sul da capital
19	Edição de junho/julho	R\$ 2,5 bilhões chegam de trem à região	ZH Menino Deus	01	- Copa do Mundo/Metrô; - Metrô para a Copa no bairro Menino Deus
20	03/07/2009	Capital apresenta obras a ministro	Geral (cartola Rumo à Copa)	50	- Copa do Mundo/Metrô/Cais do Porto; - Reunião com ministro do Esporte e autoridades, apresenta os 16 empreendimentos para Copa
21	26/07/2009	Cinco razões para dizer sim ao metrô da Capital	Geral (cartola Rumo à Copa)	24 e 25	- Copa do Mundo/Metrô; - Previsão de definição, pelo governo federal, das obras da Copa para agosto
22	13/08/2009	Revitalização do cais irá a debate na Câmara	Geral	57	- Copa do Mundo/Cais do Porto; - Prefeito José Fogaça enviou à Câmara de Vereadores projeto de revitalização do cais

Quadro 2 – Constituição do *Corpus* de Pesquisa.

(Conclusão)

REP	DATA	TÍTULO	EDITORIA	P.	ABORDAGEM
23	24/08/2009	Muro da Mauá em discussão	Geral	32	- Copa do Mundo/Cais do Porto; - Encontro internacional de Arquitetura “O Muro e a Copa”
24	edição de setembro	A Zona Norte do futuro	Caderno ZH Lindoia	01	- Copa do Mundo/Metrô; - Três novos prédios atraem mais de dois mil moradores, que indicam obras no bairro
25	11/09/2009	Metrô da Copa depende de parcerias privadas	Pelo Rio Grande/ Região Metropolitana	48	- Copa do Mundo/Metrô; - Para que as obras do metrô fiquem prontas antes da Copa, devem iniciar em 2011 sob a legislação das Parcerias Público-Privadas (PPPs)
26	19/09/2009	Metrô de 2014 está ameaçado	Esporte/ Copa 2014	59	- Copa do Mundo/Metrô; - Depois de reunião em Brasília, obras viárias previstas para Copa podem não sair
27	10/11/2009	Metrô de Porto Alegre corre risco de não sair	Geral	28	- Copa do Mundo/Metrô; - Após reunião em Brasília, governo federal decidirá se incluirá metrô entre as prioridades para Copa
28	18/11/2009	Fim da linha para o metrô da Copa	Reportagem especial	04 e 05	- Copa do Mundo/Metrô; - Metrô não será incluído no “pacotão de obras do Mundial” pois não ficaria pronto a tempo
29	09/12/2009	Decisão no Cais do Porto	Geral	38	- Copa do Mundo/Cais do Porto; - Projeto do cais será votado no dia 21 na Câmara de Vereadores

Fonte: A autora (2016).

## **b) Dispositivo de Análise**

Acredito que qualquer estudo que possua como objeto empírico o jornal impresso envolve uma série de passos, que devem começar por uma análise geral das características das reportagens, como distribuição por editoriais, uso de imagens, finalizando com a leitura das matérias e a percepção das formações discursivas presentes. Para este início, farei uma breve análise quantitativa a fim de trazer maior clareza a esse panorama geral das reportagens. O objetivo da etapa quantitativa é classificar as temáticas das matérias, em quais editoriais foram publicadas, além de indicar a composição visual (uso de infográficos e fotografias). Ao final desta etapa, dou início à análise qualitativa dos textos, mais detalhada e extensa.

O primeiro aspecto da proposta quantitativa é perceber que há uma distribuição das reportagens selecionadas ao longo do recorte temporal, que é o ano de 2009. Para que fique mais claro, o Quadro 3 mostra uma certa regularidade na distribuição do conteúdo. Somente nos meses de março, abril e outubro não foram encontradas matérias que abordassem a Copa, o metrô e/ou o cais do porto. O início de 2009 representa, nas reportagens de Zero Hora, a retomada da discussão acerca da possibilidade de Porto Alegre sediar a Copa do Mundo e também das obras em construção. Quatro matérias têm esse enfoque (ANEXOS A a D - REP 01, REP 02, REP 03, REP 04). Em fevereiro, o metrô na zona Norte é o assunto (ANEXO E - REP 05). Maio é o período do ano que concentra grande parte das reportagens selecionadas para o *corpus* (37,93%). É o mês da campanha “Três projetos para o Rio Grande” e também de decisão da sede do Mundial nas Bahamas, o que explica a grande quantidade de matérias (ANEXOS F a P - REP 06, REP 07, REP 08, REP 09, REP 10, REP 11, REP 12, REP 13, REP 14, REP 15, REP 16). Em junho, três reportagens se concentram em dois temas: a escolha de Porto Alegre para a Copa e a linha do metrô no bairro Menino Deus e na zona sul da cidade (ANEXOS Q a S - REP 17, REP 18, REP 19). Em julho, os textos tratam tanto das obras da Copa quanto da discussão do projeto do metrô pelo governo federal (ANEXOS - T e U - REP 20, REP 21). As duas matérias de agosto têm enfoque no projeto do cais do porto (ANEXOS V e W - REP 22, REP 23). Em setembro, três reportagens abordam a implementação do metrô na zona Norte e a liberação de verbas para o metrô (ANEXOS X a Z - REP 24, REP 25, REP 26). As duas matérias de novembro continuam na discussão dos recursos para o metrô, sendo que a do dia 18 de novembro traz a informação de que a obra foi excluída do “pacote de obras do Mundial” (ANEXOS AA e AB - REP 27, REP 28). No último mês do ano, a matéria selecionada (ANEXO AC - REP 29) apresenta pontos do projeto do cais do porto, previsto para ser votado na Câmara de Vereadores.

QUADRO 3 – Distribuição das reportagens ao longo do ano de 2009

<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maiο</b>	<b>Junho</b>
REP 01, REP 02, REP 03, REP 04	REP 05	-	-	REP 06, REP 07, REP 08, REP 09, REP 10, REP 11, REP 12, REP 13, REP 14, REP 15, REP 16	REP 17, REP 18, REP 19
<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Setembro</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>	<b>Dezembro</b>
REP 20, REP 21	REP 22, REP 23	REP 24, REP 25, REP 26	-	REP 27, REP 28	REP 29

Fonte: A autora (2016).

A maioria das 29 reportagens está localizada na editoria de Geral: são 18. No Caderno ZH Bairros, foram encontradas quatro reportagens nos cadernos ZH Zona Sul, ZH Menino Deus e ZH Lindoia<sup>64</sup>. Na editoria Esportes, são quatro reportagens; na editoria Pelo Rio Grande, duas matérias; e uma na editoria Mundial no Brasil. Ressalto ainda que as reportagens ocupam um espaço considerável nas páginas de ZH, o que indica a relevância dos assuntos para o impresso. Com exceção da reportagem 18, todas são matérias de página inteira (considero página inteira o espaço para notícias na página, ainda que nesta haja anúncios publicitários). Seis reportagens são de duas páginas (ANEXOS B, K, P, Q, U e AB - REP 02, REP 11, REP 16, REP 17, REP 21 e REP 28).

Foi detectada a necessidade de complementar os dados com a quantificação dos elementos iconográficos (fotografias, infográficos, mapas) presentes nas reportagens. Para melhor quantificar esses elementos não-textuais, foi realizado um levantamento que categorizou as imagens das reportagens selecionadas. Do total de matérias, apenas três não têm nenhum tipo de ilustração (ANEXOS I, T e U - REP 09, REP 20 e REP 22). No entanto, as três são acompanhadas de um *box* (pois se assemelham à uma “caixa” de texto), ou fios (como são chamadas as linhas que circundam o texto), cujo propósito é proporcionar unidade à composição tipográfica, evitando dispersão.

<sup>64</sup>O projeto ZH Bairros foi iniciado em 2005 direcionado a assinantes do jornal em alguns bairros de Porto Alegre e atualmente está extinto.



Em apenas quatro matérias, encontrei fotografias de acontecimentos do dia, factuais (ANEXOS D, N, Q e X - REP 04, REP 14, REP 17 e REP 24). A reportagem 04 (ANEXO D) tem a foto do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, e o diretor de Marketing da Fifa, Thierry Weil, recebendo a Agenda do Rio Grande, no Aeroporto Salgado Filho. A fotografia da reportagem 12 (ANEXO L) é a de um homem depositando cupom na urna em Santo Ângelo. O Parque Farroupilha é o cenário da foto da reportagem 18 (ANEXO R), que mostra a comemoração de Porto Alegre como uma das sedes da Copa. A última matéria que utiliza fotografia é a reportagem 24 (ANEXO X), que mostra um condomínio na zona Norte da capital.

Outro tipo de imagem encontrada é o boneco fotográfico: fotografia de uma pessoa em que aparece seu rosto, em geral de frente. Geralmente, os bonecos vêm acompanhados de declarações dos entrevistados (essas declarações são chamadas aspas). É o caso das reportagens 28 e 03 (ANEXOS C e AB). Outro caso em que fotografias pequenas são utilizadas é o dos estádios de futebol: reportagens 15 e 17 (ANEXOS O e Q).

A grande maioria das reportagens não apresenta fotografias, dessas registradas por fotógrafos em pautas diárias, como elemento visual predominante. É preciso dizer ainda que as ilustrações das matérias do *corpus* são de difícil categorização. Para facilitar, classifico como infográficos estes elementos multi-textuais informativos híbridos que acrescentam informações ao texto, interligando recursos textuais e inserindo novos elementos como gráficos, mapas, símbolos, tabelas e *boxes*. Percebo que a utilização do infográfico neste tipo de reportagem busca facilitar o entendimento de temas considerados complexos para serem descritos apenas em textos. É mais fácil mostrar em uma arte (que pode combinar ilustrações como fotografias, mapas e textos) como será determinada obra e onde se localiza do que tentar descrevê-la apenas tendo como recurso o texto.

Das 29 matérias, 11 usam mapas (a maior parte, de Porto Alegre). Outro recurso visual foram “reproduções”, “simulações” e “divulgação” - definições encontradas no crédito das ilustrações. Há outros infográficos que assumem o papel didático de ensinar os leitores a votarem na campanha “Três projetos para o Rio Grande” e ou dão a parcial da votação. Abaixo, a relação das reportagens enquadradas nestas categorias. Cabe perceber que, em alguns casos, há matérias se repetem em mais de uma categoria, justamente porque ocorre a combinação desses elementos:

Mapas: REP 02, REP 03, REP 05, REP 06, REP 11, REP 16, REP 17, REP 21, 25, REP 27, REP 28;

Simulação, reprodução, divulgação: REP 07, REP 08, REP 11, REP 18, REP 21, REP 23, REP 25, REP 26, REP 29;

Infográfico parcial votação e “Como votar”: REP 09, REP 10, REP 12, REP 13, REP 14.

Diante desta apresentação inicial das imagens, cabe definir as que farão parte do *corpus* de análise, além de justificar porque algumas foram excluídas. Não foram analisadas todas, mas sim uma seleção de acordo com os agrupamentos mais representativos dentro do propósito da tese. Fotografias factuais, bonecos, infográficos da votação não trazem elementos interessantes; ficaram, portanto, de fora da análise. Os infográficos híbridos, que representam a cidade misturando mapa, texto, reprodução, simulação, divulgação, parecem imprescindíveis ao texto de Zero Hora. Em alguns casos, o protagonismo da imagem sobre o texto é nítido, pois a ilustração ocupa a maior parte do espaço dedicado à reportagem (como é o caso das reportagens 16 e 21 – ANEXOS P e U). Estes dois infográficos, especificamente, transformam-se na própria matéria, pois é a partir da ilustração que a reportagem se constitui como tal. Os infográficos propõem imaginar um local que sofrerá modificações – seja a cidade para a Copa, o cais do porto ou o metrô. A fim de representar esses três objetos, escolhi infográficos que imaginassem visualmente estas obras. Defini três infográficos que estão de acordo com este propósito, pois combinam elementos do real e do imaginário: as ilustrações das reportagens 06, 16 e 21. A REP 06 (ANEXO F) representa o cais do porto; a REP 16 (ANEXO P), a cidade do Mundial, mencionando o cais e o metrô, e a REP 21 (ANEXO U), o projeto do metrô.

Finalizada esta breve análise quantitativa das reportagens do *corpus*, passo agora para os capítulos finais desta tese, que buscam provar a hipótese de que a construção discursiva do jornal cria uma realidade imaginária para a cidade de Porto Alegre no tempo futuro e aciona, desta forma, o que chamo de *mundo dos sonhos de Zero Hora*. No capítulo 5, vou apresentar a análise qualitativa dos textos<sup>65</sup>, mostrando as funções discursivas predominantes e os sentidos produzidos sobre a cidade da Copa do Mundo e seus símbolos enquanto formações discursivas.

---

<sup>65</sup>O conjunto das 29 reportagens e suas respectivas 138 sequências discursivas geradas está disponível ao final desta pesquisa e pode ser consultado na seção de Anexos (ANEXOS A-Z e AA-AC). Quando no texto houver repetições na menção no número da reportagem, devido ao destaque da sequência discursiva, será indicado apenas na primeira ocorrência da REP o anexo e, nas demais, se omitirá.

## 5 COMO O MUNDO DOS SONHOS É CONSTRUÍDO

A análise qualitativa será constituída de três fases. A fase 1 analisa a dimensão verbal dos textos. Cada texto foi numerado do 01 ao 29, totalizando 138 sequências discursivas<sup>66</sup>. Depois da leitura dos 29 textos e da escolha dos trechos mais significativos para a dimensão verbal da análise, verifiquei a formação de duas formações discursivas (abreviadas daqui em diante como FDs), que se subdividem em dois grupos: “FD1 - *Sonho de mudança*” e “FD2 – *Entre o sonho e a realidade*”. Na FD1, mostro as principais ideias construídas por Zero Hora acerca da possibilidade da Copa do Mundo. O enfoque é nas mudanças urbanas futuras em Porto Alegre. Considero ainda o metrô e o cais do porto como símbolos desse novo tempo, eleitos pelo impresso. Na FD2, proponho o contraste entre o sonho e a realidade, na medida em que o jornal por ora aborda as ameaças ao sonho e por ora reforça os problemas da *cidade real*. Preciso deixar claro que quando me refiro à *cidade real* ou a *Porto Alegre real*, daqui em diante, falo da *realidade* construída por Zero Hora. Os sentidos gerados pelas FD1 e FD2 estão totalmente relacionados, tanto que em alguns trechos fica difícil perceber os limites de cada uma. No entanto, não é minha intenção engessar os textos, colocando-os em moldes fixos e pré-determinados. Defendo e utilizo a categorização das SDs em formações discursivas pois compreendo que esta etapa é útil porque facilita estruturação da pesquisa.

Na fase 2, analiso a dimensão verbo-visual de três infográficos considerados mais significativos. A fase 3 é uma análise integrada das dimensões verbal e visual de duas reportagens, em que cada matéria é percebida como uma narrativa única. Na primeira etapa, identifico o *conteúdo do mundo dos sonhos nos textos*, verificando os símbolos da cidade e os principais sentidos presentes nos textos. A segunda etapa analisa a construção do *mundo dos sonhos nos infográficos*, a fim de compreender como se constroem visualmente e verbalmente esses lugares da cidade em ZH, quais elementos estão presentes e de que forma a dimensão visual sugere um novo imaginário de Porto Alegre. Na terceira e última fase, escolho duas matérias para serem analisadas em sua totalidade. Cada *reportagem é tomada como uma narrativa única do sonho*, com início, meio e fim. Em todas as três fases da análise, busco provar a hipótese desta tese, identificando como se dá a construção do *mundo dos sonhos em Zero Hora*, a partir de mecanismos acionados nos textos.

---

<sup>66</sup>O conjunto das 138 sequências discursivas está reproduzido no Anexo AD.

## 5.1 A DIMENSÃO VERBAL

Esta primeira fase da análise consiste na identificação do *conteúdo do mundo dos sonhos*. A partir da análise dos 29 textos que constituem o *corpus*, foi possível estabelecer a criação de duas formações discursivas (FDs). A partir dessas sequências discursivas, identificamos dois núcleos centrais de sentidos: FD1– “‘Aquele’ que aponta para o futuro de Porto Alegre, a partir da chegada da Copa do Mundo, tendo o Mundial como condição para as mudanças urbanas e o metrô e o cais do porto como símbolos desse novo tempo”; FD 2 – “‘Aquele’ que remete a Porto Alegre do passado e atual, evidenciando o que seriam as ‘ameaças’ às mudanças urbanas”. As duas formações discursivas serão chamadas, respectivamente, de “FD1 - *Sonho de mudança*” e “FD2 – *Entre o sonho e a realidade*”.

### **FD1 - Sonho de mudança**

A primeira formação discursiva (FD1) desta análise é chamada *Sonho de mudança*<sup>67</sup> e foi identificada a partir da percepção de que Zero Hora reforça o desejo de transformação de Porto Alegre, cujo argumento central é a Copa do Mundo. A cidade é revelada como *potencialidade*; o futuro, como *possibilidade de mudança*. O discurso fala daquilo que *pode ser*, daquilo que *será*, daquilo que *deve ser*. O metrô e o cais do porto constituem o imaginário da Porto Alegre da Copa e transformam-se em símbolos desse novo tempo narrado pelo jornal e apresentado na FD1. O jornal assim constrói um calendário de obras e transformações urbanas.

A chegada da Copa do Mundo é sinalizada, desde o primeiro dia de 2009, como um acontecimento de extrema relevância por Zero Hora. A possibilidade de Porto Alegre receber o Mundial foi assunto de quatro matérias somente no primeiro mês do ano (ANEXOS A-D - REP 01, REP 02, REP 03, REP 04). A Copa passa então, ao longo de 2009, de uma possibilidade à confirmação, diante da escolha da capital pelos organizadores. Neste sentido, quero deixar claro que a ideia de realização da Copa, em 2009, é ainda uma possibilidade, pois não estamos falando da efetiva concretização do evento.

Cinco anos antes do evento, Zero Hora constrói um sentido de transformação urbana para o Mundial, que se tornou consensual, pois foi, contínua e progressivamente, repetido ao longo da cobertura jornalística em 2009. A Copa do Mundo está associada ao ideal de

---

<sup>67</sup>Para diferenciar as expressões de minha autoria dos termos encontrados em Zero Hora, utilizo daqui em diante o recurso itálico quando me refiro às ideias assim designadas por mim e os termos entre aspas para evidenciar as expressões e palavras de Zero Hora nos textos.

“mudança”, de “transformação”, do “novo”, do “moderno” e dos “benefícios”. Algumas sequências discursivas dão a ver os modos pelos quais os sentidos sobre a Copa foram sendo colocados por ZH. Vale salientar que as SDs foram numeradas em ordem crescente, em cada um dos 29 textos, e essas informações estão ao lado de cada trecho aqui reproduzido.

Caso Porto Alegre seja confirmada, o que é provável, as chances do metrô sair do papel crescem (ANEXO E - REP 05, SD3)

Se as promessas forem cumpridas, Porto Alegre vai se transformar em um canteiro de obras até a Copa do Mundo de 2014. (ANEXO T - REP 20, SD1)

Nos dois trechos, o uso de “caso” e “se” indica que a Copa é condição para a ocorrência das obras. Um “canteiro de obras” pode significar tanto algo positivo quanto negativo, diante da possibilidade de causar transtornos no trânsito, desvios, barulhos, interrupção de fluxos, etc. Neste caso, o fato de a cidade virar um “canteiro de obras” parece estar associado a algo positivo, que é a realização de “promessas”. Também não há mais elementos na reportagem para avaliar o que implicaria se tornar um “canteiro”, no dia-a-dia da cidade. Além de colocar a Copa como condição para transformações, Zero Hora também discute o megaevento como: normativa (do que *deve* ocorrer); possibilidade (do que *pode* acontecer); e certeza (do que *vai* implicar).

A cara de Porto Alegre deve começar a mudar em 2009. E o país poderá passar por grandes transformações. (ANEXO A - REP 01, SD1)

Em reunião na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), diante do ministro do Esporte, Orlando Silva, de autoridades políticas, empresariais e esportivas gaúchas, o prefeito José Fogaça apresentou os 16 empreendimentos que devem ser realizados para preparar a Capital para o Mundial. (ANEXO T REP 20, SD2)

Um novo Menino Deus à frente. Mudanças no trânsito, novos prédios e estádio, metrô e portais de ônibus mudarão a região, que se prepara para receber a Copa 2014. (ANEXO C - REP 03, SD1)

Neste último trecho, fica clara a tentativa de convencer o leitor de que o Menino Deus será um “novo” bairro, graças ao Mundial. A REP 03 traz o *box* “O que pensa a comunidade da região”, em que cinco pessoas manifestam a opinião sobre as obras no bairro. Todos afirmam que a Copa será “uma boa”, “melhor”. No corpo da matéria, mostro outras evidências disso. Há uma resignificação do que seria o cotidiano do bairro com a Copa. A partir da repetição da palavra “novo”, ZH estabelece a prerrogativa de o “novo” é positivo e necessário – cria a apologética do novo. Neste contexto, o futuro, o novo, as transformações, quando não são sinônimos, caminham lado a lado. É preciso reforçar que assumir esta posição é também repetir um discurso exterior, capitalista e progressista. Zero Hora coloca-se assim

favorável à mudança em detrimento da conservação do que já existe. A declaração do secretário especial para a Copa do Mundo, José Fortunati, indica que os chamados “efeitos da Copa” são vistos como melhorias para a cidade:

Sem dúvida, a região do Menino Deus será a que mais vai sentir os efeitos da Copa do Mundo. Acreditamos que para melhor. Temos vários projetos, alguns em andamento, que preveem melhorias. O maior desafio para os estádios já foi vencido, que era a aprovação pela Câmara de Vereadores. Agora, vamos focar nos estudos ambientais, para viabilizar a construção dos projetos. (ANEXO C - REP 03, SD5)

É interessante observar que a declaração acima está colocada em destaque na página como “Contraponto”, que, neste texto, quer dizer a necessidade de “viabilizar a construção dos projetos”. Desta forma, o contraponto é um apoio declarado ao Mundial. Não é surpresa que a Copa do Mundo, como catalisador do novo, seja repetidamente apoiada, como se fosse um “benefício”, um “ganho” para a sociedade.

Já para o presidente da Associação dos Moradores da Avenida Ganzo, Orion Cabral, o evento esportivo tem muito o que beneficiar Porto Alegre. O destaque fica com o metrô. – Será um grande ganho. A cidade ficará preparada para crescer – acredita. (ANEXO C - REP 03, SD4)

O ato de preparar-se para o futuro implica ainda, nos textos analisados, esforço e dedicação em várias frentes de trabalho. Há SDs que reforçam que a Copa é o momento de “arregaçar as mangas” por parte das cidades, “colocar as mãos à obra”, ideias que remetem à ideia de movimento, atividade, iniciativa. Outra ideia nesta mesma linha de pensamento é a expressão “tirar do papel” (ou “sair do papel”), também bastante utilizada nos textos. Trata-se de uma metáfora que significa tornar realidade algo que está no plano dos projetos, dos sonhos.

Passada a festa de amanhã, após o anúncio, será hora de as cidades arregaçarem as mangas. Terão de tirar do papel os planos que aparecem nestas duas páginas. Confira. (ANEXO O - REP 15, SD2)

É preciso destacar que a REP 15 trata da expectativa para o anúncio das 12 cidades-sede da Copa de 2014 direto das Bahamas. A confirmação de Porto Alegre é uma possibilidade, no entanto, Zero Hora descarta qualquer incerteza e indica que o apoio popular e a comemoração são consensuais. Isso pode ser traduzido como: 1) todos apoiam a Copa em Porto Alegre; 2) por isso, haverá festa; 3) depois do anúncio, haverá muito trabalho. Em outra SD, repete-se essa ideia, agora associada à normativa do que *deve* ser feito - ou pelo menos do que *seria prudente* fazer:

Assim, seria prudente colocar as mãos à obra: são muitos os desafios. – Não é pouca coisa – diz o secretário estadual de Turismo, Esporte e Lazer, Heitor Gularte (ANEXO D - REP 04, SD1)

A REP 20 (ANEXO T) aborda a apresentação dos 16 “empreendimentos para o Mundial”, um mês após o anúncio das capitais-sede, em reunião do então ministro do Esporte, Orlando Silva, com o prefeito, na época, José Fogaça. A matéria repete duas vezes a palavra “promessa”, relacionando-as ao investimento de “R\$ 5,3 bilhões em melhorias para sediar o Mundial”. Às ideias do “novo”, das “melhorias”, dos “benefícios, soma-se agora o conceito de “moderno”, presente neste texto. O tempo da Copa aparece como o tempo de sonhar e concretizar a “promessa” de uma Porto Alegre mais “moderna” e “mundializada”.

A lista inclui investimentos públicos e privados, que consumirão mais de R\$ 5,3 bilhões para modernizar Porto Alegre. (ANEXO T - REP 20, SD3)

Uma copa mundializa uma cidade, e Porto Alegre precisa estar à altura dessa mundialização. Não se deve construir um elefante branco e depois ser abandonado, e sim obras para melhoria da qualidade de vida das pessoas. E elas valem mais do que a disputa dos jogos por si só – afirmou Fogaça. (ANEXO T - REP 20, SD4)

Anfitrião do encontro, o presidente da Fiergs, Paulo Tigre, salientou a importância dos projetos para inserir Porto Alegre e o Estado no mapa mundial. (ANEXO T - REP 20, SD6)

O prefeito e o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) determinam o dever e a necessidade da cidade: “modernizar”. Eles são as autoridades de referência que estabelecem a normativa de que a capital “precisa” estar à altura desse fenômeno. Sabemos, pelo texto, que 1) “uma Copa mundializa uma cidade”; 2) isso torna-se obrigatório e importante para a cidade e o Rio Grande do Sul. Não é oferecido ao leitor, no entanto, outros detalhes do que ZH entende por “mundialização”, nem, muito menos, possíveis efeitos nefastos disso. Argumentos como desapropriação de áreas e especulação imobiliária (possíveis consequências dos megaeventos, conforme já destaquei) foram silenciados.

A citação do presidente da Fiergs deixa claro seu desejo de que Porto Alegre e o Estado sejam projetados internacionalmente. O plano é, portanto, uma intenção, o que nos leva a deduzir que isso ainda não acontece - *pode* acontecer com a Copa. Deste lugar de fala, o então representante das indústrias gaúchas não surpreende ao manifestar seu ponto de vista: quer a cidade no “mapa mundial”, o que implicaria (talvez) mais negócios, mais serviços. São suposições, uma vez que o texto não traz mais elementos. Há quem considere esse discurso de “cidade global” ou de “cidade mundial” como mito que ganha espaço na mídia. Em Zero

Hora, percebo que o fenômeno de “mundialização” foi prontamente aceito (pois não há objeções) e utilizado de modo apologético para legitimar determinadas práticas. Entre elas, a obediência (o “compromisso”) aos “padrões-FIFA” de qualidade acaba sendo legitimada, como mostro na próxima sequência discursiva referente à mesma reportagem.

Mostrando-se entusiasmado com o que foi exposto, o ministro Orlando Silva reforçou o compromisso das subsedes com o cronograma de obras. (ANEXO T - REP 20, SD5)

Nesta SD, escrita depois da escolha de Porto Alegre, percebe-se que Zero Hora indica que as mudanças serão positivas. A tentativa é de convencer o leitor de que há motivos para ficar “entusiasmado”, assim como o ministro dos Esportes, referindo-se às obras para o Mundial. Chamo atenção ainda para a ideia de que, depois do sentimento de entusiasmo, predomina a seriedade. As reportagens indicam que o futuro significa também trabalho pela frente, algo que precisa ser honrado, cumprido. Porto Alegre agora assume um “compromisso”. Zero Hora cria o que chamo de dicotomia “Festa/Trabalho”: Copa é tempo de festa, mudança, entusiasmo, sonho; mas também significa compromisso e trabalho árduo. A FIFA aparece nas reportagens como a lembrança de que a parte do “Trabalho” deve ser cumprida rigorosamente.

– É uma missão complexa. A FIFA não perdoa. Mas estamos preparados – garante o secretário municipal extraordinário da Copa de 2014 e prefeito em exercício, José Fortunati. (ANEXO D - REP 04, SD2)

A apreensão tomou conta de 17 capitais, inclusive a do país, e vai até as 15h30min deste domingo. Será a hora em que a FIFA anunciará, direto das Bahamas, as 12 cidades-sede dos jogos da Copa de 2014. A partir daí, entram em ação com força total os planos de qualificação das escolhidas, até porque a FIFA costuma ser implacável com o cumprimento das exigências. (ANEXO O - REP 15, SD1)

As sequências discursivas acima, relacionadas a FIFA, indicam o sentido de seriedade, medo, preocupação, obediência aos “compromissos” firmados. Há um sentimento de subserviência por parte daqueles engajados nessa “missão complexa”: autoridades brasileiras e todos envolvidos na organização brasileira. A FIFA, nos textos, é a entidade máxima para vigiar e controlar. É quem define o *certo* e *errado*, o que *pode* e o que *não pode*. Não há qualquer questionamento quanto à natureza daquilo que a entidade exige, portanto, ela é legitimada e não sofre questionamentos. As sugestões da FIFA para a cidade são chamadas de “planos de qualificação”. Penso que a entidade assume aqui o papel do estrangeiro em terras alheias, que, de tempos em tempos, (re)aparece, tal qual um fantasma, no auge do sonho, para lembrar ao *festeiro-trabalhador brasileiro* (que sofre do complexo de vira-latas): *é melhor*



*vocês fazerem isso direito, conforme as exigências estabelecidas, pois nós não vamos perdoar, nós somos implacáveis.*

“A FIFA dá/a FIFA pede” é então outra dicotomia encontrada a partir do aparecimento da entidade nos textos. A FIFA dá: confiança, entusiasmo, o direito de sediar os jogos. Em troca, a FIFA pede: seriedade, comprometimento, trabalho duro, metrô.

A FIFA torce o nariz para cidades que não tenham metrô como meio de transporte. Não será um quesito eliminatório, mas, na visita deste fim de semana, a comitiva da Fifa reforçará que seria de bom tom Porto Alegre ter o seu. (ANEXO D - REP 04, SD3)

Nesta SD, é interessante notar que a comitiva da FIFA, segundo ZH, chegará no fim de semana; portanto, ainda não está na cidade. Neste sentido, o jornal faz uma espécie de previsão do que a entidade “reforçará” quando em solo gaúcho. Em outras palavras: na ausência da FIFA, Zero Hora fala pela entidade. Percebe-se ainda que há posições distintas assumidas pela FIFA e por Porto Alegre nesta SD. Quem “torce o nariz” já indica uma posição de superioridade. No caso, a FIFA assume essa posição em relação às cidades que, como Porto Alegre, *não têm* metrô, mas *deveriam ter*, conforme o texto. A cidade, por outro lado, *deveria* adotar atitude “de bom tom”: ser educada, controlada, polida, gentil diante desta constatação. Acredito que a metáfora de um concurso de beleza se encaixa para representar as candidatas a sediar megaeventos. Vou além do que o texto de Zero Hora diz literalmente para avançar neste pensamento. Em uma seleção para *miss*, onde há avaliado e avaliador, a FIFA interpreta o papel do avaliador, e as cidades são as candidatas ao título máximo de beleza. Porto Alegre está sob análise da FIFA, que avisa: *estou vendo suas imperfeições e não gosto do que vejo, você deve mudar se quiser ganhar*. Neste concurso, não é o sonho do corpo perfeito que está em jogo. No caso de Porto Alegre, está em avaliação algo que não existe concretamente, mas acompanha o imaginário urbano: o metrô.

Nos textos de Zero Hora, o metrô é um dos símbolos das transformações urbanas que chegam com a Copa. O jornal indica que o megaevento é o momento para executar esse projeto. O Mundial, por vezes, assume o sentido de “estímulo” para o metrô; em outras, a Copa é a condição para o projeto (o metrô depende disso; sem a Copa, não há metrô). Já o metrô é chamado de “promessa” da Copa. Assim como nos sentidos extraídos sobre o megaevento, que acabamos de discutir, o metrô faz parte das “melhorias” que podem ocorrer na cidade - conforme as SDs a seguir.

A possibilidade de Porto Alegre ser uma das cidades-sede da Copa de 2014 pode servir de estímulo para a concretização do projeto. Além de valorizar e qualificar a área

central da cidade, o projeto se integra a melhorias previstas em outras áreas, como a extensão do metrô e a duplicação da Avenida Beira-Rio. (ANEXO F - REP 06, SD6)

A realização da obra, com recursos do governo federal, depende da confirmação de Porto Alegre como uma das 12 sedes da Copa do Mundo de 2014 (ANEXO G - REP 07, SD2).

Como candidata a sede da Copa, prevê a ampliação do aeroporto Salgado Filho, duplicação de avenidas e o primeiro trecho do metrô, além de outras obras de infraestrutura. (ANEXO O - REP 15, SD3)

A opção de transporte é uma das promessas para a Copa de 2014, com investimento de R\$ 2,5 bilhões. A estimativa é atender a 290 mil passageiros ao dia em um trajeto de 15,3 quilômetros, dividido em 16 estações, que abrangerá 15 bairros. (ANEXO R - REP 18, SD3)

Nas próximas sequências discursivas, percebe-se o sentido de “benefício” associado ao metrô. Na primeira SD, o metrô é um “benefício” para os moradores do bairro. A segunda SD chama de “benefício” a extensão do projeto do metrô – um “benefício” que deve sua implementação à Copa.

Quando a primeira etapa do metrô de Porto Alegre estiver pronta, a estação Beira-Rio beneficiará moradores da Zona Sul. (ANEXO R - REP 18, SD1)

A instalação de estações do Trensurb, percorrendo a Avenida Borges de Medeiros, a Rua José de Alencar, a Avenida da Azenha e a Avenida Bento Gonçalves, é um benefício atribuído à Copa do Mundo de 2014. (ANEXO S - REP 19, SD2)

Além da tentativa de convencer o leitor de que o metrô trará “melhorias” e “benefícios”, Zero Hora elege este como (um dos) elementos constitutivos do mundo dos sonhos da cidade. Desta forma, sonhar com a Porto Alegre da Copa do Mundo é também imaginar o metrô. A ideia de que o metrô é um “sonho acalentado” se repete. No entanto, quero ressaltar que a escolha por esse termo significa que o sonho, apesar de ter sido deixado de lado, esquecido, ocorre em um processo mais de resignação do que de amargura ou ressentimento.

Sonho acalentado há mais de uma década pelos porto-alegrenses, a primeira etapa do metrô na Capital – ainda em fase de estudo – foi ampliada de 13 para 20 quilômetros. (ANEXO E - REP 05, SD1)

Sonho acalentado há mais de uma década pelos porto-alegrenses, é avaliada como importante para o desenvolvimento da cidade nos próximos 50 anos (ANEXO G - REP 07, SD3).

Porto Alegre poderá saborear no mês que vem a sensação de realizar um desejo acalentado durante anos. Deve ocorrer em agosto a definição, pelo governo federal, das obras de preparação para a Copa de 2014. O metrô da Capital figura entre os candidatos fortes a aparecer na lista. (ANEXO U - REP 21, SD1)

Nestas SDs, repete-se o uso da expressão “há mais de uma década pelos porto-alegrenses”, além do termo “durante anos”. Sobre isso, destaco dois aspectos: 1) a coletividade que sonha; 2) o tempo que passa. O *discurso do sonho* tem um sujeito, ou melhor, sujeitos, no plural, pois se relaciona aos moradores da capital, como se houvesse um *sonho coletivo*. O segundo ponto é um indicativo de morosidade, de espera de “décadas”. Reitero que a formação discursiva que fala do *sonho de mudança* (FD1) tem como enfoque destrinchar as sequências discursivas que evocam os aspectos positivos do futuro. As SDs acima situam-se no meio desse caminho: fazem uma espécie de jogo temporal, que lembra do passado e mostra como o futuro pode ser. Em relação aos acontecimentos do passado, os trechos utilizam o recurso da volta ao tempo quando mencionam as “décadas” e os “anos” de aguardo pelo metrô. No que tange às perspectivas para o futuro, as SDs propõem o olhar de esperança para os anos vindouros, propondo a superação de qualquer ressentimento em relação à obra não-concretizada no passado. Voltarei à discussão da passagem do tempo – agora com sentido negativo - na análise da Formação Discursiva 2.

Sobre o desenvolvimento dos bairros, o impresso constrói a ideia de que uma série de mudanças na zona Norte e nos bairros Menino Deus, Azenha e Praia de Belas, vão ocorrer com a chegada do metrô. A REP 24 fala da “Zona Norte do futuro” e enfoca na construção de três novos “empreendimentos imobiliários” no bairro Lindoia e aumento do número de moradores na região. O texto levanta a possibilidade de que haja um “inchaço populacional”, o que explica a mobilização de associações comerciais e de moradores da zona norte de Porto Alegre. Através do documento intitulado “Zona Norte do Futuro”, as entidades pedem a realização de uma série de obras. Entre elas, está a proposta de que o metrô passe pela Zona Norte, como uma segunda fase do projeto. Neste contexto é que surge a ideia de que o metrô traga também “qualidade de vida”.

Três novos prédios atraem mais de 2 mil moradores, e comunidade lista obras para não perder qualidade de vida (ANEXO X - REP 24, SD1)

Além da zona Norte, moradores de outros bairros também são interpelados a “enfrentar as mudanças”:

Uma das mudanças que os moradores dos bairros Menino Deus, Azenha e Praia de Belas vão enfrentar nos próximos anos chegará de trem. (ANEXO S - REP 19, SD1)

Proponho uma possibilidade de leitura para o trecho acima destacado. Comparo a metáfora de que “a mudança chegará de trem” ao provérbio “o castigo vem a cavalo”.

Voltemos aos tempos em que o cavalo era um meio de transporte que indicava rapidez. Hoje, o ditado popular é reinventado, readaptado para a Copa do Mundo, pelo olhar de Zero Hora. Sai de cena o cavalo, entra o metrô. O castigo aqui se transforma em algo positivo: o desenvolvimento. Assim, aceita-se o discurso da mudança e empenha-se no trabalho de eleger os símbolos desse “novo” tempo.

O tempo da Porto Alegre com metrô é narrado por ZH como o tempo do moderno, da rapidez, da acessibilidade, do livre fluxo entre veículos, de experimentar o urbano, de se parecer com grandes cidades. Seguem alguns trechos que remetem a essas ideias.

Porque vai desafogar o trânsito da cidade e permitirá aos porto-alegrenses conhecerem a cidade e atravessarem-na de forma mais rápida. Duda Kroeff, presidente do Grêmio (ANEXO K - REP 11, SD1)

Pensando no desenvolvimento do nosso Estado, apoiaria o projeto do metrô, pois a maioria das grandes cidades do mundo usufrui desse recurso que moderniza o transporte público tanto para moradores quanto para turistas que visitam a Capital. Marcel Stürmer, patinador (ANEXO K - REP 11, SD2)

Pela acessibilidade ao estádio Beira-Rio, pelo avanço, o conforto ao usuário, a velocidade. Seria um acréscimo fantástico. Também já pensando na Copa de 2014, até porque o início do trem será em direção ao Beira-Rio. Vitorio Piffero, presidente do Inter (ANEXO K - REP 11, SD3)

Na fala de Duda Kroeff, sobressai a ideia de que o metrô trará rapidez, velocidade, sugerindo ainda que será uma forma de os porto-alegrenses conhecerem a cidade. Somado ao ato de “conhecer a cidade” está o “atravessar”, que também remete a movimento, fluidez e encurtar distâncias. Já na fala de Marcel Stürmer identifica-se a ampliação do raio de atuação dos “benefícios” do meio de transporte. O “local” transforma-se, pelo efeito discursivo, em algo de outra magnitude – “estadual”. Este aspecto será observado em outros momentos da análise. Além disso, a fala do patinador defende que Porto Alegre tenha como referência “a maioria das grandes cidades do mundo” que têm metro. A escolha do verbo “usufruir” associa o metrô a uma valoração positiva, como aquilo que trará benefícios a moradores e turistas. Desta forma, a fala de Stürmer é um ponto de coesão que liga: Estado, moradores, turistas, Porto Alegre e grandes cidades do mundo. Mencionar os “turistas” é também incluir neste quadro imaginário a informação de que Porto Alegre será uma “cidade turística”, que recebe estrangeiros. “Acessibilidade”, “conforto” e “velocidade” são as qualidades atribuídas ao metrô por Vitorio Piffero. Em sua fala, o presidente do Inter evidencia a Copa e indica a importância do Beira-Rio como um local concentrador de grande fluxo.

Zero Hora não escolhe esses três personagens de forma desinteressada. Todos contribuem para causar o efeito de que a cidade será “beneficiada” com o metrô. A REP 11 (ANEXO K), relacionada às falas destacadas, refere-se à campanha “Três projetos para o Rio Grande” e traz declarações sobre os projetos da campanha. Três pessoas apoiam o metrô e ninguém é contra. Mas não são três pessoas “quaisquer”. São “ilustres” ligados ao esporte: dois presidentes de times de futebol gaúcho e um patinador. O título da matéria “Votos ilustres pelo Rio Grande” já dá o tom de como será construída a reportagem, conferindo poder, autoridade e legitimidade para que os três ganhem voz para falar do assunto. Cabe perceber a manifestação, nos textos, de um discurso que reverencia os “ilustres” apoiadores do metrô, estabelecendo-se, assim, a referência de como pensar sobre. Todos parecem responder à pergunta, que fica implícita: *Por que devo sonhar com o metrô?*

Essa legitimação de entidades esportivas se repete em outros textos. Representantes do Internacional e do Grêmio são considerados “aliados de peso”, “reforços de peso”. Os times assim assumem o sentido de “duas paixões dos gaúchos” na defesa do metrô. Cabe notar a semelhança dos trechos abaixo, praticamente reproduzidos na íntegra em duas reportagens diferentes.

O Inter estampou em seu site o pedido para que colorados de todas as regiões votem na linha de transporte que pode ser mais um componente na escolha do Beira-Rio como estádio da Copa de 2014 (ANEXO I - REP 09, SD1)

O Inter estampou em seu site o pedido para que os colorados de todas as regiões votem no projeto, que pode ser mais um componente para a escolha do Estádio Beira-Rio como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014. (ANEXO J - REP 10, SD1)

Os trechos acima foram retirados das reportagens 09 e 10 (ANEXOS I e J), ambas sobre a campanha “Três projetos para o Rio Grande”. A primeira reportagem trata do aumento do apoio popular em relação à Ponte do Guaíba. No entanto, consolida o apoio ao metrô, chamado de “líder” na votação. Chamo a atenção para dois pontos nestes trechos: 1) a associação do metrô à Copa do Mundo; 2) a associação dos times de futebol Inter e Grêmio ao metrô. Sobre o primeiro aspecto, é importante destacar que as duas matérias foram publicadas antes da escolha de Porto Alegre como sede, cinco anos antes da realização do evento. O discurso de ZH trata o metrô e a Copa do Mundo como ideias inseparáveis. Dessa combinação, resulta uma valoração positiva. Percebe-se a evocação de uma expressão cuja origem é desconhecida: sabemos que o metrô é chamado de “Metrô da Copa”, pelo texto. No entanto, quando questionamos “quem o chama assim?”, ficamos sem saber. Ou melhor, arrisco a resposta: Zero Hora. A associação da “dupla Gre-Nal” com o metrô fica clara em

diversos trechos. O uso do verbo “estampar”, presente na frase “O Inter estampou”, é um indicativo disso. “Estampar” é mais do que dizer, revelar, manifestar opinião; “estampar” é tomar uma posição, defendê-la veementemente. Quem estampa, não esconde. No caso das sequências discursivas, a ideia construída parece ser a de que o Inter não tem vergonha de se manifestar pelo metrô. Muito pelo contrário, se orgulha disso. Outras palavras e expressões produzem este mesmo efeito nos textos. O “estampar” vem acompanhado de um “pedido”, endereçado aos torcedores dos dois clubes. Assim, colorados e gremistas são interpelados, nos textos, ao engajamento, à participação na votação, ao apoio à campanha pelo metrô. O apelo às “paixões dos gaúchos” é uma tentativa clara de seduzir o leitor para a ideia do metrô. Seja esse leitor gremista ou colorado.

O metrô contra-ataca utilizando duas paixões dos gaúchos, a dupla Gre-Nal. Inter e Grêmio estão apoiando e fazendo campanha pelo transporte que será fundamental caso a Capital seja indicada como uma das sedes da Copa de 2014. (ANEXO L - REP 12, SD1)

Além de e-mails diários enviados a uma lista, o metrô ganhou o reforço de peso da dupla Gre-Nal. Os principais clubes do Estado estão fazendo propaganda para a linha 2 do metrô, fundamental para a Capital ser escolhida como uma das sedes da Copa de 2014. (ANEXO M - REP 13, SD1)

A construção da linha 2 do metrô tem dois apoiadores de peso: a dupla Gre-Nal. O projeto, também chamado de Metrô da Copa, é considerado fundamental para que Porto Alegre seja escolhida uma das cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014. (ANEXO N - REP 14, SD1)

Nas três SDs, o argumento de que o metrô é fundamental se repete. A partir do desencadeamento dessa repetição, Zero Hora deixa explícito que o metrô é um elemento indispensável na escolha da cidade como sede (fato anterior à publicação das matérias acima). A função que a repetição assume aqui é a de indicar a inviabilidade de sediar a Copa sem esse transporte e também a de remeter ao discurso do *sonho de mudança*. Esse discurso está a nos lembrar, pela força da repetição, que o metrô é “fundamental” para a Copa, que a Copa trará “benefícios”. A todo instante, somos chamados a perceber ausências – e uma das mais fortes é a de que Porto Alegre não tem metrô.

Está presente nos textos também a preocupação com que o projeto pareça atrativo e viável para “investidores privados” ou “parcerias público-privadas”. As SDs a seguir indicam isso:

O diretor-presidente da Trensurb, Marco Arildo Cunha, vê o cenário com mais otimismo. Apesar do indicativo do governo federal de que o metrô não será incluído no chamado PAC da Copa, que prevê um investimento inicial de R\$ 5 bilhões nas 12

idades-sede, ele acredita que a obra possa ser financiada por meio de parcerias público-privadas. (ANEXO AA - REP 27, SD4)

Segundo Cunha, investidores internacionais de países como China e Espanha já mostraram interesse no projeto. (ANEXO AA - REP 27, SD5)

Mais uma vez, há referência ao que chamo agora de *fator internacional*. Já vimos nos textos como esse processo funciona no discurso jornalístico que compara Porto Alegre com as “grandes cidades mundiais” que têm metrô e que servem como modelo de cidade ideal. Na última SD acima, o *fator internacional* é desencadeado a partir dos “investidores internacionais”, que assumem a função de apoio e de aposta no projeto. A sinalização, no texto, de que há respaldo de empresários chineses e espanhóis causa o efeito de credibilidade no metrô. Mais um pedaço de informação que pode contribuir para que esse projeto tenha apoio popular.

Este quebra-cabeças de pedaços de informação nas reportagens vai se completando a partir dos índices temporais. São trechos que indicam previsões, datas ou qualquer sinalização de início ou conclusão das obras. Em Zero Hora, o futuro é prenhe de ideias sobre uma cidade transformada – e com metrô - nos anos que virão. Na primeira reportagem do ano sobre as obras da Copa, ainda antes da definição da cidade como sede, o traçado do trem já era apresentado.

A Trensurb deve fazer o projeto do primeiro trecho do metrô de Porto Alegre – 13 quilômetros, do Mercado Público à Lomba do Pinheiro, 11 quilômetros subterrâneos e dois de superfície (ANEXO A - REP 01, SD2)

Em junho, depois da escolha da cidade, o jornal trata da chamada “Linha da Copa” na REP 18, que traz detalhes do projeto do metrô na zona Sul de Porto Alegre - ainda que as obras não tenham data para começar, segundo o texto. A matéria atrela o projeto à liberação de verba do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) da Copa, cuja definição estaria prevista para o mês de julho. É outra SD que descreve o traçado e indica as ruas por onde o metrô passará. A data de previsão de conclusão de parte das obras está delineada para dali a quatro anos (um ano antes do Mundial). É importante ressaltar que os tempos verbais são também constituintes da categoria de índices de tempo. O uso de verbos no futuro do indicativo indica um evento que *irá* se realizar, eliminando qualquer dúvida:

Essa fase inicial, prevista para estar pronta em 2013, terá um traçado do Mercado Público até a Avenida João de Oliveira Remião, próximo do Campus do Vale da UFRGS, passando por Borges de Medeiros, José de Alencar, Azenha e Bento Gonçalves. (ANEXO R - REP 18, SD2)

A previsão de conclusão em 2013 repete-se em outros textos. O projeto se torna mais ambicioso: novas rotas são descritas pelo jornal, enfatizando o crescimento da zona Norte. O ano de 2023 representa o tempo de conclusão da segunda parte do metrô.

O projeto prevê a conclusão da primeira fase da linha do metrô em 2013, ligando o centro da cidade (Estação Mercado) à Zona Leste (Estação João de Oliveira Remião), perfazendo 15,3 quilômetros. A segunda parte é prevista para estar pronta em 2023, e atravessará a Zona Norte, passando por avenidas como Sertório, Assis Brasil e Farrapos, completando 34,4 quilômetros de percurso. O custo total é de US\$ 2,5 bilhões. (ANEXO Y - REP 25, SD3)

Neste outro trecho, é interessante perceber que o jornal sinaliza que o metrô poderá ser concluído para a Copa das Confederações. A previsão de que o metrô inicie suas operações em 2013 é uma garantia do presidente da Trensurb:

Havendo dinheiro, podemos operar o metrô já na Copa das Confederações, em 2013 – garante Marco Arildo Cunha, diretor-presidente da Trensurb. (ANEXO U - REP 21, SD2)

Na data da publicação desta matéria, em julho de 2009, a única confirmação era de que Porto Alegre seria sede da Copa do Mundo. A Copa das Confederações era uma incerteza. Preciso lembrar que, anos depois, a cidade de fato não foi escolhida para sediar este outro evento. Desta forma, fica claro que a criação de um novo argumento (um novo evento na cidade) contribui para reforçar as justificativas de necessidade do metrô, viabilizando – enfim - o projeto.

Além da rota do metrô, ZH apresenta uma possibilidade ainda maior de obras que emerge a partir da ideia de uma cidade com trem. É como se o metrô catalisasse novos investimentos. Cabe notar que ora o sistema do metrô é uma condicionante de mudanças urbanas, levando a reboque o planejamento da cidade, ora é percebido como o projeto em si, detalhando sua extensão e suas estações. Alguns verbos aparecem predominantemente no futuro do indicativo, sinalizando que as obras estão certas para o futuro.

Na mesma avenida, pode ser erguida uma unidade do Bourbon Shopping. (ANEXO S - REP 19, SD4)

No quarteirão do Foro, ficarão as sedes da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e do Memorial Luis Carlos Prestes. (ANEXO S - REP 19, SD5)

Também na Edvaldo Pereira Paiva, um prédio abrigará o Caminho da Soberania, numa área de 23 mil metros quadrados. Nele, constarão memoriais dos ex-presidentes Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola. (ANEXO S - REP 19, SD6)

No terreno do Tribunal de Justiça do Estado, entre Borges e Aureliano, será erguido um anexo do órgão. (ANEXO S - REP 19, SD7)



Proponho que esses trechos sejam lidos como uma espécie de *empilhamento de informações* que recobrem o imaginário de Porto Alegre. O bairro Menino Deus e arredores são revestidos de ideias que dão conta de um lugar completamente modificado, com “obras por todos os lados”, como o próprio texto afirma. A partir da leitura desses fragmentos de textos, o discurso de Zero Hora faz o que chamo de *escavação do futuro*<sup>68</sup>, apagando o passado e o presente da cidade. Para erguer as obras, a evocação da memória (do que um dia foi ou ainda é) fica em segundo plano. O mais próximo dessa memória são as expressões “na mesma avenida”, “no quarteirão do Foro”, “também na Edvaldo Pereira Paiva” e “no terreno do Tribunal de Justiça do Estado”. Os detalhes de referência geográfica sobre onde se localizarão as obras são escassos, não há exatidão nessas descrições. Algo será destruído, implodido, para dar lugar às escavações? Não temos essa resposta. Fica explícita, por outro lado, a grandiosidade de algumas obras: shoppings e prédios de entidades e fundações. A informação de que o Caminho da Soberania fica em uma “área de 23 mil metros quadrados” é outro indicativo disso. Os efeitos do sistema de transporte metroviário nem sempre são positivos para a sociedade. Nem todo mundo apoia a construção de grandes prédios ou a implosão de lugares para dar lugar a outros espaços urbanos. É como se esses lugares de memória da cidade fossem menos importantes que o *sonho de mudança* coletivo e consensual, proposto por Zero Hora.

Continuemos na reflexão sobre o significado de traçar exaustivamente as rotas do metrô. Esse exercício de imaginar o trem pelos bairros foi feito com muita antecedência em relação ao início das obras (algo que ainda hoje, em 2016, nem começou) e repetido ao longo de edições de Zero Hora. Há muitas sequências discursivas que descrevem os locais pelos quais a linha passará. Incluo na análise somente uma amostra significativa delas. Penso que esse trabalho discursivo possibilita a ressignificação dos bairros incluídos na rota do metrô, pois semeia novos sentidos para o público. Quem seriam os possíveis interessados nestas transformações anunciadas em ZH? Os alvos podem ser tanto antigos quanto novos moradores, interessados em viver nestes bairros, em vender um imóvel ou fixar ali residência. Interessa também ao mercado imobiliário tal ressignificação, porque é clara a valorização do

---

<sup>68</sup>Tomo a expressão emprestada do livro “Cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles”, publicado pelo jornalista norte-americano Mike Davis, em 1990.

solo decorrente do incremento da mobilidade. Neto (2011) traz alguns exemplos disso<sup>69</sup>. O metrô em Nova Jersey, nos Estados Unidos, gerou acréscimo de 10% no valor dos imóveis na região servida pelo sistema. Em Brasília, houve alta de 78,5% no valor do solo decorrente da implantação do sistema metroviário. O fácil acesso ao transporte público pode ser um dos fatores que influenciam no preço dos imóveis nas cidades. Por consequência, o discurso da rota do metrô, em Zero Hora, pode contribuir para gerar especulação imobiliária nos anos que antecederam a Copa do Mundo. Esse movimento se deu em várias frentes (não somente na mídia) e acabou resultando, efetivamente, na valorização de algumas áreas de Porto Alegre nos anos seguintes<sup>70</sup>. Pulverizando pedaços de informação sobre a chegada do metrô e, com ele, bairros totalmente transformados e reformulados, ZH opera tal qual uma máquina de disseminar sonhos, convergindo com os interesses do setor imobiliário.

O calendário de previsões de datas manifesta-se em outras SDs. Os textos assumem um tom normativo, de obrigação de que as obras iniciem. Mais uma vez, o Mundial aparece como objetivo final: o tempo de usufruir do metrô. Já as PPS vêm carregadas de um sentido de agilidade e viabilidade necessárias para o andamento das obras a tempo da Copa, segundo o jornal.

Para que as obras do metrô de Porto Alegre fiquem prontas antes da Copa do Mundo de 2014, é preciso que se iniciem em 2011 sob a legislação das Parcerias Público-Privadas (PPPs), que dá mais agilidade ao processo, em comparação com as licitações públicas. (ANEXO Y - REP 25, SD1)

A informação foi divulgada ontem pelo superintendente de Desenvolvimento e Expansão da Trensurb, Humberto Kasper. – A Lei das PPPs executa a obra a tempo da Copa. De outra forma, não. Tem de começar em 2011 – disse o superintendente. (ANEXO Y - REP 25, SD2)

Segundo o secretário, a fórmula já anunciada pela própria Trensurb, das Parcerias Público-Privadas, é alternativa mais viável para que o empreendimento fique pronto a tempo de encontrar a Copa do Mundo de 2014. (ANEXO Z - REP 26, SD4)

Os textos demarcam ainda 2011 como o ano em que as obras devem obrigatoriamente começar, para que estejam prontas para o Mundial. Os termos “é preciso que” e “tem de

---

<sup>69</sup>O tema é complexo e controverso e, portanto, destaco que é difícil chegar a conclusões sobre a presença do metrô em áreas da cidade. Não podemos pensar somente em valorização do solo, porque o contrário também acontece. Neto (2011) aponta que a desvalorização no preço dos imóveis pode ocorrer devido ao incremento do nível de ruído e do tráfego de veículos nas proximidades das estações, além da redução da segurança e da intrusão visual na paisagem urbana.

<sup>70</sup>No ano da Copa do Mundo, o bairro Menino Deus era o segundo bairro mais procurado para aluguel e para compra. Já os bairros com metro quadrado mais caro, em 2014, foram Jardim Europa, na zona norte, e Praia de Belas. As regiões, conforme vimos nas sequências discursivas, também tiveram intensa cobertura jornalística relacionada ao metrô em ZH em 2009.

começar” nos remetem para este sentido. Semelhante pressa em relação ao futuro e necessidade de agilidade no andamento dos projetos encontro nas sequências discursivas sobre o cais do porto, que passo agora a analisar.

O ano de 2010 indica o início das obras, dali a um ano, o que reforça a necessidade de agilidade para que o processo seja viável. A Copa do Mundo demarca o prazo final para conclusão do projeto.

A previsão é de que as obras comecem em 2010 e sejam concluídas em 2013 (ANEXO AC - REP 29, SD4)

A intenção é abrir a licitação nos próximos meses e concluir o novo complexo antes da Copa do Mundo de 2014. (ANEXO H - REP 08, SD4)

A perspectiva é de que o projeto seja iniciado em 2010 e fique concluído antes da Copa do Mundo de 2014. (ANEXO V - REP 22, SD4)

Alguns argumentos que já vimos associados ao metrô agora são percebidos também em relação ao cais, como as ideias de que a obra é “fundamental” para a Copa e de que é um “sonho dos porto-alegrenses”. Cabe notar ainda que o projeto é chamado de “revitalização” (veremos isso nos trechos abaixo). Em um primeiro momento, é importante perceber que o local é desta forma personificado; “revitalizar” significa dar vida a algo. No entanto, proponho um olhar mais atento à expressão, repetida em diversas SDs. No momento em que ZH escolhe esse termo, opta pela adoção de um discurso situado dentro das referências tranquilizadoras de um eufemismo. Prefere falar em “revitalização” como forma de amenizar a possibilidade de estarmos diante de um processo de exclusão social e especulação imobiliária. O *discurso do sonho e da esperança*, no entanto, parece apagar qualquer rastro dessas possibilidades nefastas:

– É um sonho dos porto-alegrenses voltar a ter contato com o seu rio. A revitalização passa a ser um elemento fundamental para o Estado para que Porto Alegre seja sede da Copa – avaliou Yeda. (ANEXO F - REP 06, SD4)

Depois de nove meses de análise, um novo projeto renova as esperanças de ver a região reintegrada à Capital. (ANEXO H - REP 08, SD3)

O projeto promete revitalizar o Cais do Porto, um dos principais cartões postais da Capital. (ANEXO V - REP 22, SD2)

Fundamental como atrativo turístico durante a Copa do Mundo de 2014, o projeto de revitalização do Cais Mauá será votado no dia 21 na Câmara de Vereadores da Capital. (ANEXO AC - REP 29, SD1)

A chegada do megaevento esportivo também desempenha nos textos um tempo oportuno para discutir o assunto: é “a hora de se pensar” sobre o cais.

– A ideia é aproveitar o momento em que se redefine a cidade para receber a Copa do Mundo de 2014 e discutir também o futuro do cais central de Porto Alegre. É a hora de pensar a orla do Guaíba como um todo, de fazer um projeto integrado. E estamos colaborando para isso – ressalta Daniel Pitta Fischmann, coordenador de extensão da Faculdade de Arquitetura da UniRitter. (ANEXO W - REP 23, SD1)

O ato de “voltar a ter contato com o rio”, mencionado pela então governadora do Estado Yeda Crusius, é outra forma de dizer que no passado esse contato foi possível. Desta forma, a SD interpela pela memória da cidade, ainda que não indique dados mais precisos sobre esse tempo. Os textos reforçam a ideia de que a região precisa ser “integrada” ao restante da cidade, como se houvesse uma cisão, uma rachadura. Nas últimas SDs, percebe-se que o projeto representa essa “integração” da cidade com o rio. O cais é considerado nos textos de “um dos principais cartões-postais da Capital”. Ao estudar os cartões-postais de Porto Alegre, Baldissera, Gonçalves e Liedcke (2010) constataram que é impossível dissociar o imaginário da cidade do rio, tendo em vista que historicamente, é junto ao rio Guaíba que a cidade é fundada e se desenvolve, a partir de uma concentração econômica, financeira, política, religiosa e, hoje, cultural. Os autores apresentam a análise de 61 cartões-postais sobre Porto Alegre, com o objetivo de revelar o imaginário da cidade por eles/neles atualizado como fala autorizada. Constataram a importante presença da temática “rio”, em 29 postais, demonstrando sua relevância como atrativo, mesmo que o rio não seja foco central em nenhum postal. Isto é, o rio aparece como: o pôr-do-sol no rio; a ponte móvel sobre o rio; o Cais do Porto; a Usina do Gasômetro na margem do rio; as ilhas. Neste contexto, Zero Hora participa dessa construção imaginária da cidade, revisitando o discurso histórico da relação do rio com o desenvolvimento de Porto Alegre e sugerindo, com ares saudosistas, que esse contato - um dia rompido – seja retomado. Para isso, o discurso defende que o “velho” dê passagem ao “novo” porto. O “novo” porto significa o “marco” de um tempo de “desenvolvimento para a cidade e para o Estado” e de “geração de milhares de empregos”. Percebe-se o aumento do raio de relevância da obra: passamos de um efeito sazonal/regional, que atinge o período da Copa na cidade, a um efeito estadual, onde milhares de pessoas são afetadas. Estas ideias aparecem nas próximas sequências discursivas:

Para o prefeito Fogaça, o novo porto será um marco não só para a Copa do Mundo como para a cidade (ANEXO F - REP 06, SD5)

A revitalização é um grande processo de desenvolvimento para Porto Alegre e para o Estado, com geração de milhares de empregos. (ANEXO H - REP 08, SD7)

– Esperamos um aprimoramento do projeto, mas não se pode mexer muito na base. Não acho que possa ser polêmico (a construção de prédios de até cem metros) porque temos

de avançar, Porto Alegre tem de crescer junto com o porto – analisa Tutikian. (ANEXO AC - REP 29, SD5)

Na última SD, vale notar a normativa que se estabelece a partir da declaração do coordenador executivo do projeto e presidente da Comissão Técnica de Avaliação, Edegar Tutikian: “não se pode mexer muito na base”, “temos de avançar”. O “novo” porto é representado como uma combinação de diferentes atrações, de acordo com os interessados. Inúmeras possibilidades (trem elétrico, dois estacionamentos, grande praça, bares, restaurantes, lojas e centros culturais) são elencadas nas próximas sequências.

A ideia é criar lojas, bares e restaurantes nos armazéns e prédios na área do porto. Com essas melhorias, as pessoas poderiam ter mais um lugar para passear. (ANEXO AC - REP 29, SD12)

Um trem elétrico circularia pelos 2,5 quilômetros da área, possibilitando que o visitante desfrute de todo o complexo. Dois estacionamentos, com 3,5 mil vagas, estão previstos. Dos 11 armazéns, dois, que não são protegidos pelo patrimônio histórico, seriam destruídos para a abertura de uma grande praça. Dentro das estruturas, seriam construídos bares, restaurantes, lojas e centros culturais. Ao lado da Usina do Gasômetro está projetada a construção de um shopping. Próximo à rodoviária ficariam os prédios comerciais e o hotel. (ANEXO H - REP 08, SD6)

Em maio, quando a REP 08 (ANEXO H) foi publicada, a tônica do texto parecia ser *destruir para construir*. Aliás, é uma das poucas sequências discursivas em que a palavra “destruição” aparece, o que de certa forma surpreende em se tratando de matérias sobre obras urbanas. No entanto, essa destruição não ocorreria de forma desordenada. Somente os armazéns “que não protegidos pelo patrimônio histórico” poderão sofrer qualquer alteração, indicando que o projeto respeita a história e a memória de Porto Alegre. As localizações da cidade real tornam-se um guia norteador, um ponto de referência para indicar geograficamente onde ocorreriam as transformações: “dentro das estruturas”, “ao lado da Usina do Gasômetro”, “próximo à rodoviária”. É interessante perceber também que essas construções são colocadas como uma probabilidade não totalmente confirmada no texto. Esse fator fica nítido pelo uso do futuro do pretérito como tempo verbal predominante (“circularia”, “seriam destruídos”, “ficariam”). Com isso, ZH pode atribuir à situação uma espécie de realização virtual, abstrata, pois ainda não ocorreu de fato. Indica hipótese, probabilidade, incerteza, ou não comprometimento com o que está sendo dito. O uso de expressões como “estão previstos” e “está projetada” também segue este raciocínio.

Passados três meses da reportagem 08 (ANEXO H), outra matéria trata do projeto do cais, então entregue pelo prefeito José Fogaça à Câmara de Vereadores. A REP 22 (ANEXO

W) tem a cartola “Esperança à orla” e é acompanhada de um quadro informativo que descreve “o novo porto” (título do *box*). A grandiosidade do projeto mais uma vez se manifesta na quantidade de construções previstas no texto e no tamanho delas também: cinco prédios, salas comerciais, um hotel, um centro de eventos, shopping de dois pavimentos, dois grandes estacionamentos.

Próximo à Estação Rodoviária, na área das docas, serão erguidos cinco prédios. Eles abrigarão salas comerciais, um hotel e um centro de eventos (ANEXO V - REP 22, SD5)

Ao lado da Usina do Gasômetro, a ideia é construir um shopping de dois pavimentos. (ANEXO V - REP 22, SD6)

Nas extremidades do Cais do Porto – área das docas e ao lado da Usina do Gasômetro – serão criados dois grandes estacionamentos, com 3.530 vagas (ANEXO V - REP 22, SD7)

O respeito ao patrimônio também é mencionado:

O projeto original prevê a utilização do Cais desde as docas, próximo à Estação Rodoviária, até a Usina do Gasômetro, respeitando a legislação de exploração dos armazéns e da Usina, tombados pelo patrimônio histórico. (ANEXO V - REP 22, SD3)

Mais uma vez, os trechos acima lembram fragmentos da cidade real para compor esse cenário futurístico. O “novo porto” construído por Zero Hora assenta-se sobre bases sólidas, de uso cotidiano das pessoas: a “Estação Rodoviária, a “Usina do Gasômetro”. O aspecto verbal também deve ser observado, pois configura o projeto como um evento confirmado no tempo futuro (“abrigarão”, “serão erguidos”, “serão criados”).

Alguns trechos da REP 29 (ANEXO AC) já foram analisados até aqui. No entanto, vale nos determos em outras sequências discursivas que fazem parte da matéria. Há um *box* chamado “Prancheta”, cujo título é “Pontos polêmicos”. O quadro informativo é composto de dois lados, cada um deles ocupado por duas entrevistadas: Maria Isabel Marocco Milanez, arquiteta e urbanista da Uniritter, e Célia Ferraz de Souza, arquiteta e urbanista, professora da UFRGS. Ambas opinam sobre três pontos do projeto: uso residencial, prédios altos e trânsito. O único aspecto em que há divergências entre as duas é o dos prédios altos. Milanez manifesta-se favoravelmente à ideia, enquanto Souza mostra-se contrária. O restante dos itens questionados é apoiado integralmente.

Sou completamente a favor do uso residencial porque garante dinâmica urbana diuturnamente. *Maria Isabel Marocco Milanez* (ANEXO AC - REP 29, SD6)

Sou bem a favor. Todas as áreas da cidade devem ter uso residencial porque quando a pessoa reside num lugar, existe vida. *Célia Ferraz de Souza* (ANEXO AC - REP 29, SD7)

Se se quer dinamizar um lugar, deve colocar as pessoas a viver naquele lugar, sem medo da privatização da orla. *Maria Isabel Marocco Milanez* (ANEXO AC - REP 29, SD8)

Sou a favor de estacionamentos subterrâneos. Se é um investimento grande, por que não fazer subterrâneo? Dá para fazer, foi feito no Praia de Belas (shopping), uma área de aterro. *Célia Ferraz de Souza* (ANEXO AC - REP 29, SD9)

O uso de um quadro, que distribui em espaços iguais a opinião de duas entrevistadas, pode ter a intenção de mostrar isenção em relação ao projeto, por parte de Zero Hora. No momento que dá voz a duas pessoas, o jornal parece buscar o efeito de pluralidade de opiniões. No entanto, ambas basicamente concordam em todos os aspectos propostos e elencam motivos para apoiar as mudanças. Seria um falso equilíbrio? A Análise de Discurso ajuda a dar continuidade a essa discussão. A AD propõe o mapeamento das vozes. Espera-se que o discurso jornalístico abra espaço para múltiplas vozes, mas sabemos que isso nem sempre acontece. “Para identificar o caráter polifônico ou monofônico é preciso mapear as vozes que o conformam e, nesse movimento, refletir sobre suas posições de sujeito ocupadas por indivíduos distintos” (BENETTI, 2008, p.116). A autora afirma que uma das grandes problematizações a serem feitas sobre o jornalismo é a relação entre a natureza pública da atividade e a exigência de que seja um lugar de circulação de diferentes saberes sobre os fatos e o mundo. No entanto, é recorrente a repetição das mesmas vozes que ganham visibilidade no jornalismo, longe do ideal de ser um campo plural e representativo da diversidade social. Neste sentido, a expectativa é de seja apresentada uma pluralidade de perspectivas de enunciação. Em uma reportagem, têm voz os locutores, que são jornalistas e fontes. Já os enunciadores são as visões diferentes em um texto. Pode haver cinco locutores e apenas um enunciador. A partir da análise das matérias do *corpus*, percebo que quem fala são sempre as mesmas fontes, que apresentam sempre as mesmas visões sobre um mesmo objeto.

A possibilidade de ocupação residencial da orla é apoiada pelas duas entrevistadas. Neste aspecto, Milanez traz à tona a privatização desse espaço. É preciso dizer que este é o único trecho, das SDs selecionadas, que menciona o termo “privatizar”. No entanto, a hipótese é prontamente refutada sob a justificativa de que, com o uso residencial da orla, haverá “dinamização” do local. A privatização dos espaços públicos é um dos principais temas quando se debate as cidades, no Brasil e no mundo. O tema (nada confortável) talvez seja também a principal crítica dos grupos contrários ao projeto do cais do porto. No entanto, a privatização é tratada, no texto, como algo a que não se deve “temer”, uma questão de menor importância diante da possibilidade de ocupação residencial. A entrevistada Souza estabelece que “quando a pessoa reside num lugar, existe vida”. Através das ideias de

“dinamizar”, “dar vida”, o jornal busca reforçar, através da fala de suas fontes, a necessidade de ocupação do local. Deixa implícito ainda que um lugar desocupado é um lugar morto.

A ocupação, proposta nos textos, se manifesta de outras formas - além da residencial: shoppings, hotéis, estacionamentos. Entretanto, é preciso lembrar que este tipo de construção é criticado veementemente, porque prioriza consumidores que frequentam shoppings, turistas, pessoas que possuem transporte privado. Espaços de lazer, como a “grande praça” e os “centros culturais” mencionados nos textos, são uma forma de valorizar os terrenos urbanos. Todo esse pacote vem apresentado como “melhoria” no discurso de Zero Hora. Filho (2001), que estuda a privatização e a especulação nas cidades, chama a atenção para o significado de tais “melhorias”. As “melhorias” mais comuns referem-se à provisão de infraestrutura (água, esgoto, energia), serviços urbanos (creches, escolas, grandes equipamentos urbanos) e mudanças nas condições de acessibilidade (abertura de vias, pavimentação, sistema de transporte, etc.). Desta forma, o autor enfatiza que aquilo chamado de “melhoria” de uma localização é, na verdade, o processo através do qual a qualidade da localização de um terreno em relação à disponibilidade de infraestrutura e a outros terrenos (e, portanto, a outras atividades e centros de interesse) é aumentada. O acréscimo de novas edificações torna sua acessibilidade melhor em relação ao conjunto da cidade. Em outras palavras, a ocupação por atividades (residenciais, comerciais, etc.) ao redor de um terreno torna-o mais próximo – com maior acessibilidade – a uma nova gama de possibilidades de interação com o resto da cidade. Essa possibilidade de interação, por sua vez, é um aspecto valorizado pelas pessoas no momento de escolher um determinado local e, por isso, acaba também contribuindo para o aumento do preço do solo (FILHO, 2001). Nas palavras do autor, os terrenos chamados “de engorda” ficam vazios, à espera de que o desenvolvimento da cidade se encarregue de valorizá-los, sem que nenhum investimento tenha sido feito pelo proprietário (a não ser o IPTU, cujo valor é irrisório comparado à valorização da terra). Neste sentido, quero dizer que todas as “melhorias”, que constam nos textos, atendem a uma classe específica da população, de alto poder aquisitivo, e são uma ferramenta de exclusão para outras parcelas de habitantes não interessados em consumir em bares, restaurantes e estacionar seus carros. Assim, Zero Hora minimiza um tema tão controverso quanto a privatização dos espaços, cala-se diante da possibilidade de que haja valorização imobiliária, manifestando a necessidade latente de “melhorias”, de ocupação, de “vida” no entorno do cais.

Em uma das matérias, o custo do projeto é mencionado. A SD abaixo indica que o plano urbanístico sofreu um reajuste de R\$ 100 milhões de reais.



O custo do empreendimento que abrange 2,5 quilômetros de extensão entre a Rodoviária e a Usina do Gasômetro foi reajustado de R\$ 400 milhões para R\$ 500 milhões (ANEXO F - REP 06, SD2)

As questões que daí decorrem podem ser as seguintes: “Esse valor é alto?” e “Quem vai pagar essa conta?”. Sobre a primeira pergunta, não há elementos que indiquem qualquer conclusão, nos textos. Já a segunda pergunta tem resposta. Os textos deixam claro que há muitos interessados na esfera privada e sinalizam que a área é disputada por “consórcios” e “empreendedores”:

A empresa que vencer a licitação executará as obras recebendo, em contrapartida, a concessão de exploração do local por 25 anos, prorrogáveis por igual período. A expectativa é de que a licitação atraia cinco empreendedores interessados. (ANEXO F - REP 06, SD3)

A expectativa do coordenador executivo do projeto e presidente da Comissão Técnica de Avaliação, Edemar Tutikian, é de que pelo menos quatro consórcios se habilitem à disputa (ANEXO AC - REP 29, SD3).

Sobre essa questão dos consórcios em cidades mundiais, Coy (2013) avalia que, mais recentemente, ocorre a passagem gradativa do poder público para o capital privado como ator principal nos projetos às margens de rio. Segundo o autor, isto tem a ver com os princípios da política neoliberal que também penetram a esfera local, com as deficiências financeiras do setor público e com maior interesse do setor privado de engajar-se em tais “revitalizações” urbanas. O autor aponta que este interesse decorre principalmente das tendências no mercado imobiliário. Na percepção dos investidores, os projetos de revitalização nas margens do rio são vistos como oportunidade de valorização dessas áreas nos centros urbanos.

Cabe destacar que o centro de Porto Alegre, paulatinamente, perdeu sua força de investimento. O que se observa é quase uma ausência de renovação urbana, não se verificando nenhuma grande obra na área central. Os grandes investimentos imobiliários para comércio e serviços migraram para outros bairros, basicamente na forma de *shopping centers*, centros de negócios. É este o contexto de 2009 na região do centro e do cais do porto, retratado em Zero Hora a partir de intensa cobertura de “revitalização”. Cinco anos antes da Copa do Mundo, o projeto aparece nos textos como “fundamental”, não somente para o Mundial, mas também para trazer a reboque outras “melhorias” para a cidade. Sob a forma de um *sonho de mudança*, Zero Hora acentua o discurso legitimador de operações imobiliárias e de criação de novos polos em antigas áreas portuárias.

## FD2 – Entre o sonho e a realidade

A segunda formação discursiva (FD2) desta análise, intitulada *Entre sonho e a realidade*, surge a partir do aparecimento, nos textos, de fatores que impedem o *sonho de mudança* indicado na FD1. Para legitimar o *sonho*, o contraste é necessário. O sonho como um desejo latente é reforçado a partir de uma realidade urbana representada ora como caótica, ora como abandonada, em Zero Hora. A FD2 enfatiza esta *cidade real*, do trânsito complicado, do abandono, da falta de investimentos. A passagem do tempo com um sentido negativo é outro fator que chamo a atenção nesta FD2, que se manifesta nos textos que falam do passado, do presente e do futuro. O passado indica abandono, espera, atraso. O presente sinaliza para uma cidade caótica. O futuro é, por vezes, incerto. *Entre o sonho e a realidade*, uma série de obstáculos, que serão apresentados a seguir nesta formação discursiva.

A falta de recursos e apoio governamental (especialmente do governo federal) para investir no *sonho do metrô* é um desses entraves apontados nos textos, como pode ser percebido na próxima sequência discursiva.

Após consultar especialistas de uma empresa de São Paulo, a Trensurb constatou que estendendo a linha até a Avenida Manoel Elias, na Zona Norte, o metrô atenderia moradores da Região Metropolitana e se tornaria mais atrativo aos investidores privados. Entre o sonho e a realidade, porém, há uma montanha de R\$ 3 bilhões (custo total da obra). (ANEXO E - REP 05, SD2)

Diante da possibilidade de extensão da linha, tornando-a “mais atrativa”, o jornal cria uma barreira para que isso ocorra: a “montanha” de recursos necessária. *Entre o sonho e a realidade*, está o governo federal:

Embora haja quem acredite que parcerias com a iniciativa privada poderiam tornar o sonho real, o vice-prefeito de Porto Alegre e secretário Extraordinário para a Copa do Mundo de 2014, José Fortunati, considera impossível manter o projeto sem o investimento da União (ANEXO AA - REP 27, SD2)

Embora o metrô seja um sonho de R\$ 3 bilhões, tudo o que o governo dispõe este ano são R\$ 40 milhões. (ANEXO E - REP 05, SD4)

É interessante perceber que o “governo” e a “União” representam a viabilidade do projeto, são a condição necessária para o metrô. Os textos sinalizam para o fato de que a obra não ocorrerá sem esse investimento. *Entre o sonho e a realidade*, a iniciativa privada poderia contribuir; entre *o sonho e a realidade*, há um déficit bilionário. Através de relatos e declarações emocionais, os textos indicam visões negativas para a concretização do metrô. O efeito deste discurso poderá ser o de frustração e desânimo de “ficar só no sonho”. Palavras

como “ameaça”, “frustração”, “lamento”, “revolta”, com forte conotação negativa, são repetidas ao longo do texto e reforçam a ideia de que há obstáculos impedindo a viabilidade do metrô. Isso fica mais claro a partir da observação das próximas SDs:

Secretário especial da Copa sai frustrado de reunião para melhorias viárias na Capital (ANEXO Z - REP 26, SD1)

Na reunião entre representantes dos governos federal, do Estado e o governo federal, ocorrida ontem, em Brasília, o ministro das Cidades, Márcio Fortes, jogou água fria nas pretensões gaúchas. – É complicado. É um volume de recursos elevado. O prazo de maturação, o cronograma é longo – disse o ministro. (ANEXO Z - REP 26, SD2)

Frustrado com a posição do ministro, Fortunati ressaltou que os gaúchos deverão se mobilizar para mudar a postura do governo. – Teremos que nos unir e pressionar. Temos de mostrar que é possível, do contrário ficaremos só no sonho – declarou Fortunati. (ANEXO Z - REP 26, SD3)

A reportagem 26 (ANEXO Z) aborda a reunião entre representantes dos governos federal, estadual e municipal, ocorrida em Brasília, sobre as obras viárias previstas para Porto Alegre sediar a Copa do Mundo de 2014. O tom predominante é de que os projetos “correm o risco de não sair do papel”. O próprio título da matéria (“Metrô de 2014 está ameaçado”) é um indicativo de como a reportagem vai transcorrer. Nas últimas SDs destacadas, o ministro das Cidades é quem “joga água fria nas pretensões gaúchas”. Atribui ao metrô o sentido de “complicado” e menciona o “volume de recursos elevado” e o “cronograma longo”. Nesta perspectiva, o efeito mais claro deste trecho é atribuir ao governo federal o papel de possível inimigo, aquele que ameaça o metrô. Por outro lado, o jornal cede voz a Fortunati, representante do governo municipal, que sai “frustrado” da reunião. O governo estadual desta forma, em oposição à instância federal, conclama o público ao engajamento e à pressão, como se dissesse: *Vocês não devem aceitar isso! Vão ficar aí parados?*

A ameaça do metrô tem “gosto amargo”, segundo as palavras de Fortunati. A expressão indica mais desse sentido geral de frustração, relacionada a afetos e desafetos, e que ocasiona rompantes emocionais que viemos observando nos textos. Trava-se, no texto, uma batalha clara entre *nós x eles*, onde *nós* são os gaúchos, aqueles defensores do metrô, e *eles* são o governo federal, a ameaça ao sonho, a falta de investimento. Neste diálogo, não há entendimento: *Nós queremos, eles não entendem; nós pedimos, eles nos dão (um balde de água fria); nós estamos revoltados, frustrados...* É o que se depreende da leitura do próximo trecho:

Essa possibilidade revoltou o secretário especial da Copa do Mundo da Capital, José Fortunati. – Saio com um gosto amargo. Em momento algum o governo propôs investir

em Porto Alegre. Eles disseram que tem R\$ 5 bilhões para financiar obras. Eles não estão entendendo o seu papel na Copa. Nós já temos uma série de financiamentos e nossa margem de endividamento está quase no limite. Como poderemos fazer as obras necessárias assim? – lamentou. (ANEXO Z - REP 26, SD5)

Essa guerra continua sendo disputada na reportagem 27 (ANEXO AA), que sinaliza para o fim da “Linha da Copa”. O tom de pessimismo em relação ao metrô pode ser percebido já no título “Metrô de Porto Alegre corre risco de não sair”. A matéria aborda a possibilidade de exclusão do metrô, por parte do governo federal, das prioridades de investimento para a Copa de 2014. Em cada declaração do governo federal, vai-se desconstruindo a ideia do metrô como uma potencialidade “animadora”, enfatizando-se que é uma possibilidade cada vez mais “remota”. É interessante perceber que a matéria retoma – por duas vezes - o que foi dito pelo ministro há dois meses sobre o projeto, reforçando desta forma o tom de ameaça predominante na matéria:

Caso a resposta seja negativa, como sugerem manifestações feitas em setembro pelo ministro das Cidades, Márcio Fortes, as probabilidades de se construir o metrô até o mundial se tornarão remotas (ANEXO AA - REP 27, SD1)

As perspectivas até o momento são pouco animadoras. Após um encontro semelhante para discutir os preparativos da Copa, em 18 de setembro, Fortes afirmou que a execução seria “complicada” porque exigiria alto volume de recursos em um cronograma apertado. (ANEXO AA - REP 27, SD3)

Cabe notar que os argumentos de que o metrô custa caro e de que o cronograma é apertado são mencionados – com insistência - pelo governo federal ao longo das matérias. Ainda na reportagem 27, há um box informativo que cita cinco “objeções ao projeto”. Custo e cronograma estão entre as “objeções”. Outro ponto é a exigência de integração, um claro indicativo de que não há entendimento entre os governos e, por causa disso, “o metrô está ameaçado”.

Alto custo: é o principal. Somente os estudos para realização do projeto consumiram R\$ 2,5 milhões. (ANEXO AA - REP 27, SD6)

Exigência de integração: para que o projeto saia do papel, é preciso a integração das esferas municipal, estadual e federal. O plano é discutido há mais de cinco anos entre municípios, Estado e União, e os estudos exigiram a integração de todos os antigos projetos viários existentes. (ANEXO AA - REP 27, SD7)

Cronograma apertado: uma obra desse porte corre o risco de não ficar pronta até a Copa de 2014 se houver atrasos em licitações e licenciamentos ambientais. (REP 27, SD8)

Canteiro de obras gigantesco: o projeto prevê a construção de 37 quilômetros pela cidade, ao longo de 30 anos. (ANEXO AA - REP 27, SD9)

Promessas eleitorais: a cada eleição, os candidatos prometem, mas o projeto não poderia ser concluído em apenas uma administração (ANEXO AA - REP 27, SD10)

Já vimos que a expressão “canteiro de obras” é utilizada em outra matéria (ANEXO T - REP 20, SD1) sem qualquer valoração – positiva ou negativa, no contexto de chegada da Copa do Mundo. Agora, o texto ativa uma avaliação negativa a essa possibilidade, associada ao metrô. *Entre o sonho do metrô e a realidade*, Zero Hora sugere cinco obstáculos: alto custo, exigência de integração, cronograma apertado, canteiro de obras gigantesco e promessas eleitorais.

Não é só o governo federal que assume, nos textos, uma posição de crítica e questionamento. Na reportagem 03, são os moradores dos bairros Menino Deus e Azenha que desempenham tal papel em relação às supostas “melhorias” que o metrô pode trazer. Nas falas, predominam a dúvida, a preocupação e o medo de mudança:

Mas todas essas mudanças levantam preocupações entre moradores e frequentadores dos bairros. Para a presidente da Associação dos Amigos e Moradores do Bairro Menino Deus, Wanda Lúcia de Souza, a altura dos prédios gera algumas dúvidas. (ANEXO C - REP 03, SD2)

Para a gerente executiva da Associação Empresarial Nova Azenha, Márcia Terra, a chegada da Copa do Mundo não pode mudar as características do bairro. – A Azenha sempre foi um lugar de lojas de rua, sem shoppings. Precisamos manter essa cultura – ressalta. (ANEXO C - REP 03, SD3)

Na fala dos moradores, estão postas dúvidas em relação à altura dos prédios e a necessidade de respeitar as características do bairro. Estas questões aparecem relacionadas ao sentido afetivo dos moradores por seus bairros, defensores da manutenção da altura dos prédios como hoje são. Esses valores são expressos em “A Azenha sempre foi...”, que sugere que a memória e a tradição devem ser respeitadas. Neste sentido, cria-se um sentimento de oposição e resistência em relação ao Mundial, percebidos em “A Copa não pode”, “Precisamos manter”, “sem *shoppings*”. O efeito produzido é um convite à reflexão sobre os impactos da Copa nos bairros e um julgamento negativo das transformações. Esse convite é proposto por aqueles que não endossam as “melhorias”, em um dos poucos trechos das matérias em que os moradores são chamados a opinar.

Outra formulação que remete a esse não-endosso, agora relacionado ao projeto do cais do porto, é encontrada na REP 29 (ANEXO AC) que trata da votação do projeto em dezembro

na Câmara de Vereadores. A vereadora Maria Celeste sugere que o uso residencial da região central da cidade é um “ponto problemático”.

Líder da oposição na Câmara, a vereadora Maria Celeste (PT) aponta problemas. – Todo mundo quer a revitalização, mas alguns pontos são problemáticos, como o uso residencial – avalia a vereadora, que não participou do passeio, proposto pelo secretário extraordinário da Copa 2014, Paulo Odone. (ANEXO AC - REP 29, SD2)

Fica clara a tentativa de submeter a vereadora ao papel da “oposição” que se apega nos “pontos problemáticos” do projeto. Na fala dela, está explícita a prerrogativa de que “todo mundo quer a revitalização”, o que indica que mesmo a vereadora da oposição tem consciência da relevância da reforma. No entanto, ainda que saiba disso, é a vereadora quem questiona alguns pontos. A personagem é associada a um sentido de contrariedade e resistência, evidente nas posições que assume no texto. O trecho afirma que Celeste “não participou do passeio”. Nesta perspectiva, o texto parece indicar teimosia da vereadora em continuar na oposição ao projeto, negando-se a novas experiências oferecidas, ao engajamento e à discussão do assunto.

Um dos obstáculos ao projeto do cais do porto parece ser o muro da Mauá, como se a estrutura representasse uma oposição à necessidade (construída pelo jornal) de avançar em direção ao rio. O muro é constantemente associado ao termo “polêmico”. Talvez essa associação seja feita pois o muro nunca sofreu intervenção alguma. Talvez qualquer oportunidade de mexer na estrutura tenha sido objeto de oposição e “polêmica”. *Talvez*, pois esses são apenas indicativos sugeridos a partir do que os textos apontam. O jornal chama a atenção, em tom saudosista, para a cidade que poucos conhecem. Um desconhecimento causado pelo muro que “esconde” Porto Alegre, sentido percebido pela leitura dos trechos abaixo:

Se a nova proposta de revitalização do Cais do Porto da Capital se concretizar, o polêmico muro da Mauá poderá sofrer a primeira intervenção de sua história. (ANEXO A - REP 01, SD3)

[...] ampliar a visão dos armazéns e do Guaíba para quem circula a pé ou de carro pela Avenida Mauá, no centro da capital gaúcha. (ANEXO A - REP 01, SD4)

Pela projeção, o Muro da Mauá seria reduzido pela metade, dando visibilidade do Centro para o porto. (ANEXO H - REP 08, SD5)

Por trás dos três metros do muro da Mauá esconde-se uma outra Porto Alegre. Essa cidade, que poucos conhecem, poderá ser descoberta nos próximos anos se a prometida revitalização do Cais do Porto sair do papel. (ANEXO H - REP 08, SD2)

A altura será reduzida de 3 metros para 1,5 metro (ANEXO V - REP 22, SD8)

Há uma clara tentativa de convencer o leitor de que visualizar a cidade e o rio é uma medida necessária e que passa pela redução da altura do muro. A ideia de uma visão privilegiada, seja para quem passa de carro ou para quem está no centro da cidade, é usada repetidamente como o principal argumento de ZH para realizar (*finalmente?*) a “primeira intervenção histórica” no muro da Mauá.

A reportagem 29 (ANEXO AC) vem acompanhada de um *box* “Para seu filho ler”, cuja proposta é “traduzir” para o público infantil os acontecimentos. É interessante observar que, mais uma vez, o jornal busca despertar a curiosidade para o que há detrás do muro, descrito como um “paredão que separa a cidade do Guaíba”. Reforça também para esses leitores os seguintes pontos: há um “afastamento” de Porto Alegre em relação ao rio; o espaço encontra-se inutilizado; são necessárias “melhorias”.

Quando você passa de carro pela Avenida Mauá, em Porto Alegre, já deve ter visto o paredão que separa a cidade do Guaíba. Do outro lado do muro, existe um grande espaço pouco utilizado atualmente. (ANEXO AC - REP 29, SD10)

A reportagem 23 (ANEXO W) também aborda as mudanças no cais do porto, enfatizando o olhar de estrangeiros a respeito da região portuária. Essa visão é narrada através de fontes entrevistadas em um encontro de arquitetos da Argentina, da Espanha e do Brasil, chamado “O Muro e a Copa” e realizado na UniRitter, em Porto Alegre. A matéria estabelece o consenso de que é preciso mudar – e mudar é derrubar o muro. Essa prerrogativa é estabelecida a partir das “impressões” “unâнимes” dos entrevistados. A professora espanhola é quem determina, por exemplo, que Porto Alegre “não deveria” terminar em um muro. A estudante argentina considera o muro “uma barreira para o aproveitamento da área pelas pessoas”.

Até agora, a unanimidade entre eles é de que a região é muito bonita, mas precisa ser melhor aproveitada. (ANEXO W - REP 23, SD2)

- A minha primeira impressão foi perceber que a cidade terminava em um muro. Não deveria ser assim. Acho que ali é um lugar ideal para se criar uma área de aproveitamento público, de acordo com o modo de vida da população. Assim como é o Parque da Redenção – compara a professora Karin Hofert, da Universidade Politécnic da Catalunha, Espanha. (ANEXO W - REP 23, SD3)

Impressão parecida teve a estudante argentina Guillermina Peñaloza, da Universidade Nacional de Córdoba. Segundo ela, a presença do muro é uma barreira para o aproveitamento da área pelas pessoas. (ANEXO W - REP 23, SD4)

Essa região da orla chamou atenção pela presença do muro. Para os participantes do evento na UniRitter, o muro e a disposição dos armazéns dificulta a presença das pessoas e tira a beleza da paisagem. (ANEXO W - REP 23, SD5)

Ao construir o texto na linha *Porto Alegre segundo a ótica dos estrangeiros* o jornal constrói a legitimação (submissão?) da opinião dos estrangeiros. É um discurso que privilegia o que pensam aqueles que vêm *de fora*, soando como sinal de alerta para os problemas que, de tão familiares, os que *estão dentro* não conseguem enxergar. Remete a outros discursos fundadores - destaco ao menos dois. O primeiro é o discurso da cidade-modelo, que busca igualar Porto Alegre às “grandes cidades mundiais” frente à mundialização. Esse discurso que fornece os parâmetros de cidade-modelo foi reverberado nas páginas de ZH, conforme indiquei na FD1. O segundo discurso é o do complexo de vira-latas, que busca validar as experiências estrangeiras em detrimento das opiniões locais. Há uma grande preocupação dos brasileiros com o que os outros países pensarão deles. A intenção primordial de reverberar esses dois discursos pode ser questionar a *cidade real* para então sugerir a derrubada do muro da Mauá e acionar o *sonho de mudança*. Tudo sob a chancela das “impressões” dos visitantes internacionais.

Em Porto Alegre, desde a ponta do Gasômetro, ao norte, até a Praia do Lami, no extremo sul, há 70 quilômetros de orla. Situado às margens do Guaíba, entre o porto e a Avenida Mauá, o muro faz parte do Sistema de Proteção Contra Cheias, que é constituído pelo muro, 68 quilômetros de diques, 14 comportas e 19 casas de bombas. Diante do tamanho da extensão da orla, o muro da Mauá representa uma faixa relativamente pequena. Há outros espaços para que os moradores tenham “contato com o rio”, ainda que tal contato seja bastante restrito, devido a fatores (para citar alguns) como poluição e falta de balneabilidade do Guaíba. A natureza desse contato, no discurso de Zero Hora, é a de “ver” Porto Alegre. No entanto, proponho relacionar o *discurso do contato com o rio* a outros discursos fundadores que podem estar aí implícitos. Falo da relação rio-cidade, que desde os princípios de origem das cidades, revela-se um aspecto primordial para o desenvolvimento urbano. A disponibilidade de água constituía sempre um dos principais fatores para o estabelecimento definitivo e a localização específica de povoados humanos. A retomada desse “contato”, proposto por ZH é, portanto, da ordem do sagrado, pois reverbera o discurso de origem da cidade e de sua relação com o rio. Como obstáculo a isso, o muro da Mauá representa o “velho” e o rompimento da simbiose cidade-rio. *Entre o sonho do cais e a realidade*, existe um muro.

Zero Hora cria uma cortina de mistério, do desconhecido e do abandono, sobre o que há detrás do muro. A passagem do tempo é construída como se o passado tivesse ocasionado



o abandono do cais. *Entre o sonho do cais e a realidade*, estão as ruínas do tempo que passou. É possível perceber ainda, ao longo dos textos, a construção da ideia que as pessoas esperam, aguardam, reivindicam mudanças na região portuária há pelo menos “duas décadas”.

Depois de mais de duas décadas de planos abandonados e de nove meses de análise, um novo projeto promete revitalizar o Cais do Porto da Capital. (ANEXO F - REP 06, SD1)

A prefeitura de Porto Alegre deu ontem um novo passo para atender a uma antiga reivindicação dos porto-alegrenses. (ANEXO V - REP 22, SD1)

O porto perdeu importância, e os antigos armazéns ficaram praticamente sem uso. (ANEXO AC - REP 29, SD11)

Na próxima SD, algumas ideias são retomadas, como o “abandono” da região, as “duas décadas” de espera, os “sucessivos planos” desenvolvidos, o potencial desperdiçado de um dos “principais cartões-postais do sul do país”, a necessidade de que o projeto “saia do papel”. A simbiose cidade-rio é mais uma vez lembrada com a sinalização de um “novo projeto” que pode “devolver o Guaíba e o porto à cidade”:

Praticamente abandonado, à espera de uma solução há pelo menos duas décadas, o Cais do Porto da Capital tem potencial para se transformar num dos principais cartões-postais do sul do país. A revitalização da área portuária seria um impulso turístico, econômico e comercial. Sucessivos planos já foram formulados, mas jamais saíram do papel. Agora, surge um novo projeto, que pode mudar o cenário do centro porto-alegrense e devolver o Guaíba e o porto à cidade. (ANEXO H - REP 08, SD1)

Fica claro que os trechos que se referem ao cais colocam em questão a passagem do tempo como algo nefasto. É a partir desta perspectiva que as reportagens propõem um olhar sobre o passado, evocando a memória da cidade para que se perceba que “décadas” passaram sem que nada acontecesse. Predomina a ideia de que não houve avanços no cais, que a região foi - e continua sendo - mal aproveitada diante de seu potencial. A partir da leitura dos textos selecionados sobre o cais do porto, emerge o discurso sobre o passado em que sobressaem os fatores negativos da passagem do tempo. *Entre o sonho do cais e a realidade*, há sucessivas tentativas e décadas de abandono.

Enquanto o passado e o presente do cais do porto são assim retratados, as reportagens sobre o metrô propõem um olhar preocupante para a cidade atual e do futuro. *A Porto Alegre sem metrô* é colocada à prova. Nesta perspectiva, a realidade construída é a pior possível, com diversos indícios de que é preciso mudar com urgência. Instala-se o caos no horizonte traçado por Zero Hora: congestionamento, crescimento do número de veículos, aumento populacional, etc.

Com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1,4 milhão de habitantes, Porto Alegre registra problemas de trânsito cada vez mais preocupantes. A construção de uma nova linha de metrô é considerada fundamental para desafogar o trânsito que se deteriora diariamente. A frota de cerca de 600 mil veículos representa 2,3 habitantes para cada veículo. Se for mantida a tendência de crescimento, em 25 anos a situação se tornará insustentável: a frota crescerá mais de 100%, chegando a 1,3 milhão, e a população aumentará 18%, passando a 1,6 milhão (um carro para cada 1,06 habitante). (ANEXO G - REP 07, SD1)

– Cada vez mais as grandes cidades terão problemas de mobilidade. Nas cidades com mais de 1 milhão de habitantes, as redes metroviárias subterrâneas são a principal alternativa por proporcionar a redução de carros e ônibus e garantir fluidez à mobilidade na superfície – avalia o diretor-presidente da Trensurb, Marco Arildo Cunha. (ANEXO G - REP 07, SD4)

Sem dúvida, é uma obra importante. O metrô é mais barato e mais rápido porque para menos vezes. Vai evitar a tranqueira que existe hoje nos horários de pico, especialmente na Bento Gonçalves. (ANEXO G - REP 07, SD5).

Ele afirma que o metrô é mais necessário na região devido ao trânsito estrangulado e à falta de opções para expansão física. (ANEXO X - REP 24, SD3)

O jornal sugere que há disputa entre bairros para que o metrô se instale na zona Norte - e não na região Leste de Porto Alegre. Cria-se o cenário de *salve-se quem puder*; emerge a *solução natural* (o metrô), legitimada também pelos moradores.

Para o vice-presidente da Amal, Carlos Pereira, as intervenções no bairro são urgentes. Ele lembra que o metrô da Copa do Mundo deveria contemplar a Zona Norte, e não a Zona Leste. A volta ao Centro, passando pela Zona Norte, sairia somente depois de 2020, projeta Pereira. (ANEXO 24 - REP 24, SD2)

Para encerrar a FD2, analiso a REP 28. A reportagem especial de duas páginas, publicada em novembro de 2009, aborda a exclusão do metrô do “pacotão de obras do Mundial”. Considero essa matéria emblemática porque fecha um ciclo de reportagens que, ao longo do ano, reforçam a necessidade do metrô para a Copa. O texto trata da reunião em que o governo federal comunicou ao prefeito José Fogaça que não haverá verba para a linha da Copa. O *sonho da Linha da Copa* contrasta com a exclusão dessa obra para o Mundial. O metrô é chamado de um “sonho adiado”. A matéria reforça que é a hora de “cair na realidade”. O título “Fim da linha para o metrô da Copa” já sinaliza para esse tom negativo que será construído no texto. “Fim da linha” é um eufemismo para o término de algo. No entanto, é importante perceber que o texto deixa claro que *é o fim* da ideia do metrô a tempo do Mundial, mas *não é o fim do sonho*. Este foi apenas *adiado*.

A primeira página da reportagem é diagramada com o texto principal, além de duas colunas de entrevista, localizadas nas partes esquerda e direita da página. São duas entrevistas sobre a decisão de excluir o metrô das obras da Copa. A segunda página constitui-se de um mapa que localiza as obras do Mundial. Abaixo desse mapa, há quatro colunas de texto, cada uma traz um título: “Pá de cal no metrô?”, “Mudança no traçado”, “A aposta no ônibus” e “Investimento no trânsito”. O texto principal enfatiza que a proposta de incluir o metrô para o Mundial era inviável porque faltaria tempo para concluir as obras.

Luis Antonio Lindau, professor do Centro de Transporte Sustentável do Brasil, concorda com o argumento da falta de tempo: – Não tínhamos como implantar uma obra de bilhões em menos de quatro anos. Chegou a hora de cairmos na realidade. (ANEXO AB - REP 28, SD1)

Neste contexto, *entre o sonho e a realidade do metrô*, está o cronograma que inviabiliza o projeto a tempo da Copa. “Cair na realidade” é deixar de sonhar com essa ideia. No entanto, a necessidade do metrô continua sendo exaustivamente enfatizada ao longo do texto. O metrô é chamado de “uma promessa de duas décadas e sucessivos governos” e “um dos projetos mais aguardados pelos gaúchos”. A entrevistada Maria Isabel Marocco Milanez, fonte à qual Zero Hora recorreu com bastante frequência, corrobora esta crença. É ela quem sugere que o metrô é “imprescindível”.

Para a urbanista Maria Isabel Marocco Milanez, professora do Centro Universitário do Ritter dos Reis (Uniritter), pelo contrário, o importante seria garantir um metrô em Porto Alegre, que ela considera imprescindível para resolver os problemas de trânsito na Capital: – Um metrô é feito por circuitos, parte por parte, nunca por inteiro, de uma vez só. É preciso começar por algum lado. Por mais que esse traçado do Mercado ao Beira-Rio não atenda quem mais precisa do metrô, ele dá início ao projeto. Seria uma forma de começar algo que precisa ser iniciado de uma vez. Perdemos mais uma oportunidade. (ANEXO AB - REP 28, SD2)

Impera nesta SD a ideia de urgência para iniciar a obra (“É preciso começar...”, “precisa ser iniciado”). Tarefa que deve ser iniciada sob qualquer circunstância, mesmo que a linha “não atenda quem mais precisa do metrô”. Neste trecho, não está claro quem são as pessoas mais necessitadas do metrô e muito menos porque são elas. Mesmo que diante de tais silenciamentos, o que grita nessa sequência discursiva é o tom persuasivo e enfático da fonte, que dita os deveres dos governos e as necessidades da cidade, e fala até mesmo em nome daqueles que mais precisam do projeto.

O governo federal, responsável pela decisão de excluir o metrô do PAC, é representado com um tom de descrédito, como alguém que muito promete, mas nunca cumpre. A origem deste conflito, criado pelo texto, não é de hoje, vem desde o passado:

O adiamento, como em ocasiões anteriores, veio acompanhado de promessas para o futuro. Agora, os ministros dizem que o projeto deverá ser incluído na segunda edição do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), previsto para ser lançado em abril de 2010. (ANEXO AB - REP 28, SD3)

A ideia de que o governo federal causa decepção fica clara nas sucessivas “promessas para o futuro” que não foram concretizadas assim como em “ocasiões anteriores”. Apesar de romper com o sonho da linha da Copa, o trecho aponta para uma luz no fim do túnel: o PAC de 2010. Seria outra forma de Zero Hora dizer que o *sonho continua*?

Além do texto principal, há duas colunas de entrevista que continuam a discussão. Como a matéria diz, a decisão “dividiu especialistas”. Essa divisão se manifesta também na diagramação da página, que coloca de lados opostos dois entrevistados com opiniões divergentes sobre o mesmo tema. Ambos os entrevistados que ganham voz na matéria principal são chamados a continuar o debate. A primeira coluna, à esquerda, intitulada “Muito se perde”, é uma entrevista com Maria Isabel Marocco Milanez, urbanista e professora da Uniritter. Três pontos têm destaque: “Chance perdida”, “Faltam alternativas” e “Ônibus é passado”. A coluna da direita, intitulada “Pouco se perde”, tem a entrevista de João Fortini Albano, engenheiro e professor de Transportes da Escola de Engenharia da UFRGS. Os itens “Traçado incoerente”, “Custo elevado” e “Portais da Cidade” são destaque nesta coluna. É possível notar a tentativa de enfatizar o conflito, indicando que há dois lados antagônicos de um problema. Percebe-se ainda que as colunas são diagramadas da mesma forma: mesmo tamanho, com foto do entrevistado, título e três pontos de destaque. Desta forma, Zero Hora busca causar o efeito de equilíbrio, de imparcialidade, uma vez que dá voz aos *dois lados da questão*.

Na segunda página, abaixo do infográfico, o jornal relembra as tentativas frustradas de implantar o metrô. A passagem do tempo é usada aqui como algo negativo, de estagnação, reativando a memória de um projeto que “se arrasta há quase duas décadas”. Isso fica claro na coluna “Pá de cal no metrô?”, que lembra outras experiências que não deram certo:

Em tese, a decisão de incluir o metrô em um novo PAC pode significar que a alternativa de transporte não saiu do rol de prioridades dos governos. Na prática, porém, a decisão

joga mais uma pá de cal sobre o projeto, que se arrasta há quase duas décadas. No início dos anos 90, com a Avenida Assis Brasil dando sinais de saturação, o metrô era dado como certo. Em dezembro de 1992, Porto Alegre chegou a obter sinal verde do Bird para a implantação de um metrô na extensão da Assis Brasil para atender Cachoeirinha e Alvorada. (ANEXO AB - REP 28, SD4)

Nesta FD2 – *Entre o sonho e a realidade*, vimos que uma série de padrões negativos foram associados à realidade do trânsito e do cotidiano de Porto Alegre. Zero Hora questiona a *cidade real* como forma de induzir ao *sonho de mudança*. Predomina a ideia de que o metrô é a solução consensual para transformar essa *realidade* criada por ZH. Ocorre a naturalização dessa crença através dos textos que se repetem sob a mesma argumentação. *Entre o sonho do metrô e a realidade de Porto Alegre*, há um presente caótico e um futuro preocupante, de trânsito em colapso. Zero Hora dá voz aos “especialistas” que sinalizam para essas ideias e obtém a prova da verdade: não há outra saída, a não ser o metrô. Cabe ressaltar que, mesmo diante da exclusão do metrô do pacote de obras para o Mundial, o jornal insinua que as esperanças de um futuro com a obra na cidade não estão esgotadas. O ano de 2009 termina com o sonho “adiado” – mas não *encerrado*.

A passagem do tempo está insistentemente associada ao abandono, ao desinteresse governamental e à falta de investimento na cidade. Nesta perspectiva, o tempo de Zero Hora vem carregado de um fardo, traduzido nos “anos” e “décadas” de espera. O jornal faz questão de resgatar a memória (seja a memória “de Porto Alegre”, “dos porto-alegrenses”, “dos gaúchos”) como forma de enfatizar o *envelhecimento de sonhos*, antigos e desejados há tanto tempo – mas nem por isso menos vivos. A necessidade (quase que ancestral) de manter novamente contato com o Guaíba é um dos motores que impulsiona a narrativa jornalística do *sonho do cais*. A cobertura jornalística de Zero Hora pulsa diante de cada mínimo sinal de iniciar as obras do metrô. O *sonho do metrô* é construído e cimentado sobre bases prestes a ruir; são as bases da *cidade real*, esgotada, caótica, poluída.

## 5.2 A DIMENSÃO VERBO-VISUAL

A segunda fase da análise abrange não somente a dimensão verbal dos textos, mas também as imagens que acompanham as matérias. A intenção é revelar a construção do *mundo dos sonhos através dos infográficos*, em uma análise da dimensão verbo-visual das imagens. Cabe ressaltar que os infográficos das matérias do *corpus* têm quantidade considerável de texto, legendas e descrição de lugares. Zero Hora compõe infográficos

característicos de um tipo de reportagem que retrata projetos urbanos e obras para a Copa. Para esta etapa, defini três infográficos que estão de acordo com o propósito desta tese, pois combinam um maior número de elementos simbólicos, entrecruzando real e imaginário: são os infográficos das REP 06, REP 16 e REP 21 (ANEXOS F, P e U), que representam, respectivamente, a obra do cais do porto, a Porto Alegre sede da Copa e o projeto do metrô. Busquei, desta forma, diversificar os objetos de análise, contemplando os três enfoques da tese.

A reportagem 16 (ANEXO P) é um grande infográfico que toma conta de duas páginas da edição do dia 31 de maio de 2009, às vésperas da escolha do país-sede da Copa do Mundo. Tem o título “Porto Alegre do Mundial de 2014” e também porta de entrada, uma espécie de *lead*, que resume o assunto: “Os projetos que deverão mudar o perfil da Capital dos gaúchos para receber o Mundial a ser realizado no Brasil”. A imagem, que não traz a assinatura ou autoria, tem também texto. Na Figura 2, é possível observar a presença dos elementos citados anteriormente: título, abertura e blocos de texto distribuídos pela página que, juntamente com os desenhos, têm por objetivo informar ao leitor de forma completa.



há uma legenda para caracterizar as obras com as seguintes cores e definições: cor vermelha para “Obra pública”, cor azul para “Obra privada” e verde para “Parceria público-privada”.

Neste infográfico, estão destacados em *zoom* as obras, acompanhadas de texto (escrito de forma simples para ajudar na produção de sentido) e imagem dos locais. Cabe destacar a característica plural da leitura desse infográfico, partindo do entendimento de que, se uma ordem fosse estabelecida, haveria alguma numeração para indicar o caminho de leitura. O leitor desse mapa encontra blocos de texto e pode ler cada bloco individualmente. Como não se percebe um único ponto estratégico, o olhar percorrerá esse espaço de acordo com suas necessidades e interesses.

O cais do porto é uma das áreas em destaque, na parte inferior da primeira página, dentro de um *box* verde, o que indica que o projeto será feito através de PPP. O título do *box* é “Revitalização do Cais do Porto”, acompanhado do seguinte texto: “Haverá espaços de lazer, comércio, gastronomia, escritórios, shopping e centro de convenções”. Além desse texto, abre-se em *zoom* a ilustração do que seria o cais do porto, com docas, prédios e o Guaíba. Outra obra destacada é o metrô. O título “Fase 1 do metrô”, em vermelho, indica uma “obra pública”. Abaixo do título, a descrição da obra: “Linha de 15,3 quilômetros com 16 estações. Transportará cerca de 290 mil pessoas por dia. Vai da Rua João de Oliveira Remião ao Mercado Público”. A obra toma uma proporção maior do mapa, pois os trilhos do metrô estão espalhados por boa parte do infográfico, percorrendo principalmente os bairros Centro, Menino Deus e Partenon. São dois trens metálicos que passam pelos trilhos, em proporção maior do que as outras obras.

A representação de mapas e o desenho arquitetônico é uma das funções da infografia. Como qualquer mapa, é preciso haver coerência e indício de realidade, percebidos neste infográfico pela representação fiel ao que hoje é o território de Porto Alegre. A distribuição das obras no mapa não é aleatória: o cais do porto está na beira do rio. Isso assegura que há verossimilhança com a realidade da cidade hoje. No entanto, mais do que uma ferramenta informativa de caráter geográfico ou científico, esse mapa que analiso é um infográfico jornalístico, que tem suas peculiaridades. Nele, são inseridas informações jornalísticas além da simples geografia. Justamente por ter informação de caráter textual e iconográfico sobre um suporte, o mapa transforma-se em infográfico, mapa jornalístico ou infomapa (DE PABLOS, 1999). No infográfico em análise, busca-se um efeito de realidade e também a compreensão do todo imaginado. Neste sentido, a ilustração de cada uma das obras contribui para este efeito. A região portuária aparece no mapa com traços reais de como o local se parece hoje. Para a obra do metrô, utiliza-se um desenho de dois trens. Aqui, o critério



predominante não é, essencialmente, o seu realismo, mas sim o reconhecimento do objeto representado. No entanto, ainda que o metrô não exista no cotidiano de Porto Alegre, elementos do real são utilizados como referência do que é um metro, quais as cores, modelo, etc.

Nesta perspectiva, o infográfico ajuda a criar o imaginário da cidade em 2014. Está relacionado à formação discursiva do *sonho de mudança*, em mais um exercício de *escavar o futuro* de Porto Alegre proposto por Zero Hora. A ferramenta da interação, bastante utilizada no discurso jornalístico, torna-se aqui indispensável. O leitor é convidado a conhecer as obras, a experimentar os lugares, a viajar no tempo futuro. Há espaço para o reconhecimento da *cidade real*, mas há brechas para imaginar o *novo* - aquilo que está além da sua simples observação do cotidiano. Assim, a Porto Alegre da Copa do Mundo desvenda-se iconograficamente diante de nossos olhos. A coerência também é um efeito que este discurso busca. Utiliza elementos da realidade atual para isso e acaba criando algo mais detalhado que o próprio real. Propõe um corte na realidade de Porto Alegre, originando uma realidade própria: uma “meia-verdade”, para repetir o pensamento de Távola (1993). Em um olhar rápido (menos concentrado no texto do infográfico), não é possível identificar os limites do que hoje a cidade *é* e do que ela será ou *pode ser*. Representada neste infográfico de Zero Hora, Porto Alegre ganha uma nova aparência para 2014. Veste-se de prédios e novos meios de transporte, em uma mistura nebulosa e indecifrável do *real* e do *potencial*.

O segundo infográfico que analiso, sobre o cais do porto, é o da reportagem 06 (ANEXO F), publicada no dia 07 de maio de 2009. Intitulada “Nova promessa para o cais”, a matéria, de página inteira, aborda a apresentação do projeto que prevê obras na área do centro pela governadora Yeda Crusius. O infográfico dessa reportagem, que ocupa metade da página, é separado por fios e assinado por Fernando Gonda da Editoria de arte (FIG 3).

FIGURA 3 – Infográfico do Cais do Porto publicado em Zero Hora em 07 mai 2009



Fonte: A autora (2016).

Conforme mostra a Figura 3, o infográfico possui título (“O novo porto”), texto de abertura, sete blocos de texto verbal (ligados por linhas) a oito ilustrações. Já na porta de entrada para a leitura do infográfico, o jornal apresenta a fonte consultada para a criação da ilustração: “[...] uma empresa de consultoria elaborou um projeto arquitetônico que poderá ser utilizado pelo empreendedor que vir a vencer a licitação prevista até dezembro. As imagens abaixo são simulações do novo porto, que podem ser seguidas ou não pela empresa que executará a obra”.

Somando-se à dimensão verbal, que é extensa, percebe-se que, das oito ilustrações, quatro assumem a função de imagens principais no infográfico, porque estão numeradas e são maiores do que as outras. A ilustração que fica no canto inferior esquerdo é um mapa de Porto Alegre que localiza as quatro imagens principais, distribuindo-as cartograficamente.

Cabe destacar que a sequencialidade de um texto é determinada pela numeração, que indica a ordem em que o texto deve ser lido. Todos esses elementos servem para estruturar o texto, dando-lhe um começo, um meio e um fim que não coincide com a leitura clássica da matéria jornalística que recorre somente ao texto verbal. Nos infográficos, a leitura não é só feita da esquerda para a direita, de modo linear e vertical sobre a página impressa. No infográfico do cais do porto, revela-se justamente essa possibilidade. Da ilustração numerada como 1 chegando à imagem de número 4, há uma proposta de leitura que aponta para o sentido anti-horário, de cima para baixo.

Também neste infográfico, é importante ressaltar que a escolha da composição da imagem não é aleatória, ou seja, busca-se elementos que já fazem parte do repertório do público-alvo do jornal. A partir do argumento de um “novo porto”, induzido pela leitura do título e da porta de entrada, todos os elementos estão contaminados pela ideia da criação do “novo”. É isso que vai guiar a leitura, indicando o conjunto de elementos verbais e visuais que formam cada bloco de informação. Temos, nesse infográfico, sete blocos de texto (excluindo a abertura) e oito ilustrações distribuídas na página. Estes blocos de texto, que descrevem o muro da Mauá, o trem elétrico, a área interna, os armazéns, os acessos, os novos prédios e o *shopping*, estão em sintonia com as ilustrações, há diálogo entre eles. A dimensão verbal assume relevância nesta figura, pois é através dela que novos elementos (que ficaram de fora da parte visual do infográfico) são incluídos na narrativa.

Em relação aos sete blocos de texto, destaco os trechos mais relevantes encontrados nas legendas sobre os armazéns, a área interna e o muro da Mauá:

- muro da Mauá: o texto sinaliza para a possibilidade de “visualizar os armazéns com mais facilidade pela redução da altura do obstáculo”. Está presente mais uma vez a ideia de redução do muro (chamado de “obstáculo”) como condição necessária para enxergar o cais;
- área interna: quando afirma que “pedestres terão prioridade”, o texto converge para o que as imagens apresentam. Há pessoas na maior parte das ilustrações do infográfico. Mesmo a ilustração do terminal hidroviário, na ponta das docas, que traz uma visão panorâmica do cais, indica a ideia de muitas pessoas ocupando o espaço. Todas estão espalhadas de uma ponta a outra do local, na beira do Guaíba, reafirmando o sentido de que o local será ponto de travessias de barcos, como sugere o trecho: “barcos poderão fazer a travessia fluvial entre Porto Alegre e Guaíba ou outras viagens turísticas”;

- armazéns: a legenda lembra que, dos 11 armazéns, dois não são tombados pelo patrimônio histórico. Estes “serão removidos para dar lugar a uma grande praça central”. Aqui, apesar da sinalização de que o projeto respeita os espaços históricos, prevalece a ideia de que o “velho” deve ceder espaço ao “novo”. É interessante notar que não se fala em “destruição” e sim “remoção” dos armazéns.

Duas ilustrações não trazem figuras de pessoas como elementos constitutivos visuais. São as imagens que trazem uma visão panorâmica dos espaços. Uma delas é uma espécie de mapa da cidade, ilustrado com prédios. Outra imagem em que não é possível encontrar pessoas é a que ilustra a construção de “cinco prédios, de três pavimentos, que abrigará os estacionamentos”, segundo a legenda. Nestas imagens, prevalece como principal composição cenográfica a cidade de Porto Alegre, os prédios e o Guaíba. A simbiose rio-cidade pode ser notada nas ilustrações numeradas como 3 e 4. Em uma delas, não é possível identificar com clareza se a cor representa asfalto ou água. O tom varia do cinza claro ao azul claro, o que dificulta a nitidez do cenário construído. A imagem 4 é construída a partir da perspectiva do rio para a cidade. Os prédios estão em segundo plano, o que indica a hierarquização da informação. Uma faixa “desocupada” (que poderia ser o rio) ocupa metade do espaço dessas duas ilustrações.

Nesta perspectiva, categorizo este infográfico enquanto antecipativo, porque explica um acontecimento antecipadamente, prevendo o que irá acontecer. É também uma imagem simulada, pois trata-se de uma representação de fatos, coisas ou pessoas, segundo a imaginação dos criadores do infográfico, tendo como inspiração o projeto arquitetônico da empresa de consultoria, e baseado em dados da realidade. Neste sentido, o infográfico “simula” como será no futuro o “novo porto”. Na busca por algo mais detalhado que a Porto Alegre real, o jornal nos coloca diante de um beco sem saída: onde está a realidade? Quais são seus referenciais mais fiéis nesta imagem? É o mapa da cidade, o Guaíba, a estrutura do cais? Onde é possível encontrá-la com exatidão? Reside aqui a problemática do fenômeno de simulação, do qual Baudrillard (1981) tanto fala. Os referenciais de realidade existem, mas eles já não são mais os mesmos. Através da ilustração do cais do porto, misturam-se elementos da *cidade real* e da *cidade potencial*. A mudança é o tom discursivo predominante. Interessa o que Porto Alegre *pode ser, será*, em detrimento do que hoje ela *é*, com seus problemas e mazelas. Rumo ao *sonho de mudança*, esquece-se do passado e do presente. Sonha-se com novos lugares, novas experiências, em uma realidade criada por Zero Hora de forma detalhada e fascinante - mais real que o próprio real.

O terceiro e último infográfico da Fase 2 da análise é uma composição de texto, mapa, e imagens, cujo título é “Cinco razões para dizer sim ao metrô da Capital”. A REP 21 (ANEXO U), assinada por Itamar Melo, é um infográfico com cinco blocos de texto (mais o texto de abertura), quatro ilustrações e um grande mapa central, que toma conta das duas páginas da matéria. Pela proposta de diagramação, que integra texto e imagem, entendo que não é possível determinar, com clareza, os limites da ilustração e do texto nas páginas. Diante deste impasse, classifico a REP 21 como um infográfico de grande proporção textual (FIG 4).

FIGURA 4 – Infográfico do metrô publicado em Zero Hora em 26 jul 2009.

**RUMO À COPA**  
**Cinco razões para dizer SIM ao metrô da Capital**

**1** **Tranquilidade para a cidade**  
**Objção: A cidade ficará mais tranquila**

**2** **Custo da construção**  
**Objção: A construção do metrô é muito cara**

**3** **Saída para o trânsito**  
**Objção: Porto Alegre não precisa de metrô**

**4** **Opção de transporte**  
**Objção: O metrô vai competir com o ônibus**

**5** **Tarifa acessível**  
**Objção: A operação terá de ser subsidiada**

Fonte: A autora (2016).

O mapa de Porto Alegre, ao estilo *Google Earth*, aparece centralizado entre as duas páginas da matéria, em segundo plano, desfocado, nas cores cinza claro e branco, contrastando com os elementos visuais coloridos que se sobrepõem ao mapa. Sobre a figura, é traçada uma linha amarela que representa a linha do metrô. Esse traçado inicia na Estação Mercado, atravessa diversos bairros da cidade, até a chegada na estação João Oliveira Remião. A linha amarela sugere que a leitura da página seja feita da forma tradicional de se ler um impresso: da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Há pontos em vermelho e amarelo nesse traçado que indicam as sucessivas estações do metrô, além de imagens que ilustram alguns desses lugares. As fotos (creditadas como “Divulgação”) são das estações Rua da Praia, Beira-Rio e João Oliveira Remião. A ilustração da Rua da Praia é uma composição de duas imagens: uma na parte de cima e outra na parte de baixo, indicando que o lado inferior é o subterrâneo da cidade, onde se localiza a estação do metrô. A imagem superior dessa montagem é uma fotografia da Rua da Praia, que fica no centro da cidade, na qual aparecem pessoas caminhando na rua, prédios e lotações estacionadas. A imagem inferior dessa montagem da Rua da Praia é a reprodução do subsolo: há escada rolante e os trilhos do metrô. A Estação Beira-Rio é representada por duas imagens distintas. A primeira representa uma estação de metrô na Zona Sul, em um cenário amplo, iluminado por janelas de vidro, com duas escadas e uma pessoa parada na escada. Lá fora, é possível ver gramado verde e prédios. A segunda imagem da Estação Beira-Rio é uma montagem que indica a rua e o subterrâneo, com metrô, do mesmo ângulo proposto na Rua da Praia. A estação é vista de cima e de baixo. Na parte superior, há árvores, carros passando e o local de acesso ao metrô. Do ângulo subterrâneo, a imagem mostra o trem em movimento, escadas rolantes e pessoas aguardando na estação. A última imagem é da Rua João Oliveira Remião. Trata-se de uma fotografia que mostra de uma perspectiva superior a rua e a localização da estação, sinalizada por um ponto amarelo na imagem.

A análise da dimensão visual deste infográfico nos leva novamente às questões: quais os fragmentos do real que permanecem nesta imagem? Qual o efeito dessa combinação de uma fotografia com uma reprodução? Os indícios do *real* (o mapa da cidade, as fotografias) se confundem com o *potencial* (reproduções das subestações). Zero Hora mistura os elementos da *Porto Alegre real* (sem metrô) com os *ambientes do metrô*, criando uma situação simulada que projeta a cidade nos anos seguintes. Constrói uma espécie de cenário futurístico da *Porto Alegre com metrô*. No imaginário de Porto Alegre construído por Zero Hora, o metrô é uma realidade.

Conforme já disse, a dimensão verbal assume parte relevante neste infográfico e será também analisada através de sequências discursivas. Abaixo da imagem principal, há cinco blocos de texto, numerados de 1 a 5. Em cada um deles, há uma “objeção” ao metrô. São elas:

- 1) Obras sem traumas - Objeção: a cidade vai virar um caos
- 2) Custo dá retorno - Objeção: a construção do metrô é muito cara
- 3) Saída para o trânsito - Objeção: Porto Alegre não precisa de metrô

4) Opção de transporte - Objeção: O metrô vai competir com o ônibus

5) Tarifa acessível - Objeção: A operação terá de ser subsidiada

Como o título já indica, a matéria tenta desconstruir cada um desses pontos, apresentados em cinco colunas de texto, a fim de que se desfaça o conflito (representado pelas ideias contrárias ao metrô). Instaurada a polêmica a partir dos dois discursos antagonistas (“sim ao metrô” e “não ao metrô”), o texto tenta explicar porque o “sim” deve prevalecer. Nesta perspectiva, o leitor é chamado à interação, a partir do uso do verbo no modo imperativo: “Veja a seguir razões para dizer sim ao metrô apesar de históricas objeções”. É uma tentativa de persuadi-lo, envolvê-lo e convencê-lo dos argumentos apresentados a favor do metrô.

O argumento de que “a cidade vai virar um caos” é apresentado na próxima SD. Há o uso de palavras de sentido negativo relacionado às obras, representadas como obstáculos ao fluxo da cidade:

Uma obra do porte do metrô de Porto Alegre vai gerar transtornos na vida da cidade enquanto estiver em andamento. Um complicador é que, pelas características do solo da Capital, o sistema será construído rente ao solo. Isso significa a necessidade de escavar a partir da superfície em toda a extensão da obra – incluindo vias de grande movimento, como a Voluntários da Pátria e a Borges de Medeiros, no Centro. (ANEXO U - REP 21, SD3)

A fim de que o equilíbrio no texto seja reestabelecido, esse ponto é refutado. Esse trabalho é feito pelos “especialistas” (fontes que ganham voz na matéria), que lembram dos “benefícios” do metrô no futuro.

Os especialistas, porém, entendem que o incômodo será recompensado pelo benefício que o sistema trará no futuro. (ANEXO U - REP 21, SD4)

Um “especialista” é alguém que tem legitimidade e conhecimento para falar do assunto. Quando Zero Hora utiliza essas fontes, quer reafirmar que o que o “especialista” afirma deve ser considerado. É um instrumento de persuasão e de legitimação bastante comum no discurso jornalístico. Outro aspecto é a presença, nestas sequências discursivas, de advérbios adversativos. O uso do “porém” e do “mas” ajuda a construir esse efeito de negar o que foi dito. O advérbio “mas” é utilizado para rechaçar a ideia de que a construção é muito cara. O “sim ao metrô”, neste caso, é respaldado pela sugestão de que “o investimento compensa” e que trará “qualidade de vida para a cidade e em produtividade para as pessoas”:

Os 15 quilômetros do metrô de Porto Alegre vão custar R\$ 2,5 bilhões. Desse valor, R\$ 500 milhões serão destinados à compra de 25 trens, cada um com quatro vagões. O resto

será para a construção da linha. Os valores são realmente muito elevados – mas os dados demonstram que o investimento compensa. (ANEXO U - REP 21, SD5)

O retorno é de outra natureza. Inclui deslocamentos mais rápidos, menos poluição. – O custo é elevado, mas dá retorno em qualidade de vida para a cidade e em produtividade para as pessoas – explica o professor de Transportes João Hermes Nogueira Junqueira, coordenador do curso de Engenharia Civil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). (ANEXO U - REP 21, SD6)

Assim os argumentos contrários, de “não” a metrô, vão sendo desconstruídos por Zero Hora. No item “Porto Alegre não precisa de metrô”, o jornal cede voz a “especialistas” que enfatizam um cenário de caos no cotidiano da cidade, como forma de justificar a necessidade de investimento nesse tipo de transporte. Uma série de argumentos são lançados e o efeito mais óbvio disso pode ser o de induzir o leitor ao desconforto diante dos problemas da *cidade real* e a vontade de mudança. Como estratégia de persuasão, descreve-se o trânsito de Porto Alegre como “engessado”, em “colapso” e “esgotamento”:

Porto Alegre está engessada. Não há mais onde colocar veículos nem como aumentar as ruas. A saída para a cidade está no subsolo. É o metrô. Especialistas em transportes consultados por Zero Hora não têm dúvidas quanto a isso. (ANEXO U - REP 21, SD7)

A curto prazo, a melhoria da qualidade do sistema de ônibus prevista pelo projeto Portais da Cidade ainda vai dar conta. Mas, a médio prazo, cinco a 10 anos, a saída é o metrô. O momento de começá-lo é agora – avisa o professor de transporte da UFRGS João Fortini Albano. (ANEXO U - REP 21, SD8)

Para a urbanista Maria Isabel Marocco Milanez, professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Uniritter, a Capital já vive o colapso do trânsito, que leva a população a gastar muito tempo para fazer deslocamentos pequenos: – Porto Alegre tem hoje esgotamento total da estrutura física viária na superfície. A solução é o metrô. (ANEXO U - REP 21, SD9)

A partir da leitura das SDs acima, fica clara a tentativa de persuadir o leitor a apoiar o metrô. Afirmações são enfáticas e diretas (“É o metrô”, “A solução é o metrô”) buscam eliminar qualquer dúvida que se tenha em relação ao projeto. Outros tantos argumentos juntam-se aos que foram até agora expostos como forma de embasar a necessidade do metrô: há um atraso urbano em Porto Alegre sem metrô, o metrô é “o melhor sistema do mundo” e traz “benefícios sociais enormes”:

O secretário municipal dos Transportes, Luiz Afonso Sena, defende que Porto Alegre está pelo menos 10 anos atrasada em relação à necessidade de um transporte subterrâneo: – Porto Alegre quer e precisa do metrô. (ANEXO U - REP 21, SD10)

Paulo Kawahara, sócio do escritório de arquitetura do ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner, defende que, se há recursos, o metrô deve ser considerado. – É o melhor sistema do mundo – admite. (ANEXO U - REP 21, SD11)



A maior parte dos metrô do mundo não fecha as contas. Para manter as tarifas acessíveis, os governos subsidiam uma parte considerável dos custos elevados de operação. Fazem isso porque essa modalidade de transporte traz benefícios sociais enormes. (ANEXO U - REP 21, SD13)

A Fase 2 da análise encerra com este texto emblemático, que busca desconstruir - uma a uma - as críticas ao projeto do metrô. Estabelece o conflito, pois apresenta lado a lado argumentos favoráveis e contrários ao metrô, para logo em seguida descartar as cinco “objeções”. É desta forma que o texto se converte em um explícito instrumento de persuasão pelo “sim” ao metrô. Cabe lembrar que o ato de “dizer sim”, usado no título da matéria, é envolto de simbolismo, do sagrado e da magia. No altar, o noivo e a noiva dizem “sim” para oficializar o casamento. É a condição necessária; sem o “sim” não há casamento. É o ápice da união religiosa, o momento sagrado, o instante inesquecível para qualquer casal apaixonado. Da mesma forma, a aceitação do metrô pela sociedade assume, em ZH, algo de mágico. “Dizer sim” é o objetivo final que sela essa união sagrada do público leitor com o projeto.

### 5.3 “A COPA É NOSSA!”: SONHOS DE UM FUTURO BOM

Passamos agora à última etapa da análise das matérias. A terceira fase consiste na escolha de duas reportagens analisadas em sua totalidade. Cada *reportagem é tomada como uma narrativa única do sonho*, com início, meio e fim. A proposta é trazer um olhar integrado às matérias, incluindo as dimensões verbal e visual dos textos e infográficos. As duas reportagens (ANEXOS B e Q - REP 02 e REP 17) foram selecionadas porque são fundamentais para a compreensão do processo de construção do *mundo dos sonhos* que proponho como hipótese desta tese. No impresso, a Copa do Mundo não vem desacompanhada. Junto com o megaevento, uma série de projetos urbanos vem a reboque no imaginário de Porto Alegre construído pelo jornal. Nesta perspectiva, as duas matérias selecionadas para esta última fase sinalizam para dois momentos importantes em 2009. Publicada meses antes do anúncio das sedes, compreendo a reportagem 02 como um exercício de *sonhar com a Porto Alegre da Copa* em ZH. Já a reportagem 17 traz a confirmação das capitais brasileiras da Copa. O exercício aqui é destrinchar o momento em que *o sonho vira realidade*.

## Sonhando com a Porto Alegre da Copa

A reportagem 02 (ANEXO B) tem enfoque nas obras em Porto Alegre para a Copa. Mesmo diante da não-confirmação da cidade como sede, marcada para dali a quatro meses, o assunto já mobiliza uma cobertura intensa de duas páginas na edição do dia 04 de janeiro de 2009. Metrô e cais do porto são duas destas obras relacionadas ao Mundial. O título “De olho na Copa, Porto Alegre projeta 2014” já indica a ideia de que se fará uma “projeção” no que se refere às reformas urbanas diante da possibilidade de chegada da Copa do Mundo. Essa ideia de mudança aparece nas próximas sequências discursivas:

A face da Capital vai mudar. Mobilizados pela possibilidade da Capital ser uma das sedes da Copa de 2014, empresários e gestores públicos projetam obras e investimentos capazes de alterar a fisionomia da cidade. (ANEXO B - REP 02, SD1)

Nestes trechos, ocorre a personificação da cidade, que agora tem “face” e “fisionomia”. No contexto de megaeventos esportivos e disputa de cidades para sediá-los, sugiro que, para interpretarmos esse discurso, lembremos novamente da metáfora do concurso de beleza. Na medida em que Porto Alegre tem “face” e “fisionomia”, o jornal sinaliza que ela sofrerá uma espécie de cirurgia plástica, mudando seu rosto e suas feições. A cidade aparece aqui vulnerável, dependente de decisões externas. Segundo o jornal, as futuras alterações serão possíveis a partir do trabalho conjunto de “empresários e gestores públicos”. É interessante notar a relação que se estabelece entre os responsáveis por “projetar 2014”. No título, é “Porto Alegre” o sujeito da frase; na SD acima, são “empresários e gestores públicos” que projetam obras. Há uma troca de sujeitos, perceptível quando se lê o título e o corpo do texto, que revela a substituição equivalente de um pelo outro: “Porto Alegre” é outro modo de se referir a “empresários e gestores públicos” (e vice-versa). Há, nesta perspectiva, o reconhecimento da função de agentes da mudança por parte destes sujeitos, o que indica a legitimação dos setores público e privado, pelo jornal, na tomada de decisões na cidade.

Para que tais transformações ocorram, é necessária a aprovação da FIFA, conforme afirma José Fortunati neste trecho:

– Devemos começar a trabalhar nisso assim que a FIFA aprovar Porto Alegre como uma das cidades-sede – detalha”. (ANEXO B - REP 02, SD3).

Percebe-se que a entidade esportiva assume um papel legitimado neste contexto de mudanças urbanas. Estabelece-se assim a condição: se – e somente se - a FIFA aprovar Porto Alegre como sede, as mudanças sugeridas ao longo da reportagem serão possíveis. É

interessante perceber que o jornal afirma que as “transformações” ainda estão nas “pranchetas de arquitetos”, sinalizando para a não-execução desses projetos, que estão parados. A espera pelas obras e a morosidade ficam claras quando se fala do metrô, chamado de “sonho antigo dos porto-alegrenses”:

As transformações, ainda nas pranchetas de arquitetos, preveem estádios modernos, duplicação de avenidas e até a realização de um sonho antigo dos porto-alegrenses: a implantação do metrô. (ANEXO B - REP 02, SD2)

A página finaliza com uma entrevista curta de perguntas e respostas, destacada do corpo da matéria. Benamy Turkienicz, apresentado como “PHD em urbanismo”, traz um contraponto diante da apresentação das obras citadas na matéria.

ZH – Quais as consequências do desenvolvimento desarticulado? Turkienicz – Cada obra dessas gera impacto de tráfego, aumento de demanda. Aquilo que seria bom pode se converter num inferno. (ANEXO B - REP 02, SD4)

A possibilidade de que o “bom” se “converta num inferno” é um dos poucos indicativos que sinalizam para as mudanças como um fator de repulsa. No entanto, ainda que essa sugestão apareça na reportagem 02, não há mais detalhes do que se constitui esse “inferno” desenhado pelo entrevistado. Além do texto, destacado nas sequências discursivas, proponho a análise do infográfico da REP 02. A imagem ocupa parte expressiva da extensão da matéria, entre as duas páginas dedicadas ao assunto. Neste sentido, a dimensão visual assume grande relevância para o *sonhar* de Zero Hora. O infográfico (FIG 5) é uma mistura complexa de maquetes, fotografias, mapa e pictogramas (representação de objetos e conceitos traduzidos em uma forma gráfica extremamente simplificada).

FIGURA 5 – Infográfico-mapa do metrô -

Reportagem publicada em Zero Hora na edição de 04 jan 2009



Nota: Montagem das páginas 26 e 27 foi feita pela autora desta tese.  
 Fonte: A autora (2016).

Sob a forma de mapa, o infográfico localiza 11 obras distribuídas pelos bairros e zonas da cidade: Arena do Grêmio, Aeroporto, Avenida Baltazar de Oliveira Garcia, Cameléodromo, Duplicação da Avenida Beira-Rio, Novo Beira-Rio, Área do Olímpico, Pontal do Estaleiro, Portais da Cidade, Cais do Porto e Metrô. Seis delas são destacadas em zoom. A legenda indica que os projetos na cor amarela são as obras que “ainda não saíram do papel, porque esperam recursos ou não tiveram o projeto concluído”. Na cor verde, estão as obras concluídas. Dezesesseis blocos de texto trazem detalhes dessas obras ao longo do infográfico.

Entre os trechos mais significativos destes blocos de texto, destaco dois pontos que mencionam desocupação territorial e populacional. Quero deixar claro que estas questões não aparecem relacionadas às obras do metrô nem do cais. No entanto, a proposta aqui é ter um olhar mais integrado sobre toda a argumentação da reportagem. Mesmo dentro central a

discussão de exclusão social e de demolições para megaeventos esportivos, notamos que ao longo dos textos selecionados esse debate ficou em segundo plano nas matérias que compõem este *corpus*. No item “Aeroporto”, a remoção das vilas Dique e Nazaré é considerada “indispensável à ampliação” da pista. Já na “Área do Olímpico”, o jornal prevê a construção de “um conjunto de prédios residenciais com 18 torres” em áreas ocupadas pelo estádio e afirma que este deve ser demolido.

Na segunda página, há uma coluna no lado direito que compõe o infográfico, com textos sobre 11 itens. Ao lado de cada um deles, é colocado um pictograma que simboliza o assunto (com exceção do Teatro da Ospa, item acompanhado de uma maquete do projeto). Os 11 itens são: “Teatro da Ospa”, “50 quilômetros de ciclovias”, “Sentido único na Borges de Medeiros e na Praia de Belas”, “Avenidas duplicadas”, “Trânsito no Centro”, “Empreendimentos imobiliários”, “Mais hotéis”, “Hospitais”, “Segurança”, “Internet” e “Programa Socioambiental”.

Depois desse olhar geral sobre o infográfico em sua totalidade, proponho agora a análise focada na representação das duas obras que escolhemos como símbolos da Porto Alegre da Copa: o metrô e o cais. A região do Gasômetro, na qual se localiza o cais do porto, aparece em destaque, circulada por um triângulo amarelo. Desse ícone, um fio leva a um segundo mapa, agora centralizado na região portuária. Nesse mapa, há uma linha vermelha traçada da rodoviária estendendo-se por toda a Avenida Mauá, chegando no Gasômetro. Ao lado dessa imagem, há um bloco de texto intitulado “Cais do Porto”. O texto afirma que o muro da Mauá é “polêmico” e que este poderá sofrer a “primeira intervenção de sua história”. Mais uma vez, o jornal reitera a necessidade de reduzir a altura da estrutura, chamada ainda de “paredão de concreto construído na década de 70”, de modo que “a visão dos armazéns e do Guaíba” seja ampliada.

O metrô aparece representado por duas ilustrações de trens metálicos. Uma delas passa por debaixo de uma estrutura de concreto, o que simboliza a ideia de um metrô subterrâneo. O início da Linha 1 está apontado no mapa na região do centro. Uma linha vermelha representando os trilhos sai dessa região, acompanhando o desenho do trem rumo à Avenida Bento Gonçalves. Entre as Avenidas Antônio de Carvalho e João de Oliveira Remião, um segundo trem metálico aparece no mapa. Um fio leva para outro bloco de texto, onde se lê: “A linha segue em uma elevada até a João de Oliveira Remião”. O término da linha é sinalizado em outro bloco de texto menor, que indica o cruzamento com a Av. João de Oliveira Remião. No bloco de texto intitulado “Metrô na Capital”, o texto afirma que a Trensurb deve realizar o

projeto do primeiro trecho do metrô Porto Alegre – 13 quilômetros ligando o Mercado Público à Lomba do Pinheiro, passando pelos campi da PUCRS e UFRGS. É interessante perceber que o metrô é o único bloco de texto que traz, no infográfico, um entrevistado: o presidente da Trensurb, Marco Arildo Cunha. Diante da incerteza da “liberação de R\$ 1,5 bilhão, ainda não previstos”, dúvida lançada pelo jornal, Cunha questiona:

– Quantos acidentes de trânsito seriam evitados? Quanta poluição deixaria de ser lançada? Quantos veículos seriam retirados de circulação? Se colocares tudo isso na conta, eu diria que em 10 anos o metrô se paga – defende o presidente da Trensurb, Marco Arildo Cunha.

Nesta defesa do metrô, proposta pelo próprio responsável pela obra, há dois argumentos de forte apelo emocional. A lembrança dos “acidentes” que poderiam ser evitados remete às mortes no trânsito, problema cotidiano de muitas capitais como Porto Alegre. Desta forma, está implícito que defender o metrô é também evitar acidentes e lutar pela vida. Outra ideia de grande apelo que aparece no trecho acima é a retirada de veículos de circulação e sua consequente redução na emissão de poluentes na atmosfera. Percebe-se a presença de um discurso ambientalista sancionado pela sociedade. A argumentação de que o metrô retira veículos do tráfego diário e é uma iniciativa em defesa do meio ambiente faz parte desse discurso. Parece ter como objetivo tentar convencer o leitor, especialmente aquele mais engajado em causas ambientais, de que a solução para o problema da poluição é o metrô. Só depois de mencionar dois valores simbólicos como a vida e o meio ambiente, é que questões relacionadas ao pagamento do metrô são reveladas (“em 10 anos o metrô se paga”). Na medida em que associa o metrô a tais ideias, soma-se a ele um valor agregado incalculável. Estamos falando de questões que acompanham a humanidade e cujos valores são *impagáveis*: *Quanto vale uma vida? Qual o preço da poluição?* Acredito que essa pode ser uma estratégia para desviar a atenção sobre a discussão do valor do investimento, em termos de recursos necessários. Enquanto Zero Hora fala em acidentes e poluição, cala sobre o detalhamento dos recursos milionários necessários ao investimento ou outras questões pertinentes ao debate público.

Defender o meio ambiente, por seu elevado consenso e por sua legitimação simbólica, é uma atitude politicamente correta que consta nas normas da sociedade pós-moderna. O apoio discursivo às ações “pró-ambiente” são fontes geradoras de capital simbólico. Com o acionamento desses argumentos, Zero Hora engaja-se na defesa dessas causas sociais que tanto preocupam também em Porto Alegre (preocupação que a mídia mesmo ajuda a

disseminar). Lembrando os acidentes e a poluição, ZH enfatiza que o investimento no metrô tem um inestimável retorno para a população. Preciso dizer que nem sempre se pega carona nesse discurso ambientalista. As obras de “revitalização” do cais reacenderam o debate sobre a preservação ambiental de Porto Alegre. Nas matérias do *corpus*, nada foi mencionado sobre a possibilidade de corte de centenas de árvores no processo de “revitalização” - talvez porque essa questão não estivesse prevista no projeto discutido em 2009. No entanto, um ano depois da Copa, o corte de 330 árvores no entorno do cais rendeu muita discussão, polêmica e protestos.

Para fechar a análise desta reportagem, vale lembrar que o *mundo dos sonhos*, aqui, está situado no futuro, rumo à Copa do Mundo. O megaevento esportivo aparece como o tempo ideal para sonhar com a cidade, é a condição para a concretização de *sonhos*. Empresários, gestores públicos e a equipe da FIFA assumem o papel de facilitadores de *sonhos*, a fim de que saiam das “pranchetas de arquitetos”. A cidade apresenta-se aberta às mudanças, como um território a ser desbravado. O *discurso de cidade-modelo* que circula no jornal atualiza as imagens possíveis de Porto Alegre diante da expectativa de sediar a Copa e se curva aos interesses do *novo* em detrimento do *velho*. Para visualizar essa *nova cidade*, um grande mapa indica onde as mudanças ocorrerão e imagina como essas obras serão no futuro, trazendo os novos caminhos e novas possibilidades rumo à Copa. Obras adquirem o sentido, pelo efeito discursivo, de *sonhos* em fase de realização. *Sonhando com a Porto Alegre da Copa*, a nova realidade da *cidade dos sonhos* é construída, tijolo por tijolo. De informação em informação, instala-se o imaginário de Porto Alegre de 2014, segundo Zero Hora: uma cidade com menos acidentes de trânsito, menos danos ambientais, mais construções, mais serviços. O *sonho* de sediar a Copa ainda é uma potencialidade. A confirmação ocorre cinco meses depois, na próxima reportagem analisada.

### **O sonho vira realidade**

A reportagem 17 tem enfoque na escolha de Porto Alegre como cidade-sede da FIFA. A matéria de duas páginas foi publicada na edição do dia 01 de junho de 2009, um dia depois da escolha em Nassau (FIG 6). Há a assinatura do repórter José Alberto Andrade, creditado no início do texto como “Especial/Nassau”. Esse aspecto, somado ao espaço dedicado ao assunto na edição, indica a relevância da notícia para Zero Hora. O jornal, por sua vez, sinaliza a importância desse acontecimento, ao deixar claro que enviou um repórter ao local do anúncio para acompanhar de perto a escolha da capital gaúcha. Além da dimensão verbal, a reportagem é acompanhada de uma série de imagens. Um mapa do Brasil localiza as doze

capitais. Há também uma sequência de ilustrações de doze estádios distribuída no entorno da matéria. Cada uma delas também combina legendas. No centro da página, encontra-se uma fotografia factual que mostra pessoas no Parque Farroupilha assistindo à transmissão do anúncio. Essas imagens foram excluídas por não apresentarem aspectos relevantes para análise. O título da reportagem “A Copa do Mundo é nossa!” (ANEXO Q - REP 17, SD1) é emblemático porque vem carregado de significados implícitos, que busco agora destrinchar.

FIGURA 6 – Reportagem “A Copa do Mundo é nossa!” – publicada em Zero Hora na edição de 01 jun 2009

# A Copa do Mundo é nossa!

Jose Alberto Andrade  
Especial/Assaú

O presidente da CBF e do Comitê Organizador da Copa 2014, Ricardo Teixeira, foi suscitado ao definir a etapa vencida ontem pelas 12 subdelegações e comissões em Nassau, nas Bahamas. Passamos no vestibular. Vem aí a tarefa final. A frase também não como alerta. As cidades escolhidas precisam de fazer trabalho interno para atender aos prazos e ao padrão da FIFA. Sentado ao lado do presidente da Fifa, Joseph Blatter, Teixeira também acabou com uma interrogação sobre a possibilidade de Porto Alegre receber jogos em dois estádios. Apenas um estádio por cidade será utilizado. Endossa o dirigente não tenha feito a indicação eventual, o estádio na capital gaúcha será mesmo o Beira-Rio, já que a Arena precisa ser erguida. O anúncio de lista da FIFA, já hoje, o jôco brasileiro. Não houve formalidades. Na mesma, quem menos sorria era Teixeira. Blatter era o retrato da felicidade, parecia anunciar a Copa em cidades da sua Suíça. Se referiu ao Brasil como “um continente” pelo tamanho. Porto Alegre, o diretor de mídia da Fifa, o francês Nicolas Matrangola, antecipava aos jornalistas que estava perguntado para se virar nas visitas frequentes que realizou ao país. O secretário-geral da entidade, o também francês Jérôme Valcke, lembrou das visitas de inspeção às candidatas a sede e se a cidade transpôs

Cerca de 30 jornalistas brasileiros tomaram o pequeno auditório Adorno I do famoso Atlântico Hotel. As TVs desfilaram imagens para suas câmeras. Os repórteres de rádio, pendurados numa caixa de som, tentavam falar sem sempre com sucesso em tom baixo para não atrapalhar os dirigentes da Fifa. A cada cidade anunciada, uma reação. Na plateia, o vice-governador do Paraná, Orlando Pessari, correu os braços ao ouvir Blatter anunciar Curitiba. Ele era um dos poucos políticos que ignoraram o conselho da CBF e foram a Nassau assistir ao anúncio. O presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Francisco Noelberto Neto, fez a festa por Porto Alegre. Com uma camiseta da candidatura da cidade, tirava fotos depois do evento. O dirigente evitou comentar a decisão de usar apenas um estádio por cidade e garantiu que a arena geminada não está fora do plano. Noelberto aproveitou para cobrir Porto Alegre como candidato a sediar todos os eventos pré-mundiais: sorteios de Eliminatórias e grupos da Copa, o Congresso da Fifa, o workshop do Mundial e, é claro, a Copa das Confederações, em 2013. A corrida contra o tempo para o Mundial de 2014 começa na próxima segunda-feira. Os representantes das subdelegações participaram de três dias de reuniões, em que serão estabelecidas as regras para a Copa. O primeiro desafio é estar com todas as obras dos estádios listadas até agosto. Quem não cumprir as metas, fica de fora. Ou, usando a figura de linguagem adotada por Teixeira, será o Brasil a sediar esse jogo.



Segundo estimativa da Bôgasda Mídia, cerca de 3 mil pessoas foram ao Parque Farroupilha acompanhar o anúncio de Porto Alegre como uma das 12 subdelegadas da Copa

## Dúvidas

**Quando serão definidas as cidades da Copa das Confederações?**  
Se depois da Copa de 2010, na África do Sul, prioridade da Fifa no momento.

**Onde serão a abertura e a final da Copa de 2014?**  
O Comitê Organizador ainda não definiu a data para o anúncio. O Rio agenciou como favorito para a final. São Paulo é o maior candidato para a abertura, embora Belo Horizonte e Brasília tenham esse jogo.

**Haverá tabela dirigida que permita, por exemplo, uma seleção como a da Argentina jogar em Porto Alegre?**  
É possível. Será uma Copa com viagens mais longas. Mas, segundo Ricardo Teixeira, a Fifa será sensível ao tom tradicional de estabelecer bons critérios. O dirigente lembra a Copa dos EUA, em 1994, em que o Brasil por exemplo, jogou em Los Angeles e Detroit no mesmo país, abastecendo o país de costa a costa. Na Alemanha, o Brasil jogou na primeira fase em Berlim, Munique e Dortmund.



Cidades que ficaram fora da Copa podem sediar outros eventos? Sim. Elas apenas não sediarão os jogos da Copa das Confederações, considerando o evento parte do Mundial. Já antes da Copa os sorteios, o Congresso da Fifa e o workshop do Mundial.

**Qual o período da Copa?**  
Será entre junho e julho de 2014. As datas foram definidas após a Copa de 2010.

**Quantos e quais jogos haverá em Porto Alegre?**  
No máximo três partidas devem acontecer na capital gaúcha. Não há garantia de quantos jogos de qual etapa, além do primeiro jogo. Nem mesmo se o Brasil possa atuar aqui. O recente bom desempenho da cidade em jogos das Eliminatórias pode significar vantagem.

## Gerações unidas pela Copa gaúcha

Carlos André Moreira

Dois bolas de futebol gigantes, tráfego, empurradas para o alto de mão em mão, deram boa sintonia do sentimento que percorreu o estádio ontem no Parque Farroupilha para acompanhar ao vivo, no telão, o anúncio das 12 subdelegadas da Copa de 2014. Era como se o futebol público e estimado pela RM em 3 mil pessoas, apesar do frio se unisse para levantar a bola da cidade. A festa se estendeu do monumento ao Espadachim até o chafariz no centro do parque. Os frequentadores habituais da Redenção puderam jogar bola em campos improvisados, estar a pontaria dos chutes no vivo ou em videogames e conhecer os projetos de Inter e Grêmio para a Copa em estádios vizinhos, em bela edificação de civilidade. A maior concentração de gente, contudo, se dava em torno do parque e do bloco montado próximo ao chafariz, onde o presidente da Copa Suíça comandava a espera pelo anúncio, marcado para 15h30min. Harmonias e apresentações musicais entretinham o público. Debutou, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, começou a sua

Bahamas a anunciar as 12 cidades escolhidas em ordem alfabética. Quase chegou a oitava delas, Porto Alegre, à 12ª. Nassau, uma estroada sandaca e escolta, e acabou terminando o anúncio. A alegria pela confirmação da Capital foi do entre torcedores de idade diversas. Como o colorado e marrom apresentado Hélio Marcolino, 73 anos que ainda guarda lembranças da Copa de 1950 na cidade, e Rodrigo Geertz cinco anos e morto no Olimpíco. Em 1950, Marcolino tinha 14 anos. Nos Grêmios, de ex-anúncios sublin o morro até a chácara da Montanhera, próximo a Rua Dom Laura. Na Porto Alegre pré expansão imobiliária, desfrutavam de vista limpa do Estádio da Batatada, o Grêmio. A Copa de 1950 Marcolino contou pelo rádio. Inclusive os jogos no dia seguinte (Mato Grosso 1x2 Suíça e México 1x1 Argentina). Egresso era caro e marcado (6000), o pai não deixava a gente andar para cima e que havia por a – justicoos, completando) seguir que, se pudesse, estaria no estádio em 2014. Rodrigo fez ao parque pelas mãos do tio Cleber Corbó, 45 anos. Passou em frente à camiseta estilizada e assinou seu nome. Sua memória não recorre e é do Grêmio 1x1 Suíça, no dia 10. Tirnik que promete que em 2014 terá um jogo de Copa, por isso a Fifa. Desde que seja no Olímpico - brinca o prepêso geminista.

Nota: Recorte das páginas 06 e 07 feita pela autora desta tese.  
Fonte: A autora (2016).



A manchete é na verdade uma paródia da música “A Taça do mundo é nossa”, de autoria de Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô. A música foi composta após a Seleção Brasileira de Futebol ter vencido a Copa do Mundo de 1958 na Suécia:

A Taça do Mundo é nossa  
 com brasileiro não há quem possa  
 ê-êta esquadrão de ouro  
 é bom no samba, é bom no couro  
 O brasileiro lá no estrangeiro  
 mostrou o futebol como é que é  
 ganhou a Taça do Mundo  
 sambando com a bola no pé  
 - GOOOL!  
 (A TAÇA DO MUNDO É NOSSA)

Desde então, os versos dessa música ecoam no imaginário brasileiro, especialmente pelo novo significado que este período trouxe à imagem do Brasil. Foi em 1958, às vésperas do início da Copa do Mundo, que Nelson Rodrigues cunhou o termo “complexo de vira-latas” para fazer referência ao complexo de inferioridade próprio do brasileiro diante das derrotas em campo. No entanto, esse complexo, até hoje incrustado na ideia de Brasil, não se restringe ao futebol. Para não ir tão longe, a iniciativa brasileira de disputar megaeventos esportivos, na primeira década do século XXI, foi uma forma de reavivar este complexo. O medo de fiasco em torno da organização da Copa fez emergir o bordão “Imagina na Copa”, remetendo à crença de que as obras não ficariam prontas a tempo.

Todas essas ideias estão contidas em “A Copa do Mundo é nossa!”. A manchete jornalística de Zero Hora poderia ser: “Porto Alegre será sede da Copa”. Dizer que a Copa é “nossa” é também uma escolha pela exaltação da autoestima do Brasil e de suas capacidades que, de tempos em tempos (especialmente em tempos de megaeventos esportivos), são colocadas em questão no país. Neste sentido, Zero Hora rompe com a ideia de autoestima baixa e aproveita para reforçar que o apoio ao Mundial é coletivo. Diante do título da matéria, podemos responder a algumas perguntas: Quem apoia a Copa? “Nós”; De quem é a Copa? “Nossa”. É assim que ZH causa o efeito de consenso em torno de um assunto tão controverso

como o apoio aos megaeventos esportivos. Silva (2003) lembra que construir e solidificar consensos é um dos mecanismos utilizados pelo jornalismo. Como exemplo, fala da vitória do Brasil, dentro de campo, em uma Copa. A técnica jornalística faz com que se mude o significado dessa vitória em campo: “O Brasil não ganhou a Copa do Mundo de futebol; alguns brasileiros o fizeram” (2003, p.107). Segundo o autor, há exatidão na afirmação de que o Brasil ganhou a Copa, mas essa não é a verdade do acontecimento. Afinal, apenas um grupo (e não todo o Brasil) alcançou tal êxito: “A técnica jornalística faz o todo assumir as conquistas e derrotas da parte. Faz também com que esse todo delegue à parte o papel de protagonista” (SILVA, 2003, p.108). É a partir desta perspectiva que analiso o título da reportagem de Zero Hora. Será mesmo que todos nós ganhamos com a Copa? A técnica jornalística, mais uma vez, delega ao todo uma vitória que certamente se deu (em termos de benefícios) em apenas algumas frentes. Parodiar, no título, uma música cujo sentido é o de exaltar a autoestima traz ainda mais euforia e sentido de nacionalidade (que implica coletividade) a este acontecimento.

A reportagem 17 também aciona a metáfora. Neste caso, a figura discursiva remete ao vestibular.

O presidente da CBF e do Comitê Organizador da Copa 2014, Ricardo Teixeira, foi sucinto ao definir a etapa vencida ontem pelas 12 subseções escolhidas e anunciadas em Nassau, nas Bahamas: – Passamos no vestibular. Vem aí toda a faculdade. (ANEXO Q - REP 17, SD2)

O primeiro desafio é estar com todas as obras dos estádios licitadas até agosto. Quem não cumprir as metas, fica de fora. Ou, usando a figura de linguagem adotada por Teixeira, será expulso da faculdade. (ANEXO Q - REP 17, SD6)

Passar no vestibular, entrar na faculdade e ser expulso dela são enunciados metafóricos tomados de empréstimo de um outro campo discursivo – o campo da educação. Entre as funções discursivas da aplicação dessa metáfora, podemos identificar a da cognição e a da persuasão. A função cognitiva se manifesta diante da intenção de que o público compreenda, por meio de uma analogia, o significado de sediar a Copa. A partir da fala do presidente da CBF, a conquista do título de sede da Copa por Porto Alegre se equipara à obtenção de uma vaga na faculdade por um estudante. O trecho “Vem aí toda a faculdade” também estabelece que, apesar de sabermos que a tarefa de passar no vestibular é uma etapa necessária e fundamental para ingressar na universidade, assume uma menor relevância diante do trabalho futuro. O estudo para a prova do vestibular caracteriza-se por um período mais

curto na comparação com os anos de dedicação à faculdade. A analogia de ter ainda “toda a faculdade” é utilizada para sugerir que há muito trabalho pela frente em Porto Alegre. A função persuasiva aparece também nesta metáfora do vestibular, como forma de impor opiniões de tom moralista. Ao dizer que quem não cumprir as metas ficará de fora, o jornal compara esse “ficar de fora” com o ato de ser expulso da faculdade. Sabemos que, sobretudo para quem tanto se dedicou e estudou para entrar na faculdade, essa é uma medida extrema e rígida. A ideia de que é preciso agilidade e rigidez está presente em outro trecho:

A corrida contra o tempo para o Mundial de 2014 começa na próxima segunda-feira. Os representantes das subsedes participarão de três dias de reuniões, em que serão estabelecidas as rígidas metas para a Copa. (ANEXO Q - REP 17, SD5)

Na expressão “corrida contra o tempo”, o tempo futuro apresenta-se como um inimigo a ser vencido. Desta forma, o jornal pavimenta um caminho de metas a serem cumpridas rumo ao Mundial. Em outra sequência discursiva, é possível perceber que esse trabalho de cumprir metas não está relacionado somente à Copa do Mundo. O futuro é um tempo de grandes e pequenos eventos em Porto Alegre. Zero Hora sinaliza para a possibilidade de que outros eventos esportivos, de menor porte, venham na esteira do Mundial.

Novelletto aproveitou para colocar Porto Alegre como candidata a sediar todos os eventos pré-mundial: sorteios de Eliminatórias e grupos da Copa, o Congresso da FIFA, o workshop do Mundial e, é claro, a Copa das Confederações, em 2013. (ANEXO Q - REP 17, SD4)

Outra metáfora presente no texto é a esportiva. O termo “levantar a bola”, usado no mundo esportivo como futebol e vôlei, é tomado metaforicamente para enfatizar o sentido de favorecer Porto Alegre.

Duas bolas de futebol gigantes, infláveis, empurradas para o alto de mão em mão, deram boa sùmula do sentimento que percorreu a multidão ontem no Parque Farroupilha para acompanhar ao vivo, no telão, o anúncio das 12 subsedes da Copa de 2014. Era como se o festivo público – e estimado pela BM em 3 mil pessoas, apesar do frio – se unisse para levantar a bola da cidade. (ANEXO Q - REP 17, SD7)

Mais do que o sentido de favorecimento da cidade, a expressão sai das quadras de vôlei e futebol para reforçar a ideia que já vimos em outros momentos desse texto: maior autoestima de Porto Alegre e apoio coletivo incondicional. Esse apoio popular se manifesta

claramente no “festivo público” que sai às ruas “apesar do frio” gaúcho (que sabemos que é intenso) para comemorar o resultado. A ideia de comemoração coletiva fica evidente nas bolas gigantes “empurradas de mão em mão” e nas “3 mil pessoas” no parque. O apoio à cidade - tanto popular quanto individual - também aparece em outras sequências discursivas, que descrevem a “festa por Porto Alegre”.

O presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Francisco Novelletto Neto, fez a festa por Porto Alegre. Com uma camiseta da candidatura da cidade, tirava fotos depois do evento. (ANEXO Q - REP 17, SD3)

Quando chegou à oitava delas, Porto Alegre, às 15h36min, um estrondo saudou a escolha, e balões tomaram o céu. (ANEXO Q - REP 17, SD8)

A “festa” é descrita em Zero Hora como um momento de total descontração, brincadeiras e união entre os cidadãos, conforme as próximas sequências discursivas:

A festa se estendeu do monumento ao Expedicionário até o chafariz no centro do parque. Os frequentadores habituais da Redenção puderam jogar bola em campos improvisados, testar a pontaria dos chutes ao vivo ou em videogames e conhecer os projetos de Inter e Grêmio para a Copa em estandes vizinhos, em bela exibição de civilidade. (ANEXO Q - REP 17, SD8)

A alegria pela confirmação da Capital foi elo entre torcedores de idades díspares. (ANEXO Q - REP 17, SD9)

Ao narrar jogos “em campos improvisados” no parque, há uma ênfase na ideia do futebol como uma paixão brasileira, como um hábito tão presente e tão forte no cotidiano que se manifesta quase que involuntariamente. O texto destaca a participação de pessoas de todas as idades (“idades díspares”), refletindo novamente o sentido de que há pluralidade entre os apoiadores da Copa e de que qualquer diferença que exista é apagada diante do apoio ao *bem comum* – a cidade de Porto Alegre e a Copa do Mundo. Considero a “exibição de civilidade” uma parte instigante deste texto, que me leva a uma pluralidade de reflexões. Seria uma forma de mostrar que já não somos bárbaros porque temos pleno controle de nossas emoções e impulsos? Que, apesar de Terceiro Mundo, sabemos comemorar (de forma coletiva, porém controlada) e fazer uma festa organizada? Seria essa festa, portanto, uma demonstração inicial de que também podemos sediar uma Copa do Mundo de sucesso? Que os tempos são outros? Que temos autoestima elevada?

Os contornos do *mundo dos sonhos* construído por Zero Hora ficam mais claros a partir do anúncio das capitais brasileiras do Mundial. Há uma mudança de *status* da cidade,

que passa de candidata (como vimos na reportagem 02, publicada em janeiro) à sede da Copa, em junho. Essa passagem vem carregada de novos significados para Porto Alegre. Sedar é um *sonho* que se manifesta em um discurso de exaltação das mudanças, de chegada do *novo*, de celebração popular, de renovação da autoestima. Um *sonho coletivo*, celebrado em festa e em exclamação. Um *sonho consensual*. Zero Hora cede voz a personagens apoiadores do Mundial descritos como festivos e entusiasmados. O efeito mais óbvio disso é reproduzir consensos e moralidades: 1) a Copa é um acontecimento que trará “benefícios” para todos; 2) por isso, todos devem apoiá-la. Desta forma, o jornal cria comportamentos e estilos de vida na cidade e também se engaja na estratégia de promoção e valorização de Porto Alegre.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



(Blog do Kayser)

Nesta tese, busquei investigar como os sonhos que acompanham as sociedades são construídos a partir do jornalismo. Falar de sonhos é falar de imaginário. Para Pesavento (1995), o imaginário é um campo portador dos sonhos da coletividade. O discurso jornalístico, ainda que esteja ancorado na representação da realidade, é uma fonte de criação da magia e do sonho. No segundo capítulo, foi fundamental compreender as noções de sonho e de imaginário, especialmente em sua relação (que não é de oposição) com a realidade (FREUD, 1987; MAFFESOLI, 1985). A discussão continua com a problemática da realidade na obra de Dom Quixote. É Schütz (1955) quem traz as ideias que serviram de inspiração à hipótese desta tese. Ele reconstrói as bases do mundo dos sonhos de Dom Quixote e problematiza os indícios e as experiências que contribuíram para dar dimensão de realidade ao mundo da cavalaria. Não posso perder a oportunidade de questionar: o que diria Dom Quixote sobre as notícias do metrô e do cais em Porto Alegre? Será que o *mundo dos sonhos do jornalismo* o envolveria tanto quanto o mundo da cavalaria um dia o conquistou?

Na tese, demonstrei que o jornalismo cria um mundo dos sonhos particular. A fim de confirmar a existência desse mundo, a atividade jornalística, por meio das tecnologias do imaginário, constrói um efeito de realidade, utiliza elementos do cotidiano, a fim de dar ao discurso jornalístico ares de coerência, verdade e objetividade. Estudar as tecnologias do imaginário é levantar os muitos véus, as camadas, que recobrem o corpo do objeto e produzem o efeito que o caracteriza (SILVA, 2010).

Investiguei o surgimento da cidade moderna e os sonhos que acompanharam as sociedades. De Paris ao Rio de Janeiro, chegamos à capital gaúcha, que recebia no início do século XX importantes obras e sistemas de transporte. O bonde elétrico e o porto da cidade foram símbolos da modernidade e do progresso que tanto se desejava à época. A partir do exercício analógico, aproximamos os símbolos da Porto Alegre moderna e pós-moderna. Seriam o metrô e a “revitalização” do porto uma “pseudomorfose” contemporânea do que um dia significaram o bonde elétrico e porto na capital?

Na pós-modernidade, ocorre a crise do espaço urbano, representado como o lugar do medo (BAUMAN, 2008). Neste contexto, os megaeventos esportivos aparecem como uma oportunidade de reverter este quadro, abrangendo esportes, turismo e negócios. No Brasil, estes eventos representam ainda mais: pontuam a narrativa da cidade e o desenvolvimento do país (DA COSTA, 2008). Na esteira dos megaeventos esportivos, está a promessa de transformação das cidades, que se abrem aos negócios e viram mais uma mercadoria exposta na vitrine mundial. Uma revisão crítica desse processo precisou ser feita, a partir de estudos que analisam as experiências de cidades em megaeventos. Barcelona, sede das Olimpíadas, até hoje é um modelo de transformação para muitas cidades. Na visão de Delgado (2007), a cidade se tornou uma fábrica de produção de sonhos e simulacros. Esta etapa atendeu ao *primeiro objetivo da pesquisa*, que era analisar as transformações que os megaeventos esportivos impulsionam no desenvolvimento estratégico nas cidades-sede, com ênfase no papel de apoio dessas mudanças por parte de grandes corporações midiáticas.

A mudança de *status* de Porto Alegre, agora “sede da FIFA”, reverbera nos discursos sobre a cidade, que, por sua vez, alimentam o imaginário urbano. Entre esses discursos possíveis sobre o urbano, está o jornalismo, discutido no terceiro capítulo. Como diria Durand (1996), toda narrativa se inscreve em um contexto imaginário específico. A narrativa jornalística merece ser analisada tendo isso em mente. As reportagens ocupam um lugar no imaginário de Porto Alegre na primeira década do século XXI. Considero a Copa do Mundo de 2014 uma oportunidade ímpar de sonhar nos meios de comunicação. É no exercício de imaginar, pensar, discutir a cidade para o Mundial, que as obras urbanas se transformam em sonhos. É preciso lembrar que há sonhos que viram realidade e sonhos que não saem do papel... A partir do acompanhamento da cobertura jornalística local, percebi que o metrô e o cais do porto foram eleitos símbolos desse novo tempo representado por Zero Hora. As obras não se concretizaram para a Copa, mas isso já não importa. Segui a orientação de Pesavento (1999), que lembra que não é porque as propostas e planos não tenham se realizado que elas

ao merecem ser estudadas: enquanto concepção e desejo, elas um dia existiram no imaginário social. Na tese, percebi que o discurso jornalístico, pela força do imaginário, é capaz de transformar projetos urbanísticos em presenças reais na constituição de uma narrativa sobre um tempo que virá.

Foi buscando colaborar com as investigações sobre o imaginário de Porto Alegre em um momento único de Copa do Mundo que conduzi esta tese, com a hipótese de que *o discurso jornalístico cria uma realidade imaginária para a cidade e aciona o mundo dos sonhos de Zero Hora. Neste processo, a Copa do Mundo 2014 em Porto Alegre é o tempo de sonhar, e metrô e cais do porto são os símbolos do sonho.*

Provei estas assertivas através da análise de discurso em 29 reportagens e demarquei o lugar dos símbolos da Porto Alegre da Copa na *construção do mundo dos sonhos de Zero Hora*. “Mundo dos sonhos” porque, na carona do projeto do metrô e da reforma do cais, um *mundo de possibilidades* é dado a ver, a imaginar, a experimentar. O discurso jornalístico ajuda a cimentar outros sonhos. Pela força da narrativa, erguem-se prédios, *shoppings*, estacionamentos, reformulam-se bairros. Cria-se uma nova visão urbana no horizonte de 2014. No mundo dos sonhos criado pelo jornalismo, o tempo futuro é carregado de expectativas, que podem ser acessadas a partir da leitura das matérias. O ano de 2014 seduz, encanta, promete. Se Castoriadis (1982) lesse os jornais locais em 2009, diria que o tempo do Mundial na capital gaúcha “estava grávido”. Os procedimentos para a leitura e a interpretação das matérias do *corpus* foram apresentados no quarto capítulo da tese, juntamente com as características editoriais do jornal Zero Hora, escolhido como objeto empírico desta pesquisa.

No quinto capítulo, dedicado à análise de discurso das reportagens, mostrei em três etapas como o *mundo dos sonhos* é criado. O Mundial é um tempo “prenhe” de sonhos antecipados cinco anos antes do megaevento. Há um forte desejo de transformar Porto Alegre em algo novo a partir da possibilidade de escolha da cidade para sediar o evento em 2009. Nesta perspectiva, o jornal vai construindo uma série de consensos e normas: a Copa é um tempo de “benefícios” e “melhorias”, o apoio ao Mundial é inquestionável, o sonho de mudança é coletivo e consensual. Fornece o discurso da cidade-modelo, buscando comparar Porto Alegre às “grandes cidades mundiais”. Na carona da Copa, o projeto do metrô e a reforma no cais do porto surgem como os símbolos desse novo tempo narrado pelo jornal. Nas matérias, aparecem repetida e exaustivamente como sonhos aguardados há anos e décadas.



A Porto Alegre com metrô é imaginada como a cidade do moderno, da rapidez, da acessibilidade, do livre fluxo entre veículos. ZH pulveriza pedaços de informação sobre o imaginário da cidade com a chegada do metrô, descrevendo cenários (bairros, ruas) totalmente transformados. Afinal, qual é o significado possível de falar sobre obras em alguns bairros por onde o metrô passará? Uma possibilidade de leitura é que esse discurso leva à especulação imobiliária. Essa questão não é levantada nos textos. Zero Hora questiona a *cidade real* como forma de induzir ao *sonho de mudança*. Desta maneira, as reportagens sobre o metrô propõem um olhar preocupante para a cidade atual e do futuro. A *Porto Alegre real - sem metrô* é colocada à prova. A realidade construída é de caos, congestionamento, aumento populacional. Sobre a reforma no cais do porto, Zero Hora prefere chamá-la de “revitalização”, sugerindo que a obra trará vida ao centro de Porto Alegre. “Revitalizar” é um eufemismo que mascara outras possibilidades nem tão positivas assim, como exclusão social e especulação imobiliária. Nas matérias, prevalece o *discurso da esperança* em retomar o contato com o Guaíba. Sugere que a *cidade real, sem as reformas no cais*, está aquém do seu potencial, sujeita ao abandono por décadas e à falta de investimento.

Entre as funções discursivas, foi possível verificar o discurso de normativas e moralidades sobre a urgência de dar início às obras, sobre a obediência aos cronogramas e sobre o cumprimento das exigências da FIFA. O tom persuasivo, com uso de recursos simbólicos e emocionais, também é uma estratégia de comunicação à qual Zero Hora recorreu para induzir o público a aceitar a Copa, o metrô e o cais. Neste processo, o uso de infográficos tem a função de persuadir o leitor, imaginando um cenário futurístico de Porto Alegre. Os infográficos construídos por Zero Hora são imagens difíceis de categorizar, pois combinam mapas, fotos, simulações, legendas descritivas, em uma diagramação atraente visualmente para o leitor. Complexa também é a tarefa de estabelecer os limites do que é real e o que é imaginário nas cenas visuais. A perspectiva do hiper-realismo (TÁVOLA, 1993; BAUDRILLARD, 1981) evidenciou esta problemática com que me deparei em muitos momentos da análise. O jornal faz um corte na realidade, que origina uma nova aparência da realidade – no caso de Porto Alegre, o ângulo de ênfase são as construções urbanas.

Todas essas ideias e crenças sobre a Porto Alegre em 2014 vão recaindo sobre o objeto de análise, como se fossem véus - alguns mais visíveis, outros nem tanto. Dentro de minhas limitações e seguindo as orientações da Sociologia Compreensiva, assumi, no início desta tese, a tarefa de descobrir, descortinar, essas muitas camadas de informação. Creio que finalizo esta tese com a missão cumprida. Desta forma, também atendi ao *segundo objetivo da*

*tese*, que era compreender o papel da mídia enquanto tecnologia do imaginário que atua na construção simbólica do espaço urbano e analisar o papel da técnica jornalística nesse processo de criação de desejos. Dentro do quadro impressionista que me dispus a pintar, na condição de pesquisadora do imaginário, revelei os sonhos da sociedade gaúcha para sua capital na primeira década do século XXI - ainda que tais sonhos sejam sonhados não pela sociedade em si, mas por um dos principais jornais brasileiros da época.

A partir da análise empírica das reportagens, cumpri o *terceiro objetivo da tese*, que era descrever o imaginário da Porto Alegre da Copa do Mundo a partir das narrativas jornalísticas de Zero Hora, identificando as ideias fundamentais deste contexto e sinalizando para possíveis efeitos nos leitores. As notícias nos levaram a uma experiência única de sonhar acordado e coletivamente. Demonstrei que as reportagens se transformaram em suportes do sonho e do desejo de uma nova Porto Alegre, panfletos apologéticos pela mudança, pelo novo, pelo futuro e pela modernização.

Provar esta hipótese traz duas contribuições que considero centrais. A primeira delas busca resgatar o protagonismo que tanto o imaginário quanto o sonho podem ocupar nas pesquisas científicas. Busquei na construção das notícias uma forma de investigar os sonhos que fazem parte do imaginário de Porto Alegre. Para isso, procurei analisar a sociedade do sonho, da qual fala Rocha (1995). Neste exercício, identifiquei que o imaginário e os sonhos reforçados por Zero Hora não são de todo efêmeros. Há algo de concreto, de palpável, que pode ser descrito nos textos e visualizado nos infográficos. Com essa investigação, que mapeia os sonhos de uma cidade na visão de um jornal impresso, mostrei a importância de considerar nas pesquisas a força e a credibilidade do imaginário – e com ele, os sonhos de uma sociedade. O imaginário deve continuar sendo um campo de pesquisa proeminente também na área da comunicação. Em uma época de esgotamento da propagação de tragédias e de notícias negativas (um dos fatores que leva a comunicação de massa à perda de audiências e de leitores), a magia e o sonho têm seu espaço no jornalismo. Nunca o “sonho acordado da comunicação”, de Baudrillard (1981), fez tanto sentido.

A segunda contribuição diz respeito à aproximação entre os discursos do jornalismo e da publicidade. Em geral, as pesquisas no campo da comunicação desconsideram qualquer relação entre essas duas áreas. Talvez isso ocorra porque os jornalistas ainda são norteados pelos ideais de objetividade e imparcialidade de sua atividade. Nesta perspectiva, o jornalismo seria incompatível com os modos de dizer do discurso publicitário. No entanto, mostrei que as notícias sobre a Porto Alegre da Copa fornecem um modelo de cidade, que se assemelha às

metrópoles mundiais e que para isso deve investir em “megaprojetos” urbanos, como o metrô e a reforma da área portuária. “Megaprojetos” porque envolvem não somente um planejamento complexo, mas também porque demandam investimentos altíssimos. Mais do que determinar o padrão de como deve ser a cidade, algumas matérias parecem colocar à venda a cidade, que se mostra aberta aos investimentos, ao capital externo. No caso, vende-se a ideia de uma nova cidade. Neste exercício de colocar a cidade para negócio na construção da notícia, as matérias se confundem com anúncios publicitários de imobiliárias e de construtoras. Para isso, as narrativas se valem de crenças sociais que simplificam os complexos impactos das obras e dos megaeventos esportivos e de avaliações morais que reforçam um ideal de cidade nova e mais moderna. Como diriam Baudrillard (1981) e Rocha (1995), a forma publicitária, enquanto um modo operacional sedutor e consensual, envereda mesmo por todos os espaços da comunicação de massa.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ARENDDT, Hannah. **A Vida do Espírito** - o pensar, o querer, o julgar, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BALDISSERA, Rudimar; GONÇALVES, Sandra; LIEDCKE, Enoí. O Imaginário de Porto Alegre por seus cartões-postais. In: **Revista Em questão**. Porto Alegre, v. 16, n. especial, p.79 - 94, out. 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: *Éditions Galiléé*, 1981.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais**: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.
- \_\_\_\_\_. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BRANSKI, Regina; NUNES, Elisa; LOUREIRO, Sérgio; JUNIOR, Orlando Lima. Infraestruturas nas Copas do Mundo da Alemanha, África do Sul e Brasil. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, EDUC, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cm/v15n30/2236-9996-cm-15-30-0557.pdf>>. Acesso em: 02 abr 2014.
- CAIXETA, Rodrigo. **Infográficos sem segredos**. Jornal da ABI, Brasil: Edição 301, ps. 3-6, julho/agosto-2005.
- CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CARVALHO, Mônica de. Cidade global: anotações críticas sobre um conceito. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo: Fundação Seade, 2000.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1982.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHENIAUX, Elie. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. In: **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Vol.28, nº.2. Porto Alegre, mai/ago.2006. Acesso em: 28 set 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082006000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000200009)>.

CORREIA, João Carlos. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schütz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

COTTLE, Eddie; CAPELA, Paulo Ricardo do Canto; MEIRINHO, André Furlan. Uma lição vinda da África do Sul: os cartéis da construção estão aumentando significativamente os custos de infraestrutura na Copa do Mundo Fifa 2014 no Brasil?. In: **Revista Motrivivência**, Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175-8042.2013v25n41p166/25834>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

COY, Martin. A interação rio-cidade e a revitalização urbana: experiências europeias e perspectivas para a América Latina. In: **Confins, Revista Franco-brasileira de Geografia**, n.18, 2013. Disponível em: <<https://confins.revues.org/8384?lang=pt>>. Acesso em: 14 nov 2016.

DA COSTA, Lamartine. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério dos Esportes, 2008.

DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELGADO, Manuel. **La ciudad mentirosa: fraude y miseria del modelo Barcelona**. Madrid: Los libros de la Catarata, 2007.

DE PABLOS, J. M. **Infoperiodismo – el periodista como creador de infografía**. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; GUTFREIND, Cristiane Freitas. Identidade gaúcha e cinematografia regional na mídia impressa local. In: **Revista Logos: cinema, imagens e imaginário**, Rio de Janeiro, ano 13, 2006.

FACCIN, Milton Julio. Zero Hora, a voz que une os gaúchos. In: **Encontro Nacional de História da mídia**, 7, 2009, Fortaleza. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Zero%20Hora-%20a%20voz%20que%20une%20os%20gauchos.pdf>>. Acesso em: 12 de fev. 2015.

FILHO, Candido Malta Campos. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

FILHO, Silvio Belmonte de Abreu. **Porto Alegre como cidade ideal: planos e projetos urbanos para Porto Alegre**. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FORTUNA, Vania Oliveira. Das Exposições Universais aos Jogos Pan-Americanos de 2007: os envolventes legados arquitetônicos dos megaeventos. In: **Revista Contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

FREITAS, Ricardo Ferreira; LINS, Flávio; SANTOS, Maria Helena Carmo dos. Megaeventos: motores de transformação social. In: **Encontro anual da Compós**, 23, 2014, Belém. Disponível em: <[http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT07\\_COMUNICACAO\\_EM\\_CONTEXTO\\_S\\_ORGANIZACIONAIS/freitaslinscarmocompos2014belemdoparai\\_2195.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT07_COMUNICACAO_EM_CONTEXTO_S_ORGANIZACIONAIS/freitaslinscarmocompos2014belemdoparai_2195.pdf)>. Acesso em 04 nov. 2014.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUARESCHI, Pedrinho; RAMOS, Roberto. **A máquina capitalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

HORNE, John. *Sport in consumer culture*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2006.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs). **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOTTA, Marly Silva da. “**Ante-sala do paraíso**”, “**vale de luzes**”, “**bazar de maravilhas**”: a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro - 1922). Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6763>>. Acesso em: 03 mar 2014.

NETO, Vicente Correia Lima. O efeito de investimentos em transporte público no valor dos imóveis: O caso do Distrito Federal. In: **Ipea Boletim Regional, Urbano e Ambiental**. 06 | dez. 2011. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5623/1/BRU\\_n6\\_efeito.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5623/1/BRU_n6_efeito.pdf)>. Acesso em 02 nov 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. In: **Revista Brasileira de História**, v. 15, n.º 29. São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso:** uma introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal:** da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

POTTIER, Erwan. *Porto Alegre, ville imaginaire: Socialité, mythes et communication dans un Brésil postmoderne.* 2009. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho:** comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1995.

SCHÜTZ, Alfred. *Don Quijote y el problema de la realidad.* In: *Dianoia: anuario de Filosofia.* Nº. 1, 1955.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, Juremir Machado da. **Anjos da perdição:** futuro e presente na cultura brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade? In: **Revista Famecos.** Porto Alegre, PUCRS, ago. 2001.

\_\_\_\_\_. **O que pesquisar quer dizer:** como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Copa do Mundo e Olimpíadas no Brasil: futebol, esportes e negócios. In: **Seminário Nacional de Metropolização e megaeventos:** os impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas nas metrópoles brasileiras. 2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.observatoriodasmetrolopes.net/download/megaeventos\\_poa\\_pauloroberto.pdf](http://www.observatoriodasmetrolopes.net/download/megaeventos_poa_pauloroberto.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso:** Um guia para estudantes da graduação. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SPOSITO, Maria Beltrão. **Capitalismo e Urbanização.** São Paulo: Contexto, 1994.

STEIGLEDER, Débora Gallas. **O jornalismo e a cidade em construção:** o discurso ambiental de Zero Hora sobre as obras da Copa do Mundo de 2014 em Porto Alegre. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

TAVARES, Otávio; DA COSTA, Lamartine P. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

TÁVOLA, Artur da. **A notícia como espetáculo hiper-real**. Barcelona, 1993. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/tavola.html>>. Acesso em: out 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.



## ANEXOS

## ANEXO A - REPORTAGEM 01

8 | Reportagem Especial > ZERO HORA > QUINTA | 30 DEZEMBRO | 2008 E QUINTA | 1 | JANEIRO | 2009

# 2009

## Mais reformas vêm aí...

A cara de Porto Alegre deve começar a mudar em 2009. E o país poderá passar por grandes transformações:

### Ampliação da pista do Salgado Filho



Indispensável à ampliação da pista do Salgado Filho, a remoção das vilas Dique e Nazaré deve ocorrer a partir de fevereiro. Desde 2006, o projeto sofre prorrogações que emperram o desenvolvimento do aeroporto e detiram na expectativa os fiadores. Se as primeiras 400 famílias forem retiradas até junho, o começo da obra, orçada em R\$ 120 milhões, não será comprometido, em agosto ou setembro. A pista vai passar de 2.280 metros para 3.200 metros.

### Ponte do Gualba

O governo federal deve, em 2009, investir R\$ 10 milhões em estudos para construir uma nova ponte. Uma das hipóteses é de que ela tenha 2.320 metros sobre o Gualba mais 2.760 metros de acessos, num total de 5.080 metros.

### Metrô na Capital

Com recursos de R\$ 40 milhões previstos no orçamento da União em 2009, a Trensurb deve fazer o projeto do primeiro trecho do metrô de Porto Alegre - 13 quilômetros, do Mercado Público à Linha do Plúmeto, 11 quilômetros subterrâneos e seis de superfície.

### Trensurb

As obras de ampliação do trensurb de São Leopoldo até Novo Hamburgo devem começar ainda em janeiro. Se o calendário da liberação de verbas for respeitado, a Trensurb calcula concluir a obra no final de 2011. O novo trajeto de nove quilômetros prevê mais quatro estações: uma em São Leopoldo e três em Novo Hamburgo.

### Estradas gaúchas

Planalto e Piratini devem entrar em 2009 numa queda-de-braço em torno de investimentos em estradas federais. Depois de afirmar que não havia plano B para a paralização dos contratos de pedágio, a governadora Yeda Crusatini surpreendeu com o anúncio de Brasília de investir R\$ 1 bilhão até 2010 em BRs repressadas ao Estado.

### Pontal do Estaleiro



Ainda não será em 2009 que os porto-alegrenses verão algum tipo de uso para a área do Estaleiro S&S. Ao longo deste ano, a proposta de urbanização da área de 33 mil metros quadrados, com investimento de R\$ 150 milhões, ainda ficará na mesa com a obra a ser concluída em 2010.

### Gigante para sempre (Beira-Rio)

Vendo à Copa de 2014, o Inter remodelará uma área de 32 hectares no entorno do Beira-Rio, começando pelo próprio estádio, que terá cobertura transparente e estrutura metálica, o que prevê o complexo: três torres de 52 metros (duas para hotel e uma para um centro de medicina esportiva), centro de convenções e riara. Se a venda do faculto se concretizar, as obras começarão em março.



### Arena do Grêmio

A construção do novo estádio do Grêmio, com capacidade para 52 mil pessoas, no bairro Humaitá, deve se iniciar no segundo semestre. Além da arena, o projeto prevê shopping, hotel, centro de eventos e empresarial, conjunto residencial e 12 mil vagas de estacionamento. O valor a ser investido é de R\$ 300 milhões, só no estádio. O total pode chegar a R\$ 1 bilhão, e conclusão prevista para 2012.



### Eucaliptos

A venda de 2,4 hectares do histórico Estádio dos Eucaliptos deve financiar a remodelação do Beira-Rio. Para tornar economicamente viável a área, a Câmara aprovou a mudança do índice construtivo da região: passou de 1,3 para 1,5, o mestre da Assentia José de Alencar. Nas próximas duas semanas, o Inter abrirá licitação para vender.

### Área do Olímpico

Em 8,9 hectares, deve ser erguido um conjunto de prédios residenciais com 18 torres. O projeto engloba duas torres ocupadas pelo estádio, o Largo dos Campeões, o gramado suplementar, o ginásio e o alojamento para as categorias de base. O projeto se iniciará em 2012, assim que acabar a obra do Arena, com a demolição do Estádio Olímpico.

### Teatro da Ospa



A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) ganhará uma nova sede. Pelo projeto, a orquestra contará com um teatro ao lado da Câmara da Capital, em área de 5 mil metros quadrados. Ao custo de R\$ 36 milhões, a sala terá capacidade para 4,5 mil pessoas. A proposta é construir um "teatro-biblioteca" (os dois juntos), com

**Em Brasília**

**Pelo menos três grandes reformas estão em discussão:**

**REFORMA TRABALHISTA**

A previsão de franco crescimento da economia em 2009 deve aumentar a pressão do empresariado pelo reformar trabalhista. Entidades empresariais distantes a flexibilização das regras - como a possibilidade da redução da jornada de trabalho com corte de salários - para minimizar uma eventual redução no nível de emprego em tempos de crise. O Congresso e o governo já debatem alterações nas regras, que, no entanto, encontram resistência dos centrais sindicais.

**REFORMA POLÍTICA**

Antes das festas de fim de ano, os ministros Tarso Genro (Justiça) e José Mello (Fidelidade Institucional) entregaram à ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) uma proposta composta de cinco projetos de lei e uma emenda constitucional. A ideia é encaminhar ao Congresso em janeiro o projeto de alteração no primeiro semestre de 2009. Outros projetos de deputados já tramitam na Câmara.

**REFORMA TRIBUTÁRIA**

Aprovada por uma comissão especial da Câmara dos Deputados, a reforma tributária está pronta para ser votada em plenário. Por acordo entre governo e oposição, a votação deve ocorrer na próxima quinzena do mapa, após o fim do recesso parlamentar. Se aprovada, será encaminhada ao Senado.

**E a economia...**

Transformada pela crise, a economia global que vem por aí deverá ter menos prosperidade, redução no ritmo de geração de emprego, financiamentos mais caros e presença maior de governos com seus pacotes multibilionários na tentativa de segurar o crescimento. A expectativa é de que o Brasil não tenha os efeitos da crise, apesar de o desemprego disponível seguir em alta. A cultura de produzir mais e ganhar mercado tende a dar lugar a investimentos comedidos, com retorno garantido.





ANEXO C - REPORTAGEM 03

PORTO ALEGRE, JANEIRO / FEVEREIRO DE 2009

# ZH MENINO DEUS



Esta edição circula com 13.300 exemplares

Ano 4 - Nº 37

Circula nos bairros **Azenha, Menino Deus e Praia de Belas**

## Um novo Menino Deus à frente

Mudanças no trânsito, novos prédios e estádio, metrô e portais de ônibus mudarão a região, que se prepara para receber a Copa 2014

DANIEL CARDOSO

Nenhuma região de Porto Alegre sentirá tanto os efeitos da Copa do Mundo de 2014 quanto os bairros Menino Deus, Praia de Belas, Santa Tereza, Azenha e Medianeira. Os moradores assistirão a grandes mudanças na paisagem urbana, que vão desde alterações viárias até a construção de prédios de 72 metros de altura onde hoje está o Estádio Olímpico (veja ao lado).

A casa do Grêmio será levada para a Zona Norte. Em seu lugar, serão erguidos prédios residenciais em 18 torres. O apartment não vai ficar para trás. O Estádio Beira Rio ganhará um complexo com três torres de 52 metros de altura, centro de convenções, estacionamento e marina.

Mas todas essas mudanças levantam preocupações entre moradores e frequentadores dos bairros. Para a presidente da Associação dos Antigos e Moradores do Bairro Menino Deus, Wanda Látia de Souza, a altura dos prédios gera algumas dúvidas.

— A região já está ficando cheia de edifícios. Será que cabe mais próximo ali? Somos a favor da Copa, consi-

derando que melhorias viárias e de segurança sejam feitas em conjunto — pontua.

Para a gerente executiva da Associação Empresarial Nova Azenha, Mônica Terra, a chegada da Copa do Mundo não pode mudar as características do bairro.

— A Azenha sempre foi um lugar de lojas de rua, sem shoppings. Precisamos manter essa cultura — ressalta.

El para o presidente da Associação dos Moradores da Avenida Garçon, Orion Cabral, o evento esportivo tem muito o que beneficiar Porto Alegre. O destaque fica com o metrô.

— Será um grande projeto. A cidade ficará preparada para crescer — acredita.

Por enquanto, os projetos ainda estão em fase de elaboração. A prefeitura montou um grupo de trabalho para tratar da candidatura da Capital, que deve cumprir um cronograma elaborado pela Associação Brasileira de Infra-estrutura e Indústrias de Base, contratado pelo governo federal para realizar um diagnóstico das cidades candidatas. A definição das obras pela Fifa ocorrerá em março. Mais informações estão no site [www.portoalegre2014.org.br](http://www.portoalegre2014.org.br)

### Contraponto

O que diz o secretário especial para a Copa do Mundo, José Fortunati

■ Sem dúvida, a região do Menino Deus será a que mais vai sentir os efeitos da Copa do Mundo. Acreditamos que para melhor. Temos vários projetos, alguns em andamento, que precisam melhorar. O maior desafio para os edifícios já foi vencido, que era a aprovação pela Câmara de Vereadores. Agora, vamos fazer nos estudos ambientais, para viabilizar a construção dos projetos.

### O QUE ESTÁ PREVISTO

Contro os projetos que devem mudar a cara da região até 2014:

- 1 Sentido único na Ilha de Medianeira A ideia é deixar a Ilha e os bairros no sentido exclusivo Centro-barro. O tráfego na Praia de Belas ficará no sentido bairro-Centro.
- 2 Metrô Projeto inicial do metrô deve ligar o centro da Capital até o Beira Rio.
- 3 Portais de Cidade Um dos terminais que inicialmente seria construído no Largo Zumbi dos Palmares, no Cidado Italo, foi transferido para a região do Estádio Beira Rio, mas o local específico ainda não foi definido.
- 4 Cidades Sete 50 quilômetros em vários pontos de cidade, entre eles, toda a Avenida Edvaldo Pereira Paiva, a Beira Rio
- 5 Avenida Beira Rio Ampliação da via que poderá desdobrar o Centro e promover ligação rápida com a Zona Sul



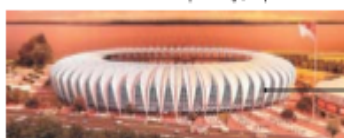
1 Estádio Olímpico A casa do Grêmio dará lugar a um complexo de prédios, com altura de até 72 metros. Um novo estádio será construído em Hurselt, na Zona Norte

2 Área dos Escalates Torres será vendida e poderá abrigar prédios de até 23 metros de altura

3 Rua Cristiano do Sul Término e duplicação da via, que vai ocupar parte do Ilha do Zou Sul

4 Gigante Para Sempre O Beira Rio será remodelado. O complexo terá três torres de 52 metros de altura, centro de convenções, estacionamentos e marina

colagem de arte



### O que pensa a comunidade da região

"A Copa aqui será uma boa. Vai aumentar renda, emprego e oferta de trabalho. Vamos ser ótimos, que será o crescimento das construções, mas vale a pena."



Carlos Henrique Reis e Silva, 53 anos, engenheiro civil, trabalha na Avenida Padre Cacique

"Não que a Copa será boa para a gente. Vai melhorar a região e toda a Porto Alegre com essas obras que estão previstas. Além disso, durante os jogos, será bem interessante estar no bairro"



Andressa Bentzen, 17 anos, trabalha próximo ao Beira Rio

"Vou sentir a saída do estádio do Grêmio, porque vou a todos os jogos. Ainda não vou a rua. Mas acho que a Copa do Mundo será um bom evento. No verdade, tudo será um progresso. O galacho por natureza, é contra as mudanças, é mais tradicional, mas com mudanças corretas, como mudanças viárias, as obras da Copa serão boas para a gente."



José Carlos D'Ávila, 61 anos, jornalista, morador do Medianeira

"O esporte vai trazer mais desenvolvimento para Porto Alegre. Acredito que isso vai acontecer com a cidade como um todo, mas especialmente aqui no bairro. Vai ser melhor para todo mundo."



Augusto Silva da Fonseca, 18 anos, estudante de Direito, morador do Menino Deus

"Seria muito bom ter os jogos em Porto Alegre. Se quem tem direito pode assistir a uma Copa. Será apenas pela saída do Grêmio. É sempre uma alegria quando tem jogo ali"



Stela Lentle, 56 anos, estudante de Enfermagem, moradora do Medianeira

### ZERO HORA.COM

O que você pensa sobre os projetos para a região em função da Copa de 2014? Opine em [www.zerohora.com/participa](http://www.zerohora.com/participa)

▶ O ZH Menino Deus circula a cada quatro quintas-feiras. Próxima edição: 5/2/2009

## ANEXO D – REPORTAGEM 04

## esportes

Os ingressos  
do Gre-Nal

Página 35

ZERO HORA &gt; SÃO PAULO | 31 | JANEIRO | 2009

#esportes@zerohora.com.br



Comitiva da Fifa vai sobrevoar a cidade de helicóptero e visitar o Beira-Rio na manhã de hoje

## Desafios da Capital

DIEGO OLIVEIRA

A visita oficial da comitiva de 10 pessoas da Fifa a Porto Alegre iniciada ontem é a última antes do anúncio oficial das 12 cidades escolhidas, no dia 19 de março. Vindos de São Paulo, na companhia do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, os inspetores participaram à noite de um jantar no Palácio Piratini com a governadora Yeda Crusius, autoridades e convidados.

Hoje, haverá caminhada pelo Beira-Rio, um pela cidade e reunião com a Infraero. A partir daí, inspetores da entidade farão vistorias anuais para conferir o andamento das melhorias definidas no relatório da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (ABDI) solicitado pela CBF a pedido da Fifa, que será divulgado no mesmo dia. Assim, seria prudente colocar as mãos à obra: são muitos os desafios.

— Não é pouca coisa — diz o secretário estadual de Turismo, Esporte e Lazer, Hestor Galante. — É uma missão complexa. A Fifa não perdoa. Mas estamos preparados — garante o secretário municipal extraordinário da Copa de 2014 e prefeito em exercício, José Fortunati.

Confira ao lado como a Capital está nos principais quesitos.

## Programação de hoje

08h30h — Chegada ao Beira-Rio.

11h — Apresentação do projeto básico de organização e arquitetura e sobrevoe de helicóptero pela cidade.

11h — Deslocamento para o Aeroporto Salgado Filho.

11h30h — Apresentação na Infraero.

## ZERO HORA.COM

acompanhe notícias sobre a inspeção da Fifa e confira o projeto de Beira-Rio em [www.zerohora.com/esportes](http://www.zerohora.com/esportes)



No Aeroporto Salgado Filho, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira (ao centro), e o diretor de Marketing da Fifa, Thierry Weil (à direita), recebem a Agência do Rio Grande



## Saneamento básico

A Fifa não quer nem imaginar algum problema com turistas durante o Mundial neste quesito. Portanto, a prefeitura garante que Porto Alegre terá 80% do seu esgoto tratado até a Copa, contra os 27% atuais. Para chegar lá, será preciso investir R\$ 500 milhões, com ajuda do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).



## Restaurantes

Vem aí um superintendimento para motoristas de taxi e funcionários de bares e restaurantes. Eles terão aulas de espanhol e inglês para ter condições de prestar informações aos turistas. Os cartilhões dos estabelecimentos terão que, obrigatoriamente, oferecer versões bilingües.



## Voluntariado

Será um exército de 2 mil pessoas, a maioria

orientar quem vier de fora. Eles estarão não apenas nos locais oficiais, para ajudar jornalistas e fotógrafos nos estádios, mas espalhados pela cidade em quiosques para dar informações. A secretaria estadual de Turismo, Esporte e Lazer prevê que uma lista de crédito seja aberta apenas para financiar programa de qualificação, quem sabe com auxílio de entidades privadas interessadas.



## Bancos

A ideia é contar com terminais de saque internacional, para facilitar o acesso dos turistas a suas contas e, claro, incentivar os a deixar mais dólares e euros em solo gaúcho. Hoje, o estrangeiro que visita o Rio Grande do Sul gasta US\$ 90 dólares. Eles são 50 mil. Na Copa, a previsão é de que esse número passe para 200 mil. Com os terminais, o gasto por capita seria maior. Outro detalhe: como o Brasil é um país continental, a Fifa prevê uma

nes que assistem a um jogo e voltam para sua casa em outro país, graças às distâncias curtas. Aqui, não: quem vier, permanecerá alguns dias.



## Rede hoteleira

Aqui, Porto Alegre está bem. A Fifa exige, apenas para estar no país, 5 mil leitos. Hoje, são 12,7 mil. So Gramado e Bento Gonçalves, cidades consideradas hotspots do turismo e distantes menos de 150 quilômetros, têm incluídas, esse número dobra. Sem falar na Grande Porto Alegre.



## Segurança

Não basta tutar batalhões do Exército em 2014. A Fifa insiste que é preciso criar um clima de segurança aos poucos, a ser confirmado nas inspeções anuais às cidades-sede. Por isso, Brigada Militar, Polícia Civil, Guarda Municipal, Governo Federal e até segurança privada devem atuar



## Transporte

A Fifa torce o nariz para cidades que não tenham metrô como meio de transporte. Não será um quesito eliminatório, mas, na visita deste fim de semana, a comitiva da Fifa reforçará que seria de bom tom Porto Alegre ter o seu. Constará no POC da Copa do Mundo, ao menos, a primeira fase da obra: 20,6 quilômetros subterrâneos do Centro até o Menino Deus, a um custo de R\$ 1,469 bilhão.

A prefeitura, em 2009, irá duplicar a Avenida Beira-Rio em um quilômetro e meio, da Ipiranga até o estádio, ao custo de R\$ 4 milhões. A Avenida Tronca, rota alternativa da Zona Sul para o Beira-Rio, será duplicada também. A Rodovia do Parque, de Sapucaia até o bairro Humaitá, para facilitar o acesso de quem vem da Região Metropolitana, é outra obra prevista no POC.



ANEXO F – REPORTAGEM 06

56 | Geral >

ZERO HORA > QUARTA | 7 | MAIO | 2009

**Capital** Governadora Yeda apresentou ontem projeto que revitaliza área do Centro

# Nova promessa para o Cais

Depois de mais de duas décadas de planos abandonados e de nove meses de análise, um novo projeto promete revitalizar o Cais do Porto da Capital.

A governadora Yeda Crustus entregou ontem ao prefeito José Fogaça a versão final da proposta que será encaminhada à votação na Câmara de Vereadores. A promessa é abrir a licitação nos próximos meses e concluir o novo complexo antes da Copa do Mundo de 2014.

O plano de construção de prédios comerciais e de utilização dos armazéns para o funcionamento de bares, restaurantes, lojas e estabelecimentos culturais será agora avaliado pela Comissão de Análise Urbanística e Gerenciamento (Caup) da prefeitura. Com o parecer, o projeto será encaminhado à Câmara para alterações no Plano Diretor que rega a área portuária. Após a aprovação, o Estado lançará edital para selecionar a empresa que executará as obras.

O caso do empreendimento que abrange 2,5 quilômetros de extensão

entre a Rodoviária e a Ustina do Gasômetro foi reajustado de R\$ 400 milhões para R\$ 500 milhões. A empresa que vencer a licitação executará as obras recebendo, em contrapartida, a concessão de exploração do local por 25 anos, prorrogáveis por igual período. A expectativa é de que a licitação atraia cinco empreendedores interessados.

— É um sonho dos porto-alegrenses voltar a ter contato com o seu rio. A revitalização passa a ser um elemento fundamental para o Estado para que Porto Alegre seja sede da Copa — avalia Yeda.

Para o prefeito Fogaça, o novo porto será um marco não só para a Copa do Mundo como para a cidade.

O projeto extensivo é um plano de negócios, que estabelece as regras de ocupação da área e já contempla análises de viabilidade urbanística e ambiental. Eleomar Tutikian, coordenador executivo do projeto de revitalização, ressalta que a empresa que executará a obra poderá fazer alterações nas características arquitetônicas projetadas pela M. Skarff Consultores Associados.

**Por que pode dar certo**

1) Para Eleomar Tutikian, coordenador da revitalização, a proposta atual é diferente das anteriores porque foram antecipadas as análises de viabilidade urbanística e ambiental. Isso significa que os empreendedores terão todas as regras definidas desde o início, com menos riscos.

— Antes de chamar os empresários, discutimos as legislações relacionadas ao uso da área e realizamos levantamentos do local e suas necessidades de infraestrutura. Ou seja, começamos de cabeça.

2) A possibilidade de Porto Alegre ser uma das cidades-sede da Copa de 2014 pode servir de estímulo para a concretização do projeto. Além de valorizar o quilômetro a área central da cidade, o projeto se integra à melhoria prevista em outras áreas, como a abertura do metrô e a duplicação de Avenida Beira-Rio.

3) As condições de outros projetos, o Cais Mauá prevê recursos da iniciativa privada para a execução das obras em troca do concessão do uso.

Tutikian, no entanto, considera mais adequado concentrar as construções na área das docas em duas torres — uma de escritórios, de 80 a cem metros de altura, e outra mais baixa, para um hotel.

Há também a possibilidade de construção de um shopping na área próxima à ustina do Gasômetro. Esse prédio seria mais baixo para não interferir na paisagem. Desde a seleção do projeto final, em julho do ano passado, pelo menos duas alterações foram feitas por técnicas do Piratini e da prefeitura. A ideia inicial era erguer um hotel de 20 andares e 280 apartamentos junto à Ustina do Gasômetro. Com a limitação de altura no trecho, o prédio foi transferido para a área das docas, junto à movimentação. Nas docas, em vez de duas torres comerciais, agora serão quatro prédios de 10 andares e o do hotel, de 15 andares.



Quando você passa de carro pela Avenida Mauá, em Porto Alegre, já deve ter visto o paredão que separa a cidade do Guaíba. Do outro lado do rio, existe um grande espaço pouco utilizado atualmente.

No passado, era por ali que chegavam à capital gôicás mercadorias, por meio de navios. A área era muito movimentada. Com o passar do tempo, os meios de transporte evoluíram e muita coisa passou a chegar à cidade por meio de caminhões. Por isso, o porto perdeu importância, e os antigos armazéns ficaram praticamente sem uso.

Nos últimos anos, vários governos tentaram dar uma nova cara para o local. Desta vez, surge mais um projeto, chamado de Cais Mauá. A ideia é criar lojas, bares e restaurantes nos armazéns e prédios na área do porto. Com essas melhorias, as pessoas poderiam ter mais um lugar para passear.



**O NOVO PORTO**

Com a definição das regras de ocupação da área portuária, uma empresa de consultoria elaborou um projeto arquitetônico que poderá ser utilizado pelo empreendedor que vir a vencer a licitação prevista até dezembro. As imagens abaixo são simulações do novo porto, que podem ser ajustadas ao gosto pela empresa que executar a obra.

**MURO DA MAUÁ**

A altura será reduzida de 5 metros para 1,5 metro

Do lado de dentro do cais, será criado um túnel, coberto por vegetação

Da avenida, será possível visualizar os armazéns com mais facilidade pela redução da altura do obstáculo

**ÁREA INTERNA**

Entre as torres de tram e os armazéns, os pedestres terão prioridade

Nas entre-linhas do Cais do Porto — área das docas e ao lado da Ustina do Gasômetro — serão criados dois grandes estacionamento, com um total de 2.500 vagas

**SHOPPING**

Ao lado da Ustina do Gasômetro, a ideia é construir um shopping de dois pavimentos. O prédio terá cobertura verde

**TRAM ELÉTRICO**

Circulará em duas rotas: uma ao longo da Mauá e outra ao longo do futuro shopping



Da Estação Mercado, será possível acessar o Cais do Porto por meio de um corredor subterrâneo



O projeto contempla um terminal ferroviário na ponta das docas, onde será reservada uma área para barcos que poderão fazer o transporte fluvial entre Porto Alegre e Guaíba ou outros pontos turísticos



**ARMAZENS**

Do lado do Guaíba, haverá um espaço de parede da estrutura, que funcionará como corredor para os pedestres

Das 11 armazéns, dois não são tombados pelo patrimônio histórico e serão convertidos para dar lugar a uma grande praça central

A ideia é manter a estrutura física e substituir as paredes de alvenaria por vidro

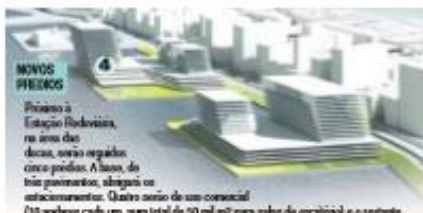


**ACESSOS**

Além dos atuais pontos de cais, o projeto prevê a construção de sete passarelas sobre a Mauá. Das travessias, duas ligarão a Praça丁香eiro Sarmento à área do futuro shopping



Os espaços serão utilizados por bares, restaurantes, lojas e centros culturais



**NOVOS PRÉDIOS**

Próximo à Estação Rodoviária, na área das docas, serão erguidos cinco prédios. A base, do tipo greenbuilding, abrigará os escritórios comerciais. Quatro serão de uso comercial (120 mil metros cada), em uma total de 50 mil metros cúbicos de construção e estrutura

ANEXO G – REPORTAGEM 07

| 26 | Geral >

ZERO HORA > TERÇA | 12 | MAIO | 2009



3 PROJETOS PARA O RIO GRANDE

Zero Hora detalha desde ontem as 15 obras que podem mudar o Estado. Hoje, a apresentação é do Metrô de Porto Alegre. Você poderá escolher uma delas como a mais importante, ao votar pela internet ou por cupons publicados em ZH. As duas obras do Interior e a da Região Metropolitana com mais votos terão suas execuções fiscalizadas até a finalização.

AS OBRAS EM VOTAÇÃO

- Região Metropolitana**
1. Construção de uma pista para desafogar o Pavão Central
  2. Metrô de Porto Alegre
  3. Nova ponte do Gasão
  4. Revitalização do Cas do Povo da Capital
  5. Rodovia do Povo (RS-468), alternativa à BR-116

**Interior**

6. Revagão de Avenida (Itapá)
7. Revagão de Jaguar (Lavras do Sul, Rincão do Sal e São Gabriel)
8. Duplicação do eixo rodoviário Porto Alegre-Rio Grande (inclui as BRs 116 e 282)
9. Duplicação do trecho Passo Fundo-Maçua da RS-328
10. Duplicação do trecho Porto Alegre-Porto Alegre da BR-290
11. Duplicação do trecho Tabal Estádio da BR-386
12. Hospital Regional em Santa Maria
13. Novo aeroporto regional da Sosa
14. Polo naval do Rio Grande
15. Ponte Interacional Brasil/Argentina, na Região Noroeste

COMO VOTAR (ATÉ 29 DE MAIO)

Por meio da internet ([www.zerohora.com](http://www.zerohora.com))

Os interessados deverão, até as 23h59min de 29 de maio, cadastrar-se no site do portal [www.zerohora.com](http://www.zerohora.com), preenchendo nome completo, telefone e RG, e votar na obra de sua preferência.

Cada título poderá votar em uma obra por dia, independentemente da categoria – Interior ou Região Metropolitana.

Por meio de cupons

Os cupons são publicados diariamente na página 2 do Zero Hora até o dia 29 de maio e deverão ser depositados (não sendo aceitas fotocópias) nos pontos de distribuição nos seguintes endereços:

Para onde enviar os cupons

Itapá – Rua Sete de Setembro, 1.150, sala 17 (8h30min às 12h/13h30min às 18h)

Canoas – Av. Galvão de Jesus, 401, loja 235 (8h30min às 18h)

Castor do Sul – Rua Jacob Lachner, 2.504, e Rua Bento Gonçalves, 1.563, Centro (8h às 12h/13h30min às 18h)

Itaíba – Av. Osório, 110 (8h às 12h/13h30min às 18h)

Itaqui – Rua Bento Gonçalves, 1.731, sala 91 (8h às 12h/13h às 18h)

Passo Fundo – Rua Princesa Isabel (8h30min às 12h/13h30min às 18h)

Pelotas – Rua Hipólito José da Costa, 155 (8h30min às 12h/13h30min às 18h)

Porto Alegre – Av. Ipanema, 1.075 (8h às 18h)

Santa Cruz – Rua Assis Brasil, 793

(8h30min às 12h/ 13h30min às 18h)

Santa Maria – Av. Maurício Sirotsky Sobrinho, 25, e Rua Alberto Pasqualini, 80, Santa Maria Shopping, sala 1 (8h30min às 12h/14h às 18h)

Santa Ângela – Rua 15 de Novembro, 1848, sala 102 (8h às 12h/13h30min às 18h)

Os cupons também poderão ser enviados pelos Correios para o seguinte endereço: ZH – ZERÓ HORA – 3 PROJETOS PARA O RIO GRANDE, AV. IPANEMA, 1.075, 4º ANDAR – BARRIO AERENA, PORTO ALEGRE-RS, CEP 91048-000

Sendo contabilizados apenas os cupons recebidos até o dia 29 de maio. Não serão contabilizados os votos em branco e os cupons riscados.

A DECISÃO

4 de junho – O resultado da votação popular será divulgado em Zero Hora.

Região Metropolitana



2 – Metrô de Porto Alegre

Com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1,4 milhão de habitantes, Porto Alegre registra problemas de trânsito cada vez mais preocupantes.

A construção de uma nova linha de metrô é considerada fundamental para desafogar o trânsito que se deteriora diariamente. A frota de cerca de 600 mil veículos representa 2,3 habitantes para cada veículo. Se for mantida a tendência de crescimento, em 25 anos a situação se tornará insustentável: a frota crescerá mais de 100%, chegando a 1,3 milhão, e a população aumentará 18%, passando a 1,6 milhão (um carro para cada 1,06 habitante).

A restrição da obra, com recursos do governo federal, depende da confirmação de Porto Alegre como uma das 12 sedes da Copa do Mundo de 2014. Sendo acentuado há mais de uma década pelos porto-alegrenses, é avaliada como importante para o desenvolvimento da cidade nos próximos 50 anos.

A primeira etapa, já aprovada de Metrô da Copa, seria uma linha de 15,3 quilômetros ligando o Centro à Zona Leste, com 16 estações ao longo do trajeto. Pelo projeto atual, a linha seria do Mercado Público, passando pelas proximidades dos estádios Beira-Rio e Olímpico, Rutilândia Universidade Católica (PUCRS) e Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), até chegar à Estação João de Oliveira Remígio. Quase todo o trajeto será subterrâneo.

Demonstração de Sistema Integrado de Transporte, o projeto do metrô de Porto Alegre compreende ainda outras duas fases, que seriam executadas posteriormente, nas duas décadas seguintes. O trajeto da segunda etapa da obra seria da Avenida Voluntários da

Na terceira fase, seriam 10,3 quilômetros de extensão, ligando a Assis Brasil à Avenida Bento Gonçalves, onde seria construída a estação João de Oliveira Remígio. No total, a rede circular seria formada por 37 quilômetros de trilhos, atendendo aos principais conglomerados habitacionais de Porto Alegre.

– Cada vez mais as grandes cidades terão problemas de mobilidade. Nas cidades com mais de 1 milhão de habitantes, as redes metroviárias subterrâneas são a principal alternativa por proporcionar a redução de carros e ônibus e garantir fluidez à mobilidade na superfície – avalia o diretor-presidente da Ibesarti, Marco Antônio Cunha.

A criação da nova linha de metrô estaria interligada com outros meios de transporte. O projeto prevê estações próximas a importantes terminais de ônibus. A previsão é transportar cerca de 300 mil pessoas por dia apenas no trecho entre o Mercado Público e a Estação João de Oliveira Remígio.

Para a realização de linha 2 do

Por que a obra é importante



Ubirajara Dutra, 53 anos, jornalista, morador da Vila Herculano e apaixonado beneficiário pela obra

“Sem dúvida, é uma obra importante. O metrô é mais barato e mais rápido porque para menos vezes. Vai evitar a tranqueira que existe hoje nos horários de pico, especialmente na Bento Gonçalves.”

> Diariamente, Zero Hora vai publicar a opinião de um especialista da área que ajudará a guiar o leitor no voto na obra apresentada.

Incluir no chamado PAC da Mobilidade, do governo federal. Desde 2007, conforme Cunha, estão assegurados,



ART: GUSTAVO FERREZ DE OLIVEIRA



Valor previsto para a obra:  
**R\$ 1,5 bilhão**

COMO ESTÁ

- > A obra: 15,3 quilômetros (10 subterrâneos) de primeira fase de linha circular de metrô, do Mercado Público até próximo ao Campus da UFRGS do Banco Gonçalves
- > Previsão de início: 2009 (em Porto Alegre foi uma das sedes da Copa)
- > Previsão de conclusão: final de 2012
- > Situação: falta decisão do governo federal de autorizar a obra. Depende de Porto Alegre ser uma das sedes da Copa

ANEXO H – REPORTAGEM 08

42 | Geral >

ZERO HORA > JUNTA | 14 | MAIO | 2009



3 PROJETOS PARA O RIO GRANDE

ZH detalha desde segunda as 15 obras que podem mudar o Estado. Hoje, é apresentada a revitalização do Cais do Porto. Você poderá escolher uma delas como a mais importante, ao votar pela internet ou por cupons publicados em ZH. As duas obras do interior e a da Região Metropolitana com mais votos terão suas execuções fiscalizadas até a finalização.

AS OBRAS EM VOTAÇÃO

- Região Metropolitana**
1. Construção de uma pista (para desligar o Pavão Central)
  2. Metrô do Porto Alegre
  3. Nova ponte do Gaúcho
  4. Revitalização do Cais do Porto da Capital
  5. Rodovia do Paçoço (BR-468), alternância à BR-116

**Interior**

6. Itaipava da Avenida (Bagé)
7. Resgate do Jaguar (Lavras do Sul, Rescdo do Sol e São Gabriel)
8. Duplicação do trecho rodoviário Porto Alegre-Rio Grande (trecho às BRs 195 e 382)
9. Duplicação do trecho Passo Fardo-Maua da RS-204
10. Duplicação do trecho Porto Alegre-Patrimônio Grande da BR-290
11. Duplicação do trecho Tabal Etelara da BR-306
12. Hospital Regional em Santa Maria
13. Novo aeroporto regional da Seara
14. Polo naval do Rio Grande
15. Ponte internacional Brasil/Argentina, na Região Noroeste

COMO VOTAR (ATÉ 29 DE MAIO)

**Por meio da internet**  
(www.zerohora.com)

Os interessados deverão cadastrar-se no site do portal do ZHES – www.zerohora.com –, preenchendo nome completo, telefone e FID, e votar na obra de sua preferência.

Cada leitor poderá votar em uma obra por dia, independentemente da categoria – Interior ou Região Metropolitana.

**Por meio de cupons**

Os cupons são publicados diariamente na página 2 de Zero Hora até o dia 29 de maio e deverão ser depositados (não sendo aceitas fotocópias) nas mesas eleitorais dispostas nos endereços listados ao lado.

**Para onde enviar os cupons**

**Bagé** – Rua São da Solimões, 1.150, sala 17 (8h00min às 12h/13h00min às 18h)

**Caxias** – Av. Calvo de Jesus, 401, loja 235 (8h00min às 18h)

**Canoas do Sul** – Rua Jacob Luchesi, 2.534, e Rua Bento Gonçalves, 1.563, Centro (8h às 12h/13h00min às 18h)

**Imbé** – Av. Osório, 110 (8h às 12h/13h00min às 18h)

**Novo Hamburgo** – Rua Bento Gonçalves, 1.731, sala 91 (8h às 12h/13h às 18h)

**Passo Fardo** – Rua Princesa Isabel (8h00min às 12h/13h00min às 18h)

**Peletas** – Rua Hipólito José da Costa, 155 (8h00min às 12h/13h00min às 18h)

**Porto Alegre** – Av. Ipiranga, 1.075 (8h às 18h)

**Santa Cruz** – Rua Assis Brasil, 793

(8h00min às 12h/ 13h00min às 18h)

**Santa Maria** – Av. Manoel Sirotsky Sobrinho, 25, e Rua Alberto Pasqualini, 80, Santa Maria Shopping, sala 1 (8h00min às 12h/14h às 18h)

**Santa Ângela** – Rua 15 de Novembro, 1.868, sala 102 (8h às 12h/13h00min às 18h)

Os cupons também poderão ser enviados pelos Correios para o seguinte endereço: ZHES – ZERO HORA – 3 PROJETOS PARA O RIO GRANDE, AV. PIRANGA, 1.075, 4º ANDAR – BARRIO AEREA, PORTO ALEGRE-RS, CEP 91040-000

Serão contabilizados apenas os cupons recebidos até o dia 29 de maio. Não serão contabilizados os votos em branco e os cupons rasgados.

**A SEÇÃO**

4 de junho – O resultado da votação popular será divulgado em Zero Hora.

Região Metropolitana

4 - Revitalização do Cais do Porto da Capital

Praticamente abandonado, a espera de uma solução há pelo menos duas décadas, o Cais do Porto da Capital tem potencial para se transformar num dos principais cartões postais do sul do país. A revitalização da área portuária seria um impulso turístico, econômico e comercial.

Successivos planos já foram formulados, mas jamais saíram do papel. Agora, surge um novo projeto, que pode mudar o cenário do centro

portuário e devolver o Gaúcho e o porto à cidade.

O último estudo, elaborado por uma empresa de consultoria, e pedido do governo estadual, prevê a construção de hotéis, estacionamentos, centros de compras e prédios comerciais da Usina do Gasômetro até a rodoviária.

Esse projeto ainda é um esboço, pois está prevista uma licitação, e a empresa vencedora poderá fazer alterações.



Por que a obra é importante

**Edemar Tutiklian**

Coordenador do plano executivo do projeto de revitalização do cais

*“A revitalização é um grande processo de desenvolvimento para Porto Alegre e para o Estado, com geração de milhares de empregos.”*

> Diariamente, Zero Hora publica o opinião de um especialista ou de alguém que poderá votar na obra apresentada



legíveis pelo patrimônio histórico, seriam destruídos para a abertura de uma grande praça. Dentro das estruturas, seriam construídos bares, restaurantes, lojas e centros culturais. Ao lado da Usina do Gasômetro, está prevista a construção de um

Por trás dos três metros do muro da Mauá esconde-se uma outra Porto Alegre. Essa cidade, que poucos conhecem, poderá ser descoberta nos próximos anos se a prometida revitalização do Cais do Porto sair do papel.

Depois de nove meses de análise, um novo projeto renova as esperanças de ver a região reintegrada à Capital. O governo do Estado já entregou à prefeitura a versão final da proposta que será encaminhada à votação na Câmara de Vereadores. A intenção é abrir a licitação nos próximos meses e concluir o novo complexo antes da Copa do Mundo de 2014.

A empresa vencedora executará as obras e arcará com os custos, avaliados hoje em R\$ 520 milhões. Em contrapartida, ficará com a concessão de exploração do local por 25 anos. O projeto em tramitação é um plano de negócios, que estabelece as regras de ocupação da área e já contempla análises de viabilidade urbanística e ambiental.

Pela projeção, o Muro da Mauá seria reduzido pela metade, dando visibilidade do Centro para o porto. Um ítem crítico circundaria pelos 2,5 quilômetros da área, possibilitando que o visitante desfrute de todo o

COMO ESTÁ

> A obra: revitalização dos armazéns com a construção de bares, restaurantes, espaços culturais, de entretenimento e lazer, escritórios, shopping e hotel

> Previsão de início: 2009

> Previsão de conclusão: 2013

> Situação: há um estudo sobre a revitalização. Previsto edital para contratar a empresa que licenciará a obra e explorará o local comercialmente por 25 anos. O processo deve passar antes pela prefeitura e pela Câmara dos Vereadores.



Valor para a obra:  
**R\$ 520 milhões**



## ANEXO I – REPORTAGEM 09

ZERO HORA &gt; QUINTA | 21 | MAIO | 2009

## Ponte do Guaíba pula para o segundo lugar

Em apenas 24 horas, a votação pela internet da campanha 3 Projetos para o Rio Grande observou uma grande virada na categoria Região Metropolitana.

A nova Ponte do Guaíba, que estava em quarto lugar na prévia de terça-feira, ganhou duas posições somente ontem e está a menos de 900 votos da líder da enquete, o Metrô de Porto Alegre.

— Estamos fazendo a nossa base na prefeitura de Guaíba. A prefeitura nos cedeu um espaço e estamos conversando com a população sobre a importância da construção da nova ponte para o desenvolvimento econômico da Metade Sul. E também para a questão das ambulâncias que ficam presas na ponte, um absurdo — afirma Sérgio Luiz Costa, presidente do movimento que defende a nova travessia sobre o Guaíba.

Costa diz que ele e sua equipe estão baseados em Guaíba e em Eldorado do Sul, mas pela inter-



net atinge todas as prefeituras e câmaras de vereadores da Metade Sul. E-mails foram enviados a prefeitos e vereadores de cidades prejudicadas pelos constantes içamentos da ponte atual, como forma

de mobilizar um número cada vez maior de pessoas.

### No interior, três obras disputam liderança

Se a Ponte do Guaíba cresce, o líder metrô também não se descuidou de sua mobilização. Desde terça-feira, a defesa da linha que saíria do Mercado Público, passaria pelo Estádio Beira-Rio e chegaria até o campus do Vale, no bairro Agronomia ganhou um aliado de peso. O Inter estampou em seu site o pedido para que colorados de todas as regiões votem na linha de transporte que pode ser mais um componente na escolha do Beira-Rio como estádio da Copa de 2014.

Na categoria Interior, três obras

### A PRÉVIA NA INTERNET (ATÉ AS 18H DE ONTEM)

#### REGIÃO METROPOLITANA

Metrô de Porto Alegre	31,22%
Nova ponte do Guaíba	21,70%
Rodovia do Parque (BR-448), alternativa à BR-116	19,61%
Construção de pelo menos um presídio para desafogar o Presídio Central	15,44%
Revitalização do Cais do Porto da Capital	12,02%

#### INTERIOR

Ponte Internacional Brasil/Argentina, na Região Noroeste	30,12%
Duplicação do trecho Tabai-Estrela da BR-386	28,05%
Duplicação do trecho Passo-Fundo-Marau da RS-324	21,51%
Duplicação do Eixo rodoviário Poa-Rio Grande (inclui as BRs 116 e 392)	9,19%
Hospital Regional em Santa Maria	4,20%
Barragem da Arvorezinha (Bagé)	2,11%
Novo aeroporto regional da Serra	1,47%
Polo Naval de Rio Grande	1,24%
Duplicação do trecho Porto Alegre-Pantano Grande da BR-290	1,25%
Barragem do Jaguarí (Lavras do Sul, Rosário do Sul e São Gabriel)	0,79%

estão, desde o início da votação, recebendo o maior número de votos. A ponte internacional Brasil/Argentina no Noroeste, a duplicação do trecho Tabai-Estrela da BR-386 e a duplicação do trecho Passo-Fundo-Marau da RS-324 disputam a indicação de principais obras do Estado. A ponte está na frente da duplicação da BR-386 por 437 votos, o que mostra uma disputa emocionante. Na terça-feira, a dife-

rença era ainda menor: 390 votos. Embora siga colada na líder, a duplicação da BR-386 ficou também mais próxima de ser alcançada pela obra que está em terceiro lugar. Ontem, a RS-324 conseguiu diminuir em 150 votos a distância que a separa da 386, resultado de uma mobilização que inclui distribuição de folhetos e um link no site da prefeitura de Marau direto para a votação em [zerohora.com](http://zerohora.com)

Zero Hora em 21/05/2009

ANEXO J – REPORTAGEM 10

4 | Reportagem Especial >

ZERO HORA > SEXTA | 22 | MAIO | 2009



# Gaúchos disputam obras voto a voto

Do norte de Santa Catarina, o arquiteto gaúcho Mateus Szamrowsky, 30 anos, mantém-se atento aos acontecimentos do Estado.

Anavegar pela internet e deparar com a campanha 3 Projetos para o Rio Grande, no site de Zero Hora, ele passou a disparar e-mails incentivando amigos e familiares a participar da votação que escolherá as obras que serão fiscalizadas pelo jornal até sua conclusão.

Nascido em São Lourenço do Sul, o arquiteto estimula seus contatos a votarem na duplicação do eixo rodoviário Porto Alegre-Rio Grande, que inclui as BRs 116 e 392. Além dos e-mails, ele escreve textos sobre a campanha em seu blog.

A duplicação desse trecho é essencial para a Meleão Sul. Chega de a região ficar às margens do desenvolvimento, de ser polo exportador de mão-de-obra qualificada e de os filhos dessa terra terem de sair das cidades em que nasceram para trabalhar em outras regiões do Estado ou do país – argumenta o biógrafo, que vive desde 2004 em Joinville.

Até o momento, a obra apontada por Szamrowsky ocupa a quarta posição entre as 10 listadas no Interior, com 8,81% dos votos. As duas do Interior e a mais votada da Região

é a que apresenta a maior trajetória ascendente (veja quadro).

Até segunda-feira, a nova ponte ocupa a quinta e última posição entre as obras da Região Metropolitana, com 12,10%. No dia seguinte, já tenta subir para a quarta posição. Desde quarta-feira, a obra ocupa o segundo lugar na prioridade dos leitores. Olen, já estava com 25,57%, a apenas 886 votos de desbancar o metrô de Porto Alegre, que lidera desde o início.

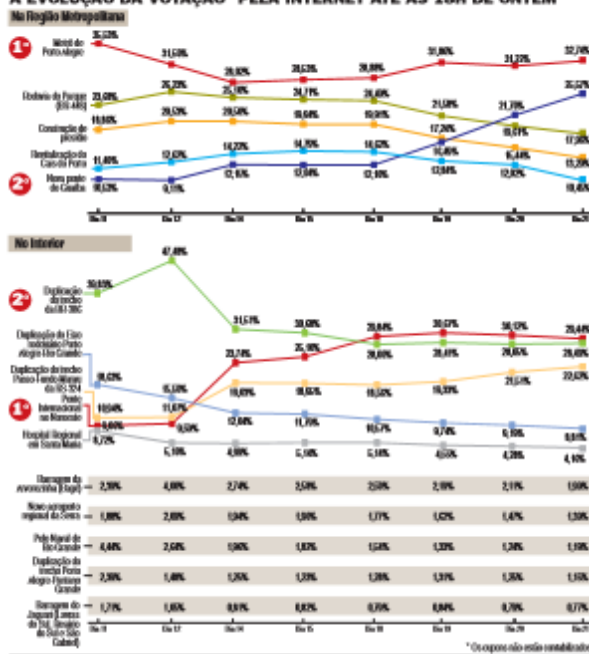
A virada é resultado da mobilização dos municípios que mais dependem da ponte, consorciados pelo Movimento Ponte do Gaúcho. A população é incentivada a votar na obra em dois computadores instalados no saguão da prefeitura de Curitiba. Em

um telão, são apresentadas as problemáticas geradas pelos congestionamentos da atual ponte.

O vídeo mostra tomadas aéreas de um grande congestionamento por causa de um acidente. Mostramos quatro ambulâncias trançadas, mas não se sabe se eram casos de urgência. Já tivemos perdas de vidas por isso. As pessoas assistem, se emocionam e votam – afirma o presidente do movimento, Sérgio Luis Costa.

A mobilização em favor do metrô de Porto Alegre, também chamado de Metrô da Copa, ganhou reforço de peso. O Inter estacionou em seu site o pedido para que os cidadãos de todas as regiões votem no projeto, que pode ser mais um com-

## A EVOLUÇÃO DA VOTAÇÃO\* PELA INTERNET ATÉ AS 18H DE ONTEM



Zero Hora em 22/05/2009

## ANEXO K – REPORTAGEM 11

36 | Geral &gt;

ZERO HORA &gt; DOMINGO | 24 | MAIO | 2009



## Votos ilustres pelo Rio Grande

A partir das 15 obras que integram a campanha 3 Projetos para o Rio Grande, personalidades gaúchas foram convidadas por Zero Hora a abrir seus votos e a apresentar suas justificativas. Mais de 20 pessoas que se destacam em áreas variadas – econômica, esportiva, cultural e política – e que vivem ou se identificam com diferentes regiões do Estado foram consultadas. Algumas delas não quiseram abrir o voto, embora tivessem uma obra preferida. Outras, tinham mais de uma opção.

Por isso, ZH publica a opinião de 14 dessas pessoas, que defenderam apenas uma obra considerada prioritária para os gaúchos.

Desde o dia 11 de maio, as iniciativas que podem transformar radicalmente diversas regiões do Estado vêm sendo detalhadas diariamente em reportagens no jornal, enquanto a população pode fazer suas escolhas por meio de cupons, por telefonemas e pela internet, no site [www.zerohora.com](http://www.zerohora.com) (confira as instruções na página ao lado). As três iniciativas vencedoras – uma

localizada na Região Metropolitana e duas no Interior do Estado – terão suas execuções fiscalizadas por Zero Hora até a inauguração da obra, leve o tempo que for.

Mas preste atenção. A votação está chegando ao fim – segue só até a próxima sexta-feira. As obras selecionadas serão divulgadas até o dia 4 de junho.

Confira, a seguir, as preferências dos entrevistados e, na página ao lado, a parcial da votação pela internet na manhã deste sábado:

ZERO HORA.COM

Gráfico mostra as 15 obras mais importantes. Acesse e vote em [www.zerohora.com](http://www.zerohora.com)

### OBRAS NA REGIÃO METROPOLITANA

#### Rodovia do Parque (BR-448), alternativa à BR-116



“Como cidadão, eu apoiaria a Rodovia do Parque (BR-448), alternativa à BR-116. Claro

que também olharia para uma nova ponte do Gualba, também é importante, devido à ligação com o Mercosul. Mas a Rodovia do Parque, aliada a um aumento na velocidade para 100km/h e a um controle rigoroso, que obrigue os caminhões a andar na esquerda, é muito urgente. Colocar pardal móvel em horário de pouco fluxo para manter aquela velocidade, na minha opinião, é puramente arrecadatório.”

soluções nunca saem do papel. Só quem utiliza diariamente a BR sabe do suplício que os motoristas enfrentam. Segundo, temos de valorizar cada vez mais a Zona Norte, onde está a maioria da população de baixa renda. Terceiro, teremos mais uma alternativa de acesso à Arena do Grêmio, que deve revitalizar o Humaitá.”

**CARLOS GERBASE, CINEASTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**



“A Rodovia do Parque é uma obra que vai desafogar a BR-



**PAULO PAIM (PT), SENADOR**

“Hoje, é o foco de maior loucura, de maior entrave.

É um absurdo, não tem explicação hoje, acidentes, mortos, atrasos. É também a obra mais rápida, menos cara e que equaciona realmente esse problema que eu considero gravíssimo.”

**PEDRO SIMON (PMDB), SENADOR**



“A grande obra, no sentido de urgência, e não de importância, pois todas são,



“Porque vai desafogar o trânsito da cidade e permitirá aos porto-alegrenses conhecerem a cidade e atravessarem-na de forma mais rápida.”

**DUDA KROEFF, PRESIDENTE DO GRÊMIO**



“Pensando no desenvolvimento do nosso Estado, apoiaria o projeto do metrô, pois a maioria das

grandes cidades do mundo usufrui desse recurso que moderniza o transporte público tanto para moradores quanto para turistas que visitam a Capital.”

**MARCEL STÜRMER, PATINADOR**



“Pela acessibilidade ao estádio Beira-Rio, pelo avanço, o conforto ao usuário,

a velocidade. Seria um acréscimo fantástico. Também já pensando na Copa de 2014, até porque o início do trem será em direção ao Beira-Rio.”

**VITORIO PIFFERO, PRESIDENTE DO INTER**

Zero Hora em 24/05/2009

## ANEXO L – REPORTAGEM 12

ZERO HORA &gt; SEGUNDA | 25 | M

## Final empolgante no Interior e na Capital

Um final de semana de intensa mobilização incendiou a votação pela internet da campanha 3 Projetos para o Rio Grande.

Na parcial divulgada às 17h19min de ontem, há um empate técnico na segunda posição na eleição para apontar a obra prioritária para a Região Metropolitana e outra disputa voto a voto na escolha da segunda construção do Interior (a votação indicará duas obras no Interior). O prazo de votação se encerra na sexta-feira.

Na Região Metropolitana, o metrô de Porto Alegre se mantinha na frente no final da tarde de ontem, mas com apenas 26 votos de diferença para a nova ponte do Guaíba. É a menor distância desde que o metrô tomou a frente na disputa. O que chama atenção é a mobilização para a ponte do Guaíba, que no dia 17 ocupava o último lugar entre as opções. Um esforço que contou com o auxílio das prefeituras de Guaíba e de Eldorado do Sul e se estendeu a todos os municípios da Metade Sul reverteu o resultado e garantirá um final empolgante para a disputa.

Em Guaíba, os partidários da ponte montaram um quartel-general na prefeitura, onde captam eleitores pa-

ra a campanha. O metrô contra-ataca utilizando duas paixões dos gaúchos, a dupla Gre-Nal. Inter e Grêmio estão apoiando e fazendo campanha pelo transporte que será fundamental caso a Capital seja indicada como uma das sedes da Copa de 2014.

### BR-386 e RS-324 disputam voto a voto

No Interior, a guerra está se concentrando no segundo lugar. A mobilização opõe a duplicação do trecho Tabaf-Estrela da BR-386 e a duplicação do trecho Passo Fundo-Marau da RS-324. Ontem, a diferença, que já foi de mais de mil votos, estava em apenas 390. E pode cair ainda mais com um uma blitz marcada para esta manhã na RS-324. Defensores da obra e voluntários da ONG Vida Urgente estarão no trecho da rodovia, em frente ao posto do policiamento rodoviário, para mostrar a importância de votar pela duplicação da rodovia que mais tira vidas na região.

A partir das 10h30min, eles entregarão folhetos para os motoristas. A ideia é atingir o público que enfrenta todos os dias o trânsito perigoso da estrada.



### PARTICIPE

Você está engajado na campanha 3 Projetos para o RS? Mande o relato de sua mobilização em [geral@zerohora.com.br](mailto:geral@zerohora.com.br)



Zero Hora em 25/05/2009

## ANEXO M – REPORTAGEM 13

ZERO HORA &gt; QUARTA | 27 | MAIO | 20

## Reviravolta no resultado



3 PROJETOS PARA O RIO GRANDE

Durou menos de 24 horas a liderança da Ponte do Guaíba na campanha 3 Projetos para o Rio Grande.

Na parcial divulgada no final da tarde de ontem, o Metrô de Porto Alegre, líder desde o início da votação, recuperou o posto de primeiro lugar na enquete perdida na segunda-feira.

Além de e-mails diários enviados a uma lista, o metrô ganhou o reforço de peso da dupla Gre-Nal. Os principais clubes do Estado estão fazendo propaganda para a linha 2 do metrô, fundamental para a Capital ser escolhida como uma das sedes da Copa de 2014. Os adeptos da ponte prometem reagir.

No Interior, também houve alteração. Na disputa pelo segundo lugar (o primeiro segue com a Ponte Internacional Brasil-Argentina na Região Noroeste), a duplicação da RS-324 superou a obra de duplicação do trecho Tabaf-Estrela da BR-386. A diferença é mínima e foi resultado de uma mobilização realizada na rodovia que liga Passo Fundo a Marau na terça-feira. Voluntários e integrantes da Fundação Thiago Gonzaga invadiram a pista e distribuíram folhetos e adesivos para os motoristas.

A votação – por telefone, cupons e internet – se estende até sexta-feira.

### A PRÉVIA POR INTERNET E POR TELEFONE (até as 18h30min de ontem)

#### Na Região Metropolitana

Metrô de Porto Alegre	40,27%
Nova ponte do Guaíba	31,27%
Rodovia do Parque (BR-448), alternativa à BR-116	12,99%
Construção de pelo menos um prédio para alugar a desobrigar o Presépio Central	8,94%
Revitalização do Calçadão do Porto da Capital	6,54%

#### No Interior

Ponte Internacional Brasil/Argentina, na Região Noroeste	32,51%
Duplicação do trecho Passo-Fundo-Marau da RS-324	25,42%
Duplicação do trecho Tabaf-Estrela da BR-386	25,23%
Duplicação do Eixo rodoviário Porto Alegre-Rio Grande (inclui as BRs 116 e 386)	6,70%
Hospital Regional em Santa Maria	3,85%
Barragem da Ancezinha (Bagé)	2,63%
Novo aeroporto regional da Serra	1,01%
Duplicação do trecho Porto Alegre-Pantano Grande da BR-290	0,98%
Polo Naval de Rio Grande	0,74%
Barragem do Jaguarí (Lavras do Sul, Rosário do Sul e São Gabriel)	0,69%

Letícia de Aze

### Pelo Estado

> Não é por acaso que a Ponte Internacional Brasil/Argentina na Região Noroeste lidera a campanha 3 Projetos para o Rio Grande. A mobilização virtual é grande, como mostra o e-mail, da URIL, ao lado.



> Ontem, o deputado estadual Gilmar Sossella (PDT) esteve na Redação de ZH para confirmar o seu voto na duplicação do trecho Passo Fundo-Marau da RS-324. Ele elogiou a iniciativa do jornal e falou da empolgação da comunidade. Segundo ele, a obra da RS-324 economizará muitas vidas. Sossella deposi-

tu seu cupom em uma disponível no prédio de ZH (Avenida Ipiranga, 1.075)

> Uma nova disputa começa a se desenhar na campanha: qual obra terá menos votos? Até o início da semana, a Barragem do Jaguarí era lanterna absoluta. Mas nos últimos dias, houve reação da região de Lavras do Sul, Rosário do Sul e São Gabriel, e a obra já está praticamente em empate técnico com o Polo Naval de Rio Grande.

### PARTICIPE

Você está engajado na campanha 3 Projetos para o RS? Mande o relato de sua mobilização em [geral@zerohora.com.br](mailto:geral@zerohora.com.br)



O que você acha mais importante: construir uma estrada nova ou uma

## Como votar na internet

### 1º PASSO

Na página www.zerohora.com.br

### 2º PASSO

Com o código de verificação, é necessário se registrar no

Zero Hora em 27/05/2009

ANEXO N – REPORTAGEM 14

42 |

ZERO HORA > SEXTA | 29 | MAIO | 2009

**Geral >**  
 geral@zerohora.com.br

**As regras do novo Enem**  
 Página 46

**Barragem se rompe no Piauí**  
 Página 48

Editor executivo: Diego Araújo > 5119-4727 Editor: Alexandre Elias > 5119-4752 Coordenador de Produção: Marcelo Fleury > 5119-4738

**Infraestrutura** Leitores têm até as 23h59min de hoje para votar na obra que consideram prioritária

# Último dia para escolher 3 Projetos para o Rio Grande

Você tem até as 23h59min de hoje para ajudar a eleger um projeto para o futuro do Estado. Para os gatchos, o fim do processo marca o início de uma nova fase: o momento em que Zero Hora passa a acompanhar e fiscalizar de perto as três obras escolhidas como prioritárias para o desenvolvimento do Estado.

O voto em uma das 15 obras listadas pela campanha pode ser feito por telefone, pela internet e pelos cupons publicados em ZH entre 10 e 29 de maio (consulte detalhes da votação na página 43). Seção contabilizada apenas os cupons recebidos até hoje.

As três obras escolhidas pelos leitores — uma na Região Metropolitana e duas no Interior — serão construídas na próxima quinta-feira, dia 4.A partir daí, o jornal se comprometerá no acompanhamento dos projetos prioritários pelos gatchos até que sejam finalizados. A função de fiscalizar a execução das obras será feita independentemente do tempo que necessitar até o corte da obra inaugural. A iniciativa marca os 45 anos de Zero Hora.

**Assimile entregou 12 cupons na sexta-feira**

Com 12 cupons em mãos, o militar administrativo Mário Steffens, 64 anos, foi ontem depositar seus votos na campanha 3 Projetos para o Rio Grande em Santo Ângelo, nas Missões. Ele aproveitou a proximidade do local de trabalho, o Hospital Santo Ângelo, com o ponto onde está a urna na cidade, na Casa Zero Hora Missões, para aumentar a votação da ponte Inter-nacional Brasil/Argentina, na Região Nordeste.

Assimile de Zero Hora há 10 anos, ele tem recortado os cupons do jornal desde o início da campanha. No total, já foram 22 votos a favor da ponte, incluindo os 12 de ontem. Para ele, é preciso participar pessoalmente que obras importantes ao desenvolvimento gatcho saiam do papel.

— A campanha está apresentando possibilidades de desenvolvimento



Steffens juntou cupons de jornais de maio e colocou na urna em Santo Ângelo

Hoje é o último dia para votar na campanha 3 Projetos para o Rio Grande. E sabe como você pode ajudar a definir o futuro do lugar onde vive? Assista.



- 1 - Pergunte para o seu pai onde estão os jornais deste mês;
- 2 - Pegue uma tesoura e recorte os cupons de votação publicados desde 10 de maio;
- 3 - Depois, entregue os cupons para o seu pai e peça para ele escolher que obra acha mais importante.

Você pode procurar os jornais velhos e recortar os cupons também. Olha aí embaixo as páginas em que saíram os cupons:

Data	Página	Data	Página
10 a 15/05	2	Sábado	36
17/05	22	Domingo	37
18/05	26	Segunda	26
19/05	26	Terça	32
20/05	36	Quarta	36
21/05	36	Quinta	49
22/05	48		

As três obras mais votadas pelo público serão acompanhadas por Zero Hora até que estejam prontas. Leve o tempo que levar, o jornal vai ficar em clima dos governos para que as obras saiam do papel. Além dos cupons, que devem

ser depositados nas Casas ZH no Interior ou nos jornais do Grupo RBS, também é possível votar por telefone e pela internet. Fale para o seu pai participar. É importante para ele, para você e para o Rio Grande do Sul.

76434448  
 2 x 2,1  
 PARCELA FIDUCIÁRIA  
 SOCIEDADE DE ENSINO COMENIUS L

## Duelo final: BR-386 X RS-324

O último dia de votação será emocionante para duas comunidades que disputam o segundo lugar na categoria Interior da campanha 3 Projetos para o Rio Grande.

Ambas querem a duplicação de rodovias de grande movimento, que causam muitas mortes. De um lado, o trecho 'Tabaí - Estrela' da BR-386. Do outro, o trecho Passo Fundo - Marau da RS-324. A mobilização é intensa, e o resultado será decidido pelo estorço do ho-

gão Nordeste.

Na Região Metropolitana, o metrô de Porto Alegre, após perder a liderança no início da semana, aumentou a diferença sobre a ponte do Guaíba nos dois últimos dias. Mas a mobilização pela travessa continua grande, com a distribuição de folhetos e envio de militares de e-mails diariamente.

A construção da linha 2 do metrô tem dois apoiadores de peso: a dupla Circ. Nat. O projeto, tam-

A PREVIA POR INTERNET E POR TELEFONE (até as 23h de ontem)

Na Região Metropolitana	
Metrô de Porto Alegre	42,7%
Novo Ponte do Guaíba	31,2%
Rodovia do Parque (BR-448), Alterados a BR-116	11,2%
Construção de pelo menos um grande para ajudar a desligar o Pontão Central	8,2%
Reabilitação do Calçadão Ponte da Capital	5,4%
No Interior	
Ponte Internacional Brasil/Argentina, na Região Nordeste	35,6%
Duplicação do Trecho Tabá - Estrela da BR-386	26,8%
Duplicação do Trecho Passo Fundo-Marau da RS-324	24,9%
Duplicação do Trecho Tabá - Estrela da BR-386 (até 11 e 30)	4,8%
Travessa Regional em Santo Ângelo	3,0%
Travessa em Arroio do Meio	2,8%

## ANEXO O – REPORTAGEM 15

| 48 | Esportes &gt;

ZERO HORA &gt; SÁBADO | 30 | MAIO | 2009



## Escolha das sedes

# Quem pode mais

## Belém

Com uma população de 1.498.847 habitantes, a capital do Pará ocupa uma área de 1.065 km². O PIB per capita é de R\$ 8,765 mil e a economia baseia-se nos atividades de comércio, serviços e turismo. A construção do Parque do Esporte e Lazer do Estado do Pará, com mirigolitas e quadras de esporte, é uma das mudanças previstas no projeto da cidade para a Copa.



ESTÁDIO DO MANICORÉ

Pequenos ajustes devem ser feitos no local. A instalação de cadeiras com encosto diminuirá a capacidade de 45,127 mil espectadores para 43,798 mil. Também está previsto um centro comercial e a ampliação do espaço para a imprensa.

A aprovação teve um custo de 17 capitais, inclusive a do país, e vai até as 15h30min deste domingo. Será a hora em que a Fifa anunciará, direto das Bahamas, as 12 cidades-sede dos jogos da Copa de 2014. A partir daí, entram em ação com força total os planos de qualificação das esportistas, até porque a Fifa costuma ser implacável com o cumprimento das exigências.

Certo é que as sedes anunciadas amanhã já foram definidas, com exceção de uma – haverá dúvida entre Manaus e Belém, e a decisão sairá já nas Bahamas. A Fifa fez uma espécie de distribuição geográfica e irá

contemplar todas as regiões do país.

Dentro deste raciocínio, sobressaem as favoritas – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Brasília. A partir daí, aparecem com boas chances Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, Natal, uma cidade do Pantanal (Ciudad ou Campo Grande) e a sede do Norte (Manaus ou Belém). Florianópolis, Rio Branco e Goiânia parecem correr por fora.

Também parece provável que o jogo de abertura ocorra em São Paulo, e a final, no

## ZERO HORA

Conteúdo digitalizado e vídeos sobre as sedes da Copa do Mundo de 2014 em [www.zerohora.com](http://www.zerohora.com)

Manaus. Outro indicativo é que as cidades preferidas pela Fifa funcionarão como bases para seleções. Não se do caso de Vitória, no Espírito Santo, que sequer se candidatou a sede, mas deve receber um time. A informação circula em Brasília, um dos centros nos quais deputados, senadores, prefeitos e governadores fazem lobby em prol de suas candidaturas.

Passada a festa de anúncio, após o anúncio, será hora de as cidades arregaçarem as mangas. Terão de tirar do papel os planos que aparecem nestas duas páginas. Curitiba,

## Porto Alegre

A capital dos gaúchos tem 1.420.667 habitantes e está situada em uma área de 487 km². Com PIB per capita de R\$ 20,9 mil, tem destaque nos indicadores de qualidade de vida. Como candidata a sede da Copa, prevê a ampliação do aeroporto Salgado Filho, duplicação de avenidas e o primeiro tchão do metrô, além de outras obras de infraestrutura.



ARENA DO GRÊMIO

Complexo a ser construído no bairro Humaitá. Pode ser usado de suporte para a Copa (52 mil toneladas sentadas). Hotel, shopping e outros empreendimentos previstos. Custo: R\$ 207 milhões (já a Arma). Entrega em dezembro de 2012.



GIGANTE PARA SEMPRE

Após uma remodelação, será coberto por uma estrutura metálica e terá capacidade para 60 mil torcedores. O complexo prevê três torres de 52 metros (duas para hotéis e uma centro de medicina esportiva), centro de convenções e metrô.

## Belo Horizonte

Capital de Minas Gerais, tem 2.412.307 habitantes. Situada em uma área de 381 km² e com PIB per capita de R\$ 13,636 mil, a cidade concentra sua economia na prestação de serviços. O projeto entregue à Fifa para se tornar sede da competição mundial prevê a ampliação do metrô, o alargamento da Avenida Antônio Carlos e a revitalização da Avenida Amazonas.



ESTÁDIO MINEIRÃO

Necessita de reformas para se

## Brasília

A capital federal tem 2.455.000 habitantes. Situada em uma área de 5.802 km² e com um PIB per capita de R\$ 37,8 mil, a cidade sempre teve como principais bases de sua economia a construção civil e o varejo. No projeto para transformar o município em sede dos jogos, está a preparação de crianças, para atuarem como voluntárias na Copa do Mundo.



ESTÁDIO MANÉ GARRINCHA

Após a realização da reforma,

## Campo Grande

Capital do Mato Grosso do Sul, com 794.524 habitantes, localizada em uma área de 8.096 km², e com PIB per capita de R\$ 10,244 mil. A cidade é o principal polo econômico da região. A proposta entregue aos técnicos da Fifa prevê um investimento de R\$ 500 milhões na infraestrutura do município. Sede implantada: avenidas e linhas de ônibus.



ESTÁDIO MOREIRÃO

Com a reforma prevista, a capacidade

## Cuiabá

A capital do Mato Grosso tem 525.930 habitantes. Localizada em uma área de 3.538 km² e com PIB per capita de R\$ 13,244 mil, a cidade concentra a economia no comércio e na indústria. O município tem 25 hotéis e capacidade para acomodar mais de 3,5 mil pessoas. No projeto apresentado para sediar o Mundial de 2014, estão previstas cinco obras vitais.



ESTÁDIO VERDÃO

Atualmente comporta 45 mil lugares,

## Curitiba

Com uma população de 1.797.408 habitantes, a capital do Paraná situa-se em uma área de 435 km². O PIB per capita é de R\$ 17,977 mil, e a cidade tem o perfil econômico baseado na indústria. Tem a maioria dos esportes exigidos pela Fifa e apresenta uma boa estrutura de transportes. O sistema coletivo Lightbus serve de modelo para várias cidades do mundo.

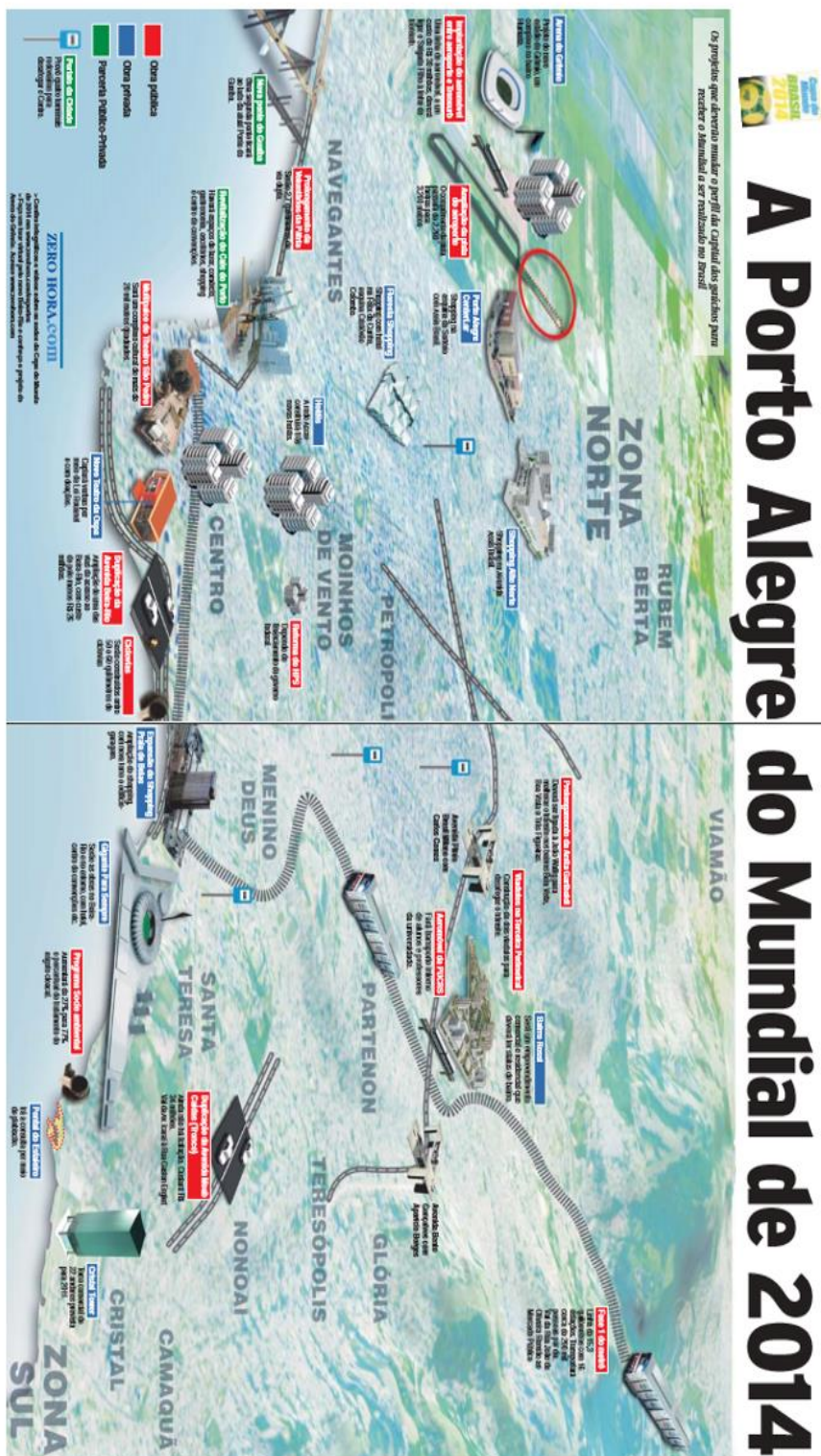


ARENA DA BAIXADA

O número de espectadores que

Zero Hora em 30/05/2009

ANEXO P – REPORTAGEM 16

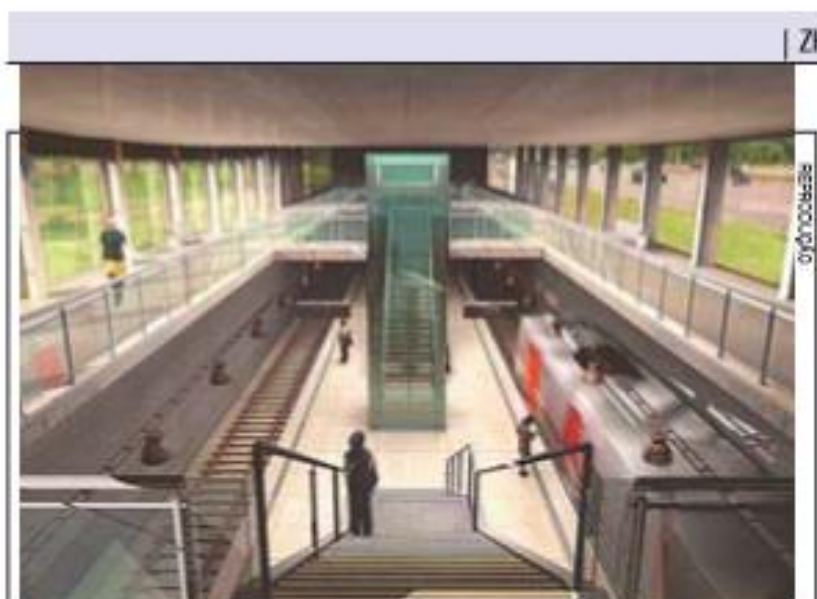


Zero Hora em 31/05/2009





## ANEXO R – REPORTAGEM 18



## Metrô próximo à Zona Sul

Quando a primeira etapa do metrô de Porto Alegre estiver pronta, a estação Beira-Rio (*reprodução acima*) beneficiará moradores da Zona Sul. Essa fase inicial, prevista para estar pronta em 2013, terá um traçado do Mercado Público até a Avenida João de Oliveira Remião, próximo do Campus do Vale da UFRGS, passando por Borges de Medeiros, José de Alencar, Azenha e Bento Gonçalves. A opção de transporte é uma das promessas para a Copa de 2014, com investimento de R\$ 2,5 bilhões. A estimativa é atender a 290 mil passageiros ao dia em um trajeto de 15,3 quilômetros, dividido em 16 estações, que abrangerá 15 bairros.

As obras não têm data para começar, pois dependem de liberação de verba do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) da Copa.

O assessor técnico da Superintendência de Desenvolvimento e Expansão da Trensurb, Rubenildo de Azevedo Ignacio, espera obter uma definição quanto aos recursos até julho. A Linha da Copa integra o Plano Integrado de Transportes e Mobilidade Urbana, desenvolvido com a Trensurb, a Metroplan e a Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC). Pelo estudo, o trajeto completo do metrô será circular e totalizará 34 quilômetros, o que deverá ser feito em mais duas etapas.

Zero Hora em 26/06/2009

## ANEXO S – REPORTAGEM 19

CONHEÇA SEU VIZINHO

**A história de Renata no bairro**

Página 12

PERÍODO DESTA EDIÇÃO

JUNHO 2009												JULHO 2009											
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB										
1	2	3	4	5	6		1	2	3	4	5	6	7										
7	8	9	10	11	12	13	8	9	10	11	12	13	14										
14	15	16	17	18	19	20	15	16	17	18	19	20	21										
21	22	23	24	25	26	27	22	23	24	25	26	27	28										
28	29	30					29	30	31														

Preço de edição: 2327

O NOME

**Dancei e as letras na Rua Botafogo**

Página 5

---

PORTO ALEGRE, JUNHO / JULHO DE 2009

# ZH MENINO DEUS

Ano 4 – Nº 43

Circula nos bairros **Azenha, Menino Deus e Praia de Belas**

**MENINO DEUS**

Esta edição circula com 13.300 exemplares

---

## R\$ 2,5 bilhões chegam de trem à região

**ANGELA VERCATO**

*Especial*

Uma das mudanças que os moradores dos bairros Menino Deus, Azenha e Praia de Belas vão enfrentar nos próximos anos chegará de trem. A instalação de estações do trem-surf, percorrendo a Avenida Borges de Medeiros, a Rua José de Almeida, a Avenida da Azenha e a Avenida Bento Gonçalves, é um benefício atribuído à Copa do Mundo de 2014.

Uma das promessas para o evento, a primeira etapa do metrô de Porto Alegre, quando sair do papel, ligará o bairro à Avenida João de Oliveira Lima, próximo ao Campus do Vale da UFPA. A nova linha, que estará interligada a outros modais de transporte coletivo da cidade e da Região Metropolitana, atenderá a uma demanda de 290 mil passageiros ao dia, com abrangência de 15 bairros e extensão de 15,3 quilômetros. No total, o investimento será de R\$ 2,5 bilhões.

Não há data para o início das obras, que dependem de verba do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) da Copa. O assessor técnico da Superintendência de Desenvolvimento e Expansão da Trasmetrô, Rubens de Azevedo Iguaçu, espera obter uma definição quanto aos recursos até julho — a meta é concluir essa fase até 2013. O trecho do Mercado Público até a UFPA terá 16 estações e deve gerar 184 mil empregos diretos e indiretos. Serão usados 64 trens com capacidade para 1.000 passageiros.

A Linha da Copa integra o plano de serviço por Trasmetrô, Metrogam e Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC). No estudo, o todo o projeto do metrô será circular, em um total de 34 quilômetros.

Comunidade costará com estação do trem-surf próximo ao Praia de Belas Shopping, na Avenida Borges de Medeiros

### Obras por todos os lados

Hoje, duas construções podem ser vistas na região — a do novo edifício do Foro Central de Porto Alegre, na Ipiranga, com o Edvaldo Pereira Pava, e a do prédio comercial do Praia de Belas, na Borges. Na mesma avenida, pode ser erguida uma unidade do Bourbon Shopping — em fase de estudo.

No quarteirão do Foro, ficarão as sedes da Federação Gaúcha de Futebol (FCF) e do Memorial Luís Carlos Prestes, com projeto de Oscar Niemeyer. A área tem 5 mil metros quadrados, e a autorização de uso foi sancionada pelo prefeito José Fogaça, em junho.

Também na Edvaldo Pereira Pava, um prédio abrigará o Caminho da Soberania, numa área de 23 mil metros quadrados. Não, constarão memoriais dos ex-presidentes Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola.

O local foi doado pelo prefeito, em 2008, à Fundação Caminho da Soberania, que fará a obra — outro projeto de Niemeyer. Segundo o arquiteto Hermes Tebete da Rosa, não há previsão de início, e o custo será de cerca de R\$ 1,5 milhão.

No terreno do Tribunal de Justiça do Estado, entre Borges e Azeiteiro, será erguido um anexo do órgão. A movimentação requer alterações no trânsito. No entorno do shopping, o projeto da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) será executado pela Iguaçu Empresa de Shopping Centers, que também investirá em um trecho da ciclovía na Ipiranga.

### AS OBRAS QUE A REGIÃO AGUARDA

Menino Deus, Azenha e Praia de Belas receberam investimentos de grande porte nos próximos anos:

- 1 Novo edifício do Foro Central de Porto Alegre
- 2 Prédio comercial do Praia de Belas Shopping
- 3 Construção de uma unidade do Bourbon Shopping
- 4 Edifício Gaúcho da Federação Gaúcha de Futebol (FCF) e Memorial Luís Carlos Prestes
- 5 Anexo ao Tribunal de Justiça do Estado
- 6 Caminho da Soberania
- 7 Expansão do Praia de Belas - Deck Parking e torre comercial

--- Linha do metrô  
 [ ] Estação do metrô

LEIA MAIS NA PÁGINA 3 >

Zero Hora em jun./jul/09

## ANEXO T – REPORTAGEM 20

50 Geral

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 2009

## RUMO À COPA

# Capital apresenta obras a ministro

Promessa é investir R\$ 5,3 bilhões em melhorias para sediar o Mundial

Se as promessas forem cumpridas, Porto Alegre vai se transformar em um cantinho de obras até a Copa do Mundo de 2014.



Em reunião na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), diante do ministro do Esporte, Orlando Silva, de autoridades políticas, empresariais e esportivas gaúchas,

o prefeito José Fogaça apresentou os 16 empreendimentos que devem ser realizados para preparar a Capital para o Mundial.

A lista inclui investimentos públicos e privados, que consumirão mais de R\$ 5,3 bilhões para modernizar Porto Alegre.

Entre as obras previstas, estão a ampliação da pista do Aeroporto Internacional Salgado Filho, a cons-

trução da nova linha do metrô e a duplicação de avenidas.

– Uma copa mundializa uma cidade, e Porto Alegre precisa estar à altura dessa mundialização. Não se deve construir um elefante branco e depois ser abandonado, e sim obras para melhoria da qualidade de vida das pessoas. E elas valem mais do que a disputa dos jogos por si só – afirmou Fogaça, instantes antes de discorrer sobre os projetos que contam com verbas da União, do Estado, do município e da iniciativa privada.

Mostrando-se entusiasmado com o que foi exposto, o ministro Orlando Silva reforçou o compromisso das subsedes com o cronograma de obras. Ele disse que, em no máximo três meses, governadores e prefeitos envolvidos com o Mundial serão chamados para encontros com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com objetivo de definir o que chamou de “matriz de respon-

sabilidades”. Até o momento, não foi apresentado um calendário para execução das obras.

Orlando Silva também lembrou que em breve chegará ao Congresso, para ser votado até o final do ano, um projeto chamado de Lei da Copa. Entre as medidas, o projeto prevê mudança temporária na legislação tributária brasileira, válida até o final de 2014, para atender a exigências da Fifa, como fixação de alíquota de impostos sobre o preço dos ingressos e a flexibilização de regras para entrada de equipamentos no país.

– É comum patrocinadores da Copa doarem para as cidades os ônibus usados pelas seleções, e esse procedimento precisa ser facilitado – explicou o ministro.

Anfitrião do encontro, o presidente da Fiergs, Paulo Tigre, salientou a importância dos projetos para inserir Porto Alegre e o Estado no mapa mundial.

### Os empreendimentos previstos

- 1 Ampliação em 920 metros da pista do Aeroporto Salgado Filho
- 2 Implantação do projeto Portais da Cidade, com alteração do sistema de transporte coletivo – construção de três grandes terminais de ônibus em bairros e um no Centro
- 3 Linha 2 do metrô, com extensão de 13,2 quilômetros do Centro até o Campus da UFRGS, na Avenida Bento Gonçalves
- 4 Revitalização do Cais do Porto, com obra de 2,5 quilômetros entre a estação Rodoviária e a Usina do Gasômetro
- 5 Construção de dois viadutos e uma passagem de nível para melhorias no fluxo da Terceira Perimetral
- 6 Prolongamento da Terceira Perimetral, com duplicação em 8,3 quilômetros da Avenida Teresópolis até a Avenida Juca Batista
- 7 Duplicação em 3,4 quilômetros da Avenida Tronco, entre a Carlos Barbosa e a Icarai, e construção de corredor de ônibus
- 8 Duplicação da Avenida Edvaldo Pereira Paiva em 1,8 quilômetro, entre a Avenida Ipiranga e o estádio Beira-Fio. Alargamento, construção de viaduto e de corredor de ônibus a partir da Avenida Padre Cacique até a Avenida Wenceslau Escobar
- 9 Implantação de 40 quilômetros de ciclovias com acessos a áreas como o Estádio Beira-Fio, hotéis, terminais de ônibus e metrô
- 10 Duplicação de 8,6 quilômetros da Avenida João de Oliveira Flemião e construção de corredor de ônibus
- 11 Duplicação de três quilômetros da Avenida Vicente Monteggia
- 12 Ligação entre a Avenida Plínio Kroeff e a Avenida Assis Brasil com a construção de 1,7 quilômetro de uma nova via
- 13 Construção de uma ponte com 2,3 quilômetros de extensão para uma nova travessia do Guaíba
- 14 Construção da BR-448, a Rodovia do Parque, com extensão de 22,7 quilômetros paralelos à BR-116, de Sapucaia do Sul, até o acesso à BR-290 no bairro Humaitá
- 15 Projeto Gigante para Sempre, com a remodelação e modernização do estádio Beira-Fio do Internacional
- 16 Projeto Arena Multissu, com a construção de um novo estádio do Grêmio, no bairro Humaitá

Zero Hora em 03/07/2009



## ANEXO V – REPORTAGEM 22

ZERO HORA QUINTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 2009

Geral 57

## ESPERANÇA À ORLA

## Revitalização do cais irá a debate na Câmara

A prefeitura de Porto Alegre deu ontem um novo passo para atender a uma antiga reivindicação dos porto-alegrenses.

O prefeito José Fogaça enviou à Câmara de Vereadores o projeto que promete revitalizar o Cais do Porto, um dos principais cartões-postais da Capital.

Entregue à prefeitura em maio, pe-

lo governo do Estado, a proposta foi aprovada por diferentes conselhos municipais. Com investimento previsto de R\$ 500 milhões, a revitalização será executada com recursos da iniciativa privada. Em área total de 181 mil metros quadrados e três quilômetros de extensão, o projeto original prevê a utilização do Cais desde as docas, próximo à Estação Rodoviária, até a Usina do Gasômetro, res-

peitando a legislação de exploração dos armazéns e da Usina, tombados pelo patrimônio histórico.

– O projeto passou por todas as instâncias da prefeitura, sofreu um processo crítico e de avaliação e, assim como a proposta original do governo do Rio Grande do Sul chegou, estamos enviando à Câmara, que terá liberdade para tomar suas decisões e fazer possíveis modificações – disse Fogaça.

Após a aprovação da Câmara, o projeto entra em uma nova fase. A Comissão de Revitalização espera que, até o fim do ano, seja lançado o edital para seleção da empresa. A perspectiva é de que o projeto seja iniciado em 2010 e fique concluído antes da Copa do Mundo de 2014.

### O novo porto

Como pode ser o cais, caso a vencedora da licitação siga o projeto arquitetônico feito a pedido do governo do Estado:

#### NOVOS PRÉDIOS

- **Próximo à Estação Rodoviária**, na área das docas, serão erguidos cinco prédios. Eles abrigarão salas comerciais, um hotel e um centro de eventos

#### SHOPPING

- **Ao lado** da Usina do Gasômetro, a ideia é construir um shopping de dois pavimentos.

#### ESTACIONAMENTO

- **Nas extremidades** do Cais do

Porto – área das docas e ao lado da Usina do Gasômetro – serão criados dois grandes estacionamentos, com 3.530 vagas

#### MURO DA MAUÁ

- **A altura** será reduzida de 3 metros para 1,5 metro



Zero Hora em 13/08/2009

## ANEXO W – REPORTAGEM 23

32 Geral

ZERO HORA, SEGUNDA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 2009

## FUTURO DO CAIS

# Muro da Mauá em discussão

Profissionais e estudantes de Arquitetura de três países estudam como melhorar o espaço do cais

**O urbanismo de Porto Alegre não esteve em discussão apenas no referendo que definiu o futuro do terreno do Estaleiro Só.**

Desde sábado, profissionais e estudantes de Arquitetura de três países (Argentina, Espanha, além do Brasil) estão na Capital participando do workshop internacional FAU UniRitter & Conveniadas O Muro e a Cais, realizado na UniRitter, em conjunto com outras universidades.

A ideia é aproveitar o momento em que se redefine a cidade para receber a Copa do Mundo de 2014 e discutir também o futuro do cais central de Porto Alegre. É a hora de pensar a orla do Guaíba como um todo, de fazer um projeto integrado. E estamos colaborando para isso – ressalta Daniel Pitta Fischmann, coordenador de extensão da Faculdade de Arquitetura da UniRitter.

Durante toda a semana, os 40 participantes do workshop, entre alunos

e professores, vão ficar divididos em cinco grupos. Na sexta-feira, cada equipe irá entregar um projeto para melhorar o uso do espaço do cais e sobre o Muro da Mauá. Até agora, a unanimidade entre eles é de que a região é muito bonita, mas precisa ser melhor aproveitada.

– A minha primeira impressão foi perceber que a cidade terminava em um muro. Não deveria ser assim. Acho que ali é um lugar ideal para se criar uma área de aproveitamento público, de acordo com o modo de vida da população. Assim como é o Parque da Redenção – compara a professora Karin Hofert, da Universidade Politécnica da Catalunha, Espanha.

Impressão parecida teve a estudante argentina Guillermina Petalozza, da Universidade Nacional de Córdoba. Segundo ela, a presença do muro é uma barreira para o aproveitamento da área pelas pessoas. Além disso, acredita que o cais deveria ser mais bem integrado com as vias públicas próximas.



Participantes do workshop fizeram um croqui do cais do porto durante visita ao local no sábado

### O positivo e o negativo da orla



• **Gasômetro:** a usina e a pista onde pode-se caminhar e pedalar são pontos positivos porque servem como um marco na península do Centro. Além da beleza, foi considerado um bom lugar para o lazer das pessoas.

• **Extensão pública:** os participantes percorreram cerca de 10 quilômetros da orla e perceberam que há uma grande extensão pública, ou seja, pouca

presença de terrenos privados e fechados. Essa característica pode fazer a orla um lugar livre para a população frequentar.



• **Cais:** essa região da orla chamou atenção pela presença do muro. Para os participantes do evento na UniRitter, o muro e a disposição dos armazéns dificulta a presença das pessoas e tira a beleza da paisagem.

• **Ciclovias:** há poucas ciclovias ao lon-

go da orla. Além disso, nos locais em que foram construídas, não há uma divisão clara entre ciclistas e pedestres, inibindo que as pessoas usufruam a região.

#### BOM, MAS NEM TANTO

• **Parque Marinha:** os visitantes destacaram a presença de uma área tão grande e pública que chega até a orla. Porém, fizeram ressaltar que há poucos equipamentos para se aproveitar melhor o parque

Zero Hora em 24/08/2009

## ANEXO X – REPORTAGEM 24

EU E O MEU BARRIO

**Descoberta da região ao lado da filha**

Página 2

**PERÍODO DESTA EDIÇÃO**

SETEMBRO 2009							OUTUBRO 2009						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
29	30	31											

**ZH BAIROS**  
A ZERO HORA DO SEU BARRIO  
PARA ANUNCIAR AQUI,  
LIGUE 3218-4916

Esta edição circula com cerca de 14.500 exemplares

**ZH LINDOIA**

Ano 4 – Nº 45

Circula nos bairros **Cristo Redentor, Jardim Lindoia e Passo D'Areia**

# A Zona Norte do futuro

Três novos prédios atraem mais de 2 mil moradores, e comunidade lista obras para não perder qualidade de vida

ANDRÉ MASS

Em breve, somente no Lindoia, três novos empreendimentos imobiliários aumentarão o número de moradores do bairro de pouco mais de 7 mil (censo de 2002) para acima de 9 mil. Preocupados com o índice populacional, as associações comunitárias e de moradores da zona norte de Porto Alegre confeccionaram um documento intitulado Zona Norte do futuro.

A proposta, que deve ser apresentada à prefeitura até o final do mês, lista 11 itens com as principais reivindicações para preparar o crescimento sustentável da região.

O aumento populacional estimulado cria a necessidade de ampliação nos sistemas de saneamento, trânsito, segurança, lazer etc. Outra alternativa é buscar compensações ambientais de cada novo empreendimento imobiliário.

O Parque Centenário é um dos empreendimentos que resultarão em melhorias graças a um acordo acertado em reunião entre o presidente da Associação dos Moradores e Amigos do Lindoia (Amaal), Daniel Kietling, e o secretário do Meio Ambiente, Professor Garcia, no início deste mês. A obra da Goldstein está prevista para a área da Praça Yrribon de Alencas-



tro Friedrich, na Rua Emília Slobod Alencas. A contrapartida será a revitalização da Yrribon e da Praça Chacqui (Travessa Galeno).

Para o vice-presidente da Amaal, Carlos Pereira, as intervenções no bairro são urgentes. Ele lembra que o metrô da Copa do Mundo deveria contemplar a Zona Norte, e não a Zona Leste – o trajeto já planejado vai da Estação Mercadão, no Centro, até o bairro Agromorria. A volta ao Centro, passando pela Zona Norte, só será realizada depois de 2020, projeta Pereira. Ele afirma que o metrô é ainda necessário na região devido ao trânsito estrangulado e à falta de opções para expansão física.

✉ andre.mass@zerohora.com.br

## O que vai mudar com as novas construções:

### MAIS 2.200 NOVOS MORADORES

> Junto ao Parque Centenário, os novos empreendimentos da Goldstein, Pólo e Convento Lindoia (na Rua Luiz Stagnaro, além do Nacional de Av. Panamericana), somam 700 apartamentos (foto acima).

> A Amaal multiplica esse número por três para preparar o terreno mínimo das famílias que viverão nos imóveis. No total, serão 2.200 pessoas a mais com a ocupação

### MELHORIAS NAS PRAÇAS TORBEN E CHACQUI

> Haverá compensação ambiental pelas obras do condomínio Parque Centenário, da empresa Goldstein Cyrela Empreendimentos Imobiliários.

> O loteamento tem área de quatro hectares e as melhorias, por meio do Termo de Compensação Vegetal, incluem as praças Yrribon de Alencastro Friedrich, na Rua Emília Slobod Alencas, e Chacqui, na Travessa Galeno.

## As 11 reivindicações da comunidade:

- > Separação do esgoto cloacal e pluvial
- > Duplicação da Av. Sertório entre a Zuleta Dias e a Balizara da Oliveira Garcia
- > Constituição do acesso norte ligando o Porto Soco diretamente à BR-116 e à BR-290
- > Terminal passando pela Zona Norte como segunda base do projeto logo após a conclusão do metrô da Copa
- > Soluções horizontais para empreendimentos imobiliários, evitando índice populacional excessivo
- > Ampliação da rede elétrica para evitar os apagões ocasionais no verão
- > Cadeia de Sertório ligada à Estação Fariópolis de Tramont
- > Proibição de estacionamento na Av. Assis Brasil
- > Revitalização de praças e parques com aumento do nível de segurança na região
- > Instalação de Câmeras de vigilância em pontos estratégicos como a Avenida Panamericana
- > Fichamento noturno do aeroporto Salgado Filho, garantindo o descanso dos moradores do entorno

## AINDA FALTAM 700 METROS

Um das reivindicações é a duplicação da Sertório, que vai de Rua Zuleta Dias à Balizara da Oliveira Garcia. São 700 metros de via entre os dois pontos. Até o momento, a via foi alargada entre a Fariópolis e a Assis Brasil.



### PROMESSA DE QUISQUE DA BEM

O secretário Professor Garcia afirma que é possível colocar um quiosque da EM no canto central da Panamericana, na esquina com a Sertório (E). O motivo são os muros e lantes de veículos

**ZH Lindoia circula a cada quatro quintas-feiras. Próxima edição: 08/10/2009**

Zero Hora edição set/2009



## ANEXO Y – REPORTAGEM 25

48 Pelo Rio Grande/Região Metropolitana ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 2009

## LIMITE É 2011

## Metrô da Copa depende de parcerias privadas

PPPs darão mais agilidade para que as obras sejam concluídas antes do Mundial de 2014

Para que as obras do metrô de Porto Alegre fiquem prontas antes da Copa do Mundo de 2014, é preciso que se iniciem em 2011 sob a legislação das Parcerias Público-Privadas (PPPs), que dá mais agilidade ao processo, em comparação com as licitações públicas.



A informação foi divulgada ontem pelo superintendente de Desenvolvimento e Expansão da Trensurb.

Humberto Kasper.

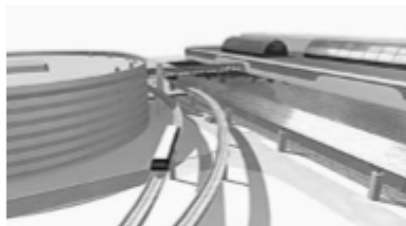
— A Lei das PPPs encosta a obra a tempo da Copa. De outra forma, não tem de começar em 2011 — disse o superintendente.

Atualmente, estão concluídos os estudos do traçado da linha do metrô e financiamento. Seguem em elaboração as diretrizes ambientais (previsto para conclusão em outubro), o modelo jurídico-institucional (dezembro), o modelo do edital de contratação (dezembro) e o projeto funcional de engenharia (janho de 2010). A execução da obra temerá os três anos anteriores ao campeonato de futebol, do qual a Capital é uma das sedes.

O projeto prevê a conclusão da primeira fase da linha do metrô em 2013, ligando o centro da cidade (Estação Mercado) à Zona Leste (Estação Iko de Oliveira Humilde), por trecho de 15,3 quilômetros. A segunda parte é prevista para estar pronta em 2023, e atravessará a Zona Norte, passando por avenidas como Sorfório,

## Aeromôvel começa a sair do papel no mês que vem

Trajeto terá 854 metros e ficará pronto em outubro de 2009



Veículo ligará a Estação Aeroporto da Trensurb ao Salgado Filho

Assis Brasil e Barrapos, completando 34,4 quilômetros de percurso. O custo total é de US\$ 2,5 bilhões.

Antes de as primeiras fundações do metrô de Porto Alegre começarem a ser instaladas, o aeromôvel que ligará o Salgado Filho à Estação Aeroporto da Trensurb estará operando, conforme Kasper. Ao custo de R\$ 30 milhões, o veículo estará pronto

em outubro de 2009 para cruzar o trajeto de 854 metros em um minuto e 10 segundos.

O modelo do aeromôvel ainda está sendo escolhido entre três opções, mas o certo é que será movido por dois motores de Honda Civic. A tecnologia é desenvolvida por UFRGS e PUCRS. Todas as licenças estão concluídas, de acordo com Kasper.

## Saiba mais

## AEROMÔVEL

- **Previsão de início:** outubro de 2009
- **Previsão de término:** outubro de 2010
- **Custo total:** R\$ 30 milhões
- **Extensão:** 854 metros
- **Trecho:** dois
- **Capacidade:** um para 100 e outro para 300 pessoas

## METRÔ DA COPA

- **Previsão de início:** 2011
- **Previsão de término:** 2013 (primeira fase) e 2023 (segunda fase)
- **Custo total:** US\$ 2,5 bilhões
- **Extensão:** 34,4 quilômetros
- **Trecho:** 23 (mais duas reservas), somando com outras
- **Arcabouço:** R\$ 132 milhões por ano

## LINHA ATÉ NOVO HAMBURGO

- **Início:** fevereiro de 2009
- **Previsão de término:** final de 2011
- **Extensão:** 9,3 quilômetros

## NOTAS

## Bloqueio de ruas

A Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) comunica os seguintes bloqueios de ruas:

## Na capital

- **Ilho Peçanha** — será bloqueado um trecho de pista, entre a Rua Venâncio do Amaral e a Avenida 16, até 15 de setembro, entre 9h e 17h.
- **Edgar Pires do Castro** — será realizado bloqueio de um trecho da pista em frente ao número 2.900, até amanhã. Os trabalhos serão realizados diariamente, das 9h às 17h.
- **Protácio Alves** — será interrompido um trecho da pista da avenida, em frente ao número 11.385, até 17 de setembro. Os trabalhos serão realizados diariamente, das 9h às 17h.

## Festejo em Canoas

Cerca de 5 mil pessoas são esperadas no Desfile Civic e no encerramento das homenagens à Pátria que ocorrerão amanhã, a partir de 9h30min na Rua 15 de Junho. Por causa do desfile, a via ficará bloqueada em toda a sua extensão das 7h às 13h.

## Sábado Solidário

Amanté, o Banco de Alimentos e centenas de parceiros unidos fazem pela Campanha Sábado Solidário. Em nove anos, 12 milhões de quilos de alimentos foram doados no combate à fome no Estado.

## Serviço

- **Campanha Sábado Solidário** arrecada alimentos amanhã em todo o dia.
- **Local:** Em frente às supermercados da Rede Wal-Mart, no Rio Grande do Sul.

Esta obra foi uma das vencedoras da enquete de Zero Hora que apontou as prioridades dos gaúchos para o Estado, numa promoção para comemorar os 45 anos do jornal. ZH se compromete a acompanhá-la até a execução.

## ANEXO Z – REPORTAGEM 26

Esport

# De bus

## Metrô de 2014 está ameaçado

Secretário especial da Copa sai frustrado de reunião para melhorias viárias na Capital



As obras viárias previstas para Porto Alegre sediar a Copa do Mundo de 2014 correm o risco de não sair do papel. O metrô, considerado prioritário pelos organizadores, é o empreendimento mais ameaçado.

**N**a reunião entre representantes dos governos federal, do Estado e o governo federal, ocorrida ontem, em Brasília, o ministro das Cidades, Márcio Fortes, jogou água fria nas pretensões gaúchas.

— É complicado. É um volume de recursos elevado. O prazo de maturação, o cronograma é longo — disse o ministro.

Frustrado com a posição do ministro, Fortunati ressaltou que os gaúchos deverão se mobilizar para mudar a postura do governo.

— Teremos que nos unir e pressionar. Temos de mostrar que é possível, do contrário ficaremos só no sonho — declarou Fortunati.

Segundo o secretário, a fórmula já anunciada pela própria Trensurb, das Parcerias Público-Privadas, é alternativa mais viável para que o empreendimento fique pronto a tempo de encontrar a Copa do Mundo de 2014.

A proposta, porém, não surtiu efeitos no ministério das Cidades, responsável por liberar os recursos. As obras do metrô, que prevê 34



Maquete da estação do bairro Menino Deus é um dos retratos do sonho de Porto Alegre: ministro das Cidades não dá garantias

quilômetros de linhas, estão orçadas em R\$ 2,5 bilhões.

Além do metrô, outras obras estão ameaçadas, como as duplicações das avenidas Beira-Rio e Tronco.

O governo federal sinalizou que não deverá investir diretamente nos municípios e que os empreendimentos terão de ser executados a partir de financiamentos.

Essa possibilidade revoltou o secretário especial da Copa do Mundo

da Capital, José Fortunati.

— Saio com um gosto amargo. Em momento algum o governo propôs investir em Porto Alegre. Eles disseram que tem R\$ 5 bilhões para financiar obras. Eles não estão entendendo o seu papel na Copa. Nós já temos uma série de financiamentos e nossa margem de endividamento está quase no limite. Como poderemos fazer as obras necessárias assim? — lamentou.

Zero Hora em 19/09/2009

28

Geral

ZERO HORA TERÇA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 2009

Editor executivo: Diego Assis - 3248-4277  
Editor: Alencar Lima - 3248-4220  
Coordenadora de produção: Angélica Escobar - 3248-4273  
geral@zerohora.com.br

# FORA DOS TRILHOS

## Metrô de Porto Alegre corre risco de não sair

Prefeitura diz que, sem o dinheiro do governo federal, nova linha não fica pronta para Copa de 2014

LETICIA DUARTE

A próxima terça-feira será decisiva para o futuro do projeto do metrô de Porto Alegre.

Após uma reunião entre a comissão interministerial que trata do assunto e representantes gráficos, em Brasília, o governo federal decidirá se incluirá a obra entre suas prioridades de investimento para a Copa de 2014.



Caso a resposta seja negativa, como sugerem manifestações feitas em setembro pelo ministro das Cidades, Márcio Fortes, as possibilidades de se construir o metrô até o mundial se tornaram remotas. Enquanto luta quem acredita que parceria com a iniciativa privada poderiam tornar o sonho real, o vice-prefeito de Porto Alegre e secretário Estadual para a Copa do Mundo de 2014, José Fortunati, considera impossível manter o projeto sem o investimento da União.

— No dia 17 se bate o martelo, ou não o metrô sai. É o dia D. Não tem nenhuma alternativa sem a participação do governo federal. Se ele disser não, a obra não sai — diz.

As perspectivas até o momento são pouco animadoras. Após um encontro semelhante para discutir os propa-

### REPERCUSSÃO

JOSÉ FORTUNATI  
vice-prefeito de Porto Alegre

“Não tem nenhuma alternativa sem a participação do governo federal. Se ele disser não, a obra não sai”

rietários da Copa, em 16 de setembro, Fortes afirmou que a execução seria “complicada” porque exigiria alto volume de recursos em um cronograma apertado.

Investidores estrangeiros estariam interessados

Para que fosse concluída antes de 2014, a obra precisaria ser iniciada no máximo em 2011 - o que exigiria a abertura dos processos de licitação e de licenciamento ambiental no início de 2010. O custo é estimado em R\$ 2,5 bilhões, um valor semelhante a todo o orçamento da prefeitura da Capital do ano de 2009.

— Acreditamos que o governo federal pode ser a solução, mas o que

nos disseram até agora é que o governo federal vê a obra com seríssimas restrições — analisa Fortunati.

O diretor-presidente da Transurb, Marco Antônio Cunha, vê o cenário com mais otimismo. Apesar do indicativo do governo federal de que o metrô não será incluído no chamado IMC da Copa, que prevê um investimento inicial de R\$ 5 bilhões nas 12 cidades-sede, ele acredita que a obra possa ser financiada por meio de parcerias público-privadas.

Nesse caso, o governo federal entraria com R\$ 500 milhões e o restante seria investido por empresas, que depois explorariam o serviço em sistema de concessão. Segundo Cunha, investidores internacionais de países como China e Espanha já mostraram interesse no projeto.

— Se o governo der o aval, podemos lançar a licitação em março, para começar a cover os buracos em junho de 2011 — acredita.

A assessoria do Ministério das Cidades afirma que os investimentos ainda estão sob análise.

leticia.duarte@zerohora.com.br

ZEROHORA.COM

Vêja a proposta de traçado do novo metrô em [www.zerohora.com](http://www.zerohora.com)

### Obstáculos

Confira cinco desafios que a obra enfrenta para avançar:

- 1) Alto custo:** é o principal. Somente os estudos para realização do projeto consomem R\$ 2,5 milhões.
- 2) Exigência de integração:** para que o projeto saia do papel, é preciso a integração das esferas municipal, estadual e federal. O plano é discutido há mais de cinco anos entre municípios, Estado e União, e os estudos exigem a integração de todos os antigos projetos viários existentes.
- 3) Cronograma apertado:** uma obra desse porte caso o fim do dia não seja feita em a Copa de 2014 se houver atrasos em licitação e licenciamento ambiental.
- 4) Custo de obras gigantesco:** o projeto prevê a construção de 27 quilômetros pela cidade, ao longo de 30 anos.
- 5) Promessas eleitorais:** a cada eleição, os candidatos prometem, mas o projeto não poderia ser concluído em apenas uma administração.

### AMEAÇA DA GRIPE A

## RS começa preparar combate à nova onda

Certa de que não escapará de uma nova onda de gripe A a partir do outono do próximo ano, a Secretaria Estadual da Saúde estima que o Rio Grande do Sul receberá cerca de 6 milhões de vacinas para combater a enfermidade.



O carregamento, oferecido pelo governo federal, deverá estar à disposição em março de 2010. No total, o Ministério da Saúde repassará aos Estados cerca de 80 milhões de doses.

De olho no Hemisfério Norte, onde a baixa temperatura do outono faz proliferar novos casos da doença, o Rio Grande do Sul divergiu ontem a contagem dos casos da primeira onda da nova gripe pela região, ocorrida entre maio e outubro deste ano. Das 7.680 notificações, 1.715 registros se confirmaram.

Governo federal reforça estoque de vacinas

Além de vacinas e dependendo do tratamento de medicamentos controlados como o Tamiflu, 204 pacientes morreram em razão de complicações causadas pela doença. Segundo o governo estadual, ainda há 67 casos aguardando resultados laboratoriais. Os dados foram apresentados pelo Comitê Estadual para Enfrentamento de Pandemia da Influenza A, que se reuniu na Capital.

Preparando-se para a estação das gripes em 2010, o governo federal, na semana passada, anunciou que reforçará o estoque de medicamentos contra a gripe A, com a aquisição de 11,2 milhões de tratamentos, um investimento de R\$ 483,6 milhões. Paro dos remédios, cerca de 2 milhões, será produzida pelos laboratórios oficiais.

Desde abril passado, o Ministério da Saúde comprou e produziu um total de 1,4 milhão de tratamentos. O governo mantém em estoque R\$ 5 milhões em matéria-prima para a fabricação do produto, mesmo adquirido em 2006 para uma possível pandemia de gripe aviária, que acabou não acontecendo.

## Alternativa é alterar o traçado da obra

Restrições com a falta de perspectivas de execução da obra antes da Copa de 2014, críticos da área começam a reavaliar o traçado planejado para o metrô de Porto Alegre, que havia sido modificado para passar mais próximo do Estádio Beira-Rio.

Em vez de pender a José de Alencar, o itinerário pode ser desviado para a Marquês Dias, minimando o plano já antes da decisão da Capital como cidade-sede dos jogos. A chamada linha da Copa foi criada a partir de modificações para que o metrô atendesse à demanda do mundial, e aumentaria de 13 para 15 quilômetros o traçado previsto.

rietários para os jogos, os técnicos avaliam qual dos dois trajetos teria maior demanda do público a longo prazo.

Em duas semanas, uma consultoria contratada pela Transurb deve frestar o estudo sobre a demanda que teria a via pela José de Alencar. Análises anteriores feitas no traçado pela Rua Marquês Dias indicam um fluxo de 290 mil passageiros ao dia.

— Temos de ter certeza de que haverá demanda pela José de Alencar mesmo sem a Copa. Vamos calcular e comparar — afirma o engenheiro Rubenildo Ippach, assessor técnico da Superintendência de Desenvolvimento e Expansão da Transurb.

### Mudança na proposta



ANEXO AB – REPORTAGEM 28

Reportagem Especial

SONHO ADIADO

# Fim da linha para o Metrô da Copa

ENTREVISTA

**Matias Sestini**  
Membro do Conselho de Administração do Metrô

**Mito se perde**

**Chance perdida**

**Faltam alternativas**

**Ombus é passado**

**Contabilidade e saúde conturbadas**

**ENTREVISTA**

**Matias Sestini**  
Membro do Conselho de Administração do Metrô

**Mito se perde**

**Chance perdida**

**Faltam alternativas**

**Ombus é passado**

**Contabilidade e saúde conturbadas**

**ENTREVISTA**

**Matias Sestini**  
Membro do Conselho de Administração do Metrô

**Mito se perde**

**Chance perdida**

**Faltam alternativas**

**Ombus é passado**

**Contabilidade e saúde conturbadas**

2011/11/18/2009

Os R\$ 200 milhões que foram prometidos pelo governo federal

SENCE

**Pa de cal no metrô?**

**Mudança no tráfego**

**A aposta no ônibus**

**Investimento no trânsito**

**Filosofia em Debate**

Comunicação, arte e performance

21.223.428

ANEXO AC – REPORTAGEM 29

388

ZERO HORA QUARTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 2009

Editor executivo: Diego Araújo - 3246-4727  
 Editor: Alencastro Lima - 3246-4732  
 Coordenadora de produção: Angélica Riosvaziro - 3248-4723  
 geral@zerohora.com.br

Geral

CAPITAL RENOVADA

Decisão no Cais do Porto

Discussão sobre altura dos prédios e moradias vão agitar votação na Câmara de Vereadores

Fundamental como atrativo turístico durante a Copa do Mundo de 2014, o projeto de revitalização do Cais Mauá será votado no dia 21 na Câmara de Vereadores da Capital.

A tendência é de que a proposta seja aprovada, mas pontos como a altura dos prédios e a possibilidade de uso residencial da área prometem gerar discussão no Plenário.



Na tarde de ontem, a bordo do barco Cine-Rancho, vereadores e deputados observaram das águas a situação dos armazéns e conferiram detalhes da proposta. Com custo estimado de R\$ 500 milhões, o projeto prevê a ligação de recursos da iniciativa privada para viabilizar o negócio. Em troca, o empreendedor poderá explorar comercialmente o complexo de 2,5 quilômetros de extensão por um período de 25 anos, promulgáveis pelo mesmo lei.

Presidente da Câmara, o vereador Sebastião Melo (PMDB) diz acreditar

que a aprovação ocorra no dia 21 mesmo, talvez entrando na madrugada do dia seguinte. Até o momento, já foram apresentadas 14 emendas. Líder da oposição na Câmara, a vereadora Maria Gleise (PT) aponta problemas.

— Todo mundo quer a revitalização, mas alguns pontos são problemáticos, como o uso residencial — avalia a vereadora, que não participou do passeio, proposto pelo secretário entrincheirado da Copa 2014, Paulo Odense.

Após aprovado pela Câmara e sancionado pelo prefeito José Fogaça, o projeto volta para o governo do Estado, que elaborará o edital de licitação. A expectativa do coordenador executivo do projeto e presidente da Comissão Técnica de Avaliação, Elenor Teflikian, é de que pelo menos quatro consórcios se habilitem à disputa. A previsão é de que as obras comecem em 2010 e sejam concluídas em 2013.

— Esperamos um aprimoramento do projeto, mas não se pode mexer muito na base. Não acho que possa ser polêmico (a construção de prédios de até cem metros) porque temos de avançar. Porto Alegre tem de crescer junto com o porto — analisa Teflikian.

Esta reportagem é um projeto que Zero Hora promove para discutir as prioridades das questões para o Estado, numa promoção para comemorar os 45 anos do jornal. Entenda mais sobre a programação em zerohora.com.br

Prancheta ZH

OS PONTOS POLÊMICOS

MARIA ISABEL MAROCCO MILANEZ, ARQUITETA E URBANISTA DO UNIDITER

CÉLIA FERRAZ DE SOUZA, ARQUITETA E URBANISTA, PROFESSORA DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRRS

**USO RESIDENCIAL**  
Para liberar o funcionamento de um apartamento no complexo do cais, o projeto prevê o uso residencial. Os apartamentos, porém, não poderão ser vendidos por tratar-se de área pública.

São completamente a favor do uso residencial porque garante dinâmica urbana diferenciada. Se se quer dinamizar um lugar, deve colocar as pessoas a viver naquele lugar, sem medo da privatização da obra.

São bem a favor. Todas as áreas da cidade devem ter uso residencial porque quando a pessoa está num lugar, este vive. O problema do Centro, por exemplo, surgiu quando as pessoas saíram de lá.

**PRÉDIOS ALTOS**  
Na área das docas, perto da Rodoviária, o projeto prevê prédios de até cem metros de altura (33 andares). Nas proximidades da Ubra do Gasômetro, até 52 metros (10 andares).

Há um preconceito com a altura. A altura não deve ser sempre o algoz, a peça de disciplina. Um prédio alto com uma base menor fica estético e gera permeabilidade ao redor de si que não obtém. Por isso prédios que ocupam grandes terrenos horizontais e alturas de cinco pavimentos.

Prédio alto num lugar já consagrado como o mesmo não é o ideal, porque vai formar uma barreira. O Centro já está cheio de prédios altos e vazios por causa da usura. Não pode ser da altura dos demais, não precisa aumentar, não sou a favor.

**TRÂNSITO**  
A proposta levada à Câmara permite a abertura de 2,5 mil vagas de estacionamento no complexo. Críticos preveem problemas no trânsito do entorno, já congestionado em alguns horários.

O problema do trânsito independe de qual intervenção que seja no Cais Mauá. A situação é anterior e crítica. É claro e natural que atrair mais pessoas quando o cais estiver recuperado. Dizer que o trânsito é o problema é muito mobilista, do jeito que não quer que nada aconteça lá.

A Mauá é o maior problema de Porto Alegre. Sou a favor de estacionamentos subterrâneos. Sou a favor de investimentos grandes, por que não fazer subterrâneos? Da para fazer, foi feito na Praia de Fátima (Shopping), uma área de alagado.



Quando você passa de carro pela Avenida Mauá, em Porto Alegre, já deve ter visto o paredão que separa a cidade do Guaíba.

Do outro lado do muro, existe um grande espaço pouco utilizado atualmente.

No passado, era por ali que chegavam as mercadorias, por meio de navios e por isso a área era muito movimentada.

Com o passar do tempo, os meios de transporte mudaram e muita coisa passou a chegar à cidade por meio de caminhões.

Per isso, o porto perdeu importância, e os antigos armazéns ficaram praticamente sem uso.

Nos últimos anos, vários governos tentaram dar uma nova cara para o local.

Desta vez, surge mais um projeto, chamado do Cais Mauá, que será analisado pelos vereadores no

próximo dia 21.

A ideia é criar lojas, bares e restaurantes nos armazéns e prédios na área do porto.

Com essas melhorias, as pessoas poderiam ter mais um lugar para passear.

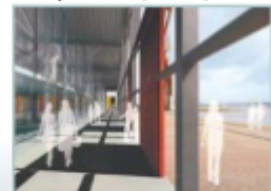


Como é o projeto

O projeto que está na Câmara de Vereadores foi elaborado com base em um plano de negócios feito no ano passado. As imagens abaixo são simulações do novo porto, que podem ser seguidas ou não pelo empreendedor que vencer a licitação a ser lançada em 2010.



**ÁREA DAS DOCAS**  
Na altura da Estação Rodoviária, o projeto prevê prédios de até cem metros de altura (33 andares) com uso comercial e residencial (como apart-hotel apenas, uma vez que os imóveis não poderão ser vendidos por tratar-se de área pública).



**ARMAZENS**  
Os antigos armazéns serão restaurados para abrigar lojas, bares e restaurantes. As paredes de alvenaria serão substituídas por vidro. Do lado do Guaíba, haverá um recuo do paredão de estruturas, que funcionará como corredor para pedestres. O projeto permite a construção de bicicletários.



**TREM ELÉTRICO E MURO DA MAUÁ**  
Circulará em baixa velocidade no trajeto de 2,5 quilômetros, da Estação Rodoviária até próximo ao futuro shopping. O projeto encaminhado à Câmara não prevê mudanças na estrutura, seguida entre chissas na década de 1970.



**MESQUITA**  
Além dos atuais prédios do cais, o projeto prevê a construção de sete passarelas sobre a Mauá. Das investidas, duas ligarão

**ESTACIONAMENTOS**  
Nos arredores do Cais do Porto — área das docas e nas proximidades da

O projeto prevê que qualquer construção tenha no mínimo 50 metros de distância do prédio da Ubra do Gasômetro. Além disso, é permitida a construção de um prédio de até 14 metros (aproximadamente

**URBINA DO GASÔMETRO**

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continua)

REP	SEQUÊNCIA DISCURSIVA
01	<p>“A cara de Porto Alegre deve começar a mudar em 2009. E o país poderá passar por grandes transformações”. (REP 01, SD1)</p> <p>“A Trensurb deve fazer o projeto do primeiro trecho do metrô de Porto Alegre – 13 quilômetros, do Mercado Público à Lomba do Pinheiro, 11 quilômetros subterrâneos e dois de superfície”. (REP 01, SD2)</p> <p>“Se a nova proposta de revitalização do Cais do Porto da Capital se concretizar, o polêmico muro da Mauá poderá sofrer a primeira intervenção de sua história”. (REP 01, SD3)</p> <p>“ampliar a visão dos armazéns e do Guaíba para quem circula a pé ou de carro pela Avenida Mauá, no centro da capital gaúcha”. (REP 01, SD4)</p>
02	<p>“A face da Capital vai mudar. Mobilizados pela possibilidade da Capital ser uma das sedes da Copa de 2014, empresários e gestores públicos projetam obras e investimentos capazes de alterar a fisionomia da cidade”. (REP 02, SD1)</p> <p>“As transformações, ainda nas pranchetas de arquitetos, preveem estádios modernos, duplicação de avenidas e até a realização de um sonho antigo dos porto-alegrenses: a implantação do metrô”. (REP 02, SD2)</p> <p>“– Devemos começar a trabalhar nisso assim que a Fifa aprovar Porto Alegre como uma das cidades-sede – detalha”. (REP 02, SD3)</p> <p>“Cada obra dessas gera impacto de tráfego, aumento de demanda. Aquilo que seria bom pode se converter num inferno”. (REP 02, SD4)</p>
03	<p>“Um novo Menino Deus à frente. Mudanças no trânsito, novos prédios e estádio, metrô e portais de ônibus mudarão a região, que se prepara para receber a Copa 2014”. (REP 03, SD1)</p> <p>“Mas todas essas mudanças levantam preocupações entre moradores e frequentadores dos bairros. Para a presidente da Associação dos Amigos e Moradores do Bairro Menino Deus, Wanda Lúcia de Souza, a altura dos prédios gera algumas dúvidas”. (REP 03, SD2)</p> <p>“Para a gerente executiva da Associação Empresarial Nova Azenha, Márcia Terra, a chegada da Copa do Mundo não pode mudar as características do bairro. – A Azenha sempre foi um lugar de lojas de rua, sem shoppings. Precisamos manter essa cultura – ressalta”. (REP 03, SD3)</p> <p>“Já para o presidente da Associação dos Moradores da Avenida Ganzo, Orion Cabral, o evento esportivo tem muito o que beneficiar Porto Alegre. O destaque fica com o metrô. – Será um grande ganho. A cidade ficará preparada para crescer – acredita”. (REP 03, SD4)</p> <p>“Sem dúvida, a região do Menino Deus será a que mais vai sentir os efeitos da Copa do Mundo. Acreditamos que para melhor. Temos vários projetos, alguns em andamento, que preveem melhorias. O maior desafio para os estádios já foi vencido, que era a aprovação pela Câmara de Vereadores. Agora, vamos focar nos estudos ambientais, para viabilizar a construção dos projetos”. (REP 03, SD5)</p>
04	<p>“Assim, seria prudente colocar as mãos à obra: são muitos os desafios. – Não é pouca coisa – diz o secretário estadual de Turismo, Esporte e Lazer, Heitor Gularte”. (REP 04, SD1)</p> <p>“– É uma missão complexa. A Fifa não perdoa. Mas estamos preparados – garante o secretário municipal extraordinário da Copa de 2014 e prefeito em exercício, José Fortunati”. (REP 04, SD2)</p> <p>“A Fifa torce o nariz para cidades que não tenham metrô como meio de transporte. Não será um quesito eliminatório, mas, na visita deste fim de semana, a comitiva da Fifa reforçará que seria de bom tom Porto Alegre ter o seu”. (REP 04, SD3)</p>

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continuação)

REP	SEQUÊNCIA DISCURSIVA
05	<p>“Sonho acalentado há mais de uma década pelos porto-alegrenses, a primeira etapa do metrô na Capital – ainda em fase de estudo – foi ampliada de 13 para 20 quilômetros”. (REP 05, SD1)</p> <p>“Após consultar especialistas de uma empresa de São Paulo, a Trensurb constatou que estendendo a linha até a Avenida Manoel Elias, na Zona Norte, o metrô atenderia moradores da Região Metropolitana e se tornaria mais atrativo aos investidores privados. Entre o sonho e a realidade, porém, há uma montanha de R\$ 3 bilhões (custo total da obra)”. (REP 05, SD2)</p> <p>“Caso Porto Alegre seja confirmada, o que é provável, as chances do metrô sair do papel crescem”. (REP 05, SD3)</p> <p>“Embora o metrô seja um sonho de R\$ 3 bilhões, tudo o que o governo dispõe este ano são R\$ 40 milhões”. (REP 05, SD4)</p>
06	<p>“Depois de mais de duas décadas de planos abandonados e de nove meses de análise, um novo projeto promete revitalizar o Cais do Porto da Capital”. (REP 06, SD1)</p> <p>“O custo do empreendimento que abrange 2,5 quilômetros de extensão entre a Rodoviária e a Usina do Gasômetro foi reajustado de R\$ 400 milhões para R\$ 500 milhões”. (REP 06, SD2)</p> <p>“A empresa que vencer a licitação executará as obras recebendo, em contrapartida, a concessão de exploração do local por 25 anos, prorrogáveis por igual período. A expectativa é de que a licitação atraia cinco empreendedores interessados”. (REP 06, SD3)</p> <p>“– É um sonho dos porto-alegrenses voltar a ter contato com o seu rio. A revitalização passa a ser um elemento fundamental para o Estado para que Porto Alegre seja sede da Copa – avaliou Yeda”. (REP 06, SD4)</p> <p>“Para o prefeito Fogaça, o novo porto será um marco não só para a Copa do Mundo como para a cidade”. (REP 06, SD5)</p> <p>“A possibilidade de Porto Alegre ser uma das cidades-sede da Copa de 2014 pode servir de estímulo para a concretização do projeto. Além de valorizar e qualificar a área central da cidade, o projeto se integra a melhorias previstas em outras áreas, como a extensão do metrô e a duplicação da Avenida Beira-Rio”. (REP 06, SD6)</p>
07	<p>“Com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1,4 milhão de habitantes, Porto Alegre registra problemas de trânsito cada vez mais preocupantes. A construção de uma nova linha de metrô é considerada fundamental para desafogar o trânsito que se deteriora diariamente. A frota de cerca de 600 mil veículos representa 2,3 habitantes para cada veículo. Se for mantida a tendência de crescimento, em 25 anos a situação se tornará insustentável: a frota crescerá mais de 100%, chegando a 1,3 milhão, e a população aumentará 18%, passando a 1,6 milhão (um carro para cada 1,06 habitante)”. (REP 07, SD1).</p> <p>“A realização da obra, com recursos do governo federal, depende da confirmação de Porto Alegre como uma das 12 sedes da Copa do Mundo de 2014”. (REP 07, SD2).</p> <p>“Sonho acalentado há mais de uma década pelos porto-alegrenses, é avaliada como importante para o desenvolvimento da cidade nos próximos 50 anos”. (REP 07, SD3).</p> <p>“– Cada vez mais as grandes cidades terão problemas de mobilidade. Nas cidades com mais de 1 milhão de habitantes, as redes metroviárias subterrâneas são a principal alternativa por proporcionar a redução de carros e ônibus e garantir fluidez à mobilidade na superfície – avalia o diretor-presidente da Trensurb, Marco Arildo Cunha”. (REP 07, SD4).</p> <p>“Sem dúvida, é uma obra importante. O metrô é mais barato e mais rápido porque para menos vezes. Vai evitar a tranqueira que existe hoje nos horários de pico, especialmente na Bento Gonçalves”. (REP 07, SD5).</p>

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continuação)

REP	SEQUÊNCIA DISCURSIVA
08	<p>“Praticamente abandonado, à espera de uma solução há pelo menos duas décadas, o Cais do Porto da Capital tem potencial para se transformar num dos principais cartões-postais do sul do país. A revitalização da área portuária seria um impulso turístico, econômico e comercial. Sucessivos planos já foram formulados, mas jamais saíram do papel. Agora, surge um novo projeto, que pode mudar o cenário do centro porto-alegrense e devolver o Guaíba e o porto à cidade”. (REP 08, SD1)</p> <p>“Por trás dos três metros do muro da Mauá esconde-se uma outra Porto Alegre. Essa cidade, que poucos conhecem, poderá ser descoberta nos próximos anos se a prometida revitalização do Cais do Porto sair do papel”. (REP 08, SD2)</p> <p>“Depois de nove meses de análise, um novo projeto renova as esperanças de ver a região reintegrada à Capital”. (REP 08, SD3)</p> <p>“A intenção é abrir a licitação nos próximos meses e concluir o novo complexo antes da Copa do Mundo de 2014”. (REP 08, SD4)</p> <p>“Pela projeção, o Muro da Mauá seria reduzido pela metade, dando visibilidade do Centro para o porto”. (REP 08, SD5)</p> <p>“Um trem elétrico circularia pelos 2,5 quilômetros da área, possibilitando que o visitante desfrute de todo o complexo. Dois estacionamentos, com 3,5 mil vagas, estão previstos. Dos 11 armazéns, dois, que não são protegidos pelo patrimônio histórico, seriam destruídos para a abertura de uma grande praça. Dentro das estruturas, seriam construídos bares, restaurantes, lojas e centros culturais. Ao lado da Usina do Gasômetro está projetada a construção de um shopping. Próximo à rodoviária ficariam os prédios comerciais e o hotel”. (REP 08, SD6)</p> <p>“A revitalização é um grande processo de desenvolvimento para Porto Alegre e para o Estado, com geração de milhares de empregos”. (REP 08, SD7)</p>
09	<p>“O Inter estampou em seu site o pedido para que colorados de todas as regiões votem na linha de transporte que pode ser mais um componente na escolha do Beira-Rio como estádio da Copa de 2014”. (REP 09, SD1)</p>
10	<p>“O Inter estampou em seu site o pedido para que os colorados de todas as regiões votem no projeto, que pode ser mais um componente para a escolha do Estádio Beira-Rio como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014”. (REP 10, SD1)</p>
11	<p>“Porque vai desafogar o trânsito da cidade e permitirá aos porto-alegrenses conhecerem a cidade e atravessarem-na de forma mais rápida”. (REP 11, SD1)</p> <p>“Pensando no desenvolvimento do nosso Estado, apoiaria o projeto do metrô, pois a maioria das grandes cidades do mundo usufrui desse recurso que moderniza o transporte público tanto para moradores quanto para turistas que visitam a Capital.” (REP 11, SD2)</p> <p>“Pela acessibilidade ao estádio Beira-Rio, pelo avanço, o conforto ao usuário, a velocidade. Seria um acréscimo fantástico. Também já pensando na Copa de 2014, até porque o início do trem será em direção ao Beira-Rio”. (REP 11, SD3)</p>
12	<p>“O metrô contra-ataca utilizando duas paixões dos gaúchos, a dupla Gre-Nal. Inter e Grêmio estão apoiando e fazendo campanha pelo transporte que será fundamental caso a Capital seja indicada como uma das sedes da Copa de 2014”. (REP 12, SD1)</p>
13	<p>“Além de e-mails diários enviados a uma lista, o metrô ganhou o reforço de peso da dupla Gre-Nal. Os principais clubes do Estado estão fazendo propaganda para a linha 2 do metrô, fundamental para a Capital ser escolhida como uma das sedes da Copa de 2014”. (REP 13, SD1)</p>



## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continuação)

14	<p>“A construção da linha 2 do metrô tem dois apoiadores de peso: a dupla Gre-Nal. O projeto, também chamado de Metrô da Copa, é considerado fundamental para que Porto Alegre seja escolhida uma das cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014”. (REP 14, SD1)</p>
15	<p>“A apreensão tomou conta de 17 capitais, inclusive a do país, e vai até as 15h30min deste domingo. Será a hora em que a Fifa anunciará, direto das Bahamas, as 12 cidades-sede dos jogos da Copa de 2014. A partir daí, entram em ação com força total os planos de qualificação das escolhidas, até porque a Fifa costuma ser implacável com o cumprimento das exigências”. (REP 15, SD1)</p> <p>“Passada a festa de amanhã, após o anúncio, será hora de as cidades arregaçarem as mangas. Terão de tirar do papel os planos que aparecem nestas duas páginas. Confira”. (REP 15, SD2)</p> <p>“Como candidata a sede da Copa, prevê a ampliação do aeroporto Salgado Filho, duplicação de avenidas e o primeiro trecho do metrô, além de outras obras de infraestrutura”. (REP 15, SD3)</p>
16	<p><i>(Infográfico - Sem sequências discursivas)</i></p>
17	<p>“A Copa do Mundo é nossa” <i>(título)</i> (REP 17, SD1)</p> <p>“O presidente da CBF e do Comitê Organizador da Copa 2014, Ricardo Teixeira, foi sucinto ao definir a etapa vencida ontem pelas 12 subdeses escolhidas e anunciadas em Nassau, nas Bahamas: – Passamos no vestibular. Vem aí toda a faculdade”. (REP 17, SD2)</p> <p>“O presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Francisco Novelletto Neto, fez a festa por Porto Alegre. Com uma camiseta da candidatura da cidade, tirava fotos depois do evento”. (REP 17, SD3)</p> <p>“Novelletto aproveitou para colocar Porto Alegre como candidata a sediar todos os eventos pré-mundial: sorteios de Eliminatórias e grupos da Copa, o Congresso da FIFA, o workshop do Mundial e, é claro, a Copa das Confederações, em 2013”. (REP 17, SD4)</p> <p>“A corrida contra o tempo para o Mundial de 2014 começa na próxima segunda-feira. Os representantes das subdeses participarão de três dias de reuniões, em que serão estabelecidas as rígidas metas para a Copa”. (REP 17, SD5)</p> <p>“O primeiro desafio é estar com todas as obras dos estádios licitadas até agosto. Quem não cumprir as metas, fica de fora. Ou, usando a figura de linguagem adotada por Teixeira, será expulso da faculdade”. (REP 17, SD6)</p> <p>“Duas bolas de futebol gigantes, infláveis, empurradas para o alto de mão em mão, deram boa sùmula do sentimento que percorreu a multidão ontem no Parque Farroupilha para acompanhar ao vivo, no telão, o anúncio das 12 subdeses da Copa de 2014. Era como se o festivo público – e estimado pela BM em 3 mil pessoas, apesar do frio – se unisse para levantar a bola da cidade”. (REP 17, SD7)</p> <p>“Quando chegou à oitava delas, Porto Alegre, às 15h36min, um estrondo saudou a escolha, e balões tomaram o céu”. (REP 17, SD8)</p> <p>“A festa se estendeu do monumento ao Expedicionário até o chafariz no centro do parque. Os frequentadores habituais da Redenção puderam jogar bola em campos improvisados, testar a pontaria dos chutes ao vivo ou em videogames e conhecer os projetos de Inter e Grêmio para a Copa em estandes vizinhos, em bela exibição de civilidade”. (REP 17, SD8)</p> <p>“A alegria pela confirmação da Capital foi elo entre torcedores de idades díspares”. (REP 17, SD9)</p>
18	<p>“Quando a primeira etapa do metrô de Porto Alegre estiver pronta, a estação Beira-Rio (reprodução acima) beneficiará moradores da Zona Sul”. (REP 18, SD1)</p> <p>“Essa fase inicial, prevista para estar pronta em 2013, terá um traçado do Mercado Público até a Avenida João de Oliveira Remião, próximo do Campus do Vale da UFRGS, passando por Borges de Medeiros, José de Alencar, Azenha e Bento Gonçalves”. (REP 18, SD2)</p> <p>“A opção de transporte é uma das promessas para a Copa de 2014, com investimento de R\$ 2,5 bilhões. A estimativa é atender a 290 mil passageiros ao dia em um trajeto de 15,3 quilômetros, dividido em 16 estações, que abrangerá 15 bairros”. (REP 18, SD3)</p>

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continuação)

19	<p>“Uma das mudanças que os moradores dos bairros Menino Deus, Azenha e Praia de Belas vão enfrentar nos próximos anos chegará de trem”. (REP 19, SD1)</p> <p>“A instalação de estações do trensub, percorrendo a Avenida Borges de Medeiros, a Rua José de Alencar, a Avenida da Azenha e a Avenida Bento Gonçalves, é um benefício atribuído à Copa do Mundo de 2014”. (REP 19, SD2)</p> <p>“Hoje, duas construções podem ser vistas na região – a do novo edifício do Foro Central de Porto Alegre, na Ipiranga com a Edvaldo Pereira Paiva, e a do prédio comercial do Praia de Belas, na Borges”. (REP 19, SD3)</p> <p>“Na mesma avenida, pode ser erguida uma unidade do Bourbon Shopping”. (REP 19, SD4)</p> <p>“No quarteirão do Foro, ficarão as sedes da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e do Memorial Luis Carlos Prestes”. (REP 19, SD5)</p> <p>“Também na Edvaldo Pereira Paiva, um prédio abrigará o Caminho da Soberania, numa área de 23 mil metros quadrados. Nele, constarão memoriais dos ex-presidentes Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola”. (REP 19, SD6)</p> <p>“No terreno do Tribunal de Justiça do Estado, entre Borges e Aureliano, será erguido um anexo do órgão”. (REP 19, SD7)</p>
20	<p>“Se as promessas forem cumpridas, Porto Alegre vai se transformar em um canteiro de obras até a Copa do Mundo de 2014”. (REP 20, SD1)</p> <p>“Em reunião na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), diante do ministro do Esporte, Orlando Silva, de autoridades políticas, empresariais e esportivas gaúchas, o prefeito José Fogaça apresentou os 16 empreendimentos que devem ser realizados para preparar a Capital para o Mundial”. (REP 20, SD2)</p> <p>“A lista inclui investimentos públicos e privados, que consumirão mais de R\$ 5,3 bilhões para modernizar Porto Alegre”. (REP 20, SD3)</p> <p>“Uma copa mundializa uma cidade, e Porto Alegre precisa estar à altura dessa mundialização. Não se deve construir um elefante branco e depois ser abandonado, e sim obras para melhoria da qualidade de vida das pessoas. E elas valem mais do que a disputa dos jogos por si só – afirmou Fogaça”. (REP 20, SD4)</p> <p>“Mostrando-se entusiasmado com o que foi exposto, o ministro Orlando Silva reforçou o compromisso das subsedes com o cronograma de obras”. (REP 20, SD5)</p> <p>“Anfitrião do encontro, o presidente da Fiergs, Paulo Tigre, salientou a importância dos projetos para inserir Porto Alegre e o Estado no mapa mundial”. (REP 20, SD6)</p>
21	<p>“Porto Alegre poderá saborear no mês que vem a sensação de realizar um desejo acalentado durante anos. Deve ocorrer em agosto a definição, pelo governo federal, das obras de preparação para a Copa de 2014. O metrô da Capital figura entre os candidatos fortes a aparecer na lista”. (REP 21, SD1)</p> <p>“Havendo dinheiro, podemos operar o metrô já na Copa das Confederações, em 2013 – garante Marco Arildo Cunha, diretor-presidente da Trensurb”. (REP 21, SD2)</p> <p>“Uma obra do porte do metrô de Porto Alegre vai gerar transtornos na vida da cidade enquanto estiver em andamento. Um complicador é que, pelas características do solo da Capital, o sistema será construído rente ao solo. Isso significa a necessidade de escavar a partir da superfície em toda a extensão da obra – incluindo vias de grande movimento, como a Voluntários da Pátria e a Borges de Medeiros, no Centro”. (REP 21, SD3)</p> <p>“Os especialistas, porém, entendem que o incômodo será recompensado pelo benefício que o sistema trará no futuro”. (REP 21, SD4)</p>

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continuação)

21	<p>“Os 15 quilômetros do metrô de Porto Alegre vão custar R\$ 2,5 bilhões. Desse valor, R\$ 500 milhões serão destinados à compra de 25 trens, cada um com quatro vagões. O resto será para a construção da linha. Os valores são realmente muito elevados – mas os dados demonstram que o investimento compensa”. (REP 21, SD5)</p> <p>“O retorno é de outra natureza. Inclui deslocamentos mais rápidos, menos poluição. – O custo é elevado, mas dá retorno em qualidade de vida para a cidade e em produtividade para as pessoas – explica o professor de Transportes João Hermes Nogueira Junqueira, coordenador do curso de Engenharia Civil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)”. (REP 21, SD6)</p> <p>“Porto Alegre está engessada. Não há mais onde colocar veículos nem como aumentar as ruas. A saída para a cidade está no subsolo. É o metrô. Especialistas em transportes consultados por Zero Hora não têm dúvidas quanto a isso”. (REP 21, SD7)</p> <p>“A curto prazo, a melhoria da qualidade do sistema de ônibus prevista pelo projeto Portais da Cidade ainda vai dar conta. Mas, a médio prazo, cinco a 10 anos, a saída é o metrô. O momento de começá-lo é agora – avisa o professor de transporte da UFRGS João Fortini Albano”. (REP 21, SD8)</p> <p>“Para a urbanista Maria Isabel Marocco Milanez, professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Uniritter, a Capital já vive o colapso do trânsito, que leva a população a gastar muito tempo para fazer deslocamentos pequenos: – Porto Alegre tem hoje esgotamento total da estrutura física viária na superfície. A solução é o metrô. (REP 21, SD9)</p> <p>“O secretário municipal dos Transportes, Luiz Afonso Sena, defende que Porto Alegre está pelo menos 10 anos atrasada em relação à necessidade de um transporte subterrâneo: – Porto Alegre quer e precisa do metrô”. (REP 21, SD10)</p> <p>“Paulo Kawahara, sócio do escritório de arquitetura do ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner, defende que, se há recursos, o metrô deve ser considerado. – É o melhor sistema do mundo – admite”. (REP 21, SD11)</p> <p>“– Chega um momento em que o ônibus não dá mais conta. Basta olhar os corredores de ônibus da Farrapos e da Assis Brasil – lembra João Hermes Nogueira Junqueira, professor de transportes do curso de Engenharia Civil da Unisinos”. (REP 21, SD12)</p> <p>“A maior parte dos metrôs do mundo não fecha as contas. Para manter as tarifas acessíveis, os governos subsidiam uma parte considerável dos custos elevados de operação. Fazem isso porque essa modalidade de transporte traz benefícios sociais enormes”. (REP 21, SD13)</p>
22	<p>“A prefeitura de Porto Alegre deu ontem um novo passo para atender a uma antiga reivindicação dos porto-alegrenses”. (REP 22, SD1)</p> <p>“[...] o projeto que promete revitalizar o Cais do Porto, um dos principais cartões postais da Capital”. (REP 22, SD2)</p> <p>“O projeto original prevê a utilização do Cais desde as docas, próximo à Estação Rodoviária, até a Usina do Gasômetro, respeitando a legislação de exploração dos armazéns e da Usina, tombados pelo patrimônio histórico”. (REP 22, SD3)</p> <p>“A perspectiva é de que o projeto seja iniciado em 2010 e fique concluído antes da Copa do Mundo de 2014”. (REP 22, SD4)</p> <p>“Próximo à Estação Rodoviária, na área das docas, serão erguidos cinco prédios. Eles abrigarão salas comerciais, um hotel e um centro de eventos”. (REP 22, SD5)</p> <p>“Ao lado da Usina do Gasômetro, a ideia é construir um shopping de dois pavimentos”. (REP 22, SD6)</p> <p>“Nas extremidades do Cais do Porto – área das docas e ao lado da Usina do Gasômetro – serão criados dois grandes estacionamentos, com 3.530 vagas”. (REP 22, SD7)</p> <p>“A altura será reduzida de 3 metros para 1,5 metro”. (REP 22, SD8)</p>

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continuação)

23	<p>“– A ideia é aproveitar o momento em que se redefine a cidade para receber a Copa do Mundo de 2014 e discutir também o futuro do cais central de Porto Alegre. É a hora de pensar a orla do Guaíba como um todo, de fazer um projeto integrado. E estamos colaborando para isso – ressalta Daniel Pitta Fischmann, coordenador de extensão da Faculdade de Arquitetura da UniRitter”. (REP 23, SD1)</p> <p>“Até agora, a unanimidade entre eles é de que a região é muito bonita, mas precisa ser melhor aproveitada”. (REP 23, SD2)</p> <p>“– A minha primeira impressão foi perceber que a cidade terminava em um muro. Não deveria ser assim. Acho que ali é um lugar ideal para se criar uma área de aproveitamento público, de acordo com o modo de vida da população. Assim como é o Parque da Redenção – compara a professora Karin Hofert, da Universidade Politécnica da Catalunha, Espanha”. (REP 23, SD3)</p> <p>“Impressão parecida teve a estudante argentina Guillermina Peñaloza, da Universidade Nacional de Córdoba. Segundo ela, a presença do muro é uma barreira para o aproveitamento da área pelas pessoas”. (REP 23, SD4)</p> <p>“Cais: essa região da orla chamou atenção pela presença do muro. Para os participantes do evento na UniRitter, o muro e a disposição dos armazéns dificulta a presença das pessoas e tira a beleza da paisagem”. (REP 23, SD5)</p>
24	<p>“Três novos prédios atraem mais de 2 mil moradores, e comunidade lista obras para não perder qualidade de vida”. (REP 24, SD1)</p> <p>“Para o vice-presidente da Amal, Carlos Pereira, as intervenções no bairro são urgentes. Ele lembra que o metrô da Copa do Mundo deveria contemplar a Zona Norte, e não a Zona Leste. A volta ao Centro, passando pela Zona Norte, sairia somente depois de 2020, projeta Pereira”. (REP 24, SD2)</p> <p>“Ele afirma que o metrô é mais necessário na região devido ao trânsito estrangulado e à falta de opções para expansão física”. (REP 24, SD3)</p>
25	<p>“Para que as obras do metrô de Porto Alegre fiquem prontas antes da Copa do Mundo de 2014, é preciso que se iniciem em 2011 sob a legislação das Parcerias Público-Privadas (PPPs), que dá mais agilidade ao processo, em comparação com as licitações públicas”. (REP 25, SD1)</p> <p>“A informação foi divulgada ontem pelo superintendente de Desenvolvimento e Expansão da Trensurb, Humberto Kasper. – A Lei das PPPs executa a obra a tempo da Copa. De outra forma, não. Tem de começar em 2011 – disse o superintendente”. (REP 25, SD2)</p> <p>“O projeto prevê a conclusão da primeira fase da linha do metrô em 2013, ligando o centro da cidade (Estação Mercado) à Zona Leste (Estação João de Oliveira Remião), perfazendo 15,3 quilômetros. A segunda parte é prevista para estar pronta em 2023, e atravessará a Zona Norte, passando por avenidas como Sertório, Assis Brasil e Farrapos, completando 34,4 quilômetros de percurso. O custo total é de US\$ 2,5 bilhões”. (REP 25, SD3)</p>
26	<p>“Secretário especial da Copa sai frustrado de reunião para melhorias viárias na Capital”. (REP 26, SD1)</p> <p>“Na reunião entre representantes dos governos federal, do Estado e o governo federal, ocorrida ontem, em Brasília, o ministro das Cidades, Márcio Fortes, jogou água fria nas pretensões gaúchas. – É complicado. É um volume de recursos elevado. O prazo de maturação, o cronograma é longo – disse o ministro”. (REP 26, SD2)</p> <p>“Frustrado com a posição do ministro, Fortunati ressaltou que os gaúchos deverão se mobilizar para mudar a postura do governo. – Teremos que nos unir e pressionar. Temos de mostrar que é possível, do contrário ficaremos só no sonho – declarou Fortunati”. (REP 26, SD3)</p> <p>“Segundo o secretário, a fórmula já anunciada pela própria Trensurb, das Parcerias Público-Privadas, é alternativa mais viável para que o empreendimento fique pronto a tempo de encontrar a Copa do Mundo de 2014”. (REP 26, SD4)</p>

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Continuação)

26	<p>“Essa possibilidade revoltou o secretário especial da Copa do Mundo da Capital, José Fortunati. – Saio com um gosto amargo. Em momento algum o governo propôs investir em Porto Alegre. Eles disseram que tem R\$ 5 bilhões para financiar obras. Eles não estão entendendo o seu papel na Copa. Nós já temos uma série de financiamentos e nossa margem de endividamento está quase no limite. Como poderemos fazer as obras necessárias assim? – lamentou”. (REP 26, SD5)</p>
27	<p>“Caso a resposta seja negativa, como sugerem manifestações feitas em setembro pelo ministro das Cidades, Márcio Fortes, as probabilidades de se construir o metrô até o mundial se tornarão remotas”. (REP 27, SD1)</p> <p>“Embora haja quem acredite que parcerias com a iniciativa privada poderiam tornar o sonho real, o vice-prefeito de Porto Alegre e secretário Extraordinário para a Copa do Mundo de 2014, José Fortunati, considera impossível manter o projeto sem o investimento da União”. (REP 27, SD2)</p> <p>“As perspectivas até o momento são pouco animadoras. Após um encontro semelhante para discutir os preparativos da Copa, em 18 de setembro, Fortes afirmou que a execução seria “complicada” porque exigiria alto volume de recursos em um cronograma apertado”. (REP 27, SD3)</p> <p>“O diretor-presidente da Trensurb, Marco Arildo Cunha, vê o cenário com mais otimismo. Apesar do indicativo do governo federal de que o metrô não será incluído no chamado PAC da Copa, que prevê um investimento inicial de R\$ 5 bilhões nas 12 cidades-sede, ele acredita que a obra possa ser financiada por meio de parcerias público-privadas”. (REP 27, SD4).</p> <p>“Segundo Cunha, investidores internacionais de países como China e Espanha já mostraram interesse no projeto”. (REP 27, SD5)</p> <p>“1) Alto custo: é o principal. Somente os estudos para realização do projeto consumiram R\$ 2,5 milhões”. (REP 27, SD6)</p> <p>“2) Exigência de integração: para que o projeto saia do papel, é preciso a integração das esferas municipal, estadual e federal. O plano é discutido há mais de cinco anos entre municípios, Estado e União, e os estudos exigiram a integração de todos os antigos projetos viários existentes”. (REP 27, SD7)</p> <p>“3) Cronograma apertado: uma obra desse porte corre o risco de não ficar pronta até a Copa de 2014 se houver atrasos em licitações e licenciamentos ambientais”. (REP 27, SD8)</p> <p>“4) Canteiro de obras gigantesco: o projeto prevê a construção de 37 quilômetros pela cidade, ao longo de 30 anos”. (REP 27, SD9)</p> <p>“5) Promessas eleitorais: a cada eleição, os candidatos prometem, mas o projeto não poderia ser concluído em apenas uma administração”. (REP 27, SD10)</p>
28	<p>“Luís Antonio Lindau, professor do Centro de Transporte Sustentável do Brasil, concorda com o argumento da falta de tempo: – Não tínhamos como implantar uma obra de bilhões em menos de quatro anos. Chegou a hora de cairmos na realidade”. (REP 28, SD1)</p> <p>“Para a urbanista Maria Isabel Marocco Milanez, professora do Centro Universitário do Ritter dos Reis (Uniritter), pelo contrário, o importante seria garantir um metrô em Porto Alegre, que ela considera imprescindível para resolver os problemas de trânsito na Capital: – Um metrô é feito por circuitos, parte por parte, nunca por inteiro, de uma vez só. É preciso começar por algum lado. Por mais que esse traçado do Mercado ao Beira-Rio não atenda quem mais precisa do metrô, ele dá início ao projeto. Seria uma forma de começar algo que precisa ser iniciado de uma vez. Perdemos mais uma oportunidade”. (REP 28, SD2)</p> <p>“O adiamento, como em ocasiões anteriores, veio acompanhado de promessas para o futuro. Agora, os ministros dizem que o projeto deverá ser incluído na segunda edição do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), previsto para ser lançado em abril de 2010”. (REP 28, SD3)</p> <p>“Essa decisão atrasará um projeto que já tinha de ter saído do papel há décadas. Um metrô é feito por circuitos, parte por parte, nunca por inteiro, de uma vez só. É preciso começar por algum lado”. (REP 28, SD4)</p>

## ANEXO AD - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

(Conclusão)

28	<p>“Cálculos mostram que um quilômetro do metrô custa R\$ 167 milhões. E as obras avançam, em média, dois quilômetros por ano, se tudo correr bem. O metrô de Salvador levou 10 anos para ser concluído. Por isso é correto dizer que seria praticamente impossível viabilizar o metrô até a Copa 2014”. (REP 28, SD5)</p> <p>“Em tese, a decisão de incluir o metrô em um novo PAC pode significar que a alternativa de transporte não saiu do rol de prioridades dos governos. Na prática, porém, a decisão joga mais uma pá de cal sobre o projeto, que se arrasta há quase duas décadas. No início dos anos 90, com a Avenida Assis Brasil dando sinais de saturação, o metrô era dado como certo. Em dezembro de 1992, Porto Alegre chegou a obter sinal verde do Bird para a implantação de um metrô na extensão da Assis Brasil para atender Cachoeirinha e Alvorada”. (REP 28, SD6)</p>
29	<p>“Fundamental como atrativo turístico durante a Copa do Mundo de 2014, o projeto de revitalização do Cais Mauá será votado no dia 21 na Câmara de Vereadores da Capital”. (REP 29, SD1)</p> <p>“Líder da oposição na Câmara, a vereadora Maria Celeste (PT) aponta problemas. – Todo mundo quer a revitalização, mas alguns pontos são problemáticos, como o uso residencial – avalia a vereadora, que não participou do passeio, proposto pelo secretário extraordinário da Copa 2014, Paulo Odone”. (REP 29, SD2)</p> <p>“A expectativa do coordenador executivo do projeto e presidente da Comissão Técnica de Avaliação, Edegar Tutikian, é de que pelo menos quatro consórcios se habilitem à disputa”. (REP 29, SD3)</p> <p>“A previsão é de que as obras comecem em 2010 e sejam concluídas em 2013”. (REP 29, SD4)</p> <p>“– Esperamos um aprimoramento do projeto, mas não se pode mexer muito na base. Não acho que possa ser polêmico (a construção de prédios de até cem metros) porque temos de avançar, Porto Alegre tem de crescer junto com o porto – analisa Tutikian”. (REP 29, SD5)</p> <p>“Sou completamente a favor do uso residencial porque garante dinâmica urbana diuturnamente. MARIA ISABEL MAROCCO MILANEZ, ARQUITETA E URBANISTA DO UNIRITTER”. (REP 29, SD6)</p> <p>“Sou bem a favor. Todas as áreas da cidade devem ter uso residencial porque quando a pessoa reside num lugar, existe vida. CÉLIA FERRAZ DE SOUZA, ARQUITETA E URBANISTA, PROFESSORA DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRGS”. (REP 29, SD7)</p> <p>“Se se quer dinamizar um lugar, deve colocar as pessoas a viver naquele lugar, sem medo da privatização da orla. MARIA ISABEL MAROCCO MILANEZ, ARQUITETA E URBANISTA DO UNIRITTER”. (REP 29, SD8)</p> <p>“Sou a favor de estacionamentos subterrâneos. Se é um investimento grande, por que não fazer subterrâneo? Dá para fazer, foi feito no Praia de Belas (shopping), uma área de aterro”. CÉLIA FERRAZ DE SOUZA, ARQUITETA E URBANISTA, PROFESSORA DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRGS”. (REP 29, SD9)</p> <p>“Quando você passa de carro pela Avenida Mauá, em Porto Alegre, já deve ter visto o paredão que separa a cidade do Guaíba. Do outro lado do muro, existe um grande espaço pouco utilizado atualmente”. (REP 29, SD10)</p> <p>“O porto perdeu importância, e os antigos armazéns ficaram praticamente sem uso”. (REP 29, SD11)</p> <p>“A ideia é criar lojas, bares e restaurantes nos armazéns e prédios na área do porto. Com essas melhorias, as pessoas poderiam ter mais um lugar para passear”. (REP 29, SD12)</p>